Author:
Natsu Hyuuga
Illustrator:
Touko Shino
10
The Apothecary Diaries

"Please, sir, be reasonable."
Rikuson looked on, sympathetic, well aware of how demanding Lakan could be when he was in one of his moods. Onsou gave him a dirty look.
The Apothecary Diaries
Author
Natsu Hyuuga
Illustration
Touko Shino
10

“It—It’s you!”
he said, pointing dramatically at Maomao.

“Gotcha!”
Chue cried and held the net aloft. She looked so thoroughly proud of herself that it was hard not to be a little annoyed by her.

Lihaku stood by the wall, keeping watch, but he had some walnuts and was discreetly cracking the shells.
The host of this gathering was the quack doctor.
Tianyu popped dried jujubes into his mouth in between bits of chitchat.
"Hullo, young lady! Welcome home!"

"There must be better ways to do that, sir."
"Is that an invitation to utilize these... ways?"

The Apothecary Diaries

Introduction

Why the Summons to the Western Capital?

Maomao and the others have safely arrived at the western capital. As the Emperor's younger brother, Jinshi has much to do, but here he's treated as a figure of authority in name only. Then a mysterious spirit called a *feitouman* appears at their lodgings, and Maomao springs into action to discover what the apparition really is.

That's not her only problem, though. She's also trying to understand why the Yi clan, former rulers of the western reaches, were exterminated. What do they have to do with the Windreader tribe and its priests? Fifty years ago, there was a plague of insects; seventeen years ago, the Yi were destroyed. Riddles pile upon riddles, even as a prophesied catastrophe looms ever nearer. Until finally, the true reason Gyoku-ou summoned Jinshi to the western capital begins to become clear...

1. Índice
2. Capa
3. Ilustrações coloridas
4. Introdução
5. Perfis dos personagens
6. Prólogo
7. Capítulo 1: Retorno à capital ocidental
8. Capítulo 2: Chefe e ex-chefe
9. Capítulo 3: O anexo e o homem esquecido
10. Capítulo 4: A primavera chega a Basen (parte 1)
11. Capítulo 5: A primavera chega a Basen (parte 2)
12. Capítulo 6: A vila da fazenda (parte 1)
13. Capítulo 7: A vila da fazenda (parte 2)
14. Capítulo 8: As divagações de um velho
15. Capítulo 9: Rito e ritual
16. Capítulo 10: Resultados relatados
17. Capítulo 11: O Feitouman (parte 1)
18. Capítulo 12: O Feitouman (parte 2)
19. Capítulo 13: A tribo Windreader
20. Capítulo 14: O passado e o possível
21. Capítulo 15: A palha curta
22. Capítulo 16: Um momento de paz
23. Capítulo 17: Desastre (Parte 1)
24. Capítulo 18: Desastre (Parte 2)
25. Capítulo 19: Arranhões
26. Capítulo 20: Confirmação
27. Epílogo
28. Notas do Editor Bônus

29. Copyright

Perfis de Personagens

Maomao

Anteriormente um boticário no distrito do prazer. Completamente obcecado por remédios e venenos, mas em grande parte desinteressado em outros assuntos. Tem profundo respeito por seu pai adotivo Luomen. Vinte anos de idade.

Jinshi

O irmão mais novo do Imperador. Desumanamente lindo. Ele é notavelmente pé no chão para alguém tão lindo, mas não há como dizer o que ele pode fazer se ele se deixar levar. Tem um complexo de inferioridade sobre suas habilidades intelectuais não mais do que a média. Nome verdadeiro: Ka Zuigetsu. Vinte e um anos de idade.

Basen

Filho de Gaoshun; assistente de Jinshi. Não sente dor tão intensamente quanto a maioria das pessoas, o que lhe dá capacidades físicas muito maiores do que a maioria. Ele é muito sério, mas isso o torna fácil de ajustar. Apaixonado pela Consorte Lishu.

Gaoshun

Pai de Basen. Um soldado bem constituído, ele era anteriormente assistente de Jinshi, mas agora serve o Imperador pessoalmente. Ele está acompanhando

Jinshi em sua expedição por ordem de Sua Majestade.

Chue
Esposa de Baryou e mãe de seu filho. Não é muito atraente, mas compensa com sua iniciativa e personalidade boba.

Lakan
Pai biológico de Maomao e sobrinho de Luomen. Um esquisito com monóculo. Ele é um membro de alta patente do exército, mas seu comportamento bizarro faz com que as pessoas o evitem. Ele ama Go e Shogi e é um

jogador formidável.

Imperatriz Gyokuyou
A esposa legal do Imperador. Uma beldade exótica com cabelos ruivos e olhos verdes. Vinte e dois anos.

Rikuson
Antes ajudante de Lakan, ele agora serve na capital ocidental. Ele tem memória fotográfica para rostos de pessoas.

Gyokuen
Pai da Imperatriz Gyokuyou. Oficialmente o governante da capital ocidental, mas quando sua filha ascendeu ao trono, ele se mudou para a

capital real.

Gyoku-ou
Filho mais velho de Gyokuen; meio-irmão da Imperatriz Gyokuyou. Atualmente lidera a capital ocidental enquanto seu pai está fora.

Suiren
A dama de companhia de Jinshi e ex-ama de leite.

Taomei
Mãe de Basen e esposa de Gaoshun. Cega de um olho. Uma "obra-prima de mulher" que lembra um animal predador. Seis anos mais velha que Gaoshun.

Baryou
Filho de Gaoshun e irmão mais velho de Basen. Passa a maior parte do tempo escondido atrás de uma cortina.

Tianyu
Um dos colegas de Maomao; um jovem médico. Ele pode parecer frívolo e tem uma queda por En'en. Ele é rápido em meter o nariz sempre que algo lhe interessa.

Dr. You
Um médico de alto escalão que vem da capital ocidental.

Irmão de Lahan
Irmão mais velho de Lahan; sobrinho e filho adotivo de Lakan. Uma pessoa perfeitamente comum que brilha quando faz piadas.

Prólogo

Um sino tilintou, claro e distinto. A jovem que saiu da carruagem tinha o mesmo cabelo ruivo de Gyokuyou. Um véu bordado com prata escondia seu rosto, e ela usava um manto de seda maravilhosa e brilhante.

Gyokuyou se perguntou quantos anos ela tinha. A garota deveria ser sua sobrinha, mas ela não se lembrava de ter parentes tão jovens e núbeis. Todos os seus sobrinhos e sobrinhas eram mais velhos que ela, e muito maus. No entanto, seu próprio irmão, Gyoku-ou, jurou que essa garota era sua filha, então deve ser assim. Ela teve que concordar.

"Lady Gyokuyou", disse alguém atrás dela. Era Koku-u, a do meio de um trio de irmãs que serviam como suas damas de companhia. Ela lançou um olhar preocupado para sua senhora.

"Não se preocupe, querida. Estamos preparados para recebê-la?" "Sim, senhora."

Gyokuyou estava em uma das vilas do Imperador. Ela recebeu permissão especial para encontrar sua sobrinha aqui, do lado de fora da corte propriamente dita. Nenhuma consorte tinha permissão para deixar o palácio dos fundos, mas Gyokuyou era a Imperatriz. Ela tinha certos direitos.

A jovem mulher no lindo manto se aproximou com passos graciosos e se ajoelhou diante de Gyokuyou. “Lady Gyokuyou, acredito que esta é a primeira vez que nos encontramos. Meu nome é Yaqin.”

“Levante sua cabeça. Você deve estar cansada de uma jornada tão longa. Por hoje, descanse e recupere suas forças aqui nesta vila.” Gyokuyou sorriu para Yaqin. Ela podia ver os olhos da garota por trás do véu, verde-escuro como os dela.

Tudo, desde a cor de sua pele até o tom de seu rosto, falava de uma proeminente linhagem de sangue estrangeiro.

Ela era bem charmosa à primeira vista, na verdade. Ela tinha uma inocência sobre ela — ainda espaço para crescer e amadurecer — acompanhada pela ansiedade de alguém se aventurando em um mundo do qual pouco sabia. No fundo daqueles olhos esmeralda, porém, podia-se ver uma determinação trabalhando para se afirmar.

Elas eram muito parecidas. Sim, Gyokuyou parecia muito parecida quando chegou à capital, chegou pela primeira vez ao palácio dos fundos.

Essa garota também abrigava alguma resolução particular? Deixe-a. Gyokuyou cuidaria de seus próprios negócios.

"Como você gostaria de sua refeição? Podemos fazê-la no estilo da capital ocidental para você. Ou você prefere experimentar a culinária local?" Gyokuyou deu a Yaqin um sorriso provocador; ele envolveu a garota, que sorriu de volta desconfortavelmente.

Sua sobrinha estava aqui do oeste, mas por quê? Ela tentaria ganhar a afeição imperial de Sua Majestade agora que o antigo lugar de Gyokuyou estava vago? Ou ela estava de olho no irmão mais novo do Imperador?

Para os propósitos de Gyokuyou, não importava. Ela pegou a mão de Yaqin e sentiu sua sobrinha enrijecer.

"Você está com tanto frio e sua pele está tão seca", ela disse. "Deixe-me pegar um hidratante para você. O ar do mar é simplesmente terrível para a pele."

A garota estava abertamente cautelosa com Gyokuyou. Se isso fosse uma atuação, era soberba. Se não fosse, só mostrava que eles não tinham passado muito tempo ensinando a ela os truques para ganhar o coração e a mente de uma pessoa. Nunca havia tempo suficiente para ensinar a uma futura consorte todas as coisas que ela deveria saber, dança, canto e política.

Gyokuyou pegou o hidratante de Koku-u e então esfregou um pouco em sua própria mão para demonstrar que era seguro. Sua sobrinha ainda

parecia duvidosa; talvez ela estivesse apenas ansiosa. Tudo bem, no que dizia respeito a Gyokuyou. Que ela desconfiasse o quanto quisesse. Gyokuyou a envolveu em um sorriso tão suave quanto seda. Ela a envolveria em camada após camada de sorrisos, até que cada espinho, cada agulha que ela pudesse ter fosse coberto. Ela pegaria a criança em seu colo e a seguraria gentilmente.

Gyokuyou esfregou a mão de sua sobrinha. Alguns podem considerar isso indecoroso, mas o calor retornou aos dedos de Yaqin.

Koku-u estava franzindo a testa, mas ela não discutiu com Gyokuyou. Gyokuyou estava feliz que Hongniang, que era sua principal dama de companhia e por direito deveria estar aqui, não estava presente. Gyokuyou pediu que ela cuidasse de outros negócios. Ela se sentiu um pouco culpada, mas isso seria mais fácil sem ela.

O trabalho de Gyokuyou era sorrir. Nunca deixar aquele sorriso escapar ou desaparecer.

Essa era sua única arma. Seu pai Gyokuen a encontrou e a ensinou a empunhá-la.

Capítulo 1: Retorno à capital ocidental

MMaomao enxugou a testa enquanto olhava para fora da carruagem. O sol batia forte, queimando a terra. As pessoas que seguiam atrás do veículo a pé usavam chapéus de viagem cônicos, mas isso não as salvaria da luz refletida, que ainda seria forte o suficiente para bronzear a pele.

Então, um ano depois, e estou de volta, pensou Maomao. A última vez que ela veio, foi um pouco mais cedo no ano, e não tão quente. Pelo menos não havia umidade — o suor que ela enxugou secou rapidamente — mas ainda estava escaldante.

O médico charlatão sucumbiu prontamente ao calor e estava encolhido em um canto da carruagem.

“O que este lugar precisa é de um pouco de vegetação! Isso tornaria as coisas melhores”, observou Chue. Ela estendeu uma bolsa de couro

com água aromatizada com casca de algum tipo de fruta cítrica. Até mesmo a bebida morna era melhor do que nada na garganta seca de Maomao. “Você já esteve aqui antes, certo, Srta. Maomao?”

“Sim, ano passado.”

Ela certamente não esperava voltar este ano. A maioria dos plebeus nunca fez uma viagem tão longa em toda a sua vida.

“Mas você não ficou aqui muito tempo, certo? Deixe a Srta. Chue lhe mostrar o lugar dessa vez! Você pode ver os pontos turísticos! Divirta-se!” Havia um brilho em seus olhos. Quanto menos algo tinha a ver com trabalho, mais ansiosa ela ficava para fazê-lo.

“Não, obrigada, tenho um trabalho a fazer.” Maomao adoraria fazer turismo, finalmente ver a cidade inteira e provar todas as ervas medicinais e outras plantas à venda neste nexo de comércio. Mas havia uma pessoa em quem ela tinha que ficar de olho o tempo todo. Jinshi.

Aquele filho da...!

Mesmo agora, a lembrança fazia seu sangue ferver, e ela suspeitava que isso sempre aconteceria.

“Senhorita Maomao! Senhorita Maomao! Você parece tensa,” Chue disse e começou a massagear as bochechas de Maomao. Parecia que, de alguma forma, alguém ssempreacabou fazendo isso.
"O-Oh, eu faço?"

"Tenho certeza de que eles ficariam perfeitamente felizes se você saísse o dia todo se dissesse que era para inspecionar os arredores. Só não se esqueça de me ligar quando fizer isso!"

Ela só quer que eu seja sua desculpa!

Chue era fácil de conversar, e melhor do que qualquer um dos outros potenciais cuidadores que poderiam ser designados a ela, mas ainda assim...

"Oh meu, oh meu! Nós conversamos tanto que chegamos!"

Uma cidade de pedra e tijolos apareceu. Era pontilhada de árvores verdes, e um lago brilhava à

distância. Toldos tremulavam aqui e ali para proteger do sol. A carruagem seguiu em frente, em direção a uma grande mansão.

Por um momento, Maomao pensou que eles estavam indo para a mesma casa que ela tinha estado no ano passado, mas então ela percebeu que era a casa ao lado daquela.

"Então este é o escritório administrativo!" Chue disse, olhando para uma placa de pedra na frente do prédio.

A carruagem parou no portão. Os outros médicos já estavam esperando lá dentro.

"Ah, são todos?", disse o Dr. You de pele escura, acenando para eles.

"Ok, Srta. Maomao, a Srta. Chue tem outras coisas para fazer. Então!" "Certo. Muito obrigado."

"Não mencione isso!" Chue saiu andando devagar, para dentro do prédio administrativo.

"Aqui!", chamou o Dr. You. Ele estava de pé

com Tianyu e um dos outros médicos. Maomao e o charlatão foram até ele, com Lihaku seguindo a uma distância discreta.

"Você já esteve aqui antes, Dr. You?" Tianyu falou lentamente.

"Sim, muitas vezes. Mas isso foi antes de ser um escritório burocrático. Eu sou da capital ocidental, sabia? Filho nativo da província de I-sei. Sei onde fica a vila oriental, mais ou menos."

"Huh!" disse Tianyu, que não parecia muito interessada na resposta, apesar de ter feito a pergunta.

Antes era um escritório, hein? Maomao pensou. Enquanto entravam, ela ponderou para que poderia ter sido usado antes. De fato, parecia mais a casa de uma pessoa rica do que um prédio administrativo adequado.

Talvez seja uma mansão que confiscaram de alguém que não estava pagando seus impostos?

Isso foi inteiramente sua imaginação, mas foi o suficiente para passar o tempo até chegarem à vila. Os suprimentos médicos já estavam lá.

"O que devemos fazer a seguir?", o médico de aparência séria perguntou ao Dr.

You.

"Vamos ver. O plano é nos dividirmos em três grupos, assim como fizemos nas naves. O Príncipe da Lua estará no anexo do Lorde Gyoku-ou, o Grande Comandante Kan estará aqui no escritório administrativo, e nosso homem Lu do Conselho de Ritos estará na casa principal do Lorde Gyoku-ou."

O bom médico parecia se referir a um desses homens de forma muito diferente dos outros. Talvez eles fossem próximos pessoalmente, ou talvez em posição?

"Deveríamos nos dividir nos mesmos grupos que fizemos nos barcos, então?" o outro médico perguntou.

"Hmm. Acho que algo um pouco diferente hoje", disse o Dr. You. Ele agarrou Tianyu e o empurrou em direção a Maomao e o charlatão.

"Huh? Estou com eles, senhor?" Tianyu perguntou. "Eu tinha certeza de que estaria com o Dr. Li novamente."

Maomao concordou. Li era evidentemente o médico restante. O nome também era extremamente comum — tanto que não ajudava a diferenciar as pessoas, e aqueles com sobrenome Li muitas vezes eram chamados por seus nomes completos. Lihaku era um exemplo prático desse fenômeno.

"Tentamos levar todos os fatores possíveis em consideração quando tomamos essa decisão. Você pode ficar com o Dr. Li — desde que possa controlar sua boca. Ouvi sobre suas pequenas gafes no navio." Evidentemente Tianyu havia falado mal de alguns altos funcionários.

"Mas eu poderia ser tão rude em qualquer outro lugar! Hum... Para onde estou indo?" "Para o anexo. Vou ficar no escritório administrativo aqui, e

o Dr. Li estará na residência principal.”

“Isso significaria que estou no mesmo prédio que o irmão mais novo Imperial, não é? Isso não teria o potencial de piorar as coisas?”

Isso implicava que Maomao também estaria no prédio de Jinshi. Ela poderia ter adivinhado isso.

“Hah! Esperando ter a chance de fazer um exame no Príncipe da Lua?

Boa sorte. Duvido que você o veja muito.” Dr. You deu um tapa no ombro de Tianyu. Tianyu o esfregou dolorosamente.

Dr. You continuou, “Vocês formarão o grupo perfeito. Niangniang é boa em misturar remédios, que é exatamente o que você não é, Tianyu. Mas você é a melhor cirurgiã entre a nova safra. Esta será a oportunidade perfeita para vocês aprenderem uns com os outros.”

Isso seria ótimo, se Niangniang estivesse aqui, pensou Maomao, mas ela não se incomodou em corrigi-lo. Ela decidiu que se isso não a prejudicasse ativamente, ela poderia viver com isso. Ela olhou para o médico charlatão. Ele nem parece estar na lista. E ele também não pareceu perceber.

“Só espero poder ser um bom professor,” disse o charlatão, inquieto.

Maomao desviou o olhar dele.

“Estou ansioso por isso, parceiro!” Tianyu disse, dando um tapa nas costas de Maomao.

“Nós não somos parceiros.”

Maomao ficou diante do médico charlatão, que corou de vergonha e se escondeu atrás dela.

“Estou ansioso para trabalhar com você, grandão!”, disse Tianyu.

“S-Sim, será um prazer”, disse o charlatão. Tianyu evidentemente não o levou muito a sério.

“Você pode estar em um novo grupo, mas seu trabalho não mudou. Os médicos cuidam de seus pacientes — e nada mais! Cada grupo terá um oficial júnior designado para atuar como mensageiro caso algo aconteça.

Não hesite em usá-los.”

Foi bom trabalhar com o Dr. You; ele simplificou as coisas. Maomao sabia que o pessoal desta viagem havia sido selecionado por sua capacidade de se adaptar a uma situação em rápida mudança, mas ele tinha uma facilidade especial que deve ter vindo de estar em seu solo natal.

“Você o ouviu. Vamos indo?”, perguntou Tianyu, pegando suas coisas.

Escritório administrativo, prédio principal e anexo: dois dos três pertenciam diretamente a Gyoku-ou, o que servia para demonstrar o quão poderoso ele era. O escritório e a casa principal ficavam bem próximos um do outro; o anexo ficava a cinco minutos de caminhada. Cada um deles ficava de frente para a rua principal, mas dentro do prédio administrativo o burburinho do lado de fora era quase inaudível. Era tão grande assim. Os muros e as árvores do lado de fora provavelmente também ajudavam a bloquear o barulho.

Maomao e seus três companheiros foram acompanhados pelo oficial júnior que serviria como seu mensageiro, os cinco foram levados ao prédio por um homem que parecia ser um local. Ao saírem do portão,

eles tiveram uma boa visão da cidade.

Lihaku mais uma vez manteve uma distância

respeitosa, mas Tianyu continuou olhando para ele. Acho que parece meio estranho, pensou Maomao — alguns médicos comuns recebendo um guarda-costas? Sem falar no fato de que o próprio charlatão estava pessoalmente encarregado dos cuidados de Jinshi.

Tianyu era esperta demais para não se perguntar por que Maomao e o charlatão estavam sendo encarregados do irmão mais novo Imperial. Ela se preocupava com quando ele poderia começar a fazer perguntas, mas por enquanto tentava agir como se tudo estivesse normal. Ela poderia pelo menos fingir inocência até que ele a pressionasse especificamente sobre isso.

"Nossa! Isso não é emocionante?" Se o charlatão ainda tivesse seu bigode, tudo teria tremido. Ele não era um eunuco particularmente corajoso, mas no momento sua timidez parecia ser superada por sua excitação em ver a capital ocidental.

Tianyu também estava olhando para todos os lugares ao mesmo tempo. Sua expressão nunca mudou, no entanto, e ele parecia menos como se estivesse se divertindo e mais como se estivesse fazendo um balanço cuidadoso de tudo.

Nunca tenho certeza do que fazer com esse cara. Maomao nunca conseguia dizer o que ele estava pensando. Ela havia descoberto, no entanto, que ele era rápido para se agarrar a qualquer coisa que despertasse sua curiosidade.

Se ela soubesse o que era, ela poderia ser capaz de antecipar como ele reagiria — mas ela ainda não sabia o que ele achava interessante.

"Hm?" Tianyu disse, inclinando a cabeça interrogativamente enquanto saíam do escritório. Maomao se perguntou o que estava acontecendo — e então ela viu um rosto familiar. O dono do rosto pareceu reconhecê-los também, porque ele trotou até lá.

"Já faz muito tempo", ele disse com uma reverência respeitosa da cabeça e um sorriso gentil. Era o bonitão, Rikuson. O antigo ajudante do estrategista esquisito.

Isso mesmo. Ouvi dizer que ele foi transferido para a capital ocidental.

Ele estava mais bronzeado do que da última vez que Maomao o vira, sem dúvida devido à forte luz do sol nessas partes. Dois atendentes caminhavam atrás dele.

"Está, senhor", disse Maomao.

"É, não o vejo há um tempo", disse Tianyu quase ao mesmo tempo. Apenas o charlatão ficou de fora. Ele olhou para Maomao como se perguntasse quem era essa pessoa.

"Vocês dois se conhecem?" Maomao perguntou, olhando de Rikuson para Tianyu e vice-versa.

"Sim, nisso eu nunca esqueço alguém que conheci." Rikuson sorriu.

Maomao sentiu algo cansado na expressão. Ela também notou que suas roupas estavam empoeiradas e havia lama em seus sapatos.

"A primeira coisa que nos disseram quando começamos na corte foi para aprender como era o ajudante do estrategista", disse Tianyu.

"Ahh. Entendo", disse Maomao. Tianyu pode ter cumprimentado Rikuson familiarmente, mas ele realmente não o conhecia ou se importava muito com ele. O charlatão, enquanto isso, se mexeu desconfortavelmente, sentindo-se tímido perto desse estranho. Pela primeira vez, Maomao

não podia deixar todo mundo falar.

"Este é o médico mestre. Vim à capital ocidental para ajudá-lo", disse ela.

"Médico mestre?" Rikuson perguntou com um olhar perplexo para o charlatão.

Oh! O nome dele. O nome dele é... uh...

Droga! Ela quase tinha esquecido de novo. Ela pensou que era Gu... Guen? Mas ela decidiu não dizer em voz alta. Em vez disso, ela disse: "Se eu disser que ele é o médico que serviu muitos anos no palácio traseiro, você saberia de quem estou falando?"

Ah. Bem feito.

Rikuson bateu palmas. "Sim! É ele?"

Essa foi por pouco. Eu quase esqueci.

O charlatão era um dublê de corpo de seu próprio pai, Luomen, e ele estava sendo tratado como se fosse seu equivalente mais augusto.

Rikuson, por sua vez, certamente estaria familiarizado com Luomen, que era o tio do estrategista esquisito. Ele provavelmente também entenderia que o charlatão era o único médico no palácio dos fundos.

Nunca se sabe se as paredes podem ter olhos ou ouvidos.

Eles ainda estavam tecnicamente em Li, mas a capital ocidental era tão boa quanto território estrangeiro. Mais precisamente, ambos os atendentes de Rikuson pareciam ser locais — Maomao não podia se dar ao luxo de dizer algo descuidado. Ela teria que tomar cuidado com o que falava.

Maomao não tinha nada em particular para falar com Rikuson, e ela estava ansiosa para sair dali antes que alguém entregasse o jogo. "Tenho certeza de que você está ocupado, Mestre Rikuson. Peço desculpas por tomar seu tempo", disse ela.

"De jeito nenhum. Acabei de voltar de uma viagem a trabalho. Demorei um bom tempo, mas sabia que todos vocês deveriam chegar em breve, então voltei correndo. Nunca imaginei que meu timing seria tão perfeito." Ele sorriu amplamente, mas não conseguiu esconder a lama na bainha de seu manto. Estava seco agora, mas era óbvio que originalmente era um solo bem escuro e rico.

Ele estava no campo por algum motivo?

A capital ocidental era um lugar seco; poças não eram uma visão comum nas estradas aqui. Mesmo se fossem, a poeira seria mais branca, carente de nutrientes. O único lugar onde ele poderia ter pegado terra fértil como a que estava grudada em sua roupa era em um campo que havia sido regado.

Talvez ele estivesse voltando de alguma vila mais próxima da água. Apressando-se para voltar, ele não teve tempo de se preocupar com sua aparência.

Então ninguém lhe disse quando exatamente chegaríamos? Viagem longa ou não, ela esperava que Rikuson soubesse pelo menos isso.

“Preciso ir. Tenho medo de ficar parado e conversar por muito tempo, meu antigo chefe pode me notar. Vejo você de novo”, disse Rikuson. Ele parecia ter algo mais que gostaria de dizer, mas devia estar muito ocupado. Tianyu, que sabia a quem ele se referia por seu "antigo chefe", riu. Apenas o médico charlatão ficou completamente no escuro, e ele passou a conversa inteira parecendo triste. Maomao teria que explicar a ele quem era Rikuson enquanto eles estavam a caminho de seu destino.

Ela se viu com muito em que pensar, mas também se lembrou do que o Dr. You havia dito a eles.

Os médicos cuidam de seus pacientes — e nada mais.

Maomao era uma boticária. Então ela faria o trabalho de uma boticária — e nada mais.

Capítulo 2: Chefe e ex-chefe

Rikuson suspirou enquanto voltava para seu quarto, que no momento era uma câmara do prédio administrativo que ele havia apropriado como seu alojamento.

"Isso é puramente para dificultar minha vida?" ele murmurou, tirando sua roupa coberta de areia e lama.

Fazia um bom tempo que Rikuson havia sugerido um passeio pelas vilas agrícolas, mas Gyoku-ou só havia aprovado a ideia alguns dias antes. Rikuson tinha ido, mas uma premonição inquietante o fez voltar correndo — e agora aqui estava ele.

"Quando parti para as vilas, todos me disseram que chegariam substancialmente mais tarde do que o esperado."

Eles eram os visitantes da capital que ele havia encontrado momentos atrás. Ele tinha que admitir, ele nunca imaginou que a estimada filha de seu antigo superior estivesse entre a comitiva.

"É claro que o Mestre Lakan veio", Rikuson refletiu. Nem mesmo a perspectiva enjoativa de uma viagem de navio o teria impedido de participar dessa viagem. Com todo o respeito à estimada filha, Maomao, Rikuson achou a ideia um pouco divertida. Quando lhe disseram que seu

antigo chefe chegaria em cerca de dez dias, ele reservou os cinco dias anteriores para sua viagem às aldeias agrícolas. Mas então...
Rikuson sacudiu seu manto, sujando tudo de areia. Ele adoraria se lavar direito, mas não havia tempo. Quase não havia um momento para se limpar. Sua única opção era pegar um bolo de incenso e passar um pouco em volta do pescoço. Nessas partes, "incenso" geralmente significava perfume ou um bolo como este, e Rikuson tinha apenas um de cada à mão. Um era um perfume que Gyoku-ou lhe dera de brincadeira, enquanto o bolo era um que ele havia sido duramente convencido enquanto andava pela cidade.
Essa era sua escolha de incenso hoje. Um produto barato como este era perfeito — o incenso na capital ocidental tendia a ter fragrâncias fortes, então algo barato que não cheirasse tanto era o ideal. Ele esfregou apenas o suficiente para mascarar o cheiro de suor e, como toque final, colou um sorriso no rosto.

Um sorriso era essencial para fazer negócios, sua mãe lhe dissera.
Nunca o deixe escapar na frente de um cliente.
Rikuson se perguntou o que Gyoku-ou pensaria ao vê-lo de volta muito mais cedo do que o esperado. As coisas poderiam ficar um pouco estranhas se seu antigo chefe estivesse lá, mas foi assim. Ele apertou o cinto e saiu da sala.

"Já faz algum tempo, senhor", disse Rikuson, forçando-se a agir completamente natural ao entrar no salão. Gyoku-ou e seus subordinados estavam lá, junto com os convidados, desfrutando de uma refeição leve. Os criados entravam e saíam apressados com a comida. Era muito cedo para o jantar, mas as ofertas pareciam suntuosas do mesmo jeito.

Rikuson reconheceu todos os convidados — naturalmente. Ele não os esqueceria.

O homem barbudo com o monóculo era Lakan. Seu antigo superior; ele o reconheceria em qualquer lugar. Ao lado de Lakan estava seu ajudante, Onsou. Ele estava por perto desde antes de Rikuson servir Lakan; quando Rikuson assumiu, ele se lembrava distintamente de Onsou vindo até ele com lágrimas de gratidão nos olhos.

Onsou era um homem capaz, mas tinha uma tendência infeliz de tirar as palhas mais curtas da vida — uma tendência à qual ele poderia muito bem ter se resignado no momento em que encontrou seu caminho para a órbita de Lakan.

Onsou viu Rikuson entrar; ele fez uma leve reverência e sussurrou para Lakan. Lakan olhou para Rikuson com a mesma expressão vaga que sempre usava. Se Onsou não tivesse dito nada, ele provavelmente nunca teria percebido que Rikuson estava lá. Rikuson às vezes ficava curioso sobre exatamente como ele parecia para o estrategista.

Lakan acenou para Rikuson, mas ele não tinha certeza se deveria abordar o estrategista do nada. Ele olhou para Gyoku-ou. O governante interino da capital ocidental acenou para ele de seu lugar de honra na mesa para ir prestar suas homenagens. Rikuson se sentiu muito estranho de fato. Onsou estava olhando para ele com uma expressão difícil de descrever — ele parecia estar se perguntando de que lado Rikuson estava. Entre seu chefe atual e seu antigo chefe, Onsou deveria ter entendido a quem a posição atual de Rikuson o fazia em dívida. Lakan, enquanto isso, mastigava um pouco de comida frita, aparentemente indiferente à situação. A comida passou primeiro pelas mãos de uma dama de companhia que Rikuson não reconheceu, que deixou apenas os restos para o consumo de Lakan. Rikuson pode ter presumido que ela era sua

provadora de comida, mas se fosse, ela estava guardando a maior parte da refeição para si mesma. Lakan simplesmente pegou suas sobras.
Ele tinha ouvido que o irmão mais novo Imperial viria para a cidade, mas no momento ele não o viu. Este não parecia ser um banquete público; Lakan provavelmente aceitou o convite sem pensar em nada, mas os olhos marejados de Onsou deixaram claro que ele deveria ter recusado educadamente.
"Ahem, ah... Rikuson, eu quero comer aquele pãozinho", disse Lakan. A princípio, Rikuson teve certeza de que Lakan havia esquecido seu nome,

mas acabou não sendo verdade. Quanto a "aquele pãozinho", ele acrescentou: "Onsou diz que não sabe de qual pãozinho estou falando, mas eu disse a ele! Aquele pãozinho!"
ikuson concordou com Onsou: isso não era o suficiente para continuar. Foi por isso que Lakan o chamou? Porque ele queria um pãozinho de lanche?
Rikuson vasculhou sua memória. “Você está falando de algo doce, sim, senhor?”
“Claro que estou.”
“Tem algum recheio?” “Acho que não.”

SEntão não era um recheio de feijão vermelho que tornava esse pão doce. "Ele é coberto com molho ou você o mergulha em alguma coisa?"
"Ah, o molho! Sim, havia um molho! Aquela coisa branca — eu adoro!"
Rikuson finalmente conectou os pontos. "Mestre Lakan. Você está falando dos pães fritos do Liuliu Fandian?" O nome significava "The Double Six Restaurant"; era um lugar que Lakan tinha ido uma vez, e várias vezes depois disso, ele tinha enviado Rikuson

para comprar os pães.
"Senhor Onsou. Frite um pãozinho de tangerina e cubra com leite condensado adoçado", ele disse.
"Estou cuidando disso."
Já havia um pãozinho de tangerina na frente de Lakan; deve ter sido isso que o fez lembrar da criação de Liuliu.
"Pão frito com leite condensado? Parece saboroso!" disse a mulher que parecia ser a provadora de comida de Lakan, com os olhos brilhando. Ela não parecia muito com uma dama de companhia comum — outra das "descobertas" de Lakan, talvez.
"Senhorita Chue, talvez você fosse gentil o suficiente para provar um pouco menos da comida para ver se havia veneno", disse Onsou. Então o nome dela era Chue. O toque de deferência de Onsou sugeria que ela não era a dama de companhia de Lakan, mas sim alguém que tinha sido emprestada de outro lugar para desempenhar esse

papel.

"Ops! Minha culpa", disse Chue. Se nada mais, essa conversa provou a Rikuson que Lakan ainda era Lakan.
"Posso preparar os pãezinhos para seu lanche amanhã, senhor", disse Onsou.
"Eu os quero para o jantar hoje à noite!"
"Por favor, senhor, seja razoável. Já estamos em um banquete!" A voz de Onsou saiu estridente; ele não parecia capaz de dizer muito mais. Rikuson observou, simpático, bem ciente de quão exigente Lakan podia ser quando estava em um de seus estados de ânimo. Onsou lançou um olhar sujo ao antigo ajudante.
"Vejo que algumas coisas nunca mudam", disse Rikuson a Onsou em um esforço para consertar seu estado de ânimo.
"De fato, não mudam. E você parece ter se sentido em casa aqui no oeste." Onsou notou o bronzeado de Rikuson e sentiu o

cheiro do incenso que emanava dele. Ele nunca foi do tipo que usava incenso na capital. Ele só fazia isso aqui para disfarçar o cheiro de suor, mas se absteve de dizer isso; ele pensou que soaria como uma desculpa.
"Você terá que perdoar Rikuson. Ele acabou de voltar de uma viagem bem longa", disse Gyoku-ou enquanto dava uma mordida na carne. Evidentemente ele estava ouvindo a conversa deles.
“O-Oh, entendo,” Onsou disse, empalidecendo por ser abordado tão repentinamente pelo próprio Gyoku-ou. Sem dúvida, ele não esperava que a conversa do grande homem se voltasse para ele.
“A comida está do seu agrado? Se houver algo que você queira, posso pedir ao meu chef para preparar imediatamente.”
“Você conhece a massa frita do Liuliu Fandian?” Lakan, que nunca precisava ser perguntado duas vezes, interrompeu. O povo

da capital ocidental não conheceria, é claro, o pão frito da cidade real.
“Hoh. Por favor, me conte sobre isso,” Gyoku-ou disse. Agora que ele havia expressado disposição para ouvir, seria tarefa de Rikuson explicar. Ele sentiu borboletas voando em seu estômago. Isso parecia provável que fosse seu destino no futuro previsível — não uma perspectiva feliz para o sempre ansioso Rikuson.

Capítulo 3: O anexo e o homem esquecido

GO anexo de Gyoku-ou parecia um lugar bem confortável para se estar graças à abundância de vegetação. Quando se pensava na província de I-sei, onde ficava a capital ocidental, pensava-se no deserto, mas na verdade havia muitas planícies gramadas. Era seco, sim, mas havia mais do que areia ali; havia água suficiente para plantas herbáceas, pelo menos, crescerem.

O que não quer dizer que a água não fosse preciosa aqui.

Era aquela a casa principal em que ficamos da última vez? Maomao se perguntou. Também havia muito verde lá. Só ter todas aquelas árvores no jardim da mansão era o suficiente para dar a impressão de riqueza. Claro, para as pessoas da capital — que estavam acostumadas a viver perto do grande rio, com o mar não tão longe — pode ter faltado algo.

Mas é o suficiente para ser refrescante.

O jardim aqui foi feito aproximadamente no estilo da região central, mas estava cheio de plantas que ela nunca tinha visto antes. Seu primeiro pensamento foi que ela adoraria testar seus efeitos medicinais — mas, bem, isso era Maomao para você.

"Jovem moça! Vamos colocar nossa bagagem no chão primeiro. Foi uma viagem tão longa, e estou muito cansado", disse o charlatão, parecendo tão exausto quanto soava.

"Boa ideia", disse Tianyu. "Ei, Niangniang, quando chegarmos ao nosso quarto, talvez possamos jogar pedra-papel-tesoura para ver quem consegue explorar a mansão."

Lihaku andou alguns passos atrás dos três, mantendo vigilância.

O consultório médico ficava em um prédio separado da mansão. Eles não podiam exatamente reclamar da localização; doença era considerada uma impureza, afinal. Se o consultório fosse em algum lugar muito movimentado, eles só teriam que se preocupar com infecção toda vez que um paciente aparecesse, de qualquer maneira.

"Este é um lugar estranho", disse o charlatão, olhando para o prédio, perplexo. “Eu pensei a mesma coisa no consultório médico do prédio administrativo...” Certamente não era o que eles estavam acostumados em Li, e embora a capital ocidental tivesse seu próprio estilo arquitetônico, o prédio também não parecia pertencer a ele. Quase parecia...

“Isso é uma capela?” Tianyu perguntou, sua mão roçando os tijolos. “Capela? O que é isso?” o charlatão perguntou. Não é de se espantar que ele não conhecesse

a palavra; não havia muitas capelas em Li, e o charlatão dificilmente era o que você chamaria de cosmopolita.

“Pense nisso como um santuário”, Maomao ofereceu. “Oh! Um lugar para rezar.”

“Sim. Há muitas religiões diferentes nesta cidade”, disse Tianyu.

Eles entraram no prédio e encontraram uma sala abobadada alta. Não parecia haver nenhum objeto de adoração lá dentro; os únicos vestígios

de qualquer fé praticada aqui eram algumas decorações nas paredes. Talvez alguma pessoa piedosa tenha vivido aqui. Quando o lugar passou para as mãos de Gyoku-ou, ele parou antes de derrubá-lo, mas não era mais um local de culto.

"É do tamanho perfeito. Ah, e olha! O resto dos nossos pertences já chegou. Hmm, realmente é bastante coisa. Vai dar trabalho organizar tudo. Que tal deixarmos tudo nas caixas?", disse o charlatão.

"Bom ponto. Vamos nos apressar e jogar pedra-papel-tesoura! Quem vai explorar?"

Não muito tempo atrás, Maomao teria aceitado ansiosamente a sugestão de Tianyu. Pensando bem, porém, ela ficou com uma pergunta: mesmo se ela ganhasse o jogo, os outros dois realmente fariam seu trabalho aqui? Ao mesmo tempo, ela sabia que ficaria irritada se Tianyu ganhasse — e se o médico charlatão ganhasse a chance de explorar, bem, esse pensamento também era um pouco estressante.

No final, Maomao escolheu a solução mais chata. Ela arregaçou as mangas, amarrou um

lenço sobre a boca e disse: "Certo, explorar vem depois! Primeiro precisamos resolver essas coisas!"

"Ah. Você parecia toda animada para dar uma olhada mais cedo."

"Estou muito cansada da nossa viagem, mocinha. Não podemos ir mais devagar?"

"Não, não podemos!", disse Maomao, rejeitando os dois. Seus suprimentos médicos poderiam ter apodrecido durante a longa viagem marítima; eles precisavam saber o que ainda era utilizável e o que não era para que pudessem estocar tudo o que precisassem. "Ninguém sai desta sala até que tenhamos tudo isso

organizado."

"Ah, não..." O charlatão esticou o lábio inferior e pareceu profundamente desanimado.

Tianyu não pareceu feliz com isso, mas ele se

arrastou até os suprimentos e começou a trabalhar.

"O que você gostaria que eu fizesse, mocinha?" perguntou o grande vira-lata, Lihaku. Parecia que ele poderia simplesmente cair no chão e começar a fazer flexões para passar o tempo se ela não tivesse nada para ele fazer, então ela decidiu colocá-lo para fazer trabalho físico.

"Você poderia pegar a caixa perto da porta e trazê-la aqui?" Maomao perguntou. "Claro! Uau! Isso é pesado!" Acabou sendo um pouco demais até

para Lihaku.

Maomao foi até a caixa, abriu a tampa e espiou. Estava cheia de cascas de arroz e batata-doce. Não é de se admirar que fosse tão pesada. Nem Lihaku conseguiria levantá-la sozinho.

"Não acho que isso seja nosso", ela disse.

"O que você acha? Devemos pegar um carrinho emprestado e levar isso para algum

lugar?" Lihaku perguntou.

"Não, acho que podemos simplesmente

alguém responsável saiba e eles podem lidar com isso", respondeu Maomao, ponderando a quem deveriam contar.

Naquele exato momento, alguém veio da direção do jardim, acenando urgentemente. "Heeey! Acho que parte da minha carga se misturou com a sua", gritou o recém-chegado. Ele era um homem sem características distintivas específicas — a única coisa notável sobre ele era o quão imperceptível ele era. Ele tinha uma aparência inquestionável e provavelmente tinha vinte e três ou vinte e quatro anos.

Sinto como se já o tivesse visto em algum lugar antes, pensou Maomao, ponderando mais.

Quando o recém-chegado viu Maomao, ele parou de repente. "É — é você!", disse ele, apontando dramaticamente para ela. "Aquela que pode ser irmã de Lahan ou não, não sei dizer!"

“A resposta é não.” Agora ela tinha certeza: ela já tinha tido essa conversa antes. Mas quem é esse cara? Seus olhos se voltaram para a caixa cheia de batatas-doces. A menção do nome de Lahan despertou uma lembrança. "Você é o irmão de Lahan, não é?" Sua memória dele era nebulosa, mas ela achava que era quem ele era.

"Lahan é mais novo que eu! Por que eu deveria ser definido em termos dele?!"

Sim, esse era o irmão de Lahan, com suas reações deliciosas. Ela o conheceu antes e se lembrava dele principalmente por ser muito normal e oferecer muitas chances para interjeições espirituosas. Seu rosto, no entanto, ela tinha esquecido completamente.

"Bem, eu não sei seu nome", ela apontou. "Meu nome é..."

"Isso não foi um convite." Ela tinha acabado de, e finalmente, se lembrar do nome do médico charlatão. Ela não precisava de mais nada para aprender.

"Ouça-me! Deixe-me dizer meu nome!"

Maomao, no entanto, não estava com vontade de ouvir. "Mais importante: o que você está fazendo aqui?" Esse cara normalmente passava o tempo todo cuidando de plantações de batata na região central.

O irmão de Lahan pareceu escandalizado com a pergunta de Maomao. Lihaku, tendo decidido que não era uma ameaça, observou em silêncio.

"Estou aqui porque me arrastaram para cá! Eles me trouxeram em vez do meu pai, com ordens de ensinar as pessoas da capital ocidental a cultivar essas coisas!" Maomao sentiu algum ressentimento. "Essas coisas" se referiam às batatas-doces.

"Acho que Lahan enganou você para fazer isso."
"E-E-Ele não fez isso!"

O irmão de Lahan era nada menos que fácil de ler. E Lahan permaneceu seu eu implacável de sempre.

"Por que ele não perguntou ao pai?" Maomao perguntou. O pai de Lahan, La... uh, alguma coisa, amava a agricultura e parecia que iria até os confins da terra se houvesse um campo para ser cuidado lá.

O irmão de Lahan fez uma pausa. "Depois que seu experimento com o cultivo de batatas-doces no norte veio à tona, ele não consegue escapar."

"Experimento?"

“Batatas-doces rendem várias vezes mais do que uma safra de arroz, então ele pensou que seriam perfeitas para a província de Shihoku, onde há muitas pessoas e espaço.”

“Certo.”

Jinshi estava tentando de tudo para reforçar o suprimento de alimentos, e ela parecia se lembrar de Lahan sendo muito otimista em relação às batatas também.

“O problema é que as batatas-doces vêm do sul, então elas não crescem bem no norte. Na verdade,

duvido que cresçam, mas papai diz que vale a pena tentar descobrir qual é o limite do norte, então eu o deixei fazer isso.”

“Não tenho certeza se este é o momento...” Até Maomao percebeu que essa era uma ideia perigosa. Uma fome estava se aproximando; eles não podiam dispensar pessoas e terras para satisfazer a curiosidade de um fazendeiro.

E ele tinha um olhar tão agradável...

O homem a lembrava de Luomen, e evidentemente quando algo o interessava, ele ficava completamente absorvido nisso, excluindo todo o resto.

“Seria muito arriscado que todos os campos fossem de batata-doce, então eu trouxe essas também. Dê uma olhada.” O irmão de Lahan jogou algo para ela da caixa ao lado da caixa de batata-doce.

“Batatas normais? Essa é uma batata branca,

certo?”

Era uma batata grande, robusta e redonda. Batatas eram um alimento relativamente novo; a matrona da Casa Verdigris disse a Maomao que elas ainda não eram muito consumidas quando ela era jovem.

“Isso mesmo. Um tubérculo como esse pode crescer até no frio, mesmo que o solo não seja muito fértil, então ele me fez trazer essas. Lahan só conhece o Pai Legal, mas ele pode ser um personagem bem formidável quando quer.”

O pai de Lahan, La-alguma-coisa-ou-outra pelo nome, era evidentemente um membro genuíno do clã La. Até Maomao quase foi levado por seu semblante agradável.

“Batatas podem ser colhidas duas vezes por ano, então meu pai está decidido a plantá-las. Receio que ele esteja tentando usá-las para falsificar seus números de colheita.”

“Você parece saber muito sobre batatas”, observou Maomao. Ela havia considerado o irmão de Lahan uma pessoa completamente normal, sem

qualidades especiais além de sua vulnerabilidade a uma boa piada, mas descobriu que ele tinha algo a oferecer.

“Uau, você é um fazendeiro comum!”, disse Lihaku, dando um tapinha nas costas do irmão de Lahan. Ele não tinha acompanhado a conversa inteira, mas ficou impressionado do mesmo jeito.

“F-Fazendeiro?!” O irmão de Lahan engasgou. Ele parecia querer reagir, mas estava furioso demais para dizer qualquer coisa.

O médico charlatão, aparentemente intimidado pela fúria do irmão de Lahan, manteve distância.

Tianyu parecia julgar o homem simplesmente normal demais para ser interessante. "Então o que você quer dizer é que essas batatas não são comida, são sementes?"

Maomao disse.

"Sim, são! Eu deveria mostrar às pessoas como cultivá-las.

Ele e seu Meu irmão mais velho não pode passar a vida inteira preso a um lugar! Como um campo é tão diferente do outro, afinal?!"

Resumindo, essa pessoa normal demonstrou um interesse normal pelo mundo exterior e foi enganada por isso. O fato de ele ter perseguido essa caixa de batatas-semente, no entanto, mostrou que ele era de fato um fazendeiro dedicado. Maomao suspeitou que ele produziria uma colheita adorável, mesmo que reclamasse o tempo todo.

Ensinando-os a cultivar novas safras, hein? Isso presumivelmente significava que o irmão de Lahan passaria seu tempo nas aldeias agrícolas.

“Quando você for para as aldeias, me leve com você”, disse Maomao. “Por que eu faria isso?”

“Há algo que eu quero investigar.”

Este foi um presente de cima. Ela presumiu que teria que perguntar a Rikuson ou a alguém — até

que o irmão de Lahan apareceu.

Eu vi a roupa de Rikuson. As roupas manchadas de lama sugeriam que ele estava inspecionando uma fazenda em algum lugar. Mas o que um homem enviado da capital estava fazendo relegado às margens de seu novo lar?

Talvez ele estivesse verificando as colheitas para ter certeza de que ninguém estava sonegando impostos. Ou talvez... Talvez ele saiba sobre a praga de insetos.

Uma praga de insetos havia atingido o oeste da capital real, o que significava que havia uma boa chance de que os gafanhotos tivessem vindo de mais a oeste do que isso. Seria sempre mais fácil lidar com um enxame de gafanhotos quando não houvesse tantos deles.

Não estou tão interessada em insetos, mas acho que não consigo escapar dessa.

Por um segundo, Maomao se viu pensando em outra jovem, uma que gostava muito mais de insetos do que ela.

“Claro, estou confiando em seus serviços hoje, Mestre Médico. Como sempre.” Jinshi sorriu ao recebê-los. Eles estavam no quarto de hóspedes mais suntuoso do anexo. Havia um rico, grosso e delicadamente bordado tapete de lã de ovelha, e as cortinas pareciam ser feitas de seda; elas brilhavam e brilhavam cada vez que o vento as agitava. Maomao nunca conseguia deixar de se perguntar sobre o valor de mercado das acomodações de Jinshi.

Isso parece bom, no entanto, ela pensou, espiando um prato de frutas na mesa. Havia uvas deliciosas, tão recentemente resfriadas que ainda estavam suando. Elas prometiam suco doce enchendo a boca enquanto estouravam

entre os dentes.

Eu me pergunto se ele precisa que elas sejam examinadas para ver se há veneno.

Infelizmente, Maomao não estava lá naquele momento para provar a comida de Jinshi. Essa tarefa coube à dama de companhia de Jinshi, Taomei. O barulhento Chue estava desaparecido hoje, e Maomao também não viu Baryou, embora tivesse suas suspeitas sobre o que estava do outro lado das cortinas suavemente farfalhantes. Suiren e Gaoshun estavam perto da parede.

O médico charlatão permaneceu intimidado na presença de Jinshi. "Eep! V-Vamos começar, então..." Como de costume, ele mal conseguia pronunciar as palavras e, como de costume, seu exame era pro forma, na melhor das hipóteses.

Tianyu também estava ausente dessa cena. Ele provou ser muito propenso a ofender alguém importante para ser convidado para uma visita como essa. Tianyu era perceptivo o suficiente para olhar de soslaio para Maomao e o charlatão que faria o exame, mas se ele tinha alguma dúvida, ele as guardou para si mesmo por enquanto. Era porque ele sabia como entender uma indireta, ou alguém do lado de Jinshi estendeu a mão para ajudá-lo a entender? Maomao preferiu não pensar sobre isso.

Eu também não me importo de qualquer maneira.

Ela tinha coisas para fazer. Por enquanto, ela deixaria de lado a questão de por que Jinshi tinha sido consignado à vila. O estrategista esquisito não estava no mesmo prédio; era isso que realmente importava.

"Tudo bem, mocinha, eu vou voltar", disse o charlatão. "Sim, senhor", respondeu Maomao.

O charlatão saiu sem nem um escrúpulo. Seu guarda-costas, Lihaku, foi com ele.

Jinshi diminuiu um pouco o brilho. "Chá, se você quiser", ele disse. "Claro, senhor", respondeu Taomei, e foi prepará-lo.

"Aqui está." Suiren trouxe uma cadeira pensativamente, então Maomao se sentou. Ela não foi rude o suficiente para pegar uvas naquele momento, mas tentou enviar uma mensagem telepática a Suiren dizendo que gostaria de algumas como lembrança.

"Como você está se adaptando ao seu novo local de trabalho?" Jinshi perguntou. "Fácil o suficiente, senhor. O pessoal não mudou, então é só

se acostumar ao novo ambiente." Essa foi a resposta honesta. O que ela realmente queria agora era descobrir que tipos de remédios estavam disponíveis na capital ocidental. Quando eles fizeram um balanço do que havia sido usado durante a viagem de navio, descobriram que eram principalmente medicamentos para náusea e antipiréticos. A rota sul que eles tomaram estava tão quente quanto o alto verão e, combinada com a má circulação de ar no navio, eles tiveram muitos casos de tontura. A insolação era melhor curada com água, não remédios, mas Maomao suspeitava que que enquanto ela estava fora, o charlatão diagnosticou muitos dos casos como resfriados e distribuiu antipiréticos. Isso explicaria.

Engraçado o suficiente, deu certo: o remédio que o charlatão prescreveu tinha um gosto tão ruim que os pacientes tinham que tomá-lo com bastante água de qualquer maneira, então no final ele curou a insolação.

Ele certamente teve sorte do lado dele, ela se maravilhou. Melhor ainda, ela ouviu que eles receberiam novos suprimentos comprados na capital ocidental para compensar o déficit em seu estoque. Gostaria de ter ido junto na viagem de

compras, no entanto. Ela estava tão curiosa sobre exatamente quais medicamentos eram vendidos aqui.

Maomao, no entanto, tinha outras coisas para cuidar. Ela olhou ao redor, então deu uma olhada para o lado de Jinshi. Ela não tinha certeza de como tocar no assunto, então decidiu mudar de assunto completamente.

"Imagino que temos um produtor de batatas entre nós, graças às conexões de Lahan."

Era de Lahan que eles estavam falando; se eles conseguissem cultivar batatas na província de I-sei, ela tinha certeza de que ele pretendia exportá-las direto para Shaoh ou algo assim. Era bem ao lado de I-sei, o que minimizaria os custos de envio.

Jinshi olhou para ela. "Um fazendeiro de batatas? Ele é seu primo, foi o que ouvi."

"Sem parentesco", ela disse com firmeza, para que não houvesse engano. "Mas ouvi dizer que ele era o irmão mais velho de Lahan."

"Sim, mas Lahan e eu somos completamente estranhos."

Jinshi olhou para ela com mais firmeza, mas concordou.

"De qualquer forma, sim, temos um fazendeiro de batatas aqui. Quando ouvi que ele era do clã La, esperava alguém... não sei. Mais distinto."

"Você o conheceu, senhor?"

"Só o vi de passagem. Eu o vi quando Lahan o estava ajudando a embarcar no navio."

Em outras palavras, ele os viu bem no meio do idiota. “Ele é uma pessoa muito normal, senhor.”

“Sim. Muito normal.” Parecia que Jinshi compartilhava da avaliação de Maomao — mas, de qualquer forma, se ele já soubesse sobre ele, isso tornaria tudo mais fácil.

“Eu gostaria de acompanhá-lo às vilas agrícolas. Você acha que eu poderia ter permissão?”

“Vilas agrícolas? Me ajudaria se você pudesse ir, mas então como

você lidaria com seus deveres médicos?” Jinshi deu um tapinha em seu flanco intencionalmente.

Você fez isso consigo mesmo, pensou Maomao. Ele já sabia como trocar os curativos, de qualquer forma, então ela não precisava examiná-los o tempo todo.

“Um jovem chamado Tianyu foi designado para o nosso grupo. Acho que ele poderia cuidar das coisas, senhor”, ela disse, ignorando o ferimento de Jinshi por um momento. Ela poderia se opor a Tianyu como pessoa, mas seu trabalho real parecia confiável.

“Hmm... Muito bem”, Jinshi parecia ter que engolir alguma objeção, mas concordou mesmo assim. “Eu já estava planejando que alguém desse uma olhada em primeira mão nas fazendas. Já existem problemas suficientes com as aldeias em relação à praga iminente. Isso pode ser perfeito.”

“Que tipo de problemas?” Maomao inclinou a cabeça. Jinshi tinha tantos problemas diferentes para lidar que ela nem sabia a qual ele se referia.

Jinshi olhou para Gaoshun, e o outro homem desenrolou um mapa da província de I-sei sobre a mesa. Ele tinha vários círculos em tinta.

“O que são estes?”, perguntou Maomao. “A localização das aldeias agrícolas.”

“Não são tantos quanto eu esperava, considerando o tamanho da província de I-sei.” “Há um bom número de lotes individuais de terras agrícolas, mas algum tipo de

problema surge quando eles atingem um certo tamanho. Fora da capital ocidental, a população aqui nunca foi muito grande e, com todo o comércio que acontece, muitas pessoas simplesmente importam seus alimentos.”

Nesta terra, o solo seco era a norma e as fontes de água eram limitadas.

Maomao pode só conseguir ir até a vila mais

próxima.

É o mesmo lugar que Rikuson foi?

Ele parecia muito ocupado — ela duvidava que ele estivesse visitando as fazendas só para passar o tempo. Ele deve ter ido até o lugar mais próximo.

“E essas”, Jinshi disse, pegando um pincel que Gaoshun lhe ofereceu e desenhando um círculo maior no mapa, “são pastagens.”

“Pastagens, senhor?” Em outras palavras, um lugar onde o gado pudesse se alimentar. Provavelmente não vacas aqui na capital ocidental — cabras e ovelhas, mais provavelmente.

“Algumas delas são usadas pelos fazendeiros, mas algumas delas são áreas por onde tribos nômades passam. Grupos que não têm assentamentos permanentes.”

“Entendo.”

Jinshi não parecia estar explicando tanto pelo bem

de Maomao, mas sim

westava tentando organizar seus próprios pensamentos. "Você se lembra das ordens que dei para tentar combater os gafanhotos?", ele perguntou.

"Eu me lembro. Você proibiu a matança de pássaros nocivos, promoveu a ingestão de insetos e disse que as aldeias agrícolas deveriam aprender a fazer inseticidas." Maomao estava envolvida no projeto de inseticida. Ela desenvolveu várias fórmulas que usavam principalmente ingredientes locais.

"Certo. Essas ordens foram enviadas para toda Li, incluindo a província de I-sei, é claro. No entanto..." Ele parou.

Maomao pensou que podia ver o erro de

cálculo com o qual Jinshi foi confrontado. "Mesmo que os fazendeiros usem inseticida, eles só o usam em seus campos", ela disse.

"Exatamente."

E a província de I-sei tinha alguns campos pequenos e muitas planícies muito grandes.

Os fazendeiros não matariam os insetos nas áreas gramadas. Sem mencionar que havia todas as chances de os nômades nunca terem recebido as ordens.

Mesmo que tivessem... Eles não iriam querer colocar produtos químicos agrícolas em algo que seu gado iria comer, e eles não iriam por aí matando gafanhotos um por um também.

Jinshi e Maomao ficaram em silêncio.

Os gafanhotos que evitaram o extermínio produziriam uma nova geração muitas vezes maior que a deles.

Maomao, no entanto, ficou intrigado.

"Desculpe-me, senhor, mas já não houve uma praga de insetos em pequena escala no oeste de Li no ano passado? Isso incluiu a capital ocidental?"

"Nenhum relato de qualquer praga veio da província de I-sei", disse Jinshi, parecendo igualmente perplexo. "É verdade que esta área sobrevive em grande parte pelo comércio e não faz muito plantio próprio, então qualquer dano agrícola seria modesto..."

"Mas deveria ter havido algum."

Ela pensou no outono anterior. Jinshi havia enviado a ela uma caixa de gafanhotos — quase qualificado como assédio — e ela havia medido centenas deles. Na época, Lahan especulou que eles poderiam ter vindo de Hokuaren nos ventos sazonais. E qual área era mais próxima de Hokuaren? Província de I-sei.

Será que os gafanhotos não os viram por pura sorte? Ou... essas pessoas estão escondendo algo?

Maomao examinou o rosto de Jinshi. Ele não parecia muito preocupado, mas parecia calmo, como se estivesse simplesmente confirmando algo

que já sabia.

Informações que ele já tinha. Ela tentou olhar para os outros na sala em busca de uma dica, mas Suiren, Taomei e Gaoshun não traíram nada.

A província de I-sei está tentando esconder uma colheita ruim?, ela se perguntou. Então ela gemeu para si mesma. Talvez seja o irmão da Imperatriz Gyokuyou.

Gyoku-ou, o homem que agora estava no comando da capital ocidental em nome de seu pai. Ele parecia ter algum tipo de história com a Imperatriz Gyokuyou, mas Maomao a ignorou amplamente como algo que não envolvia um simples boticário.

Tudo isso tinha algo a ver com o motivo pelo qual Rikuson estava na vila, se sujando?

Maomao começou a se sentir impaciente, inquieta. Pensar na pergunta só a deixou confusa, mas ela odiava a sensação de deixá-la sem

resposta. Melhor agir rápido, então.

"Eu sei que é um pouco repentino, mas talvez você me permita ir para as vilas agrícolas amanhã, senhor?"

"Por mais que eu gostaria que você partisse o mais rápido possível, pode ser um pouco cedo demais", disse Jinshi. "Hmm..."

Gaoshun interveio naquele momento. "Príncipe da Lua", ele disse. "O que foi, Gaoshun?"

"Se Xiaomao vai embora, é melhor esperar alguns dias primeiro." "Por quê? Para que tudo possa ser preparado?"

"Não, senhor. Porque Basen deve chegar em alguns dias a partir de agora."

Maomao sentiu como se não ouvisse esse nome há muito tempo. Basen, ela se lembrou, estava viajando por terra para chegar à capital ocidental.

"Acho que ele seria um guarda-costas ideal para Xiaomao", disse Gaoshun.

"Tudo bem. Usaremos esse tempo para nos preparar", respondeu Jinshi, e com isso, estava resolvido. Maomao soltou um suspiro de alívio e estava prestes a voltar para o consultório médico onde o charlatão e Tianyu esperavam, mas Jinshi falou novamente. "Só um momento."

"Sim, senhor?"

"Meu estômago está me incomodando. Talvez você possa examiná-lo?" Ele sorriu para ela.

Eu poderia ter imaginado.

"Estarei esperando na sala ao lado", disse ele. Então ele saiu e, talvez informado com antecedência, Suiren e os outros ficaram para trás.

"Muito bem", disse Maomao depois de um momento. Ela tirou bandagens novas. Em particular, porém, ela desejava que Basen se apressasse e chegasse

aqui.

Capítulo 4: A primavera chega a Basen (parte 1)

"Quack, quack!" disse uma voz.

Basen olhou para o pato branco de bico amarelo, olhos úmidos e penas fofas na frente dele.

"Acho que isso é um adeus, pato."

Basen recebeu várias ordens secretas do Príncipe da Lua nos últimos meses. Uma delas dizia respeito a esse pato branco doméstico. Era um animal clássico: fácil de criar e frequentemente botava ovos.

Na verdade, criar patos era a missão em questão.

A princípio, Basen pensou que o Príncipe da Lua devia estar tirando sarro dele. Apesar de todas as falhas que ele pudesse ter, ele vinha de um clã que historicamente tinha sido encarregado de proteger a família Imperial — e agora ele deveria cuidar de algumas aves aquáticas? Ele começou a se perguntar se o Príncipe da Lua o havia abandonado.

Mas esse não era o caso.

"A criação de gado salvará este país de muita infelicidade, e estou confiante de que você cumprirá esse dever diligentemente", disseram a Basen. Se o Príncipe da Lua estava disposto a lhe

dar tal voto de confiança, ele dificilmente poderia recusar. Isso tinha sido perto do fim do ano passado.

Uma vez que ele soube qual seria sua missão, ele sabia que a primeira coisa que ele tinha que fazer era procurar o conselho de alguém que soubesse mais sobre criação de patos do que ele.

Assim, no começo do ano, ele se viu passando muito tempo visitando um lugar em particular...

A noroeste da capital havia um lugar chamado Vila da Ameixa Vermelha. Era um refúgio para aqueles que tinham deixado suas casas e famílias na esperança de se tornarem viajantes. Viajantes: geralmente essa palavra evocava imagens de monges passando por um treinamento severo, mas aqui as coisas eram um pouco diferentes.

Muitos aqui pareciam acreditar sinceramente que sua prática poderia torná-los

verdadeiros imortais.

Criar animais era uma faceta de sua prática. Quando Basen ouviu falar dela pela primeira vez, ele duvidou de seus ouvidos. "Eu pensei que monges e freiras fossem todos vegetarianos", ele disse.

"Imortais são longevos até a vida sem fim. Uma pessoa não pode viver só de vegetais" foi a resposta rápida e indiferente. O lugar era

administrado por um velho, como Basen tinha ouvido, e se você ignorasse o fato de que suas roupas estavam sujas e cobertas de penas, você poderia ver que, na verdade, ele tinha uma pele saudável e era muito ereto. Sua vida poderia ou não ser infinita, mas ele claramente tinha experiência em como viver muito.

O velho Basen pode ter discutido o ponto, mas ele gostava de pensar que tinha aprendido uma coisa ou duas nos últimos anos. Ele decidiu considerar o velho na mesma categoria daquele boticário excêntrico e deixou por isso mesmo.

Acontece que ele teve a ideia certa. Treinar viajantes era um pretexto para Red Plum Village; na realidade, era um grupo de pesquisadores. Grande parte de sua prática contrariava os preceitos normalmente observados por monges e freiras, mas a pesquisa era tão valiosa que todos acima deles pareciam fazer vista grossa.

"Os patos podem botar até 150 ovos por ano. Eles são onívoros, então comem qualquer coisa, e podem começar a botar ovos já seis meses após a eclosão. Eles não são tão diferentes de galinhas, mas se você pretende alimentá-los com gafanhotos, seria melhor com patos, eu acho — eles são fisicamente maiores. Se você alimentá-los com um único tipo de comida desde a infância, eles passarão a comer exclusivamente esse alimento, mas isso traz o risco de impactar

negativamente seu crescimento, então eu não recomendo. O único problema possível com patos é que eles não chocam seus ovos tão prontamente quanto as galinhas, então..."

Basen se perguntou por que as pessoas que pesquisavam um campo específico eram sempre tão faladoras. Até mesmo aquela boticária, Maomao, conseguia ser muito faladora quando se interessava por seu assunto, e a burocrata Lahan era do mesmo jeito.

A Vila Red Plum se espalhava por uma área substancial, grande parte da qual era dedicada a campos agrícolas. Nenhum dos "viajantes" aqui usava trajes de religiosos; eles estavam todos vestidos para trabalhar ao ar livre. Suas respirações embaçavam enquanto trabalhavam nos campos.

"... e como você pode ver, estou terrivelmente ocupado com minha pesquisa, então temo não poder atender seu pedido", disse o velho, finalmente encerrando

o discurso.

"Sinto muito. Não entendi bem", disse Basen.

"Estou dizendo que não posso lhe ensinar, mas minha discípula, a quem atualmente confio o trabalho, pode. Você a encontrará naquele galpão. Adeus."

"E-Ei, espere!"

O velho saiu correndo com uma rapidez que desmentia sua idade. Sem escolha, Basen foi em direção ao galpão, que periodicamente emitia vapor. "Com licença?", disse ele. "Gostaria de aprender sobre criação de patos..." A porta mal parecia estar pendurada, e quando ele a abriu, o ar fétido o atingiu no rosto.

"S-Sim, claro. Laoshi me disse," veio uma voz nervosa. Basen podia ver uma pequena figura na névoa.

"E-É você!" Basen exclamou. A pequena figura era uma mulher jovem e vestida de forma simples. O tecido de sua roupa nem era tingido, muito menos bordado, e seu cabelo, preso com um simples pedaço de barbante, não tinha grampos ou enfeites. No entanto, mesmo sem uma mancha de rouge ou clareador pó, ela parecia muito mais cheia de vida do que da última vez que a viu. "Consorte Lishu?"

"Eu... eu não sou mais uma consorte, M-Mestre Basen."

Diante dele estava uma princesa efêmera. Um membro do clã U, que havia entrado duas vezes no palácio traseiro como consorte de um imperador.

"O que você está fazendo aqui?" Basen perguntou. Ele imediatamente desejou poder ter dito algo mais pensativo. Sua irmã Maamei teria lhe dito algo que pensava se soubesse.

Lishu já havia sido uma consorte superior, mas foi banida do palácio traseiro. É verdade que ela havia sido manipulada pela mulher que as pessoas chamavam de Dama Branca, mas isso não mudava o fato de que ela havia causado uma grande comoção na corte. Lishu foi obrigada a se aposentar do mundo.

Ninguém havia dito a Basen tanto quanto para onde ela tinha ido ou o que estava fazendo; o Imperador disse apenas que se quisesse vê-la, deveria se concentrar em fazer grandes feitos. Perdido, Basen havia feito recentemente doações em dinheiro e gentilezas para vários templos na esperança de se sentir um pouco melhor

—eles nem mesmo lhe disseram em qual templo ela poderia estar se escondendo.

Ele ficou tão pasmo com essa reunião inesperada que mal conseguia pensar.

“B-Bem, como você sabe, fui banida do palácio dos fundos. Não pude voltar para minha família ou para meu último templo. Sua Majestade interveio em meu

nome para que eu pudesse vir aqui para Red Plum Village,” ela disse. “Sim, mas... De todos os lugares...”

A roupa de Lishu estava imunda em alguns pontos, manchada não apenas com lama, mas com esterco de animal. Pior de tudo, não havia

ninguém neste galpão além de Basen e Lishu, e Basen agonizou sobre se era apropriado para ele ficar sozinho com uma jovem.

“Você não tem acompanhantes? O que aconteceu com aquela dama de companhia que costumava servi-lo?” Basen perguntou, abalado ao ver as circunstâncias reduzidas de Lishu — quase tão abalado quanto ele estava por ter Lishu bem ali na sua frente.

“Você quer dizer Kanan? Eu a liberei do meu serviço. Ela tem todo o futuro pela frente; ela não deveria desperdiçá-lo aqui comigo. Pedi a Sua Majestade para arranjar um bom casamento para ela.” Lishu sorriu e olhou para baixo, seus longos cílios tremulando.

Basen cerrou o punho. “Então você... Você está aqui sozinha?” “Você não deve se preocupar. Eu tenho uma senhora para cuidar de mim.” “Só uma?”

“Sim. Não preciso mais de roupas pesadas ou enfeites de cabelo elaborados, afinal.”

Para Basen, as palavras de Lishu carregavam um ar de autorrecriminação — e ainda assim, sua expressão era tão clara quanto um céu sem nuvens. Basen nunca foi muito bom em adivinhar o que uma mulher poderia estar pensando, e agora ele não tinha ideia do que dizer ou fazer. Lishu estava tão reservada e charmosa como sempre, e parecia estar trabalhando duro apesar das circunstâncias muito abaixo de sua posição. Seus dedos finos estavam cobertos de lama.

"Este não é lugar para alguém como você, Lady Lishu. Vou falar com eles, convencê-los a lhe dar

um trabalho melhor!" Basen disse. Foi a coisa mais útil que ele conseguiu pensar.

Lishu, no entanto, balançou a cabeça. "N-Não, obrigada. Sou grata pelo pensamento, m-mas essas circunstâncias..."

"Sim? E eles?" A pergunta de Basen foi quase interrompida por um grasnido. Ele se virou e se viu diante de várias dezenas de patos. "Gwuh?!"

Os pássaros cercaram Basen, olhando para ele com suas cabeças inclinadas em perplexidade. Ele não conseguia se livrar da sensação de que estavam avaliando-o.

Então os patos se aproximaram de Lishu, aninhando-se nela. Ela deu um tapinha em suas asas. "A-No começo, eu tinha certeza de que não conseguiria criar patos", ela disse a ele. "Mas eu cuidei desses queridos desde que eles chocaram, e eles pensam em mim como sua mãe. Laoshi me disse que é assim que os patos são..."

Quando ele ouviu as palavras patos, chocados e Laoshi, ele finalmente percebeu que Lishu era o discípulo de quem o velho estava falando!

"Lady Lishu... Você quer dizer, você...?"

"Sim. Me disseram para lhe ensinar sobre chocar patos." Sua gagueira havia desaparecido; talvez ela estivesse mais confortável cercada pelos animais. "Ahem... Mestre Basen?" ela disse.

"S-Sim? O que foi?" ele perguntou, inconscientemente se endireitando como se

estivesse se dirigindo a um de seus superiores.

Lishu olhou para ele, então pegou um punhado de sua saia. “Eu sei que é um pouco tarde para perguntar isso, mas como estão seus ferimentos?”

Basen tinha esquecido completamente que a última vez que Lishu o viu, ele estava uma grande pilha de cortes, hematomas e ossos quebrados.

“Oh, eu estou acostumado a me machucar um pouco. Você não precisa se preocupar comigo”, ele disse. Em particular, ele estava muito feliz que ela estivesse preocupada com ele (mesmo que essa preocupação fosse natural), mas ele também estava um pouco envergonhado. Ele percebeu que Lishu nunca o tinha visto exatamente no seu melhor.

“Mas você sofreu tudo isso por mim... E eu nem sequer pude lhe agradecer...”

“Lady Lishu...” Basen se sentiu estranho, simultaneamente relaxado e ansioso para estar com essa jovem mulher. Ele balançou a cabeça: não, isso não daria certo! Ele tinha negócios a tratar. “Bem, Lady Lishu. Se você pudesse ser gentil o suficiente para me instruir.”

“S-Sim, claro”, ela disse, mas parecia quase desapontada.

Havia uma história passada que contava que há muito tempo, quando houve uma praga de gafanhotos, os patos a combateram comendo todos os insetos. Era uma lenda, é claro, não um modelo sério de política, mas, ao mesmo tempo, as lendas

geralmente contêm uma semente de verdade. Os patos comiam insetos. Como onívoros, eles frequentemente comiam restos de comida dos humanos, mas durante as pragas de gafanhotos eles também podiam comê-los. Alguns até preferiam comer insetos e os procuravam.

Além disso, ter mais gado só beneficiaria os fazendeiros.

Portanto, foi decidido que os patos seriam distribuídos para as aldeias agrícolas — mas aí estava um problema.

Como eles conseguiriam esses patos que iriam dar? Os patos eram seres vivos; não se estalava os dedos e se fazia mais deles.

"Aqui, assim. Os ovos devem ser sempre mantidos um pouco mais quentes do que a temperatura do corpo humano. Você também não pode simplesmente deixá-los ali; você tem que virá-los de vez em quando." Lishu gentilmente virou um dos ovos para demonstrar. Ele estava sobre uma cama de palha, abaixo da qual havia solo

tão macio quanto palha. “Os ovos não chocam se ficarem muito quentes ou muito frios, então Laoshi me disse que eu deveria aprender a temperatura apenas pelo toque.”

“Só pelo toque?”

“S-Sim. Além disso, eles precisam de um pouco de umidade.” “Umidade?”

Estava pegajoso como o verão no galpão, embora lá fora estivesse frio o suficiente para a respiração de alguém embaçar. O galpão estava tão cheio de vapor que era quase difícil de ver.

"Há uma fonte termal por perto, então n-nós-nós pegamos nossa água quente lá." Lishu rolou a esteira de junco no chão do galpão para revelar um canal com água, sem dúvida bem quente, fluindo por ele. "Se ficar muito frio, acendemos uma fogueira no forno. Temos que monitorar os ovos constantemente, então três de nós trabalhamos em turnos."

Certamente parecia demais para uma pessoa lidar sozinha.

Mesmo com outras duas para ajudar, Basen se preocupou que fosse demais para Lishu, que passou grande parte de sua vida como uma princesa protegida.

"Tem certeza de que está bem aqui, Lady Lishu?" ele perguntou. "T-Tudo bem, como?"

"Bem, uma jovem da sua posição não deveria estar aqui. Você poderia estar em algum lugar com damas de companhia cuidando de você. Você pode ser uma viajante, mas isso não muda o fato de que você é uma princesa do clã U."

O Imperador, Basen tinha ouvido, adorava Lishu como se fosse sua própria filha. E de qualquer forma, tendo sido pega nos esquemas da Dama Branca, ela era realmente uma vítima. Na opinião dele, ela merecia algo melhor do que isso.

“Mestre Basen... você está preocupado comigo?”

“P-Preocupado?! Não! É simplesmente seu direito, milady...”

“O-Oh. N-Não, claro. Eu não deveria ter presumido que você se preocuparia com gente como eu...”

“Não foi isso que eu quis dizer!”

Basen amaldiçoou sua boca, que parecia não conseguir juntar duas palavras coerentes. Se o Príncipe da Lua estivesse aqui, ele saberia o que dizer. Basen, no entanto, só conseguia olhar para a parede do galpão e se sentir miserável.

“Mestre Basen, v-você está bem?” Lishu olhou para ele com preocupação. Não, não — Basen era quem estava preocupado.

“Lady Lishu...” ele começou. “Você já sofreu o suficiente. Você pode ir em frente

e viver a vida que você quer agora.”

Nem mesmo Basen tinha certeza do que ele estava dizendo. A vida que ela queria?

O que era isso? A vida de Basen era dever para com a família Imperial, proteger o Príncipe da Lua. O que ele queria não entrava em questão. E ele teve a ousadia de dar um sermão em Lishu sobre escolher sua própria vida? As palavras soaram vazias em seus ouvidos.

"Mestre Basen..." Lishu parecia que mal conseguia falar.

Claro que não. Ela deve ter ficado muito escandalizada. Muito profundamente ofendida pelo "conselho" que Basen dispensou tão levianamente. Ele resolveu aprender o que tinha vindo aqui para aprender o mais rápido que pudesse e então ir para casa.

"Eu... eu ainda não sei o que quero. O que eu quero nunca importou. Nunca me permitiram escolher minha própria vida."

"Então comece agora."

"Eu vou. E o que eu quero é... continuar fazendo isso por mais um tempo." Ela se agachou e virou outro ovo.

Suas roupas estavam imundas, seu cabelo liso, e ela não usava maquiagem nenhuma. No entanto, em seu rosto havia algo que Basen nunca tinha visto antes: um pequeno sorriso.

Ele pensou na jovem como uma pequena flor, fina e delicada. Ele teve medo que ela quebrasse se ele a tocasse.

Agora, enquanto Basen cavalgava em seu cavalo, ele olhou para o lado da estrada, onde uma pequena flor azul estava florescendo. Ele sempre pensou em flores como coisas para serem apreciadas e amadas, mas agora ele via que elas cresciam sozinhas, com ou sem alguém para mimá-las.

Ele se virou em direção à vila agrícola, sua respiração branca no ar. Uma carroça carregada de patos em gaiolas passava ruidosamente ao lado dele. Quando os ovos chocaram, ele criou os patinhos até que eles estivessem grandes o suficiente, e agora ele os levaria para as vilas. Quantas vezes ele fez isso agora?

“Distribuir patos está abaixo de você, senhor”, disse um soldado.

Esta não foi a primeira vez que um de seus subordinados se opôs a ele nessas viagens. Eles podem até pensar que era um desperdício — como o Príncipe da Lua o avisou que eles poderiam. Basen sabia muito bem como eles se sentiam. "Recebi um trabalho e vou fazê-lo. Se você não

gosta desta tarefa, talvez eu possa encontrar outra para você."

"N-Não, senhor", disse o soldado, e nem ele nem os outros falaram novamente — embora continuassem a compartilhar olhares pesarosos. Até Basen, alheio como podia ser, conseguia imaginar o que diziam sobre ele pelas costas.

Ele era o segundo filho mimado do clã Ma. O arrivista de uma família secundária. Filho de um eunuco. E mais ainda. Sim, seu pai Gaoshun veio de uma família secundária do clã — e para servir ao Príncipe da Lua, ele havia rejeitado o nome Ma e passou quase sete anos fingindo ser um eunuco.

Basen odiava a ideia de seu pai ser menosprezado, mas o que lhe ganharia aplicando punição aqui? O clã Ma era confidente da família Imperial, e ele só seria acusado de abusar de sua posição.

Basen cometeu o erro de se tornar emocional mais de uma vez antes. Em uma ocasião, um soldado mais velho em sua divisão reclamou que não estava sendo tratado tão bem quanto Basen e alegou que o homem mais jovem

estava sendo tratado com favoritismo. Basen perdeu a paciência e lutou contra o homem em uma "luta de treino" que era quase um duelo.

Seu oponente acabou com três costelas quebradas e um braço direito quebrado.

Felizmente, nenhuma das costelas perfurou um pulmão, e o braço quebrou perfeitamente e iria se curar. No entanto, o homem deixou o exército. Talvez ele tenha sido humilhado por ter sido espancado pelo Basen mais jovem e menos experiente — ou talvez ele simplesmente nunca tenha se envolvido em um treinamento feroz o suficiente para quebrar ossos.

O Príncipe da Lua nunca foi menos do que comprometido, mesmo durante o treinamento. Ele conseguia desviar os golpes de espada de Basen com sua lâmina. E Gaoshun, ele revidava impiedosamente sempre que via uma abertura na guarda de Basen. Quando Basen era mais novo, até sua irmã mais velha era melhor em esgrima do que ele. Ele era fisicamente forte, mas nunca se considerou um espadachim. Ele tinha sido bom o suficiente, no entanto, para derrubar aquele soldado, que tinha muito orgulho de sua própria força.

Ele já sabia naquele momento que tinha que ter cuidado com a quantidade de sua força que usava ao lidar com mulheres — mas naquele dia ele aprendeu que o mesmo era verdade quando estava enfrentando homens. Ele descobriu que seus oponentes eram bastante frágeis. Ele nunca esqueceu a lição: não importa o que possa ser dito a ele ou sobre ele, ele nunca deve estar muito ansioso para reagir com força.

"Eu não posso sair por aí espancando as pessoas... e eu as espancaria em um segundo", ele murmurou para si mesmo enquanto tirava um pato da carroça e o entregava a um fazendeiro, junto com um aviso severo para não matar o animal. "Estamos dando a vocês esses patos como um par. Compraremos os ovos por um preço alto e recomendamos que você crie mais patos também, mas matá-los imediatamente para comer seria um erro. Você me ouviu?"

Alguns desses fazendeiros já tinham patos, ou tinham no passado, então, felizmente, Basen não teve que ensinar todos eles a criar os animais do zero. Ele garantiu que soubessem que os patos comeriam insetos e que essa deveria ser sua dieta principal, mas também que, se não houvesse o suficiente, os patos poderiam comer sobras, restos de vegetais ou até mesmo grama.

Ele podia dar às pessoas todos os avisos e conselhos que quisesse, mas não tinha como saber se elas ouviriam. Elas poderiam ter pensado que ele próprio era um charlatão.

Quando ele tinha feito a ronda pelas aldeias e pensado que tinha terminado de distribuir os animais, ele ouviu um grasnar barulhento da carroça. Ele descobriu que um filhote ainda estava com ele.

"Skwak!"

“Você de novo, Jofu?” Basen lançou ao filhote um olhar de aborrecimento. Este pássaro em particular tinha uma mancha preta no bico e parecia pensar que Basen era sua mãe, um erro profundo, se é que alguma vez houve um. Evidentemente, este pato tinha chocado no dia de sua reunião com Lishu, e Basen foi a primeira coisa que ela viu. Ela o seguia para onde quer que ele fosse sempre que ele aparecia em Red Plum Village, então ele começou a chamá-la de Jofu, como se esse fosse seu nome — embora na verdade significasse apenas "pato"..”

Agora ele disse ao pato, “Você sabe o que tem que acontecer, certo, Jofu?

Você vai para alguma vila agrícola, onde poderá dar um golpe esmagador naqueles gafanhotos horríveis! Você não pode me seguir para sempre. Agora é sua chance de construir o corpo que um bom soldado precisa. Coma grãos, coma grama, coma insetos e cresça grande!”

“Peep!” Jofu disse e abriu suas asas. Ela quase parecia estar ouvindo-o, mas um pato é, bem, um pato. Eventualmente, ela esqueceria que já conheceu Basen.

Ou assim ele presumiu. Enquanto ele continuava a levar seus filhotes para as vilas agrícolas e então criar outro grupo de filhotes, Jofu estava sempre com ele, nunca ficando para trás nas

vilas. Basen e Jofu saíam juntos e, inevitavelmente, voltavam juntos. Mais de uma vez Basen tentou deixar seu filhote em uma das vilas agrícolas, mas todas as vezes Jofu mordia os fazendeiros e subia na cabeça do cavalo de Basen, onde ela batia suas asas para ser levada para casa. Jofu também levou um bico das mãos de vários soldados que tentaram maltratá-la. Ficou tão ruim que alguns soldados começaram a se referir ao pato tão respeitosamente quanto qualquer oficial sênior.

As penas de Jofu passaram de amarelas para brancas, mas a mancha preta em seu bico permaneceu, assim como sua tendência a atacar estranhos como um cão selvagem enquanto seguia Basen como um cão leal.

Hoje, também, Basen retornou com Jofu cavalgando em seu ombro. Ele teria que ir para Red Plum Village para deixar o pássaro.

"É isso mesmo..." Basen olhou para o oeste, onde o sol estava se pondo, deixando o céu vermelho. A data havia sido definida para a partida do Príncipe da Lua para a capital ocidental. A próxima visita de Basen a Red Plum Village provavelmente seria a última. Ele partiria com outra safra de patos e os distribuiria para mais vilas em seu próprio caminho para o oeste.

Dizia-se que a expedição para o oeste provavelmente seria longa dessa vez. Alguns

meses pelo menos, a maior parte de um ano mais provável.

"Seis meses ou mais", ele murmurou com um suspiro. Ele desmontou do cavalo ao passar pelos portões da Vila Red Plum. Estar ali sempre o deixava nervoso. Seu coração disparava apesar das cenas idílicas de gado vagando pelos campos.

Ele disse a seus subordinados para cuidarem da carroça, então foi para o galpão dos patos. Ele parecia andar mais rápido quanto mais perto chegava.

Ele não conseguia deixar de procurar por Lishu, mesmo sabendo que ela nem sempre estava lá quando ele vinha. Cada vez que a via, tão pequena e tão delicada, mas de pé resolutamente sobre os próprios pés, ele sentia algo muito estranho, uma onda simultânea de alívio e ansiedade.

E hoje? Ela estaria lá hoje? "M-Mestre Basen?"

Seu coração saltou. Lá estava Lishu, em suas roupas comuns, segurando uma cesta. Jofu pulou do seu ombro e foi gingando em direção ao galpão.

Basen pressionou uma mão no peito e tentou ordenar que seu coração acelerado ficasse quieto. "Lady Lishu. Gostaria de lhe fazer meu relatório, se puder." Ele pegou um mapa e circulou as aldeias que havia visitado naquele dia. Com isso, ele havia percorrido quase todas as aldeias agrícolas da fronteira.

Red Plum Village não era o único lugar que criava patos; havia outros também. O trabalho teria que continuar depois que Basen fosse embora.

"Parece que você os levou para todos os lugares onde eles poderiam ser necessários.

O que você fará a seguir?" Lishu perguntou, dando uma olhada em Basen.

"Milady. Planejo levar o próximo grupo comigo e seguir para o oeste. Espero que esta seja minha última visita aqui."

Lishu piscou. "O quê?"

"Meu dever oficial é servir como guarda-costas do Príncipe da Lua. Ele está indo para a capital ocidental, então devo ir com ele."

"Ele está indo de novo?"

A jornada do Príncipe da Lua para o oeste havia se tornado pública naquele momento, mas a notícia parecia não ter chegado a Lishu em sua reclusão aqui. Ela sabia de sua primeira viagem para a capital ocidental, no entanto, que havia acontecido nessa época no ano passado, quando ela ainda era uma consorte.

"Eu me lembro... Foi lá que eu te conheci," Basen disse, embora doesse imaginar como ele deve ter parecido para ela na época.

"Me conheceu e me salvou — pela primeira vez, mas não pela última."

Houve um banquete na capital ocidental. Um leão trazido para entretenimento atacou Lishu.

Basen se lembrava dela se encolhendo sob uma mesa. Rumores a chamavam de uma mulher vil, sem vergonha e sem castidade, mas tudo

que ele tinha visto era uma garota assustada e solitária que o mundo nunca havia tratado bem.

Basen se preocupava em como ela sobreviveria no futuro. Sua mãe estava morta, enquanto seu pai só a via como um peão político — e ele havia sido destituído de sua posição na mesma época em que Lishu chegou a esta vila.

Ela ficaria bem? Essa preocupação atormentava Basen desde que Lishu deixou a corte. Conhecê-la aqui só aumentou seus medos.

"... comigo?" Ele estava tão perdido em pensamentos que quase não ouviu as palavras saindo de sua própria boca.

"O quê?"

"Você consideraria deixar Red Plum Village comigo?" ele repetiu.

Nem ele sabia o que pensava que estava dizendo. Seu rosto estava vermelho como uma beterraba, e ele não conseguia olhar para Lishu.

Lishu, enquanto isso, olhava atentamente para o chão. E também estava corando.

Deve ser culpa dele por ter dito algo tão ultrajante. Seria possível que o tempo voltasse para ele, apenas alguns minutos?

Basen sentiu sua respiração ficar irregular.

"N-Não importa! Não foi nada!" "Nada?" Lishu lançou-lhe um olhar investigativo, e o rubor em suas bochechas

começou a diminuir.

"D-De qualquer forma, tenho mais relatórios para fazer! Se me der licença!" Com isso, Basen foi embora. Ele nunca olhou para o rosto de Lishu.

No momento em que Basen chegou em casa, ele se trancou em seu quarto e abaixou a cabeça. "O que estou fazendo?", ele gemeu, jogando-se sobre sua mesa e alternando entre segurar a cabeça entre as mãos e puxar o cabelo.

A porta se abriu com um barulho. "O que você está fazendo?" "Irmã?!"

Era a irmã mais velha de Basen, Maamei. Ela já era casada, mas ainda vivia na casa principal dos Ma. Seu marido, cunhado de Basen, era de sangue Ma e, com o pai de Basen, também era responsável pela segurança de Sua Majestade. Se fosse decidido que Basen não era adequado para a chefia da família, a posição provavelmente passaria para seu cunhado. Basen, de fato, estava perfeitamente feliz em poder concentrar toda sua atenção em proteger o Príncipe da Lua, mas ele não podia deixar isso transparecer.

No momento, o avô de Basen era o chefe nominal da família, mas na prática a maior parte do trabalho de administrar o clã era feito pela

mãe de Basen, Taomei. Era tudo bastante complicado, mas, em essência, o sucessor da casa principal havia sido deserdado, e Gaoshun havia sido adotado pela família principal da casa secundária. Taomei já havia sido noiva do sucessor renegado e já estava bem entrincheirada nos negócios diários do clã, então ela simplesmente foi em frente e se casou com o pai de Basen. Por isso ela era seis anos mais velha que Gaoshun.

Taomei então ensinou a Maamei o básico dos negócios do clã, e a irmã mais velha de Basen presumivelmente tomaria o lugar de Taomei algum dia. O clã Ma era o guarda-costas da família Imperial, o que significa que eles poderiam morrer a qualquer momento — então o clã adotou uma abordagem pragmática para a sucessão. Se Basen morresse, outra pessoa tomaria seu lugar.

Como guarda do Príncipe da Lua, Basen raramente voltava para casa como tal. A tarefa pouco ortodoxa que ele havia recebido recentemente, no entanto, significava que ele via muito mais Maamei, o que poderia ser um pouco estranho.

"O que te traz aqui?" ele perguntou.

"Agora, isso é jeito de falar com uma irmã mais velha gentil que só quer ver como seu irmãozinho está?"

Basen e Maamei pareciam ter ideias muito

diferentes sobre o que significava ser gentil.

"Sobre esse assunto, sou só eu ou você meio que... fede?" Maamei beliscou o nariz deliberadamente. Isso não era novidade para Basen; ela sempre reclamava quando ele cheirava a suor, mas ultimamente ele suspeitava que fosse outra coisa.

"Acho que seriam os patos", ele disse. Passe bastante tempo com aves e era difícil não começar a cheirar como elas.

"Patos? Ahh, sim, uma dessas medidas anti-gafanhotos, sim? Você acha que vai realmente ajudar?"

"Irmã, estamos tateando no escuro aqui. Agradeço se não menosprezar nossos esforços."

"Meu Deus, me perdoe", ela disse, embora não parecesse se sentir muito culpada. Ela começou a olhar ao redor do quarto de Basen.

"Irmã, se você não precisa de nada, então você gentilmente sairia?" "Bem! Quando você ganhou uma língua assim?" Maamei sentou-se na cama, evidentemente pouco disposta a ouvi-lo. A cama era uma das poucas peças de mobília em seu quarto; ele mantinha a mobília no mínimo porque também treinava ali. "Você poderia ter um pouco mais de... coisas aqui", observou Maamei.

"Não. Só atrapalharia."

"Hmm. Sim... Este é um quarto de solteiro, se é

que já vi um." As palavras de sua irmã eram sempre afiadas como uma espada.

"O que a vida amorosa de um homem tem a ver com seu quarto?" Basen disse com uma carranca.

"Tudo. Além disso, você certamente tem a idade certa para pensar em uma esposa. Você não tem nenhuma boa perspectiva?"

"Irmã! Você não pode simplesmente jogar esse assunto em mim!" Ele pulou da cadeira tão rápido que ela caiu.

"Devo ressaltar que, pelo menos por enquanto, espera-se que você se torne o próximo chefe do clã. Nosso tio levantou a possibilidade de você tomar uma esposa, pelo menos por uma questão de formalidade. Não há como dizer quando você pode morrer, então seria bom se você deixasse alguns filhos para trás."

"C-C-Filhos! Mas isso significaria—"

"Ah, sim. Não se preocupe, ninguém está esperando muito de você. Você sabe que é por isso que tivemos que pressionar Baryou e Chue para assumirem a responsabilidade. Eu gostaria de ver pelo menos mais três sucessores em potencial, mas... talvez isso seja pedir demais. Realmente não é uma boa ideia para você, no entanto, ficar sentado e deixar seus parentes fazerem todo o trabalho. Você precisa de uma esposa, mesmo que seja apenas para se exibir. Caso contrário, ninguém vai te levar a sério — essa é a avaliação do tio."

“Eu ouvi o que você está dizendo...” O assunto fez a cabeça de Basen doer. “Você quer que eu me apresse e me case, não é? Assim como os outros.”

“Não tudo!”

“O quê?” Basen olhou para ela, sem saber o que mais ela poderia querer dizer.

“Eu acho que você é como eu. Você não poderia aceitar um parceiro que foi escolhido para você, do jeito que a mãe, o pai e o Baryou podiam. O que estou dizendo é que se há alguém por quem você está apaixonada, agora seria a hora de dizer isso, antes que o tio ou alguém decida por você.”

“Apaixonada por?!”

“Eu sabia! Vou considerar isso como um sim.” Ela deu a ele um sorriso muito desagradável.

“Eu s-sinto muito, S-irmã, mas não sei o que você quer dizer...”

“Não, claro que não. Você não precisa dizer isso; está escrito em todo o seu rosto.”

Basen inconscientemente colocou as mãos nas bochechas e descobriu que elas estavam quentes.

Maamei se esticou na cama. "Eu não vim aqui hoje só para te provocar."

Basen ficou em silêncio. Maamei sorriu ainda mais.

"Como eu disse, nem a Mãe, nem o Pai, nem o Baryou escolheram seus próprios parceiros. Não há nada de errado nisso, mas eles são do tipo que

consegue lidar com quem quer que acabem ficando. Eu não. Eu nunca poderia suportar alguém que meus pais ou família escolheram para mim. Então eu nunca dei a eles a chance — eu decidi por mim mesma!"

Basen pensou no marido de Maamei: ele era doze anos mais velho que ela. Basen se lembrava dela dizendo que se casaria com ele quando tinha apenas oito anos. Todos riram muito, mas oito anos depois, sua declaração se tornou realidade.

Toda vez que ele encontrava seu cunhado, Basen se sentia um fracasso.

Maamei apontou diretamente para ele. "Você e eu somos iguais. Nós nunca poderíamos consentir em casamentos políticos."

“E-eu gostaria de pensar—”

“Se você concordasse com tal união, ela sempre seria uma farsa. Mãe e pai gradualmente aprenderam a se amar, e Baryou e Chue encontraram seus lugares no relacionamento, mas você não seria capaz de fazer nenhuma dessas coisas. Mesmo se você pudesse aceitar a situação, eu lhe digo, sua esposa nunca seria feliz.”

“Eu... eu acho...”

Ele descobriu que não podia contradizê-la diretamente. Ele tinha certeza de que quem quer que sua família escolhesse como esposa, ela não seria uma má pessoa. Da mesma forma, ele estava confiante de que viria a se importar com ela.

No fundo de sua mente, porém, flutuava a imagem de uma garota como uma flor na beira da estrada.

“Pronto. Você acabou de pensar em alguém, não é?”

“E-eu não pensei!” ele exclamou, ficando vermelho brilhante. O sorriso de Maamei se alargou.

“Não que isso importe para mim, mas deixe-me lhe dar um conselho de irmã. Se há alguém por quem você tem sentimentos, precisa contar a ela. Se ela te rejeitar, que assim seja — pelo menos você saberá onde está. Eu te conheço, e sem isso, você passaria a vida inteira ansiando por ela.”

Basen ficou em silêncio: isso também ele não podia negar.

“Você pode não ter nada além de força bruta para te recomendar, você pode ser um idiota que sempre sai atacando — mas você ainda é meu irmãozinho. Faça sua escolha, e faça como se quisesse dizer.”

“Você nunca disse nada assim para Baryou...”

“Baryou se comprometeu com suas escolhas do seu próprio jeito, sabia?” Basen realmente não entendeu o que isso significava.

Maamei, parecendo se sentir mais leve agora que tinha dito o que veio dizer, levantou-se da cama. “Eu vou indo, então.”

A boca de Basen se moveu, mas nenhuma palavra saiu enquanto sua irmã ia sair do quarto.

Então ela se virou. “Ah. Mais uma coisa da qual eu gostaria de ter certeza.” “Sim? O quê?”

“Ela não é casada, é?”

Basen congelou no lugar, mas desviou o olhar. “Não! Bem... Não mais!” “O quê?” Maamei respondeu, com uma teatralidade que deixou Basen

furioso.

Os patos cercaram Basen, grasnando ruidosamente. Jofu, ainda com a mancha preta no bico, estava lá com ele. Jofu era visivelmente maior do que os outros pássaros — ela sozinha permaneceu com ele enquanto os outros patos foram um por um para as aldeias agrícolas.

Basen estava usando uma roupa nova. Talvez fosse melhor escolher algo bem usado, já que só iria ficar sujo de qualquer maneira, mas roupas novas eram uma chance de se recompor e se refrescar.

Jofu levou Basen junto, balançando o rabo. Ela sabia para onde ele estava indo.

O vapor subia do incubatório, aquecido como sempre pelas fontes termais e pelo fogo no forno. A pedido de Basen, eles estavam chocando várias vezes mais patos do que antes.

Basen se preparou quando alguém saiu do

galpão. Ele pensou que poderia ter sido Lishu, mas depois de um segundo percebeu seu erro. Era um dos outros viajantes responsáveis pelo incubatório, uma mulher de meia-idade que ele já havia conhecido várias vezes.

"Mestre Basen! Está tudo pronto", ela disse. Ela tinha gaiolas, cada uma grasnando com um pato. "Disseram-me que esta seria sua última visita. Espero que você cuide bem desses docinhos." Ela se curvou profundamente para ele. Alguns dos viajantes eram apenas pesquisadores, mas outros tratavam os patos como seus próprios filhos. Basen tinha fé que uma freira que sentia amor até mesmo por aves aquáticas nunca maltrataria Lishu.

Com todo o respeito e desculpas à freira, no entanto, havia apenas uma coisa na mente de Basen: decepção. Ele disse a Lishu que sua próxima visita seria a última, mas não disse quando viria. De qualquer forma,

ela não tinha nenhuma obrigação de combinar com sua agenda.

Ele cerrou os punhos. Desanimado com sua própria inépcia, ele pegou as gaiolas e as colocou na carroça. O motorista da carroça ajudou, e os três carregaram as gaiolas. Jofu tinha se afastado, evidentemente cansado da cena.

"Devo me desculpar com você por estar de plantão hoje", disse a freira. "E-eu tenho certeza de

que não sei o que você quer dizer, senhora!" Basen disse.

"Hee hee! Tenho certeza de que você preferiria passar o tempo com uma jovem doce como Lishu do que com uma tia velha madura como eu. Embora possa ser complicado manter uma conversa com aquela garota, ela não é a melhor conversadora do mundo."

"E-Ele Lady Lishu!" ele disse. "Sim?"

“

“WO-Que clima maravilhoso estamos tendo, não é mesmo!”
“Er, é-é?” Lishu parecia confuso. O céu estava nublado e, embora não estivesse chovendo, também não estava ensolarado e alegre.
Lishu não tinha mais certeza do que dizer do que Basen. Por um momento, o silêncio reinou entre eles. Jofu ficou bem entre os dois e olhou de um para o outro.
“U-Um!” Por coincidência, eles falaram exatamente ao mesmo tempo. “V-Vá em frente, Lady Lishu.”
“O quê? Não, por favor, fale primeiro, Mestre Basen.”
Mais uma vez, nenhum deles disse nada. A situação permaneceu em um impasse, embora Jofu continuasse a bicar a grama.
Basen cerrou os punhos, cerrou os dentes, franziu a testa e finalmente conseguiu abrir a boca. “Lady Lishu. Você me daria a honra de vir para a capital ocidental comigo?”
Suas roupas, as que ele havia escolhido frescas, estavam sujas de carregar patos na carroça. Ele não tinha nada em suas mãos para oferecer — nem um acessório chique, nem mesmo uma flor. Maamei não exigiu saber exatamente por quem ele tinha sentimentos — mas se ela o tivesse visto assim, ela nunca o teria deixado

esquecer. Ainda assim, por esse ato, ela teria tido

elogios.
Basen perguntaria ao Imperador e ao Príncipe da Lua. Ele sabia que o Imperador estava preocupado com Lishu. Ele iria até ele, espírito sério, cabeça baixa.
O coração de Basen estava batendo forte em seu peito. Sua respiração era áspera, embaçando o ar na frente dele. Ele mal conseguia olhar para Lishu com medo de como ela poderia estar olhando para ele. Quando ele o fez, porém, ele a encontrou com o rosto vermelho e mordendo o lábio. Ela levantou suas saias com dedos manchados de grama.
"Lady Lishu?" ele disse.
“Mestre Basen...” Lishu finalmente conseguiu abrir a boca, mas seus olhos estavam cheios de lágrimas e ela fungou enquanto falava. “Eu... eu n-n-não posso ir com você!”
“O que quer dizer com não pode?” Basen perguntou, tentando muito não deixar seu rosto cair. Ele sabia muito bem que ela poderia recusá-lo. Ele praticamente implorou por isso, fazendo aquela pergunta como ele tinha feito. Lishu estava tentando tanto quanto ele esconder suas emoções, e encontrando o mesmo sucesso misto. Lágrimas se acumularam em seus olhos, e sua boca estava apertada. Ela estava cerrando os punhos com tanta força que suas unhas

cravaram em suas palmas.
Maamei disse a ele para contar a ela. Para deixar claro como ele se sentia. Talvez isso tenha sido um erro. As ações de Basen só trouxeram mais dor a Lishu.
“Lady Lishu, por favor, apenas—”
Ele estava prestes a dizer esqueça o que eu disse, mas ela explodiu:
“Eu q-queria poder! Eu queria poder ir com você!” Ela olhou para ele diretamente no rosto, mal conseguindo segurar as lágrimas. “M-Mas agora, eu sei muito bem. Eu sou uma garota tola que não sabe nada do mundo, e alguém vai tentar me usar não importa onde eu vá. Eu sei que eles estavam tentando me manter segura me enviando aqui para a Vila Red Plum.”
Basen sabia que era verdade: todos os habitantes da Vila Red Plum eram excêntricos soltos dos grilhões do mundo secular. Muitos deles nem estavam interessados em outras pessoas, então eles não atormentariam Lishu, ou tentariam usá-la para seus próprios fins como seu pai fez.
“Se eu fosse com você para a capital ocidental, Mestre Basen, eu seria apenas um fardo para você.”
“Lady Lishu, não...”
“Cumpra seu dever para Ji—quero dizer, o Príncipe da Lua, Mestre Basen. Eu seria apenas bagagem. Eu comecei a ter alguma ideia de como as pessoas me veem.” As lágrimas

continuaram a se acumular nos olhos de Lishu enquanto ela olhava para Basen, mas elas

não caíram. Ela piscou furiosamente, segurando-as. “O que você disse quando me pegou — me deu forças para continuar. Até hoje, me mantém de pé.”
Jofu acariciou os pés de Lishu, preocupado com ela. Lishu deu um tapinha na cabeça do pato. Ela olhou para baixo e, quando olhou para cima novamente, não havia mais lágrimas em seus olhos.
“Eu não sou apenas uma ferramenta. Quero aprender a pensar por mim mesma e escolher meu próprio caminho.”
Basen pensou ter percebido a sugestão de uma faísca nos olhos de Lishu. Ainda estava fraca e fraca, mas ele viu a determinação de fazê-la brilhar mais forte.
“Eu sei que há muitas pessoas que se importam comigo. Kanan e minha dama de companhia, Sua Majestade e Lady Ah-Duo. O Príncipe da Lua. E você, Mestre Basen. Junto com muitos outros. Mas eu estava tão envolvida em meu próprio infortúnio que nunca lhe agradeci.”
Lishu era tão delicada e efêmera quanto uma flor. Como se poderia esperar que ela se preocupasse com alguém além de si mesma?
“Você não pode se culpar por isso. Qualquer um na sua posição teria feito o mesmo...”
“Não me trate como um bebê. Por favor. Tenho

pensado muito, tanto quanto posso, e essa é minha escolha. Se eu dissesse a mim mesma que não poderia ter feito diferente, que qualquer um teria feito a mesma coisa, isso não seria um tapa na sua cara também, Mestre Basen?"

A respiração de Basen ficou presa na garganta. Proteger a família imperial significava colocar sua vida em risco, algo que ele não poderia fazer prontamente enquanto também tentava manter Lishu segura.

"Não posso ir para a capital ocidental", disse Lishu, dando um tapinha na cabeça de Jofu. "Mas... talvez, quando eu ganhar um pouco mais de confiança em mim mesma..." Aqui ela desviou o olhar dele novamente. "Talvez você pudesse voltar para Red Plum Village?"

Seu rosto estava vermelho. Ela parecia querer dizer mais alguma coisa, mas nada veio. Basen estava corando tanto quanto ela; sua boca estava aberta, mas ele também não conseguia dizer nada. Quando o que Lishu estava dizendo se deu conta, ele sentiu o sangue esquentar de excitação. "A-Absolutamente!" ele disse.

Sem querer, ele se lançou para frente; Jofu gritou e saiu do caminho.

"Quando eu te ver de novo, prometo que serei um homem mais digno. Você disse que seria apenas um peso extra, mas eu posso facilmente levantar cem ou duzentos

kin! Se você ainda se preocupa que não será o suficiente, eu continuarei trabalhando até que eu possa levantar duas — não, três vezes mais!”
Ele trabalharia para que Lishu nunca precisasse temer que ela fosse apenas “bagagem”. Para que ela soubesse que ele não cambalearia, não importa o quão forte ela se inclinasse contra ele.
A superfície do lago ondulou suavemente, captando a luz. Jofu bicou a grama ao longo da margem, onde havia pequenos brotos em meio aos caules.
A primavera chegaria em breve, mas o frio do inverno ainda não havia partido.
Lishu estava em seu próprio inverno agora. Mas embora ela fosse pisoteada, embora ela fosse colhida, embora ela fosse bicada, ela estava tentando dar uma bela flor. Não cabia a Basen interferir. Ele simplesmente esperaria, antecipando o dia da primavera quando aquela flor floresceria.
Ele faria o que tivesse que fazer até o dia em que pudesse ir até aquela flor. “Estou indo para a capital ocidental, mas voltarei. Protegerei o Príncipe da Lua, ajudarei a proteger esta nação e protegerei você. Eu me tornarei um homem que pode apoiar qualquer um e qualquer coisa que precise dele.”
Lishu sorriu. “Eu sei que você vai. Eu só rezo pelo seu sucesso e segurança.”

Era só ele ou havia um aroma de flores no ar?
Estranho; nenhum dos brotos entre a grama
parecia estar aberto ainda.
Havia apenas Lishu, com um sorriso no rosto
que parecia o primeiro sinal da primavera.

Capítulo 6: A vila da fazenda (parte 1)

Basen chegou à capital ocidental três dias depois de Maomao e os outros. Ela esperou na entrada do anexo, sentindo que seria educado pelo menos dizer olá para ele.
Quando ele apareceu, no entanto, ela explodiu: "O que é isso?" Tanto para a saudação amigável.
"O quê? Este é Jofu."
"Jofu. Como em 'pato'? Eu posso ver isso. E parece delicioso."
Basen estava coberto de areia e poeira, e empoleirado em seu ombro, por razões desconhecidas, estava um pato. Um pato doméstico perfeitamente comum, com penas brancas e um bico amarelo. A única coisa distinta sobre ele era uma única mancha preta em seu bico.
"Oh-ho! Um presente adorável que você me trouxe, eu vejo! Sente-se, querido cunhado mais novo, e deixe sua irmã cuidar do jantar!" Chue estava pronto para pegar o pássaro bem do seu ombro.
"Este pato não é para comer!" Basen disse, parando-a em seu caminho.

Ah sim, eles são sogros, não são? Maomao pensou. Ela teve a impressão de que Chue provocava Basen muito.

"Se não é comida, então o que é? Seu animal de estimação?" Chue perguntou.

O pato parecia visivelmente apegado a Basen — ele segurava sua cabeça com suas asas e alisava seu cabelo.

"Eu tenho chocado patos e os distribuído para vilas agrícolas sob as ordens do Príncipe da Lua. Eu ia deixar Jofu em uma das vilas, mas ela gostou muito de mim e não quer ir embora."

"Ah, entendo", disse Chue. Visto que Basen tinha dado um nome ao pato, ele evidentemente estava apaixonado por ela também. O pato, demonstrando sua inteligência nativa, pulou do ombro de Basen e fez cocô no chão. Esperto.

"Eu tenho que ir ver o Príncipe da Lua. Tem alguém que possa cuidar de Jofu para mim?"

"Ooh! Eu vou!" Chue disse, levantando a mão no ar. "Tem mais alguém?"

"Não tenho certeza se eu ficaria muito melhor", disse Maomao. Ela já estava babando. Lembro-me do pato que En'en preparou na casa de Lahan. Rapaz, isso foi bom. Ela não confiava em si mesma para não ser derrotada por seu próprio apetite. Talvez pudéssemos fazer o charlatão cuidar dela?

Não, não, havia alguém ainda mais apropriado.

"Eu conheço um fazendeiro que seria perfeito.

Vou perguntar a ele", disse ela. "Um fazendeiro? Espere, você tem conhecidos na capital ocidental?" "Não, ele foi enviado aqui da região central."

Basen permaneceu intrigado, mas não havia muito mais que Maomao pudesse dizer. Era a verdade. De qualquer forma, eles poderiam confiar o pato ao irmão de Lahan.

Basen estava na capital ocidental há dois dias inteiros quando Maomao finalmente obteve permissão para visitar uma vila agrícola.

"Você pode levar seu tempo, mocinha. Ainda temos muitos remédios.

Não há necessidade de sair correndo para as periferias de um lugar que mal conhecemos ainda", disse o médico charlatão, que levou a desculpa dela totalmente ao pé da letra. Afinal, tinha que haver algum motivo para uma dama da corte servindo como assistente médica deixar seu posto e fazer uma excursão de inspeção.

"Está tudo bem, senhor. Quem sabe? Posso até encontrar alguma droga desconhecida."

Isso era verdade. A província de I-sei era o lar de uma flora e fauna diferentes de Kaou. Não havia como dizer quais plantas ou animais ela poderia

encontrar e quais seriam suas potenciais propriedades medicinais. Maomao estava

realmente um pouco animada — ela esperava encontrar remédios interessantes.

Ela trouxe o mínimo absoluto de pertences, apenas o que coubesse em uma bolsa. Ela pediu que algumas pepitas de ouro ou pedaços de prata fossem preparados para ela, caso precisasse de dinheiro em mãos para alguma coisa — metais preciosos não processados seriam as formas de pagamento mais versáteis e eficazes na província de I-sei, que fazia tanto comércio com outras nações.

"Huh. Eles normalmente mandam damas da corte para trabalhos como esse?" perguntou Tianyu com um olhar cético.

"Acho que não? Mas fui contratado mais como boticário do que como médico, então sempre foi possível que me mandassem para esse tipo de tarefa."

Para inventar um pesticida.

"Huh. Um boticário. Eu aqui achando que foi puro nepotismo que te levou aonde você está, Niangniang." Tianyu com certeza sabia como provocar uma pessoa.

"Ah, vamos lá, não seja assim. Você não deve ser tão desconfiado, meu rapaz."

Oh, meu pobre charlatão. Você é quem precisa ser mais desconfiado.

Poucas pessoas no mundo eram tão desinteressadas que não valia a pena fazer perguntas sobre elas.

“Se você diz, senhor. Divirta-se, Niangniang.” Isso pareceu ser tudo o que Tianyu pretendia contribuir para a conversa, porque ele se jogou em um dos catres de pacientes e acenou por cima do ombro.

O charlatão deu a Maomao um pacote de salgadinhos e acenou também. "Vejo você em breve!"

"Não se preocupe, vou ficar de olho nas coisas enquanto você estiver fora!", disse Lihaku. Sim, com ele ali, pelo menos ela não teria que se preocupar com o médico charlatão.

Demorou bastante.” “Ela chegou na hora certa!”

Basen e Chue estavam esperando por ela na entrada do anexo.

Maomao foi instruída a esperar até Basen chegar na capital ocidental para que ele pudesse ir com ela como seu guarda-costas e Lihaku pudesse ficar aqui.

Maomao olhou ao redor. Não deveria haver outra pessoa? "Er, é isso? Pensei que deveríamos estar trazendo batatas-semente." Junto

com o irmão de Lahan, aliás, mas ela só viu alguns cavalos. "Onde está a carroça com as

batatas?"

Chue levantou a mão no ar. "Eu vou pegar essa! As batatas-semente estão indo de carroça, mas a carroça é muito mais lenta que demos a eles uma vantagem! Foi ideia do outro cara — o cara dirigindo a carroça. Não sei como descrevê-lo. Não é muito memorável. E quanto ao motivo de eu estar aqui, é porque você já é uma amiga muito querida minha, Srta. Maomao!

A senhorita Chue implorou para ir com você, ou ela passaria o tempo todo se preocupando com o que você estava fazendo em terras desconhecidas!"

"O que estou ouvindo é que parecia divertido, então você decidiu ir junto."

O esquecível condutor da carroça tinha que ser o irmão de Lahan. Maomao percebeu que Chue ainda não o tinha conhecido oficialmente.

Em vez de realmente dizer que Maomao estava certo, Chue produziu uma série de pequenas bandeiras.

"E o que o leva a um passeio pelas aldeias agrícolas, Mestre Basen?" Maomao perguntou, apenas para ser educado.

"As ordens do Príncipe da Lua. Ele me disse para protegê-lo com a minha vida. Ele não quer que o Mestre Lakan faça um ataque de fúria na capital ocidental."

Não havia nada que Maomao pudesse dizer sobre isso. Ela especialmente não podia dizer que

achava que Lihaku poderia ter sido uma escolha melhor para o trabalho.

Parecia que Basen tinha alguma ideia da conexão dela com o velhote, mas como ele ainda a tratava do mesmo jeito de sempre, ela decidiu deixar para lá.

Parece que praticamente todo mundo que conheço hoje em dia sabe. Ela estava descobrindo que todos ao seu redor pareciam cientes de algo que ela mesma preferiria não admitir. O comportamento do estrategista esquisito não poderia ser varrido para debaixo do tapete aqui.

Mas o que eu posso fazer? Não somos parentes, então.

Maomao decidiu que agora não era hora de repensar sua atitude.

“Meu pai está aqui como guarda do Príncipe da Lua. Tenho certeza de que vai ficar tudo bem”, disse Basen, embora parecesse estar tentando se convencer. Ele pode estar começando a se perguntar por que Jinshi parecia estar mantendo-o à distância recentemente.

Espero que ele não esteja ficando frustrado, pensou Maomao. Ela estava preocupada com o estado psicológico de Basen, mas ele parecia surpreendentemente estável. Um pouco mais calmo e maduro do que antes, na verdade.

“Sou só eu, irmãozinho, ou você virou uma nova página?” Chue disse, cutucando-o. Ela parecia compartilhar a intuição de Maomao.

“O-O quê? Por que você perguntaria isso?”

De qualquer forma, era verdade que Gaoshun estava aqui para servir como guarda-costas de Jinshi. Jinshi poderia muito bem ter alguns inimigos na capital ocidental, mas eles não tentariam colocar as mãos nele.

Se alguém importante é assassinado no meio de uma longa jornada, é o governante local que tem que encarar a música.

Maomao não sabia muito sobre Gyoku-ou, mas ela gostaria de pensar que ele não permitiria que seu visitante mais importante se encontrasse em perigo.

Chue sorriu, então subiu em seu cavalo e colocou os pés nos estribos. Ela não estava usando uma saia, mas um par de calças.

“Tudo bem. A vila fica a cerca de quarenta quilômetros daqui. Devemos chegar lá em quatro horas ou mais”, disse Basen.

“Parece que ainda vamos pegar aquela carroça! Que tal fazermos um pequeno desvio?” Chue sugeriu.

“Infelizmente, esta não é a capital, e não há muitas casas de chá por aqui. Você pode compartilhar um pouco de grama com seu cavalo se quiser”, disse Basen, sem se incomodar com o puxão de Chue.

Ela é a esposa de seu irmão mais velho, até onde vai. Basen parecia estar mostrando a ela uma

certa medida de respeito, embora Chue o tratasse da mesma forma que parecia tratar todos.

"Qual você gostaria de montar, Srta. Maomao?" Chue perguntou. "Não tenho certeza se tenho uma boa resposta para isso."

Havia dois cavalos, e Maomao não sabia montar sozinha, então ela teria que montar com um dos outros. Realmente não importava para ela quem.

"Ok, você pode ficar atrás da Srta. Chue, então! A sela do Sr. Basen é dura — dura para o traseiro! A sela da Srta. Chue é bem curtida, altamente absorvente de choque e fácil de sentar por longas horas na trilha! Diga-me, qual você gostaria mais?"

Nem preciso dizer que Maomao apontou para Chue.

"Só um segundo, onde você conseguiu uma sela tão bonita? Pensei que estávamos pegando emprestado esses cavalos."

"Sim, mas o Príncipe da Lua é um homem muito atencioso. Ele faz um bom trabalho, de vez em quando."

"E o que você quer dizer com isso?" Basen retrucou, descontente com esse elogio indireto. Pelo menos nesse sentido, ele ainda era Basen.

"O que eu quero dizer? No momento em que o Príncipe da Lua disse que estava designando você para o serviço de guarda, eu disse que não deveria haver outra mulher para

acompanhante, e ele parecia ter visto a luz! Não se preocupe, Srta. Maomao, a sempre atenciosa Srta. Chue tem seu back. Seu espírito pode ser mais forte que um tronco de madeira, mas seu corpo é tão delicado que você provavelmente morreria se alguém lhe desse um soco. A Srta. Chue sabia que você não podia ser confiada a Basen sozinha — ele não conhece sua própria força! Você deveria ser grata a mim."

Eu provavelmente morreria se alguém me desse um soco.

Maomao não era exatamente do tipo musculoso. Ela podia suportar venenos de todos os tipos, mas a agressão física rapidamente provaria sua ruína.

"Você também deveria ser grata, irmãozinho. Pode me chamar de Srta. Chue

—ou Honrada Irmã Mais Velha, se preferir."

"Hngh..." Basen nunca iria falar mais que Chue. Ele só conseguia abaixar a cabeça.

Com o vencedor da conversa decidido, os três partiram.

Não havia nada particularmente notável na jornada. Da cidade, eles seguiram para o oeste através de planícies vazias, aderindo a uma faixa de terra nua que parecia passar por uma estrada. Uma ou duas vezes eles cruzaram o caminho com caravanas vindo na direção oposta. Às vezes, viam

tendas pertencentes a nômades, as crianças das famílias cuidando de cabras ou ovelhas.

É o horizonte? Maomao se perguntou. Seu velho, Luomen, havia explicado que havia uma teoria de que o mundo era uma esfera, e que isso era evidenciado pelo fato de que em terra aberta, você podia ver uma ligeira curvatura ao longo do horizonte à distância. Maomao pensou que realmente viu uma curva.

Ela não sabia ao certo se era verdade que o mundo era redondo, mas se fosse, isso explicaria por que as estrelas se moviam. Ou pelo menos, foi o que Luomen disse. Agora ela desejava ter prestado mais atenção, mas infelizmente, a maior parte da explicação dele não ficou com ela. Ela percebeu com desgosto que devia ser uma das coisas que ele havia aprendido enquanto estudava em uma terra estrangeira, e aqui ela havia ignorado.

Estava surpreendentemente frio nas planícies, embora fosse primavera. Havia bastante sol, mas também um vento que minava o calor do corpo. Além do mais, o ar estava muito seco — e um pouco rarefeito. Eles estavam bem acima do nível do mar.

"Aqui está, Srta. Maomao", disse Chue, passando-lhe uma capa. Era feita de lã que bloqueava o vento e era trabalhada com bordados tão finos que teria parecido distinta até mesmo na capital.

Chue também estava usando uma capa. Parecia igualmente quente, mas era um pouco mais simples do que a que ela havia dado a Maomao — estranhamente discreta para

Chue, que normalmente gostava de ser o centro das atenções.

A capa de Basen era simples, mas prática. Ele também, notavelmente, usava luvas para manter as mãos aquecidas nas rédeas.

Pressionada contra Chue e com a capa nas costas, Maomao conseguiu se manter aquecida, mas o vento e o sol ainda atingiam todas as partes expostas dela.

Gostaria de ter alguns dos bálsamos das minhas irmãs agora. Entre o sol forte e o ar seco, ela estava preocupada com o bronzeamento. Ela havia aplicado uma pomada bloqueadora solar, mas e Chue? A pele dela era mais escura que a de Maomao, mas parecia perfeitamente saudável.

"Senhorita Chue, tenho algo para evitar o bronzeamento. Quer um pouco? Também evitará que sua pele resseque." Valia a pena perguntar, ela pensou. Se acabasse, ela poderia fazer mais com os componentes que tinham na capital ocidental.

"Ah, posso? A senhorita Chue sempre foi um pouco mais escura, então os bronzeados não se destacam tanto, mas ela ficaria feliz em tentar!"

"Claro. Vou te dar um pouco quando fizermos uma pausa."

Basen os informou que não havia nenhum lugar ao longo da estrada para qualquer diversão agradável, mas eles teriam que descansar os cavalos em algum momento. Havia bastante grama em todos os lugares para os animais comerem, mas se pudessem parar em algum lugar onde houvesse água, tanto melhor. E naquele momento, um rio apareceu.

"Faremos uma pequena pausa lá", Basen gritou. "Sim!", disse Chue.

"Tudo bem", disse Maomao.

Quando chegaram à água, Maomao descobriu que não era bem um rio, mas uma poça muito grande. A água era rasa e não havia correnteza. Provavelmente tinha sido formada por uma tempestade e logo estaria seca novamente.

Havia árvores crescendo por perto, sombreando grandes rochas com padrões esculpidos nelas. Placas de sinalização para aqui, ali e em todos os lugares, Maomao supôs.

Ela olhou para as árvores crescendo ao redor do bebedouro. Aquelas são romãzeiras? As folhas pareciam, de alguma forma. Alguns galhos balançavam suavemente. Talvez houvesse pássaros pousados neles. Ela podia ver alguns na água, junto com um grupo de cavalos selvagens bebendo.

"Pode haver cobras por aí", disse Chue. "Ooh, você acha?"

Maomao e Chue olharam, mas não encontraram nenhuma. Havia um buraco no chão que parecia uma toca, mas quando cavaram, um rato saiu. Eles trouxeram provisões, então deixaram o roedor escapar.

A grama alta crescia na beira da água. Maomao sabia, por sua pesquisa, que o beefwood e o alcaçuz eram endêmicos naquela área, mas ela não viu nenhum. Não que ela esperasse encontrar quantidades significativas em um só lugar.

Acho que era muita coisa para se esperar.

No entanto, ela encontrou um pouco de grama com um cheiro único. Era mais alta do que a grama média, mas não tão alta quanto uma árvore, e parecia artemísia. Se for remédio al propriedades fossem parecidas com as da artemísia, ela poderia ser útil para exterminar insetos. Maomao pegou uma amostra na esperança de descobrir, e coletou algumas outras plantas intrigantes também.

Chue bateu palmas e gritou: "Senhorita Maomao! O almoço está pronto!"

Maomao e seus companheiros sentaram-se em um cobertor, comendo carne e vegetais em conserva entre pedaços de pão. Maomao descobriu que tinha suado muito, apesar de apenas cavalgar; seu corpo estava faminto por água e sal. Isso fez com que os vegetais em conserva tivessem um gosto muito bom.

Assim que terminou de comer, Basen começou a estudar um mapa.

Ele tirou uma bússola flutuante de sua bolsa e a deixou flutuando na água. Maomao e Chue o observaram.

Maomao fez a pergunta óbvia. "De que serve um mapa nas planícies abertas?"

"É melhor do que nada, mas você está certo de que não há muitos pontos de referência aqui", comentou Chue. “Entre a bússola e a posição do sol, acho que deveríamos ir um pouco para o norte. Contanto que não haja nada para bloquear a visão, devemos conseguir ver casas

—esse será nosso destino.” Ela pode soar irreverente, mas era surpreendentemente capaz. Evidentemente, ela sabia até fazer navegação terrestre. Basen desviou o olhar, parecendo se sentir um pouco estranho.

“Posso perguntar mais alguma coisa?” disse Maomao. “O que você quiser, Srta. Maomao.”

“Por que não temos um guia local?”

Francamente, ela desejou ter perguntado antes. Ela imaginou que eles estavam apenas indo para uma vila próxima — eles não estavam deixando Li nem nada — e que um guia não seria necessário, mas isso estava se tornando uma viagem mais elaborada do que ela esperava. Uma longa jornada nunca era precisamente segura, mesmo dentro das fronteiras nacionais. Era melhor ter alguém que conhecesse o

território de cabo a rabo.

“Engraçado você perguntar isso”, disse Chue, olhando ao redor. Basen também estava olhando, seu olhar duro. Sua mão estava no punho de sua espada e ele estava obviamente pronto para pular na batalha.

Não gosto de onde isso está indo.

Chue ficou na frente de Maomao. "Ok! Fique aí, Srta. Maomao; não se mova um centímetro."

Maomao descobriu que eles estavam cercados por homens estranhos; ela quase não os viu emergir. Eles eram tipos de aparência desleixada que falavam Linese com um forte sotaque. Quanto ao que eles disseram, eram suas ameaças padrão, exigências de ganhar dinheiro e assim por diante. E, claro, eles queriam ficar com as mulheres.

Eles eram bandidos se Maomao já os tivesse visto.

Imagino se tenho algum valor particular como mulher. Nem Maomao nem Chue eram especialmente atraentes; ela duvidava que eles alcançassem um preço muito alto se os bandidos tentassem vendê-los. Não era um pensamento particularmente feliz, e seu coração estava começando a disparar. Ela respirou lenta e profundamente algumas vezes para tentar se acalmar.

“Senhorita Maomao, fique à vontade para fechar os olhos. Se eles tentarem alguma coisa, a Srta. Chue usará seu apelo de mulher casada para nos tirar dessa!”

Ela parecia muito confiante. Na verdade, ela parecia estar olhando para eles com desdém.

Maomao, no entanto, não estava ansiosa para fechar os olhos. Ela enfiou a mão na bolsa e encontrou uma agulha de costura e um repelente de insetos. Eles não seriam suficientes para causar danos sérios, mas poderiam fazer seus agressores recuarem por um momento.

No entanto, eles não precisavam do fascínio de Chue ou da agulha de costura de Maomao.

Houve um estalo audível, e então o Bandido Nº 1 passou voando por Maomao.

Houve um estalo perceptível, e o Bandido Nº 2 caiu no chão, segurando o braço e se contorcendo.

Houve um estalo distinto, e o Bandido Nº 3 caiu, cuspindo uma mistura de saliva, sangue e dentes.

Não havia contenção. Uma luta em uma peça de teatro teria durado mais. Francamente, quase parecia pouco para descrever.

Basen pegou sua espada, mas isso não significava que ele iria usá-la.

Ele tirou todos eles de mãos vazias! pensou Maomao, estupefata.

Ela respirou fundo mais algumas vezes, então voltou a si e correu até Basen. "Deixe-me ver sua mão!"

"Er, sim..."

Basen, parecendo um pouco surpreso, tirou a

luva e estendeu a mão. Os dedos não pareciam quebrados, e o pulso parecia intacto. Além de ser sobrenaturalmente forte, Basen, pelo que Maomao tinha ouvido, era menos suscetível à dor do que a maioria das pessoas. Isso significava que ele às vezes podia se machucar com suas demonstrações de força.

Eu não entendo.

Depois de todos aqueles barulhos terríveis, ela esperaria que a pessoa que administrava as surras pelo menos tivesse machucado a mão. Tinha que haver algum motivo para Basen estar completamente ileso.

Ela pegou a luva dele e logo descobriu a explicação. Por fora, era feita de lã e parecia bem macia, mas parecia pesada. Havia algum tipo de metal por dentro. A força bruta de Basen combinada com uma luva pesada? Era quase o suficiente para fazê-la sentir pena dos bandidos.

Falando dos bandidos, Chue estava voando de um para o outro, amarrando-os. Então ela amarrou os três juntos antes de levantar os pés e enxugar o suor da testa com um suspiro.

“O que estamos "O que você vai fazer com eles?" Maomao perguntou.

Sua pergunta era inocente, mas Chue respondeu: "O que devemos fazer com eles? Não podemos levá-los conosco. Vamos deixá-los aqui.

Quando chegarmos à vila, podemos pedir para alguém vir buscá-los." Ela não parecia se importar

muito.

"Eu não gosto disso, no entanto", disse Basen, cruzando os braços e franzindo a testa.

"Eu sei o que você quer dizer", disse Maomao, pela primeira vez se sentindo da mesma forma que ele. E se os homens fossem comidos por um lobo ou algo assim enquanto os viajantes estivessem a caminho da vila? Isso dificilmente estava fora do reino das possibilidades.

Eu não acho que dormiria bem sabendo que fiz parte disso, mesmo que eles sejam bandidos.

Basen caminhou até os bandidos e pegou um deles pelo braço.

Então, houve outro estalo desagradável.

Oof...

Aparentemente, o que Basen não gostou foi da possibilidade de os bandidos escaparem. Alguns deles se molharam enquanto ele impiedosamente estalava

cada um dos braços deles. Ele provavelmente escolheu os braços e não as pernas para que pudessem andar quando fossem levados para a prisão.

Nunca percebi que eu era a boazinha, pensou Maomao. Ela olhou para os bandidos e mentalmente os incentivou a desistir de sua vida de crime.

A jornada deles foi tranquila depois disso.

Achei que poderia haver mais insetos. Ah, bem.

Havia alguns; eles estavam viajando pelas planícies, afinal. Não era um enxame, no entanto; ela apenas avistou um gafanhoto aparecendo na grama de vez em quando.

Talvez não tivéssemos que nos preocupar com uma praga, afinal? Se não houvesse toneladas de gafanhotos na capital ocidental, bem, nada poderia ser melhor.

Na hora em que chegaram ao próximo ponto de descanso, eles alcançaram o irmão de Lahan e suas batatas. Por razões que Maomao não conseguia adivinhar, havia um pato em cima do cavalo puxando a carroça, grasnando ordens.

Jofu! Você está aqui também?" "Quack!"

No momento em que o pato viu Basen, ele voou para baixo da cabeça do cavalo. Seus olhos pareciam brilhar, e Maomao teria jurado que viu uma nevasca de pétalas de flores atrás dela.

"Tentei deixá-la na mansão, mas ela insistiu em vir comigo", disse o irmão de Lahan. Maomao foi quem originalmente impingiu o pato a ele, então ela não podia realmente reclamar.

"Tenho que admitir, eu me afeiçoei bastante a ela", disse o irmão de Lahan, claramente apaixonado. "Ela é muito inteligente — e muito prestativa. Ela come insetos de bom grado."

"Parece que você teve uma viagem agradável e tranquila", disse Maomao. Algumas pessoas obviamente não encontraram nenhum bandido.

"O quê? Você sempre foi rabugento, mas agora está completamente irritadiço."

Ela se opôs ao tom do irmão de Lahan, mas mesmo assim decidiu satisfazê-lo com uma explicação do que havia acontecido. “Fomos atacados por bandidos.”

“Eles realmente têm isso aqui?”, perguntou o irmão de Lahan, o sangue sumindo de seu rosto.

Ahh! Agora é assim que uma pessoa normal reagiria. Enquanto saboreava a resposta do irmão de Lahan, ela olhou para Chue, que não estava

preocupada com o ataque. Chue parecia completamente acostumada a ser ameaçada por criminosos, ou pelo menos não surpresa. Como se tudo isso fosse parte do plano.

O grupo do irmão de Lahan consistia em uma carroça cheia de carga, o próprio irmão de Lahan, dois soldados de aparência robusta como guardas, três fazendeiros provavelmente lá para ajudar, assim como dois guias locais. E um pato.

Maomao não era logístico, mas dois guias pareciam um a mais do que eles precisavam. Talvez um deles devesse estar conosco? Pensando bem, Chue havia se esquivado de sua pergunta sobre ter um guia local.

Eles partiram novamente após esse segundo intervalo. Acontece que a vila era muito próxima. Casas modestas estavam dispostas em ambos os lados de um rio, a área ao redor salpicada de

árvores e campos agrícolas. Havia uma montanha suavemente inclinada atrás da aldeia, mas, ao contrário das montanhas que Maomao conhecia, parecia que a planície gramada tinha simplesmente se erguido em uma colina. Os pequenos pontos brancos que ela viu provavelmente eram ovelhas. Os pretos, talvez bois. A julgar pelo número de casas, não poderia haver mais de trezentas pessoas nesta aldeia.

Ao se aproximarem, foram recebidos por bois mugindo. Algumas das ovelhas ainda estavam fofas, enquanto outras tinham sido tosquiadas recentemente. Era bem no meio da temporada de tosquia. As crianças da aldeia, aparentemente não estranhas ao trabalho físico, estavam coletando restos de carneiro em cestas.

"O que é isso?" Basen perguntou, dando às crianças um olhar engraçado.

Maomao sentiu que eles poderiam lhe fazer a mesma pergunta, considerando que ele tinha um pato na cabeça.

"Eles usam o esterco de ovelha como combustível, eu acho. E se você colocar debaixo da cama, é para mantê-lo aquecido", ela explicou.

"Debaixo da cama?!"

"Claro! Você não sabia? Irmãozinho bobo", Chue falou lentamente, sem perder a oportunidade de dar bronca nele. "Irmãozinho" parecia ser o nome padrão dela para ele quando ela o provocava.

A vila era cercada por um fosso e um muro de

tijolos. Talvez os bandidos não se limitassem a atacar viajantes.

Basen falou com alguém na entrada, e eles foram rapidamente autorizados a entrar — talvez um mensageiro os tivesse precedido. O pato pulou de sua cabeça e trotou atrás dele.

Uma pessoa de aparência importante que Maomao assumiu ser o chefe da vila saiu para cumprimentá-los.

“Oh! Com licença!” Antes que Basen pudesse dizer qualquer coisa a ele, Chue

começou a conversar fluentemente com o chefe. Os olhos do chefe brilharam, e ele gritou para um dos guias. Chue estava sorrindo largamente sobre algo, enquanto o guia ficava cada vez mais pálido.

Era impossível não notar a carga no ar. Um dos soldados-guardas do grupo do irmão de Lahan estava pronto atrás de Chue. Ela ainda estava sorrindo e o guia ainda parecia calmo, mas era óbvio que o homem estava sendo levado embora.

Ahh, agora entendi. Maomao cruzou os braços e os observou levar o guia para algum lugar.

"Ei, o que está acontecendo?" perguntou o irmão de Lahan, sempre o homem sério. "Suspeito que eles querem pedir um desconto a ele. Ele nos prometeu uma rota

segura, e ainda assim fomos atacados por bandidos."

"Ok, mas é realmente justo descontar nele?"

"Pergunta justa, mas parece que esta era a estrada especial do guia.

Garantidamente segura. Eles até pagaram a mais para aprender sobre ela." "Isso é bobagem. Não há nada além de grama em todas as direções. Não é

culpa do guia que eles o deixaram enganá-los."

Ele estava certo sobre isso. Maomao estava inventando tudo, na verdade, dizendo o que vinha à mente. Falar de bandidos era estimulante demais para o irmão de Lahan, então ela mudou de assunto. Enquanto conversavam, Basen foi até o chefe. Seu pato, como um cão fiel, o seguiu.

Depois que os dois conversaram por um tempo, Basen foi até Maomao. "O chefe vai nos mostrar um lugar onde podemos ficar esta noite."

"Tudo bem."

"Agradeço sua ajuda", disse o irmão de Lahan educadamente a Basen. Ele era filho de uma família distinta, não importa o que parecesse, e ele estava com boas maneiras. Se Lakan não tivesse traído sua própria família, o Irmão de Lahan poderia ter sido um soldado agora.

"Claro. A propósito..." Basen olhou para o Irmão de Lahan. "Como devo chamá-lo?"

Basen também não sabia o nome do Irmão de Lahan.

"Hoh!" Os olhos do Irmão de Lahan se encheram de esperança. Este era o momento que

ele estava esperando.

"Acho que você pode simplesmente chamá-lo de Irmão de Lahan", disse Maomao. "Ei!", disse o Irmão de Lahan, batendo a mão no ombro de Maomao. "Tudo bem. Irmão de Lahan. Fácil de lembrar. Eu gosto."

"Escute, você!" Esquecendo suas maneiras, o Irmão de Lahan se virou para Basen.

"Então aí está. Ele é irmão de Lahan. É assim que ele é chamado, e é isso que ele é. Acho que você conhece Lahan, sim? O irmão de Lahan não é tão peculiar quanto seu irmão; seu irmão é uma pessoa inofensiva e normal. Ele também é um fazendeiro profissional de batatas, então podemos deixar isso para ele."

"Quem é normal?! E quem é um fazendeiro?!" O irmão de Lahan exigiu, mas se ele não era um fazendeiro, então o que ele era? Ela o viu cuidando daqueles campos extensos — ele podia se dar ao luxo de ter um pouco mais de orgulho de seu trabalho.

"Eu ouvi você. Se ele é parente do Mestre Lakan, ele merece ser tratado com respeito."

Maomao teve a nítida sensação de que Basen olhou para ela enquanto dizia isso, mas ela decidiu ignorar. Ele não parecia vê-la como se enquadrando na mesma categoria.

Francamente, eu quase poderia gostar disso nele. Basen nem sempre a tratava

“respeitosamente”, para usar uma frase emprestada, mas era fácil trabalhar com ele.

“Ahem...” disse o homem que parecia o chefe da aldeia.

Aparentemente era isso que ele realmente era. "Posso mostrar seus aposentos?" "Ah, sim, claro. Se você puder?"

Aliviado, o chefe os levou para um espaço aberto no meio da vila. "Vocês podem usar isso", ele disse, apontando para uma tenda portátil como as que os nômades usavam. "Esta tenda pertenceu a alguém que se estabeleceu aqui anos atrás, e ainda está servindo ao seu propósito. Nós a mantemos aquecida lá dentro também. As mulheres podem ficar na pequena tenda ao lado dela."

Maomao enfiou a cabeça para dentro e descobriu que era realmente quente, feita de uma estrutura que parecia algo como uma rede coberta de feltro. Havia um tapete no chão e uma lareira no meio. Dada a falta de janelas, era de se esperar que isso resultasse em má qualidade do ar, mas uma chaminé se estendia da lareira para permitir que a fumaça escapasse. Havia uma pilha de coisas marrons ao lado da lareira — talvez as tortas de ovelha que as crianças estavam colecionando. O tapete era trabalhado com algum tipo de padrão. Pode não ser muito, mas a vila estava claramente tentando estender a melhor hospitalidade possível.

"Bom momento — estávamos prestes a

desmontá-lo", disse o chefe.

"Desmontá-lo?", perguntou Maomao.

"Sim; veja, tivemos um visitante outro dia também." "O nome dele era Rikuson?"

"S-Sim. Ele é um conhecido seu?"

Maomao assentiu: ela sabia. O que ela ainda não sabia era para que

ele tinha vindo aqui. Ela não via Rikuson desde o primeiro dia, então não teve a chance de perguntar a ele.

"Já está tarde, então acho que hoje devemos comer e depois descansar um pouco. Vou colocar um guarda do lado de fora da sua tenda. Parece bom?" Basen perguntou.

"Sim, obrigada, está tudo bem", disse Maomao. Ela pegou seus pertences e os levou para a tenda menor. Ela tirou os sapatos enquanto entrava, o carpete fofo saudando seus pés. Havia várias camadas de feltro por baixo. Ela tirou a capa e pendurou em algo que se projetava da parede. Então ela se jogou de pernas abertas no carpete.

Opa, é melhor parecer viva.

Ela deu um tapa rápido na bochecha — a barraca estava tão quente lá dentro, e o carpete era tão macio, que ela sentiu que poderia cochilar imediatamente.

Assim que ela se sentou, Chue entrou.

"Parece legal, Srta. Maomao. Acho que vou me juntar a você!" Ela se jogou no carpete e sorriu,

feliz.

"Antes que você adormeça, Srta. Chue, posso te perguntar uma coisa?" Maomao tentou organizar os pensamentos que estavam girando em sua cabeça o dia todo. Enquanto ela pensava, ela se viu adotando uma posição formal sentada, os pés dobrados sob seu traseiro. Chue imitou sua postura.

"Sim, claro. O que é?" Ela parecia exatamente como sempre. "Aqueles bandidos... Você estava por trás disso, não estava, Srta. Chue?" Chue nem piscou para a pergunta. "O que você quer dizer,

Srta. Maomao?" Ela inclinou a cabeça.

"Desculpe. Isso soou pior do que eu queria dizer. O que eu estava tentando dizer era que você esperava que os bandidos atacassem, e você nos fez ficar em segundo, como isca, para minimizar o dano que eles causariam."

Ainda assim, Chue parecia imperturbável. "O que diabos te deu essa ideia?"

Ela não parecia estar perguntando apenas para despistar Maomao. Ela gostou de ouvir a resposta.

"Bem, primeiro, eu me perguntei por que fomos divididos em dois grupos. No começo, pensei que talvez você estivesse apenas tentando ser legal comigo e garantir que eu pudesse chegar aqui o mais rápido possível. Eu podia ver o mesmo impulso por trás da maneira como Ji—er, quero dizer, o Príncipe da Lua nos deu aquela sela confortável.

Mas eu podia Não consegui me livrar da pergunta: se fôssemos nos dividir em dois grupos, por que os dois guias iriam com apenas um deles? Não fazia sentido."

"Hoh! Hmm!"

Chue parecia uma boa leitora de mapas, mas mesmo para ela, um guia seria indispensável em território desconhecido. Era quase como se ela tivesse se esforçado para não ter um.

"Em segundo lugar, aquela capa", disse Maomao, apontando para a vestimenta pendurada na parede.

"Aww, você não gostou?"

"Gostei muito. Ela me manteve bem aquecida. O que me impressionou, no entanto, foi o quão linda ela é."

"Adorável?"

Maomao olhou para a capa que Chue estava usando. "Eu sei que você gosta de ser chamativa, Srta. Chue, então se você tivesse duas capas, eu poderia esperar que você pegasse a mais elaborada para você. Mas em vez disso você usou a mais simples."

"Bem, sim, mas a Srta. Chue sabe como se comportar perto de seus superiores." Seu tom sugeria o contrário.

"Sim, e o fato de você ter me dado a capa mais bonita implicava que era do Príncipe da Lua. Você reforçou essa impressão falando sobre como ele

lhe deu a sela. Você praticamente me convenceu de que a capa era dele também — mas não era, era?"

A capa de Maomao era agradável ao toque. Coberta por bordados delicados, seria óbvio que era uma bela peça de roupa, mesmo à distância.

"Uma capa como essa é como dizer aos bandidos 'Por favor! Roubem-me!' E ao usar uma roupa um pouco mais simples, você se fez parecer a dama de companhia do alvo."

"Hee hee hee! A Srta. Chue é praticamente sua dama de companhia, Srta. Maomao. Então o que você está dizendo é que eu nos separei em dois grupos e, então, deliberadamente lhe dei uma capa mais bonita para que eles a atacassem?"

"Não tanto para me atacar especificamente. É mais como se você quisesse colocar todos os melhores alvos em um só lugar." Desta vez, Chue piscou. "Se todos nós tivéssemos viajado com a carroça, teria sido uma grande produção. Ter alguns soldados por perto nos daria uma vantagem na batalha, mas também estaríamos com pessoas que não estavam acostumadas a serem atacadas. Se deixássemos que eles ficassem traumatizados, isso poderia ter um impacto negativo em nosso trabalho — sem mencionar a possibilidade distinta de que eles pudessem ser feitos reféns."

O implacavelmente comum Irmão de Lahan era um cara perfeitamente forte e

saudável, mas ele não parecia um lutador

experiente. Maomao suspeitava que ele tinha tanto medo de uma luta quanto qualquer outra pessoa.

"Se, em vez disso, fôssemos em dois grupos, um dos quais não fosse apenas menor, mas incluísse alguém que obviamente parecesse dinheiro, os bandidos teriam mais probabilidade de atacar esse grupo. Duas mulheres, um homem — o homem sendo Mestre Basen, que apesar de sua força ultrajante ainda tem aquele rosto de bebê e uma constituição relativamente pequena para um soldado. Quando disseram para deixar as mulheres, não estavam pensando em nos vender, estavam? Era sobre o potencial de resgate."

Os bandidos nunca esperariam que Basen se revelasse um urso em pele de homem. Mas ele era um matador de leões, afinal.

"Isso é muito inteligente, Srta. Maomao, mas se for verdade, como a Srta. Chue atraiu aqueles bandidos exatamente no momento certo? Você pode usar todas as capas bonitas que quiser, mas eles estavam obviamente esperando por nós. Eles apareceram na hora perfeita, você pode dizer."

"Isso realmente explicaria por que você estava falando com um dos guias antes. Aqui está a terceira coisa que me deixou desconfiada: você falou com um dos guias assim que chegamos na vila. Acho razoável supor que você pensou que um deles era corrupto antes mesmo de contratá-lo." Ela pensou em como o homem empalideceu quando Chue falou. "Antes que o primeiro grupo

partisse, você disse coisas diferentes a cada um dos guias, não foi? Como qual bebedouro o segundo grupo usaria. Você pega um mapa e diz que quer ter certeza de onde pode descansar. Uma maneira conveniente de deixá-los saber onde você vai estar, não é?"

Havia várias maneiras pelas quais o guia poderia ter passado informações para os bandidos, mesmo que Maomao não soubesse exatamente qual ele usou. Quem sabe. Poderia ter sido pombos, como a Dama Branca.

"Você contratou deliberadamente um guia suspeito, alguém que você pensou que estava em conluio com bandidos. Então você disse a cada um deles que estaria descansando em um local diferente, para que soubesse onde poderia ser atacado. Era para ter certeza de qual dos guias estava limpo? E se ambos estivessem sujos?"

Chue levantou as mãos em um gesto de rendição. "Foi só um deles!" ela disse. "Eu sabia exatamente quem era o outro."

"Isso foi por ordem do Príncipe da Lua?" Maomao implorou para Jinshi usá-la como uma ferramenta, então uma situação como essa não era completamente inesperada.

Mas não era do seu feitio.

"Não, não era. Você adivinhou certo; eu peguei a capa para você."

"É mesmo?"

Provavelmente não era Jinshi, então. Chue pertencia a alguma cadeia de comando que não o incluía?

"Você torna a vida da Srta. Chue muito difícil, Srta. Maomao, sendo tão inteligente.

Você sabia disso?"

"Você não torna minha vida mais fácil, Miss Chue, do jeito que eu nunca sei o que você está pensando."

Ambas suspiraram.

"Senhorita Maomao, eu tenho dois pedidos." "Sim?"

"A senhorita Chue é sempre sua alegre e tranquila Chue, então, por favor, sempre trate a senhorita Chue como você trataria a senhorita Chue." Ela puxou um cordão de bandeirinhas. Shoop.

"Eu... não tenho certeza do que isso significa, mas tudo bem." Maomao pegou o cordão e o deixou balançar em seus dedos, sem saber o que mais fazer com ele.

"Nesse caso, senhorita Maomao, a senhorita Chue tem outro pedido para você.

E é vem com uma pergunta." "Sim?"

""O que te fez pensar que aquela capa linda e cara pode não ter vindo do Príncipe da Lua?" Ela

parecia genuinamente curiosa.

"Eu só pensei que se ele me desse algo assim, seria de boa qualidade, mas mais discreto. Mais prático."

"É só isso?"

"É onde estamos agora."

Jinshi começou a entender as preferências de Maomao.

Chue estreitou os olhos e olhou para a entrada da tenda. "Sinto muito por incomodá-la," uma mulher disse do lado de fora. "Sim? Entre," Maomao disse, e houve um farfalhar de feltro.

"Com licença," disse uma mulher de meia-idade, espiando para dentro. Ela estava segurando as rédeas. "Eu trouxe três cabras como você pediu. O que você gostaria que eu fizesse com elas?"

"Ótimo! Obrigada. Aqui está o pagamento." Chue colocou algumas moedas na mão da mulher. Ela deve ter pedido por esses animais antes de vir para a tenda.

Ela está planejando levar aquelas cabras para casa?

Se ela só quisesse comê-los, seria mais barato comprar alguns que já tivessem sido mortos e massacrados — e ela não precisaria de três deles.

Entre as cabras e o pato, eles estavam a caminho de ter sua

própria fazenda.

Chue pegou as rédeas das cabras e vasculhou sua bagagem até encontrar uma bolsa de aparência pesada.

"O que é isso?"

"É sal! Não estamos perto do oceano, e você não consegue sal-gema por aqui, então o sal é uma mercadoria preciosa. Uma que nossas amigas cabras adoram!"

"E, uh, para que serve esse sal?" Maomao não conseguia imaginar onde Chue queria chegar com isso.

Chue sorriu. "Negociando! Com as cabras e o sal. A senhorita Chue é uma pacifista, sabe. Ela gosta de fazer as coisas do jeito mais silencioso quando pode. Estou com sono, mas tenho que cuidar de um trabalho. Descanse sua pobre e cansada pessoa, Srta. Maomao."

Chue girou de volta para a entrada da tenda e então ela se foi, cabras e tudo.

Capítulo 7: A vila da fazenda (parte 2)

O irmão de Lahan olhou fixamente para a terra. Ele se abaixou para verificar como era, e até colocou um pouco na boca, depois cuspiu novamente.

"O que você acha?", perguntou Maomao, observando-o trabalhar.

O dia de um fazendeiro começava cedo. O sol estava apenas surgindo no horizonte, mas o irmão de Lahan já estava de pé e andando. Maomao estava tão cansada que não conseguia dormir bem, e então ouviu os sons dos fazendeiros acordando logo de manhã.

Eles estavam nos campos da vila agrícola onde chegaram no dia anterior. Na noite anterior, pediram permissão ao chefe para vir aqui, então aqui estava o irmão de Lahan sem mais delongas.

O trigo estava começando a brotar no campo. Maomao se perguntou se as ovelhas e cabras o comeriam, mas, exceto quando foram colocados no pasto, os animais estavam seguros dentro de uma cerca, então talvez tenha dado certo.

“Acho que o solo está bom, e eles o mantêm bem regado. Se alguma coisa, alguém poderia desejar um solo um pouco mais pobre por aqui.”

“É melhor se o solo não for tão nutritivo?” Chue perguntou, colocando a cabeça para fora.

E pensar que ela não pode ter ido dormir mais cedo do que eu ontem à noite.

Ela voltou em algum momento nas primeiras horas da manhã — suas negociações devem ter sido longas. Apesar disso, ela parecia perfeitamente enérgica.

Maomao imaginou que era melhor não perguntar sobre o que exatamente ela estava negociando. Chue insistiu que Maomao a tratasse da mesma forma que sempre fez, então Maomao ficou quieta.

O irmão de Lahan se levantou e examinou o campo. “Ao contrário da maioria dos vegetais, as batatas realmente crescem melhor se o solo não for muito rico. As plantas de batata-doce, se houver muitos nutrientes no solo, elas só crescem um monte de folhas, e nenhuma batata. As batatas brancas ficam propensas a doenças.”

“Ah, sim, claro. A propósito, pão por si só não é um café da manhã, então vou fazer um pouco de congee também.”

“Por favor, faça, isso seria maravilhoso—” Chue estava descascando uma batata-doce.

“O que você pensa que está fazendo?!” O irmão de Lahan exigiu, arrancando-a dela mais rápido que um raio.

“Awww,” Chue disse, girando teatralmente. “Isto é estoque de sementes! Para plantar! Não para comer!”

“Sim, mas não há nada além de trigo por aqui! Quase não há arroz. Pensei que um pouco de batata aumentaria um pouco.”

“Congee de batata parece bom.” Maomao percebeu que seu estômago estava roncando. Um congee bom e resistente seria melhor do que pão para começar o dia.

“Nós vamos plantar isto! Você não pode comer!” O irmão de Lahan disse como se estivesse repreendendo uma criança. Ele soava estranhamente como Frizzy-Glasses. Talvez fosse porque eles eram irmãos. Uma ovelha próxima olhou para cima e deu um "Baa!" reprovador como se dissesse "Fale baixo!"

"Argh... Não vou mais poder usar isso como caldo", o irmão de Lahan gemeu, olhando miseravelmente para a batata meio descascada.

"Vai ser um café da manhã delicioso, então!" "Suspiro... Acho que é melhor."

"Não sozinho, no entanto! Vou precisar de pelo menos mais três!"

"Não! Absolutamente não!" O irmão de Lahan retrucou, parando Chue antes que ela pudesse fazer mais travessuras. Os punhos de Maomao cerraram-se. Verdadeiramente, ela viu, esse homem mais comum tinha seu lugar para brilhar: era quando gracejava com alguém que o irmão de Lahan se destacava.

"Ok, vamos esquecer o café da manhã por um segundo. Você acha que podemos plantar aqui?"

Pessoalmente, Maomao gostaria de ter observado um pouco mais desse vai e vem, mas se ela não mantivesse as coisas em movimento, elas nunca chegariam a lugar nenhum.

O irmão de Lahan cruzou os braços. “Este lugar é muito parecido com a província de Shihoku. Não tão ao norte quanto isso, mas em termos de clima, é mais adequado para batatas brancas do que para batatas doces. É mais frio do que a província de Kaou.”

“Acho que está frio. Engraçado, pensei que estava bem quente na capital ocidental.”

Na verdade, meus ouvidos doem um pouco, pensou Maomao, apertando o nariz e assoando para equilibrar.

“Estamos muito mais acima do nível do mar aqui do que na capital ocidental.” “Acho que sim.”

“Estamos mesmo?” Chue tirou um mapa das dobras de seu manto. “A senhorita Chue é uma excelente leitora de mapas, mas este não lista as elevações. Não é de se admirar que o ar pareça tão rarefeito aqui!”

“Eu sei porque meu pai me contou tudo sobre isso”, disse a pessoa normal

, estufando o peito.

“A temperatura permanece alta na capital ocidental porque o deserto é muito próximo. Por aqui, é um pouco frio mesmo durante o dia”,

disse Chue.

Maomao estava apenas começando a apreciar, em um nível visceral, o quão diferente o clima pode ser mesmo dentro de uma única província. “Você realmente não acha que as batatas vão crescer?”

“Não tenho certeza. Para batatas-doces, temperaturas como as que a província de Kaou tem na primavera e no início do verão são ideais, e não há nada parecido aqui, no deserto ou nas alturas. Pode valer a pena plantar algumas só para ver, mas acho que batatas normais podem ser mais fáceis de cultivar. Só tem um problema...”

O irmão de Lahan parecia completamente tempestuoso. Havia claramente algo sobre essa situação que ele não gostava. De repente, ele se lançou em direção ao ocioso do campo e começou a pisar no trigo, que ainda era pouco mais alto que grama — talvez os fazendeiros estivessem atrasados para plantá-lo.

“O que você está fazendo? Acho que eles vão ficar muito bravos com você!” Chue disse, embora ela apenas ficasse parada e observasse.

“Eu é que estou brava! Olha quantos brotos tem neste trigo! Eles não pisaram nele nem um pouco!”

“Pisaram?” Maomao inclinou a cabeça, confusa, enquanto observava o Irmão de Lahan cruzar o campo como um caranguejo com inclinação agrícola.

“Você tem que pisar no trigo para encorajar os perfilhos. Isso também torna as raízes mais fortes e o trigo mais resistente. Mas olhe para este campo! Eles não estiveram aqui nenhuma vez! E nem em nenhum dos outros campos! Mais perfilhos significam mais espigas! Mais espigas significam mais colheita! Mas olhe para essas plantações patéticas!”

“Uau. Aí está um fazendeiro de verdade para você.” “Quem é um fazendeiro?!”

Uh... Quem mais?

O irmão de Lahan continuou sua ridícula caminhada de caranguejo pelo campo de trigo. Ele pode não saber, gostar ou querer admitir, mas ele era um fazendeiro de corpo e alma. Chue deve ter decidido que pisar no trigo parecia divertido, porque ela se juntou ao irmão de Lahan para andar de um lado para o outro no campo. Nesse ponto, ficou claro que se Maomao não se juntasse a eles, isso nunca acabaria.

Eles ainda estavam caminhando de caranguejo quando os moradores começaram a acordar, então começaram a se aglomerar e ficar boquiabertos, observando o comportamento bizarro dos visitantes de uma

distância segura.

Basen surgiu do meio da multidão. “O que você está... fazendo?”, ele perguntou. Pessoalmente, Maomao não queria ser

interrogado sobre comportamento estranho por um homem com um pato no ombro.

"Você não pode chamar o que eles fazem por aqui de agricultura!", o irmão de Lahan exclamou de seu lugar no tapete.

"Por favor, abaixe a boca durante as refeições, ok?", disse Chue. Ela estava enfiando pão nas bochechas como um esquilo.

Maomao e os outros voltaram para a barraca e decidiram começar tomando café da manhã. Havia pão achatado com espetinhos de carne de ovelha e baozi. Na lareira, havia uma panela fervendo com uma sopa de trigo e carne de ovelha. Eles supostamente estavam bebendo chá, mas não era como nenhum chá que Maomao já tinha tomado. A cor era mais clara do que a maioria e era feito com leite de cabra em vez de água quente.

Parece que laticínios e carne animal são os alimentos básicos aqui. Não há muitos vegetais. Provavelmente haveria ainda menos se esta não fosse uma vila agrícola.

Todos comeram juntos na grande barraca. O congee de Chue não ficou pronto a tempo, então seria o jantar. A batata descascada tinha sido cortada fina e estava cozinhando na lareira.

Basen sentou-se em frente à lareira, então Chue, Maomao e o irmão de Lahan puderam

sentar-se em algum lugar aquecido. Os outros que tinham vindo com eles, incluindo os soldados que serviam como guarda-costas, sentaram-se ao redor deles em uma espécie de círculo.

A sopa estava quente, mas tinha um gosto fraco; Maomao pegou um pouco de sal de Chue e colocou uma pitada em sua tigela. Os espetos eram muito mais satisfatórios do que qualquer coisa que você pudesse comprar em uma barraca de rua na capital imperial. O pão que servia de bandeja era duro; você tinha que quebrar pedaços dele e mergulhá-lo na sopa. Coloque um pouco de queijo aquecido por cima e ficou delicioso.

Quanto aos vegetais, havia alguns na sopa e embalados no baozi, mas a quantidade deixou a desejar.

"Por que eles não sabem como cultivar o trigo? Estou lhe dizendo, essa é a questão! Você percebe o quanto a colheita seria melhor se eles pisoteassem a safra?"

"Tenho certeza de que você está muito certo. Se você não vai comer seu queijo, posso ficar com ele?"

"Ei! Eu nem respondi e você já está comendo!"

Chue tinha arrancado o queijo do prato do irmão de Lahan em um único movimento rápido.

Ela não precisa fazer isso. Queijo era uma coisa que havia de sobra. Ela parecia estar tirando

do irmão de Lahan só para irritá-lo.

Enquanto Maomao e os outros comiam, eles discutiam o que tinha acontecido nos campos mais cedo naquele dia.

“Nós deveríamos estar aqui para uma inspeção das fazendas. Então o que você viu, irmão de Lahan?” perguntou Basen, que já parecia considerar “irmão de Lahan” como seu nome. Ele normalmente teria sido mais meticuloso ao perguntar como ele realmente era chamado — era quase como se houvesse alguma força sobrenatural em ação.

“Eu não sou... Eu te disse, meu nome é—”

“Você trouxe aquelas batatas-semente. Presumivelmente você quer plantá-los”, interrompeu Maomao.

“Eu te disse, Lahan disse para plantá-los se houvesse algum lugar bom. E já que ele me pediu, sinto que tenho que atender ao seu pedido, mesmo que ele seja meu irmão mais novo sem importância...”

Ele é um cara surpreendentemente honesto para alguém com uma família tão terrível.

No entanto, o irmão de Lahan exalava algo que fazia qualquer um querer mexer com ele.

“Ok, então você mencionou os campos de trigo. Há algum tipo de problema?”

“Grandes! Essas pessoas aqui realmente acreditam que montaram esses campos corretamente?” O irmão de Lahan tomou um gole

de sopa.

"Admito que não sou especialista, mas eles realmente merecem ser falados assim st porque eles não fizeram essa pisada de trigo ou algo assim?" Basen perguntou.

Maomao concordou com ele. A pisada de trigo melhorou a colheita, sem dúvida, mas não era como se o trigo não crescesse sem ela. Talvez essas pessoas estivessem ocupadas com outras coisas, e a pisada de trigo simplesmente caiu no esquecimento. A criação de gado era mais importante na província de I-sei, de qualquer forma.

"Não é só a pisada. Seus métodos de plantio são por todo o lugar. Eu entendo que eles fizeram a semeadura direta, mas você precisa pelo menos espaçar as sementes uniformemente! Isso sem mencionar que eles começaram a plantar tarde demais na estação. E eles precisam de mais fertilizante — muito mais! A cor do solo era tão irregular!"

"Uau, você realmente entende do assunto. Batata?"

"Eu não entendo do assunto! E estou cansada de comer batatas!"

Maomao não tinha tais objeções; ela ficou feliz em pegar a batata-doce assada de Chue. Era perfeitamente doce e delicioso por si só — mas espalhe um pouco de manteiga e ele ganhou uma

dimensão extra de riqueza. Chue evidentemente compartilhava da apreciação de Maomao, porque ela discretamente pegou alguns deles, cortou e começou a cozinhá-los.

Maomao entendeu o que o irmão de Lahan queria dizer, mas até ela conseguia pensar em uma possível resposta. “Os métodos de cultivo não variam de região para região? Talvez com eles criando tanto gado aqui, o trigo não seja considerado tão importante. Por que desenvolver técnicas refinadas para trabalhar com uma cultura secundária?”

“Você não está errado. Estou dizendo que o problema aqui não é ignorância, é indiferença. Eles nunca terão uma colheita muito boa com o que estão fazendo agora. Essas pessoas conhecem as técnicas, elas só não estão se preocupando em usá-las.”

“Porque eles têm outras fontes de renda, certo? É um problema tão grande?” Basen perguntou, tomando um pouco de chá com leite.

“É isso que estou dizendo!”

"Você quer dizer, por que eles sairiam do seu caminho para fazer uma agricultura ruim quando eles podem simplesmente ganhar dinheiro de outras maneiras, é isso?" Maomao disse. Ela pensou ter visto o que o irmão de Lahan queria dizer.

"S...Sim. É isso que eu quero dizer", disse o irmão de Lahan, relaxando um pouco agora que

ele finalmente sentiu que alguém o entendia.

"Eu não entendo", disse Basen.

"Isso também não está fazendo sentido para a Srta. Chue. Explique de uma forma que ela possa entender", disse Chue.

"Se eles podem se alimentar inteiramente com pastagem nômade, por que não fazer isso?" Maomao disse. "Estabelecer-se em um lugar para plantar campos só torna muito mais difícil criar gado. O que implica que havia alguma vantagem em viver sedentariamente que fazia a troca valer a pena."

"Sim. Você se esgotaria, tentando fazer esse tipo de coisa enquanto viaja", observou Basen.

"Isso mesmo. Não é incomum que pastores nômades se estabeleçam e se tornem fazendeiros — incluindo, ao que parece, o dono desta tenda. Então eles se tornaram fazendeiros porque não tinham outra escolha, ou porque achavam que havia algum benefício específico nisso? Se eles fizeram isso voluntariamente, pelas vantagens, você não esperaria que eles estivessem mais interessados em melhorar suas colheitas?"

O irmão de Lahan assentiu assiduamente para a explicação de Maomao, embora os outros dois continuassem parecendo perplexos.

"Acho que não sou muito de explicar. Isso faz algum sentido?", ela perguntou.

"Quer dizer... eu entendo que algo está errado

aqui", disse Basen. "É difícil colocar em palavras, não é?", disse Chue.

Maomao gemeu e deu uma mordida em sua batata, que tinha esfriado.

Não havia nada remotamente doce por aqui, então a doçura da batata era muito mais pronunciada.

Nesse momento, Maomao olhou para a entrada da tenda. Duas crianças estavam olhando para os visitantes com interesse. Um menino e uma menina de cerca de dez anos, provavelmente irmãos.

"Quer um pouco?", perguntou Maomao.

As crianças pareciam um pouco intimidadas, mas estenderam a mão para pegar a batata-doce, que nunca tinham visto antes. Cada uma deu uma mordida e seus olhos se arregalaram.

"Podemos comer mais?", perguntaram.

"Pode. Mas talvez você possa responder algumas perguntas para mim primeiro", disse Maomao. Já que as crianças tinham vindo direto até elas, esta seria a oportunidade perfeita para desenterrar algumas informações.

Depois do café da manhã, eles fizeram um tour pela vila com as crianças.

"Suas famílias estão cuidando dos campos como deveriam? Eles não estão cortando atalhos, estão?", perguntou Chue aos irmãos, sem rodeios.

O irmão e a irmã trocaram um olhar.

"Mas você não pode cortar atalhos em um campo, pode?" "Sim, pode?"

"Não acho que crianças tão novas vão entender o que você quer dizer, Srta. Chue."

“Você acha que não, Srta. Maomao?” Ela deu outra batata cozida para as crianças.

“Os adultos dizem que podem ganhar dinheiro para começar os campos. Mas não sei se é isso que significa cortar custos.”

“Dinheiro? Você quer dizer vendendo o trigo?”

O irmão mais velho balançou a cabeça. “Nuh-uh. Hum... Dizem que você ganha o dinheiro mesmo que não cultive as plantações, então a vida é fácil...”

“Ei! Vocês, crianças! Nós dissemos para vocês ficarem longe dos convidados!” um dos adultos rugiu, e os irmãos saíram correndo, assustados — embora não o suficiente para

derrubar suas batatas.

“No! Esperem!” Maomao gritou para eles, mas era tarde demais. Eles já tinham ido embora.

Então eles são pagos mesmo que não cultivem nada? Isso soou suspeito. Se fosse verdade, explicaria por que eles não sentiam nenhuma compulsão para cuidar das plantações.

“Sinto muito. Essas crianças fizeram algo errado?” Maomao perguntou. “Não, nada,” o aldeão disse, embora ele continuasse a dar a

Maomao

e aos outros um olhar de desculpas. Nesse caso, Maomao desejou não ter gritado. Ele havia afastado dois jovens informantes muito dóceis. Maomao gostaria de ter perguntado um pouco mais sobre o dinheiro supostamente naqueles campos.

Não parece que eles estão escondendo nada, ela pensou enquanto eles continuavam a andar pela aldeia. Ao que tudo indica, era tranquilo, pacífico. Nada de especial. Não havia lojas comerciais para falar; as pessoas, em geral, se sustentavam. Eles disseram que um comerciante vinha uma vez a cada dez dias. Os aldeões provaram ser gentis e amigáveis. Era difícil imaginar que estivessem fazendo algo errado.

Talvez as crianças tenham entendido mal alguma coisa, e agora estamos pensando demais.

Havia um homem, no entanto, que parecia estar levando isso muito mais a sério do que Maomao.

"Pobre Gege! Você parece pronto para quebrar alguma coisa. Tente sorrir!", disse Chue, sempre pronto para dar um pouco de dor ao irmão de Lahan.

O irmão de Lahan franziu o cenho e olhou para os campos da aldeia. Ele carregava uma sacola cheia de batatas-semente. Nominalmente, eles estavam ali em uma excursão de inspeção, mas ele veio em busca de uma boa oportunidade

para introduzir essa nova safra — e se ele ia dar às pessoas algo novo para cultivar, sem dúvida ele gostaria que elas estivessem um pouco mais interessadas em cultivá-la.

O irmão de Lahan sempre negou veementemente ser um fazendeiro, mas era profundamente devotado às artes agrícolas. Ele era um homem comum, bom e paradoxal. Ele também pode ter negado ser comum, mas o princípio que motivou seu comportamento parecia tão normal quanto o de qualquer outra pessoa.

O mundo está cheio de filhos mais velhos que não estão realmente interessados em herdar a chefia da família, pensou Maomao, mas ela imaginou que se ela apontasse isso para o irmão de Lahan, ele só ficaria bravo.

A coisa mais eficiente poderia ter sido se separar e cada um começar a fazer suas próprias perguntas, mas eles não podiam fazer muito alarde de marchar por aí. O espírito patriarcal estava vivo e bem na província de I-sei, e uma mulher estranha indo aqui, ali e em todos os lugares sozinha dificilmente seria bem recebida. Eles poderiam designar um guarda-costas, mas seria Maomao falando mais, então não resolveria o problema.

Chue não parece ter nenhum problema em fazer suas próprias coisas, no entanto.

Ela alegou ter negócios a tratar e desapareceu em algum lugar. Ela poderia ser estranha, mas Suiren a aceitou, então ela provavelmente estava segura.

A melhor aposta de Maomao seria convencer o irmão de Lahan ou Basen a fazer perguntas em seu nome. Se ela tivesse que escolher um deles, ela escolheria o irmão de Lahan — Basen tinha um pato o seguindo, e os moradores estavam olhando para ele de forma estranha.

Felizmente, Maomao não precisou convencer o irmão de Lahan a fazer nada — ele já estava fazendo o que ela queria. Ou seja, perguntar aos moradores se houve algum dano causado por insetos ultimamente.

"Insetos, hein?" disse um dos moradores.

"Sim. Os insetos não foram especialmente ruins no ano passado?"

"Hmmm... Bem, há pragas que vêm todo ano. No ano passado, assim como em todos os outros. Eles causaram muitos danos, com certeza, mas nós sobrevivemos de alguma forma. Podemos agradecer ao governador por termos comida para colocar em nossas mesas."

O governador. Seria Gyoku-ou? Então os gafanhotos foram ruins, mas não ruins o suficiente para consumir toda a colheita?

"Hrm. Tudo bem. Mais uma coisa, então. Aquele campo ali — de quem é? Eu gostaria de conhecê-los.” O irmão de Lahan apontou para um

dos campos de trigo.

"O quê, aquele? Ah, aquele é o campo de Nianzhen. Ele é um velho, mora nos limites da cidade. Você não pode deixar de ver o lugar dele — tem um santuário bem do lado."

"Obrigado. Vou dar uma olhada."

"Você não pretende realmente ir vê-lo, pretende?" O aldeão parecia nitidamente desconfortável.

"Sim. Algum tipo de problema com isso?"

"Bem, olha, eu não vou te impedir. É só que... O velho pode te confundir às vezes. Ele não é uma má pessoa, no entanto. Se isso não te incomoda, eu

acho que está tudo bem."

Havia algo engraçado no tom do aldeão. Se alguma coisa, os deixou ainda mais curiosos.

Maomao e os outros seguiram para os limites da cidade como o aldeão havia dito.

"Com licença", disse Maomao, puxando o manto do irmão de Lahan. "Sim?"

"O que faz você se interessar tanto por esse campo em particular?" "Você não percebe? É o único bonito que existe." "Bonito?"

Poderia haver melhores descrições para um campo, ou talvez coisas melhores para descrever como bonito, mas o irmão de Lahan estava falando sério.

"Os outros campos são dispersos, não bem

dispostos — só que aquele está bem dividido em seções. Ele também foi pisoteado — há trigo bom e forte crescendo lá."

"Se você disser y so."

Quando ele mencionou isso, ela pensou que talvez pudesse ver, mas infelizmente, Maomao não tinha tanto interesse em trigo.

Parece que não há nenhuma erva mondo por aqui...

Pensar em trigo naturalmente a levou a pensar em plantas medicinais. A planta que ela tinha em mente, no entanto, às vezes chamada de barba-de-cobra, realmente não tinha nada a ver com trigo. Especificamente, ela pensou nas raízes. Trigo com ergot poderia ser usado medicinalmente, embora suas propriedades tóxicas tendessem a receber mais atenção. Como ainda não havia espigas, de qualquer forma, era difícil para ela reunir muito interesse.

Não há plantas boas em lugar nenhum por aqui!

Maomao estava à beira de sofrer de uma falta crônica de ervas medicinais, uma condição piorada pela grande variedade de medicamentos que ela conseguiu encontrar desde que se tornou assistente médica.

Drogas! Quero ver algumas drogas...

Só o pensamento provocou um episódio repentino, sua respiração ficando irregular. Não havia nem um bom remédio na beira da estrada

no caminho para cá.

"E-Ei, você está bem? Você não parece muito bem", disse o irmão de Lahan, preocupado.

"P-Desculpe. Não é nada..."

Fácil de dizer, mas ela queria ver algumas drogas. Sentir o cheiro delas.

Ela tomaria qualquer coisa, mesmo que fosse venenosa. O que havia por perto que pudesse servir como remédio? Talvez as ovelhas pastando preguiçosamente nos campos.

Você pode usar os chifres delas como remédio? Não consigo lembrar direito...

Ela pensou que se chamava ling yang jiao, e yang significava "ovelha". No entanto, essas deviam ser um tipo diferente de ovelha, porque seus chifres não se pareciam em nada com os medicinais que Maomao tinha visto.

Talvez ainda tivessem um efeito semelhante...

Com os braços estendidos como um ghoul faminto, Maomao alcançou a ovelha mais próxima da cerca.

"Uau! Ei! Eu sabia que havia algo errado com você!" O irmão de Lahan prendeu as mãos dela atrás das costas. Maomao estava perfeitamente ciente de que seu comportamento era errático, mas seu corpo parecia agir por conta própria. Ela só precisava de remédio — qualquer remédio!

"M... remédio", ela disse asperamente, tentando pedir ao irmão de Lahan que trouxesse

algum tipo de droga, qualquer coisa.

"Remédio? Você está doente?"

"O que está acontecendo aqui?" Basen perguntou, vindo com seu pato. "Ela disse que precisa de remédio."

"Ela precisa? Pensando bem, Lady Suiren me deu algo antes de sairmos." Basen arrancou um objeto envolto em pano das dobras de seu manto. "Ela disse que se o 'gato' começasse a agir de forma estranha, eu deveria mostrar isso a ela."

O pacote estava marcado como Um. Ele o desembrulhou lentamente: continha algo seco.

"C-Cavalo-marinho!"

Talvez mais conhecido pelo nome bastardo do dragão. Formas de vida subaquáticas bizarras, não exatamente peixes e nem exatamente insetos.

Basen prontamente escondeu a criatura seca novamente. "Não!"

"Hmm, vamos ver aqui", disse Basen, examinando um bilhete que estava enfiado no pacote. "Quack!" grasnou o pato, lendo por cima do ombro. "'Se Maomao começar a agir de forma estranha, mostre a ela o conteúdo deste pacote.

No entanto, você não deve deixá-la ficar com eles imediatamente. Assim que o trabalho estiver concluído, ela pode ficar com um deles.'"

Era Basen lendo o bilhete, mas de alguma forma Maomao ouviu a voz de Suiren.

É ela e aquela velha bruxa...

Suiren não lidava com Maomao da mesma

forma que a madame da Casa Verdigris, mas ela tinha seus métodos — e eles funcionavam. Ela tinha visto

Jinshi balançar prêmios medicinais na frente do boticário vezes suficientes para saber o que funcionava com Maomao. O fato de ela ter dado essa coisa a Basen, até o bilhete, provou que ela ainda o via como um garotinho gentil que precisava de uma babá para lhe mostrar como fazer Maomao fazer o que ele queria.

"Você ouviu a moça", disse Basen. "Você se recuperou do seu pequeno ataque?"

"Sim, senhor! Melhorou!" Ela jogou as mãos no ar para demonstrar. "Como pode ser isso? Quem já ouviu falar de um remédio que funciona só de

olhar?!" exigiu o Irmão de Lahan, sem deixar de interromper.

"Dizem que a doença começa no espírito. De qualquer forma, não se preocupe com isso. Precisamos nos apressar e fazer nosso trabalho", disse Maomao.

E pegar aquele cavalo-marinho!

Eles disseram que cavalos-marinhos aumentam a vitalidade.

"Não, pare. Isso não faz sentido. Algo está errado aqui.

Algo está errado aqui!"

"Eu não sei, Irmão de Lahan. O jeito que você

se repete assim me lembra alguém...”

Especificamente, alguém com cabelo desgrenhado e óculos. “Eu disse, meu nome não é Irmão de Lahan! É—”

“Bem, é melhor irmos. O tempo está passando,” disse Basen, interrompendo o Irmão de Lahan antes que ele pudesse dar seu nome—era praticamente uma piada recorrente agora. Eles teriam que tomar cuidado para que não passasse do tempo.

O fazendeiro tinha falado de um santuário, mas não parecia muito com os santuários que Maomao estava acostumado. Era feito de tijolos, e não tinha janelas. Dentro havia um pano pendurado, e no lugar de uma estátua havia uma pintura dos deuses na parede.

Ao lado do santuário havia um barraco, aparentemente a casa que o aldeão havia mencionado.

“Tudo bem, aqui vai nada,” disse o Irmão de Lahan, que ainda não parecia achar que isso era uma boa ideia. Ele bateu na porta. Então ele esperou. Não houve resposta. "Talvez ele esteja fora?"

"Você acha que ele está no trabalho? Tenho certeza de que ele tem que cuidar de algumas ovelhas ou do seu campo ou algo assim." Era quase hora do almoço, então, esperava que ele voltasse logo.

Nesse momento, uma voz baixa e rouca veio de trás deles. "Posso ajudar

vocês?"

Maomao e os outros se viraram para encontrar um homem mais velho com pele bronzeada parado ali. Ele tinha uma enxada nas mãos e um pano enrolado no pescoço — a própria imagem de um fazendeiro. Suas roupas, remendadas em alguns lugares, estavam manchadas de terra escura.

Sim, ele era um fazendeiro, tudo bem — mas a mão de Basen imediatamente foi para sua espada e ele se acomodou em uma posição de luta. Maomao viu o porquê.

"Ei, agora, o que você acha que está fazendo? Vai atacar um simples fazendeiro?"

A pele bronzeada do homem estava coberta de descolorações, algumas da idade, outras das longas horas passadas sob o sol escaldante. No entanto, não foram essas coisas que assustaram Basen.

Não, seria o olho esquerdo faltando do homem. A cavidade se abriu em seu rosto, o globo ocular simplesmente ausente. Sua mão direita, enrolada na enxada, estava sem o dedo indicador, e sua pele exposta estava coberta de cicatrizes de espadas e flechas. Maomao viu por que o aldeão parecia tão intimidado e por que Basen reagiu instintivamente. Este homem tinha o

ar não de um fazendeiro, mas de um soldado.

"Você esteve no exército, senhor?" Basen perguntou, tomando cuidado para soar educado.

"Nada tão chique quanto isso. Eu era apenas um gafanhoto causando problemas nas planícies."

Gafanhoto...

Uma escolha impressionante de palavras. E havia algo mais que incomodava Maomao.

"Você estava trabalhando nos campos?" ela perguntou antes que pudesse se conter. Havia a enxada em suas mãos e a lama em sua camisa — ela reconheceu as manchas.

“O que mais você acha que eu estaria fazendo?”, perguntou o homem, embora não parecesse particularmente incomodado.

A pergunta de Maomao parecia, de fato, óbvia — mas havia algo que lhe ocorreu enquanto olhava para os campos da vila. “Eu simplesmente não achava que alguém normalmente ficasse tão sujo fazendo trabalho de campo.”

Você não ficaria tão sujo assim nem cuidando do trigo, não nesta época do ano. A poeira dos campos estava seca; contanto que não se saísse do caminho para usar terra úmida, não deveria ter ficado assim.

“Diga-me, um homem chamado Rikuson veio por aqui?”

“Hrm... Vocês são amigos dele?” O fazendeiro piscou para eles com seu único

olho, então abriu a porta de seu galpão. “Entre. Posso lhe oferecer leite de cabra, pelo menos.”

Ele encostou sua enxada na parede e os conduziu para dentro.

O velho era de fato Nianzhen, e sua casa era tão simples por dentro quanto por fora.

É muito parecida com a minha casa, na verdade, pensou Maomao, imaginando seu barraco no bairro de prazeres. Nianzhen tinha uma lareira, um catre e uma mesa bem modesta; era só isso, além dos implementos agrícolas. Sua casa parecia ser dedicada à agricultura, assim como a de Maomao era à medicina.

A julgar por este cômodo, ele parece um homem bem simples.

Aquelas cicatrizes por todo o corpo, no entanto — não pareciam as marcas de um homem que ganhava a vida como um fazendeiro honesto.

Havia três cadeiras lá dentro. Nianzhen deixou os convidados sentarem, enquanto ele ficava de pé e despejava leite de cabra em xícaras de chá lascadas. O pato bicava o chão de terra. Alguns grãos devem ter caído ali.

“Você está certo — um homem chamado Rikuson passou por aqui.

Teria sido há cerca de dez dias.” Apenas um dia antes de Maomao e os outros o encontrarem na capital ocidental.

“Você sabe por que ele estava aqui?” Maomao

perguntou. Ela tinha planejado originalmente deixar Basen ou o irmão de Lahan falarem, mas já que ela havia mencionado Rikuson, ela lidaria com essa conversa.

“Por que ele estava aqui? Tudo o que ele fez foi pegar uma enxada e me ajudar a arar.” “Arar? Você quer dizer, para se preparar para o plantio da primavera?”

O trigo podia ser cultivado em duas estações. As sementes plantadas no inverno podiam ser colhidas na primavera ou no início do verão, enquanto as sementes plantadas na primavera podiam ser colhidas no outono.

“Não, não. Eu preciso fazer o plantio da primavera, mas não era disso que se tratava.”

Nianzhen colocou o leite de cabra na mesa e deslizou os copos em direção a Maomao e os outros. Basen parecia não ter muita certeza sobre essa bebida desconhecida, mas Maomao estava grata pela oportunidade de molhar a garganta. Era leite de cabra normal — morno, mas sem nada de estranho nele.

"Pode soar um pouco exagerado, mas eu pedi para ele me ajudar com o ritual." "Ritual?", perguntou Maomao. Basen e o irmão de Lahan trocaram um olhar, tão

confusos quanto ela. "Você quer dizer algum tipo de cerimônia para rezar por uma boa colheita?"

"Mais para evitar uma ruim."

"Sinto muito... Isso tudo é um pouco difícil para eu entender. Você acha que poderia explicar mais detalhadamente?"

Em resposta, Nianzhen sentou-se na cama, com a língua para fora da boca. Suas maneiras menos refinadas estavam aparecendo. "Vocês estão dispostos a ouvir um velho tagarelar um pouco? Os aldeões certamente não estão."

"Escute, senhor, não temos muito tempo a perder", disse Basen, ficando irritado.

"Oh, bem, me desculpe." Nianzhen deitou-se e rolou no catre.

Maomao se levantou, levantando a mão para parar Basen. "Senhor, me desculpe. Por favor, diga o que você tem a dizer." Ela abaixou a cabeça. Desculpas eram de graça, afinal. Se ele ia ficar todo irritado com isso, ela poderia muito bem pedir desculpas.

"Hrrm, eu não sei", disse Nianzhen. De outra pessoa, poderia ter soado brincalhão. Dele, soou sádico. "Acho que não estou mais com vontade."

"Cuidado com sua atitude!" Basen estava prestes a avançar, mas Maomao o deteve novamente. O irmão de Lahan, desacostumado a conflitos, havia se tornado um espectador.

Eu sei que ele é cabeça quente, mas queria que ele parasse de arrumar brigas. Ela conhecia a força de Basen e duvidava muito que um velho tivesse chance contra ele. Mas quem sabe? Às

vezes, esses velhos bastardos teimosos acabam sendo mais durões do que você imagina. Talvez Basen pudesse superar o velho fisicamente, mas e se ele simplesmente se recusasse a admitir a derrota e se calasse?

Isso seria ruim para nós.

Ela tinha a sensação de que Nianzhen estava apenas sendo teimoso. Ele os deixou entrar em sua casa quando mencionaram Rikuson — ela suspeitava que havia algo que ele realmente queria desabafar.

"O que podemos fazer para que você fale conosco?", disse Maomao, o mais humilde que pôde ser.

"Hrm. Bem, que tal um joguinho de adivinhação?" "Senhor? O que exatamente devemos adivinhar?" "Simples. O que eu costumava ser."

Sim, simples. Se eu soubesse o que ele quis dizer.

Basen e o irmão de Lahan ainda estavam se olhando. O pato fez o que Basen não conseguiu e bicou os pés do velho.

"Tudo bem, vou tentar", disse Basen, mas Nianzhen acenou com a mão

com poucos dedos.

"Não estou perguntando a você, garoto. Estou falando com a garota ali."

"K-Kid?" Basen se forçou a se controlar. Para

um homem velho e cheio de cicatrizes como esse, ele realmente não passava de um jovem safado.

Então, apenas Maomao tinha o direito de responder. A questão era: o que ela deveria dizer?

Nianzhen... É um nome bom e forte. Significava "intuir a verdade". Espero que ele seja tão honesto quanto seu nome sugere, e que tudo o que ele nos disse seja verdade, ela pensou, revendo em sua mente o que ele havia dito. Nianzhen havia se chamado de "gafanhoto", um inseto nada favorável para um fazendeiro.

Então ele destrói plantações?

Nianzhen não tinha o dedo indicador nem o olho esquerdo.

Você normalmente não se machuca tanto como fazendeiro. Mas ele diz que nunca esteve no exército.

Ele deve ter pelo menos participado de algum tipo de batalha. Várias, a julgar pela extensão de seus ferimentos.

Sem o dedo, ele não seria capaz de usar uma arma. Especialmente um arco...

Maomao se viu pensando nos bandidos que os atacaram no dia anterior. Eles e seus braços quebrados provavelmente já estavam nas mãos das autoridades.

Apenas alguns resultados para ladrões como eles. Enforcamento, por exemplo. O melhor que eles podem esperar é mutilação...

Então ela se lembrou de Nianzhen dizendo que

Rikuson o ajudou com uma cerimônia de algum tipo.

"Nianzhen", ela disse.

"Sim?" A atitude dele a desafiou a adivinhar. O irmão de Lahan estava olhando para Maomao com o que parecia ser indignação, não que isso importasse para ela. Talvez ele não gostasse que ela já soubesse o nome desse velho aleatório, embora eles tivessem se conhecido apenas alguns minutos antes.

Não é o problema agora. Maomao respirou fundo e deixou as palavras saírem rapidamente: "Você foi um sacrifício humano, senhor?"

Todos congelaram.

"Que tipo de resposta é essa?!" Basen exigiu.

“Você não conhece a expressão? É quando alguém é sacrificado enquanto ainda está vivo.”

“Claro que eu sei disso! O que eu não sei é por que você acha que tem algo a ver com esse velho. Ele obviamente ainda está vivo!”

Enquanto sacrifícios adequados tendem a acabar mortos.

Maomao, no entanto, manteve sua resposta. “Ele não perguntou por quê. Apenas

o quê.”

Ela olhou para Nianzhen, que não demonstrou nenhuma descrença ou aborrecimento de Basen. Em vez disso, ele parecia de alguma forma satisfeito. “Sim,” ele disse, “entendo. Um

sacrifício. Talvez seja isso que eu era.”

Nianzhen soltou um longo suspiro e estreitou seu único olho restante. “Vocês três seriam gentis o suficiente para ouvir os devaneios de um

velho tolo?” Seu tom era leve, mas havia profunda emoção em seus olhos.

“Se você fosse gentil o suficiente para nos deixar,” Maomao respondeu. Desta vez, Basen e o irmão de Lahan, atentos para não aborrecer Nianzhen novamente, abaixaram a cabeça respeitosamente

Capítulo 8: As divagações de um velho

Já faz mais de cinquenta anos e havia o dobro de nômades do que hoje. Talvez mais. Eu era um deles, nascido em uma tribo que era — bem, você pode dizer mais guerreira do que muitas das outras. Ter uma mentalidade marcial parece bom e tudo, mas na verdade éramos pouco mais que bandidos. Nós principalmente criávamos gado, mas se um de nós quisesse uma esposa, ele iria para uma das tribos vizinhas ou uma vila estabelecida e simplesmente pegaria uma. Roubo e até mesmo a venda de pessoas eram apenas negócios paralelos comuns para nós.

Ah, não me olhe assim. Eu sei que era errado. Mas na época, eu não questionei — eu achava que era assim que a vida funcionava. Meu avô tinha feito isso, e seu pai. Minha avó e minha mãe eram mulheres sequestradas. Tudo parecia perfeitamente natural para mim. Mas eu sei melhor do que ninguém o quão ruim era.

Seguindo em frente.

Eu era um jovem na época, apenas na adolescência, mas até o chefe confiava no meu arco. Ele sempre me queria em grupos de ataque. Eu sabia que se vencêssemos nossas batalhas, comeríamos boa comida, ganharíamos mais coisas.

Se os perdedores não gostassem, bem, a culpa era deles por nos deixarem vencê-los. Um orgulho fácil de reunir quando você nunca provou o gosto da derrota.

Esse orgulho se espalhou, até infectar a tribo inteira.

Então, um dia, o filho do chefe, ele disse que queria uma garota Windreader.

A tribo Windreader, eles eram... Hmm. Algo como sacerdotes, eu acho. Eles eram encarregados de rituais para todos nas planícies. Eles se moviam pela terra, criando pássaros e lendo o vento. Eles tinham muitas pessoas muito inteligentes naquela tribo — eles podiam dizer como seria o clima a cada ano, e eles nunca estavam errados.

Havia muitas pessoas duras entre nossos clãs. Pessoas violentas. Mas havia um entendimento tácito — ninguém tocou na tribo Windreader.

Até que quebramos essa regra.

Nós atacamos a tribo Windreader para conseguir uma esposa para nosso futuro chefe. Os Windreaders estavam bem no meio de um de seus rituais, dificilmente um arco ou espada entre eles. O que eles tinham? Coisas estranhas. Parece que o

ritual envolvia pássaros domesticados e enxadas. As mulheres seguiam os pássaros, enquanto os homens trabalhavam o solo com suas enxadas.

Engraçado, certo? Mas esse era o ritual, eu acho. Lembro-me do filho do chefe rindo. Como ele zombou: "Eles parecem um bando de fazendeiros". E então ele disse: "Fogo".

Lembro-me de como meu arco rangeu antes de eu disparar minha flecha. A maneira como ele vibrou, o arco que a flecha fez. O baque quando encontrou seu alvo em uma das cabeças dos Windreaders.

Esse foi o sinal para atacar.

Eles estavam indefesos como bebês. Eles não tinham armas; eles estavam apenas trabalhando a terra. Não era preciso habilidade para matá-los — era tão fácil quanto encurralar um cervo ferido.

A pilhagem que ocorreu naquele dia foi a pior que já vi na minha vida, embora só tenhamos percebido depois. Não hesitamos em matar aqueles que nos serviam como sacerdotes. Na verdade, isso piorou tudo. Talvez fosse o medo de assassiná-los — o medo de que, se deixássemos algum deles vivo, eles pudessem contar aos deuses o que tínhamos feito.

Matamos todos os homens adultos e as mulheres mais velhas também. Deixamos apenas as mulheres jovens vivas. Vendemos as crianças mais novas como escravas e os pássaros da tribo? Esses viraram nosso jantar.

História repugnante, não é? Mas fizemos isso. Foi até emocionante, de certa forma.

É por isso que não percebemos, não naquela hora — mesmo durante a pilhagem, um pássaro particularmente estúpido continuou bicando o chão. Lembro-me de vê-lo, mas apenas lancei a criatura. Só mais tarde descobri que ele poderia ser a única coisa entre nós e o desastre.

Depois disso, deixamos nossos apetites correrem ainda mais selvagens do que antes. O filho do chefe levou a garota Windreader contra sua vontade, e ela engravidou. Mais ou menos na época em que ela deu à luz seu segundo filho, foi quando a catástrofe aconteceu.

Havia uma grande sombra escura sobre toda a planície, como uma mancha de carvão contra o céu. A princípio, pensamos que era uma tempestade fora de época.

Goldenagato | mp4directs.com

Então ouvimos o que parecia um zumbido em nossos ouvidos. O gado estava inquieto. As crianças se agarravam a nós com medo, e as mulheres as seguravam perto.
Um homem saiu em seu cavalo, dizendo que iria investigar, mas logo voltou, quase fugindo em nossa direção. Suas roupas estavam em farrapos — mas também seu cabelo, até mesmo sua pele. Seu cavalo estava quase louco de medo; eu lhe digo, foi um trabalho acalmá-la. Ela parecia ter sido mordida por alguma coisa. Perguntamos ao homem se ele tinha sido atacado.
Parece que você já tem uma boa ideia do que ele encontrou, mas deixe um velho explicar para você. Os moradores, eles não acreditam nessa história de jeito nenhum. Não há nada desse tamanho por aqui há décadas, eles me disseram.
De qualquer forma, o batedor não precisou nos dizer o que ele encontrou — porque um momento depois, ele nos encontrou.
Insetos. Insetos por todo o nosso acampamento, mais do que você pode contar.
Gafanhotos.
Eles eram uma nuvem negra que atacava nossas tendas. O bater de suas asas era ensurdecedor, e a única coisa pior era o som deles mastigando. As ovelhas pastando nos campos fugiam, aterrorizadas, e os cães uivavam como bestas possuídas.

Os homens balançavam suas espadas descontroladamente, mas o que eles iriam fazer, bater nas coisas do céu? Tentamos balançar tochas em vez disso, mas não poderíamos ter tido uma ideia pior. Gafanhotos em chamas rastejavam por tudo e todos, e a tragédia só piorou.

Comecei a pisar nos insetos no chão; era a única coisa que eu conseguia pensar em fazer. Nenhum deles era maior do que um par de sóis, mas era como se estivéssemos na barriga de um gafanhoto gigante.

As mulheres tentaram se esconder nas tendas, mas os insetos entraram pelas rachaduras. Eu podia ouvir as crianças chorando lá dentro. Eu podia ouvir suas mães gritando; elas nem pararam para confortar seus filhos. Eles abusaram de seus maridos, dos homens que não conseguiam proteger suas próprias famílias dos insetos. Essas eram mulheres que tinham sido arrancadas de suas próprias casas para serem noivas, e agora elas deixaram sair tudo o que tinham armazenado até aquele momento.

A grama não era suficiente para as criaturas; elas atacaram nossos estoques de comida também. Trigo, feijão e vegetais, claro; mas elas até foram atrás de nossa carne seca. Elas mastigaram buracos em nossas tendas. Quando finalmente partiram, as únicas coisas em seu rastro eram pessoas exaustas de tanto gritar, e

inúmeros gafanhotos mortos.
Elas tinham comido tudo, e nosso gado tinha fugido.
De alguma forma, conseguimos encontrar um cavalo, e fomos até uma vila para tentar obter algum tipo de comida. Sabíamos que éramos apenas bandidos para eles, então tentamos escolher alguém que eles não reconheceriam. Mas não foi o suficiente. Assim que ele chegou perto, eles atiraram nele. Nunca sonhamos que eles atirariam em alguém sem nem mesmo tentar descobrir quem era primeiro.
Nós corremos. Ele não conseguia nos acompanhar, mas corremos do mesmo jeito. Lembro-me dele nos alcançando, implorando por ajuda, mas não havia nada que pudéssemos fazer por ele. Em vez disso, simplesmente o deixamos lá.
Olhei para trás, apenas uma vez. Os moradores arrastaram nosso amigo e seu cavalo para a aldeia. Acho que deveríamos saber. Não era como se fôssemos os únicos devastados e deixados famintos pelos gafanhotos.
Só rezei para que o homem que havíamos abandonado não sofresse antes de morrer.
Eu sei. Engraçado, não é? Oração daqueles que assassinaram seus padres.
Não tínhamos mais nada para comer, então matamos os poucos animais que nos restavam. Fizemos sopa, tentando enchê-la com algumas gramíneas, mas tudo o que fizemos foi nos

deixar doentes. Algumas crianças estavam com tanta fome que recorreram a comer os gafanhotos no chão, então um deles morreu. Talvez os gafanhotos fossem venenosos, ou talvez comessem as coisas sem arrancar as pernas primeiro; não sei. Eles definharam por falta de nutrição, então começaram a morrer quando ficaram fracos demais para continuar.
Então havia as mulheres grávidas — elas precisavam de duas vezes mais nutrição do que o resto de nós, então é claro que elas também ficaram fracas. Seus corpos definharam, mas suas barrigas continuaram crescendo. A esposa do próximo chefe era assim — não havia comida para ela depois da tragédia. Seu primeiro filho se agarrou a ela, chupando o polegar para tentar se distrair da fome.
Você não ficará surpreso ao saber que o segundo nasceu morto.
A morte de seu filho quase quebrou o filho do chefe — e ele sofreu outro golpe quando sua esposa morreu logo após o parto.
Com o que restava de suas forças, ela disse: "Vocês, bastardos, profanaram o ritual, e agora não há mais Leitores do Vento para fazer os ofícios para vocês! Os insetos ameaçarão o povo das planícies pelo resto dos tempos!"
Ela deve ter essas palavras dentro dela há anos, desde que matamos seu povo e a sequestramos. Ela riu e morreu segurando seu filho murcho em seu corpo devastado.

As pessoas começaram a concordar que era como ela disse: nós éramos a causa desse

desastre, por termos interrompido a observância ritual. Todos nas planícies nos tomaram como seus inimigos.

Não vou fingir que não servir, mas mesmo assim, queríamos sobreviver. Comíamos grama, comíamos insetos, matávamos e éramos mortos, e continuávamos fugindo.

Um homem faminto recorreu a comer a carne de seu amigo morto. Quando isso não foi o suficiente, ele começou a tentar matar os vivos para se alimentar. Meu olho esquerdo? Perdi-o para uma flecha disparada por alguém que queria me comer. Puxei-o para fora e atirei nele de volta.

Eu não queria comer ou ser comido, então fugi. Não havia nada para onde correr, no entanto, e me vi faminto, minha garganta seca. Incapaz de suportar a fome por mais tempo, segui o cheiro de congee até uma cidade. Eles estavam fazendo uma distribuição de alimentos pela graça do governador local. O congee que eles distribuíram era uma lama sem gosto, dificilmente adequada para gado, mas para mim foi a coisa mais maravilhosa que já comi.

Eu ainda estava irritado e chorando quando os guardas me prenderam. Parece que alguém na cidade me reconheceu de algum ato de banditismo. Não resisti. Eu estava farto de lutar

— só esperava que me alimentassem na prisão. A ideia de algumas refeições fartas antes de ser enforcado trouxe alegria ao meu coração.
Nunca fui enforcado.
Em vez disso, como punição, cortaram meu dedo para que eu nunca mais pudesse usar um arco. Então me fizeram um fazendeiro. Até hoje, acho que me deixaram escapar facilmente, considerando o que fiz.
O governador, como se viu, sabia sobre os Leitores do Vento e sua cerimônia. Eles foram autorizados a continuar com o misterioso ritual para sua comida porque estavam sob a proteção do governador. Talvez não saibamos o que o ritual significava, me disseram, mas significava alguma coisa.
O quê? Quem era esse governador? Ele se foi agora — com o resto do clã Yi, como tenho certeza de que você sabe. Isso foi antes daquele Gyokuen arrogante fazer seu nome.
O clã Yi sabia sobre a cerimônia dos Leitores do Vento, e é por isso que nos espalharam pela terra como servos — para substituir os Leitores do Vento.
Infelizmente, tudo o que um servo pode fazer é trabalhar a terra. Os Yi não sabiam o que os Windreaders estavam fazendo com seus pássaros e, de qualquer forma, galinhas eram tudo o que tínhamos por perto. Então continuamos com o ritual, mas de forma incompleta.

Então você está certo. Eu tinha permissão para viver puramente para que o ritual continuasse.

Eu sou um sacrifício humano que eles chamam de servo.
Esta vila foi fundada por sacrifícios como eu. Construímos aquele santuário em memória dos Windreaders que matamos. Paguei com minha vida, uma ninharia comparada a assassinar nossos sacerdotes e trazer desastre sobre nós.
Tenho certeza de que ninguém que prestasse atenção em nós acreditaria que o comércio valeria a pena.
Isso tudo nos leva a dezessete anos atrás. Quando o clã Yi foi exterminado, os fazendeiros desapareceram para onde quisessem. Alguns tolos, homens que sempre foram do tipo rude, voltaram para o banditismo.
Ahh, eu conheço esse olhar. Você conheceu alguns salteadores de estrada. Quem sabe? Talvez eu os reconhecesse se os visse.
Você quer saber por que fiquei aqui? Simples — porque nunca mais quero ter gafanhotos me atacando. Não, nunca mais...
Tudo bem, chega de divagação. Tem alguma pergunta para mim?

Capítulo 9: Rito e ritual

Nianzhen tomou um gole de leite de cabra morno para molhar sua garganta ressecada. Maomao, Basen e o irmão de Lahan esperaram em silêncio.

Eu não esperava arrancar tanta informação dele, pensou Maomao.

Ela teria que tentar entender tudo o que ele havia dito a eles.

Ela cruzou os braços. Então, mais de cinquenta anos atrás, Nianzhen e sua tribo destruíram os Leitores do Vento, e vários anos depois disso, uma grande praga de insetos ocorreu. Nianzhen acreditava que a praga havia sido causada pela perda do ritual. Ele se tornou um servo, destinado a passar o resto de sua vida realizando esse ritual. Parecia um resumo justo.

Eu acho que o ritual envolve arar a terra?

Ainda não fazia muito sentido para Maomao — mas fazia para outra pessoa. "Nianzhen? É Nianzhen, certo? Você está falando sobre arar no outono,

então?"

Maomao e Basen olharam para o Irmão de Lahan intrigados — eles não reconheceram aquela expressão.

"É exatamente o que diz — arar depois da colheita no outono", ele explicou.

"E isso é... bom? Não seria mais eficiente arar logo antes de plantar as plantações?" Basen perguntou. Maomao concordou com ele.

"Estou ciente de algumas vantagens. Por um lado, você pode melhorar o solo virando-o e colocando cogumelos de palha de arroz ou algum outro fertilizante, e por outro, ajuda a eliminar ovos colocados no solo por insetos-praga."

As orelhas de Maomao se contraíram, e ela agarrou o Irmão de Lahan pelo colarinho. "Diga isso de novo!"

"Er, uh, você pode colocar palha de arroz..." "Não, o outro!"

"Eliminar insetos-praga?"

"Sim, isso!" Maomao o sacudiu violentamente.

"Ei, pare com isso", disse Basen, segurando-a. "Você está sufocando ele!" Maomao soltou o Irmão de Lahan.

"Ai! Caramba! É tão emocionante assim? É uma atividade agrícola bem comum", ele disse, acreditando claramente que isso era de conhecimento geral.

"Não sei se há muitos fazendeiros por aí tão diligentes quanto você!" Maomao retrucou.

"Er... Oh. Uh, você acha?" O Irmão de Lahan estava claramente tendo alguns sentimentos

conflitantes. Ele apreciou o elogio, mas era difícil para ele aceitar.

"Sim, é exatamente isso que estou fazendo", Nianzhen interrompeu. "Uma rápida olhada ao redor desta vila provavelmente lhe disse — não importa se as pessoas por aqui sabem o que fazer ou não; a maioria delas simplesmente não se importa em fazer isso.

E se o conhecimento não for usado, ele se perde."

Maomao sentiu uma pontada. O Irmão de Lahan disse que o velho era o único na cidade tentando manter um campo decente.

“Posso te perguntar uma coisa? As pessoas aqui estão fazendo um esforço honesto para cultivar trigo? Parece que elas não estão, bem, se esforçando muito”, disse Maomao, plagiando descaradamente o irmão de Lahan.

“Então”, disse Nianzhen, “é óbvio até para os visitantes, não é?” “Sim, senhor. Seu campo era muito mais bonito do que os outros.” De qualquer forma, foi o que um fazendeiro profissional me disse.

“Não estou tentando ser bonito. Só estou tentando fazer uma colheita melhor, e o campo acabou sendo assim. Posso te dizer, nunca pensei que seria o único trabalhando duro aqui.”

“Engraçado como a vida funciona.” A escavação de Basen deve ter doído. Ele era um

militar sério e dedicado. Maomao conseguia entender por que ele poderia ter uma visão negativa de alguém que fez coisas que o colocaram no fundo do poço de esterco humano, mesmo que isso tenha acontecido há mais de cinquenta anos. Ele pode até estar se perguntando por que o homem não recebeu uma punição mais severa.

Maomao teve que admitir, ela não conseguia deixar de se perguntar a mesma coisa.

Ela sabia, no entanto, que executar Nianzhen não mudaria nada. Como ele foi deixado vivo, pelo menos eles poderiam falar com ele e descobrir o que ele sabia.

Eu me pergunto como Rikuson descobriu sobre ele.

Talvez, como Maomao, ele simplesmente andou por esta vila, e talvez, como o irmão de Lahan, ele tenha notado a qualidade dos campos. Ou talvez ele tenha ouvido falar sobre Nianzhen de alguém na capital ocidental.

Eles estavam falando sobre criminosos que se tornaram servos cinquenta anos ou mais antes, e foram libertados desse status há muito tempo. Rikuson ainda era um rosto novo nesta área; Maomao duvidava que ele tivesse vindo aqui sabendo sobre eles.

Bem, perguntar foi mais rápido do que ponderar.

"Você sabe se Rikuson veio para esta vila porque ele descobriu sobre o ritual?"

“Sim, é isso mesmo. Não achei que houvesse mais alguém que soubesse do ritual. Nem o governador parece ter ouvido falar dele. Rikuson, ele disse algo sobre um conhecido mencionando isso.” Nianzhen largou o copo de leite agora vazio e se mexeu na cama de aparência dura.

“O governador não sabe sobre isso? Você quer dizer Mestre Gyokuen, senhor?”

Em sua história, Nianzhen descreveu Gyokuen como um governador novato. “Ah, desculpe, má escolha de palavras. Ele não. Sim, Mestre Gyokuen é

o governante da Província de I-sei, mas é seu filhote que tem comandado as coisas ultimamente.”

“Você quer dizer seu filho?”

“Sim, qual-o-nome-dele. Gyoku-ou.”

Parecia que um ex-bandido e ex-servo não estava inclinado a mostrar respeito indevido ao governador. Não que Maomao se importasse, mas Basen parecia ter exceção a Nianzhen. s atitude. Pelo menos, ela disse a si mesma, ele resistiu a se tornar físico com o cara.

“Eu tive a impressão de que o Mestre Gyoku-ou é bem visto nesta vila. O que há por trás disso? Tem algo a ver com o ritual?” Maomao perguntou.

“Dificilmente. Ele é popular, pura e simplesmente. Ele nunca pune os fazendeiros, mesmo que haja uma colheita ruim. Na verdade, ele é tão generoso que, se não temos o suficiente para comer, ele nos dá das lojas. Caramba, você quase consegue mais desse jeito do que se fizesse um trabalho de verdade.”

“Uau, queria poder dizer isso,” o irmão de Lahan falou.

“Sim, ele é um cara muito compassivo. Muitos nômades estão se estabelecendo. Eles dizem que ficarão melhor como fazendeiros.” Por trás das palavras de Nianzhen, Maomao pensou ter captado um tom de desprezo.

“Você pensaria que um líder tão compassivo iria querer continuar o ritual”, disse o irmão de Lahan, pousando sua xícara vazia com um tilintar.

“Como eu disse, ele não conhece o ritual. Ele não entende. Nem mesmo o clã Yi sabia exatamente o que era o ritual ou como ele funcionava.

O que eles me fazem fazer hoje em dia é apenas uma imitação pálida, baseada no melhor de seus conhecimentos.”

“Então esse ritual não era sobre fazer uma petição aos deuses — era realmente uma

maneira de prevenir pragas de insetos”, disse Maomao.

“É o que eu acho. É o trabalho que eu e os outros servos fomos encarregados de fazer em troca de nossas vidas. Se não quiséssemos fazer, azar — eles nos forçaram. Alguns caras não aguentaram e tentaram fugir, e alguns caras simplesmente relaxaram, mas as autoridades os pegaram e os enforcaram. O que eles esperavam, quando cuspiram em sua chance de escapar impunes? Quando lhe dizem que você ara os campos ou morre, então você ara como se sua vida dependesse disso.”

O que Nianzhen fez nunca seria simplesmente perdoado ou esquecido, então o que mais havia para ele fazer?

“Depois de uma década, eles começaram a nos dar um pequeno troco com base no tamanho da colheita. Não era muito, mas significava que poderíamos começar a economizar, e isso era tudo. Estamos perto da capital ocidental aqui — acho que a proximidade aumentou a renda da colheita. Foi uma coisa tão simples, mas nos envolveu, nos fez começar a pensar em como poderíamos melhorar os rendimentos ou evitar que as plantações adoecessem ou manter os insetos longe. Parte da razão pela qual começamos a criar galinhas foi para que elas pudessem comer qualquer inseto que aparecesse quando arávamos os campos.”

“Quack”, grasnou o pato, não que isso fosse

relevante.

“Então os pássaros que os Leitores do Vento usavam não eram galinhas?” perguntou Maomao. “Não, não eram. Galinhas não são adequadas para uma vida nômade.”

"Mas se não eram galinhas, então..." Basen parecia muito sério. "Eles devem ter sido patos!"

"Não, eles não eram patos! O que há de errado com você?" O irmão de Lahan explodiu.

Basen franziu a testa para essa resposta instantânea. "Patos comem insetos. E eles são maiores que galinhas, o que significa que podem comer mais insetos...

Certo?"

"Patos gostam de água. Este é um deserto. Ninguém vai criar patos!"

"Tenho provas positivas de que você está errado", disse Basen, indicando seu pato. "Até aves aquáticas podem crescer grandes e fortes aqui se elas se dedicarem a isso."

"Quem já ouviu falar de um pato se dedicar a alguma coisa?!" O irmão de Lahan exigiu, mas era inútil: Basen era um completo fã de patos. O animal a seus pés parecia estufar o peito.

"Odeio dizer isso a você, mas eles não eram... patos, você os chamava assim?

"Eu nunca vi um desses antes", disse Nianzhen. O irmão de Lahan

sorriu para Basen, que ficou de mau humor e deu um tapinha na cabeça do pato. "Os pássaros são exatamente o que falta para fazer o ritual dos Leitores do Vento. Esses pássaros não eram para comer insetos — eles eram usados para encontrá-los. Ninguém pode simplesmente adivinhar onde haverá insetos em todas as vastas planícies, pode?

Eu diria que foi porque os Leitores do Vento sabiam como fazer isso, que o clã Yi deu a eles sua proteção."

E agora aqui estava um servo, um sobrevivente de uma tribo dizimada que acreditava que os Leitores do Vento e seus ritos não passavam de superstição.

"Tudo bem, posso voltar ao trabalho? Ainda há muito a fazer." Nianzhen se levantou.

"Claro, senhor. Seja lá o que for que você ainda tenha que fazer, talvez nos deixe ajudar?" Maomao perguntou, antes de olhar para Basen ou para o irmão de Lahan em busca de aprovação.

“Vocês, visitantes da capital ocidental, têm passatempos engraçados. Seu Rikuson, ele disse a mesma coisa. Claro, eu apreciaria. Eu sou o único ex-servo por aqui. Todos os outros vieram para esta vila depois; eles não se importam com os campos de ninguém, exceto os seus. Sou só eu cuidando dos campos dos caras que se foram, e fica mais difícil a cada ano...”

Nianzhen devia ter quase setenta anos agora. Velho o suficiente para morrer a qualquer momento, mas ele continuou trabalhando duro.

Não consigo imaginar o que ele fez, mas ainda assim.

Enquanto Nianzhen se afastava, Maomao sentiu como se pudesse ver algemas em seus tornozelos.

Pelos próximos dois dias ou mais, Maomao e os outros ajudaram Nianzhen com seu trabalho. Eles reviraram a terra com agricultura g implementos, descobrindo formigas, minhocas e pequenos besouros no solo úmido — e algo mais: bolhas longas e finas que, em uma inspeção mais detalhada, continham pequenos ovos dentro.

As galinhas começaram com as minhocas, mas quando elas acabaram, elas passaram para esses pacotes de ovos. O pato de Basen se juntou a elas, bicando o chão.

Ovos de gafanhoto?

Maomao gostaria de calcular quantos provavelmente haveria em um campo de um tan, mas ela não tinha tempo. Sempre que encontrava um pacote de ovos que os pássaros não tinham, ela o arrancava do chão e o colocava em um jarro.

Esses provavelmente são os maiores, ela pensou.

Era o tipo de trabalho que deixaria alguém com

medo de insetos louco. Até Maomao, que tinha bastante experiência com dissecação de gafanhotos, não gostava de olhar para os pequenos pacotes de ovos.

O irmão de Lahan e Basen araram várias vezes mais solo do que Maomao conseguia. O irmão de Lahan mostrou suas habilidades como um verdadeiro fazendeiro

—a maneira como ele segurava e usava a enxada era diferente—enquanto a força ridícula de Basen, pela primeira vez, o serviu bem.

Estou feliz que Basen estava disposto a se juntar a nós aqui. Ele poderia ter recusado alegando que isso não era trabalho de soldado; não haveria muito que ela pudesse fazer então. Ele parecia ter levado a sério a preocupação de Jinshi sobre os gafanhotos, no entanto, e se juntou sem reclamar. Provavelmente parecia fácil comparado a criar patos.

A disposição de Basen de fazer parte disso convenceu os guardas e fazendeiros que eles trouxeram da capital ocidental a ajudar também. Parecia que eles iriam arar o campo inteiro em um dia. Até Chue estava lá, correndo pela terra arada pegando quaisquer ovos de gafanhoto perdidos. Duas crianças a seguiram de perto — o irmão e a irmã para quem ela deu a batata. Eles pareciam ter a impressão de que se ajudassem, poderia haver outra batata para eles.

“Senhorita Maomao! Senhorita Maomao! Tenho muitos! Quer ver?”

“Senhorita Chue! Senhorita Chue! Não quero vê-los. Mas se você tiver uma ooteca de louva-a-deus, eu ficaria feliz em pegá-la.” Ovos de louva-a-deus podiam ser transformados em um remédio chamado sang piao shao, ou caixa de ovos de louva-a-deus, que era muito valioso, pois era difícil obtê-lo em grandes quantidades.

“Esses ovos estão chocando — tem uns carinhas saindo deles! Tem certeza que não quer ver, senhorita Maomao?”

“Bem, é primavera. E sim, tenho certeza. Eles são nojentos; por favor, não os mostre para mim.”

Da enciclopédia de insetos na fortaleza do clã Shi, Maomao aprendeu que os gafanhotos viviam por cerca de três meses e podiam botar mais de cem ovos de cada vez. Os ovos eclodiam na primavera, e a nova geração botaria mais ovos no verão.

Eu deveria ter pedido para eles trazerem o livro do clã Shi sobre insetos — e o sobre ervas medicinais, já que estamos falando nisso.

Quanto mais informações eles tivessem, melhor seria.

Não era como se gafanhotos se reproduzissem o ano todo. No momento, os ovos postos no outono passado estavam começando a chocar. "Aração de outono" era uma boa ideia — isso revelaria os

ovos que estavam escondidos na terra, que

então se tornariam comida para pássaros ou pequenos animais.

Acho que me lembro de Lahan falando sobre isso. Como ele chamou isso?

Multiplicando-se como ratos?

Digamos que um único par de ratos teve doze filhos, para um total de quatorze ratos. Suponha que houvesse seis fêmeas entre as crianças — ou seja, sete no total, incluindo a mãe. Cada uma delas poderia ter outros doze bebês.

Essa era basicamente uma proposta acadêmica, é claro; nem todos os ratos sobreviveriam até a idade adulta. Mas os gafanhotos se multiplicavam da mesma forma, o que significa que era crucial reduzir seus números o mais cedo possível no ciclo.

Se um conjunto de ovos é cem, então dez é mil, e cem seriam dez mil. Eles poderiam reduzir o número de gafanhotos com os quais teriam que lidar no futuro em ordens de magnitude se pudessem cuidar dos ovos agora.

Os gafanhotos gostavam de colocar seus ovos em solo um pouco úmido. Acho que com o rio bem próximo e bastante grama para comer, este é o lugar perfeito para eles. Talvez parte da terra tenha sido deliberadamente deixada sem cultivo especificamente para atrair os gafanhotos.

Supostamente havia várias outras aldeias como esta espalhadas pela província de I-sei — mas quantas delas ainda estavam funcionando?

Nianzhen veio até Maomao, carregando um pote de ovos de gafanhoto. "Tudo o que temos que fazer agora é queimar isso."

"Parece bom para mim."

"Mm. Ano passado eu estava atrasado com isso, e muitos gafanhotos escaparam de mim."

Ela se lembrava dos fazendeiros da vila dizendo que o ano passado tinha sido ruim em termos de danos causados por insetos.

"Então a colheita foi ruim?", ela perguntou.

Nianzhen assentiu. "Só havia o suficiente para comermos, e não temos estoques. Se tivéssemos que pagar impostos além disso, provavelmente teríamos morrido de fome. Então não teríamos sobrado o suficiente para comprar as necessidades diárias dos comerciantes, então teríamos que vender nosso gado."

"Mas o governador isentou você de impostos, certo? Na verdade, ele até lhe enviou apoio."

"Foi o que ele fez. Ele é muito bom, esse governador", disse Nianzhen

—mas novamente ele parecia estar dizendo isso com os dentes cerrados.

Maomao decidiu não enrolar. "Você não parece estar falando sério, senhor. Posso perguntar o que o

incomoda tanto nele?" "Eu sei que um ex-bandido não está em posição de criticar, mas essas pessoas

aceitam qualquer coisa que possam conseguir. Eles imploram, bajulam e imploram por cada pedacinho — eles próprios são como gafanhotos. Se eles estão tão ansiosos para não morrer de fome, talvez devessem tentar cultivar algumas plantações! Mas eles não precisam se incomodar, porque eles têm uma 'colheita ruim' e aí vem o dinheiro. O que você faria se pudesse ganhar tanto ou mais preguiçando do que quebrando as costas nos campos?"

"É por isso que nenhum dos campos desta vila parece bem cuidado?" "Você entendeu. Foi a mesma coisa com os gafanhotos no ano passado.

Todos ficaram parados observando os insetos devastarem seus campos. O chefe da vila só estava pensando em como dar uma volta na carta para obter a maior simpatia do governador. Enquanto isso, eu estava indo de planta em planta, arrancando aqueles gafanhotos das folhas, um de cada vez. Eles pensaram que eu era um idiota!"

Não parecia ser as ações de alguém que já foi o mais vil dos bandidos. O terror da praga anterior parecia ter deixado uma marca permanente em Nianzhen.

Não... Talvez eu esteja errado.

Talvez Nianzhen sempre tenha tido uma veia diligente. Nascido e criado para banditismo, ele

aprendeu a atirar com arco e se destacou no que lhe disseram que era importante: matar.

A lógica não era, afinal, algo com que se nasce.

"A julgar pela aparência da vila agora, eles devem ter arrecadado bastante dinheiro no ano passado", disse Maomao.

"Com certeza arrecadaram. É assim há mais de uma década. Sempre a mesma coisa. Eles têm uma quebra de safra, o governador salva seus pescoços. Um governador bom e gentil."

Bom e gentil, hein...

Ela se perguntou de onde vinha todo esse dinheiro para sustentar os fazendeiros. Talvez fosse excesso do comércio? Ela tinha visto o quão próspera era a capital ocidental — parecia haver dinheiro mais do que suficiente circulando para poupar algumas pequenas moedas para uma vila agrícola.

"Se eles vão gastar todo esse dinheiro aqui, parece que um canal de irrigação ou dois pode ser legal", disse Maomao.

Quando as pessoas tiveram que fazer menos trabalho físico transportando água, novos tipos de trabalho se abriram. Mais campos poderiam ser desenvolvidos. Teria sido um

investimento sábio, aos olhos de Maomao.

"Aquele homem, Rikuson, disse a mesma coisa", disse Nianzhen.

“Ele disse?” Quando voltassem para a capital, ela teria que descobrir como Rikuson tinha descoberto sobre esse antigo servo.

"Acho que devo me desculpar por fazer você gastar todo o seu tempo me ajudando aqui", disse Nianzhen. "Precisava de mais alguma coisa nesta vila?"

"Mais alguma coisa..." Maomao apoiou o queixo no cabo da enxada e fechou os olhos. "Ah!"

Ela foi até o irmão de Lahan, que não estava apenas revirando a terra, mas começando a construir sulcos.

"Você está planejando fazer um campo aqui?", ela perguntou. "Ack!"

Seu rosto diz: Droga! Eu sempre faço isso! O irmão de Lahan podia negar o quanto quisesse, mas ele era um fazendeiro de corpo e alma.

"Você não vai contar às pessoas sobre suas batatas? Foi para isso que você as trouxe, certo?"

"Sim, bem, você pensaria, não é?" O irmão de Lahan resmungou. "Mas você viu essas pessoas — elas não estão realmente interessadas em trabalho de campo. Você acha que elas realmente se incomodariam em cultivar batatas se eu as desse a elas? Duvido que eles usariam seus campos estabelecidos para cultivar novas safras, mas eles não parecem que vão se incomodar em abrir novos caminhos também.”

“Entendido”, disse Maomao.

“É por isso que eu estava tão ansioso para conhecer a única pessoa por aqui com um campo decente!”

“Ah?”

“É, mas não faz sentido dar as batatas para o velho.” “Acho que não.”

Como o último dos antigos servos desta vila, Nianzhen tinha que cuidar de seu próprio campo, bem como da aração para o chamado ritual. Normalmente, a aração teria sido concluída no outono, e aqui estava se arrastando para a primavera — um sinal claro de quão pouca ajuda ele estava.

“Você não acha que poderíamos deixar alguém aqui para ajudar?” Maomao perguntou, olhando para os fazendeiros que eles trouxeram da região central.

O irmão de Lahan quase pareceu pensar sobre isso, mas então disse: “Eles só vieram da região central porque eu vim. Não posso simplesmente deixá-los trabalhar o solo em uma terra que eles mal conhecem. Seria muito trágico, você não acha?”

“Sim, isso é justo.”

A fraternidade mais velha do irmão de Lahan poderia aparecer nos momentos mais estranhos. Ele poderia ter sido um ótimo filho mais velho, se ao menos tivesse nascido em uma família normal.

“Estou feliz que meu pai não esteja aqui. Ele juraria fazê-los entender a glória das batatas, e então quem sabe o que ele faria!”

“Se você me desculpar por dizer isso, não consigo imaginar o pai de Lahan tomando as coisas em suas próprias mãos desse jeito Sim, nós gostaríamos!” “Queremos batatas!”

Os olhos das crianças brilharam.

“Nunca comemos algo tão doce antes! Era mais doce que passas!”

“Passas?”, disse Maomao.

“Doces são valiosos por aqui”, interrompeu Chue. “Eles não têm mel, e açúcar não é barato.” Ela colocou seu grande pote na cabeça e girou.

Então doces valem mais aqui do que na região central.

“Acho que podemos usar isso.” Maomao voltou para o Irmão de Lahan, sorrindo.

Havia um grande buraco cavado atrás da casa de Nianzhen. Estava coberto de marcas de queimadura — talvez fosse normalmente para queimar lixo ou algo assim.

“É aqui que você queima os ovos de gafanhoto?”, perguntou Maomao. “Está certo. Eles não queimam facilmente, então você tem que adicionar combustível.”

Presumivelmente significando óleo ou esterco animal. A lenha e o carvão que Maomao e os outros tomavam como garantidos quase passariam por produtos de luxo por aqui.

“Já que temos todos esses ovos para queimar, eu não me importaria em tentar

algo diferente”, sugeriu Maomao.

Nianzhen olhou para ela. “O que funcionar. O que você tem em mente?”

“Talvez eu possa pegar isso emprestado.” Ela tocou em uma panela grande que estava do lado de fora. Era velha, mas resistente; se tirassem a ferrugem, parecia que seria bem utilizável. A grama seca e os insetos mortos dentro dela atestavam há quanto tempo ela estava ali.

“Claro. Divirta-se.”

Maomao prontamente virou a panela e começou a esfregá-la com uma escova de junco.

“Aqui está, Srta. Maomao!” Chue disse. Ela havia pegado água do rio, que Maomao usou com prazer. “Que panela e tanto você tem aí! Grande o suficiente para fazer qingjiao rousi para trinta

pessoas!”

“Eu me pergunto se eles a usavam para cozinhar”, disse Maomao enquanto ela e Chue se encaravam sobre a panela, esfregando.

“Isso era para fazer o arroz dos servos. Eles cozinhavam o suficiente para um dia inteiro de uma vez”, disse Nianzhen.

“Huh! Então havia muitos servos”, disse Chue. Maomao havia lhe contado a história de Nianzhen, mas a incomum dama de companhia não parecia muito incomodada. Era como se não importasse muito para ela se estava lidando com um ex-bandido ou mesmo um assassino. “Então isso era um prato de servir?” Chue pegou um prato redondo de metal.

“Isso é um espelho. Costumava ficar no santuário.”

Às vezes, os espelhos eram usados para fins rituais. Este pode ter sido polido para brilhar antigamente, mas agora estava manchado de ferrugem e não refletia quase nada.

“Já que estamos polindo as coisas, você quer que a gente polisse isso?” Chue disse, esfregando-o com o braço.

“Claro, se você quiser. Eu mesma não tive tempo.”

Talvez os servos tivessem compartilhado o

dever de polir, mais uma vez em algum tempo passado, mas era simplesmente demais para Nianzhen fazer sozinho.

O quanto os aldeões realmente sabem? Maomao se perguntou. Eles pareciam tratar Nianzhen como um excêntrico, mas não eram abertamente hostis a ele. Nem pareciam particularmente preocupados com uma praga de insetos. Seria possível que os aldeões fossem bem tranquilos?

Maomao não conseguiu parar de pensar: "Será que esta vila sobreviveria se fosse atacada por bandidos?"

Ela estava falando quase para si mesma, mas Chue disse: "Oh, eles ficariam bem! Eles podem estar estabelecidos agora, mas costumavam ser nômades. Eles têm arcos e espadas em suas cabanas, todos amarrados, afiados e prontos para atacar.

Além disso, eles conhecem o terreno — você teria que ser um bandido muito corajoso para atacar este lugar!"

"Isso explica por que eles vão atrás de viajantes", disse Maomao.

O que aconteceu com aquele nosso guia?

Parecia que seria melhor deixar isso de lado,

mas havia algo que ela precisava perguntar. "Por que você decidiu nos fazer de isca, Srta. Chue? O Mestre Basen não parecia saber o que você estava planejando, e não seria típico do Príncipe da Lua nos ordenar a fazer algo assim."

Jinshi parecia estar bem alerta para a segurança de Maomao ultimamente — até mesmo a presença de Basen como guarda-costas parecia um ato de consideração da parte dele.

Chue estreitou seus olhos já pequenos, tornando-os ainda menores. "Minhas ordens eram para minimizar o risco. E não é mais seguro saber quando e onde você será atacada, em vez de não ter ideia de quando o inimigo atacará?"

Então Chue também estava pensando em segurança, à sua maneira.

"Tudo bem, mas acho que normalmente você tenta esconder o quanto as pessoas estão em perigo. Isso as deixa menos nervosas."

"Eu sei que você tem muita coragem, Srta. Maomao. De qualquer forma, pensei que talvez você apreciasse a abordagem mais lógica."

"Só quero deixar registrado que se alguém me desse um soco, eu morreria."

"Entendido e devidamente anotado! Mas se precisarmos que alguém sobreviva a qualquer veneno, você estará de pé!"

Chue certamente sabia quem era bom para o quê.

Enquanto conversavam, a panela ficou progressivamente mais limpa. Nianzhen estava fazendo outro trabalho por perto.

“O que você gostaria que fizéssemos com isso? Quero dizer, com esta panela?” Chue chamou.

“Coloque os ovos de gafanhoto nela”, ele respondeu.

Chue recuou com uma intensidade quase cômica. “Senhorita Maomao...” “Não, não, senhorita Chue, não se preocupe. Não vamos comê-los. Eu

prometo.”

“Você promete, promete?” Chue ainda não parecia acreditar nela.

“Sim. Eles não parecem muito saborosos, não é? E são nojentos. Deveríamos saber, nós os reunimos.” Insetos maduros ela havia comido, mas até ela diria não a ovos de insetos. “Vamos derramar óleo sobre estes—”E fritá-los?” “E queimá-los.” “Queimá-los?”

“

Maomao pegou o pote e foi em direção ao santuário. Era de construção modesta de tijolos,

mas se fosse limpo e decorado seria adequadamente imponente.

"Eu digo que acendemos uma fogueira aqui. Isso parece ritualístico, não é?" Maomao perguntou.

"Oh-ho", disse Chue.

"E um ritual precisa de um banquete, certo?" Maomao olhou para as crianças da aldeia, que ainda estavam por ali. A notícia sobre as batatas deve ter se espalhado, porque havia uma pequena multidão além do irmão e da irmã.

"Entendo o que você quer dizer." Chue riu. Ela viu onde Maomao queria chegar com isso — bom. "Deixe as decorações comigo!" Ela puxou um pedaço de fita vermelha do colarinho. "Precisaremos de uma plataforma para nosso adorável pote. Vou pedir ao irmão de Lahan e meu cunhado para ajudar!"

Aparentemente, Chue agora também o chamava de "irmão de Lahan".

Chue se concentrou em construir a plataforma, então Maomao ficou para preparar a refeição. Ela pegou emprestado o forno na casa de Nianzhen para preparar algo. Maomao às vezes sentia que estava na sombra de En'en como uma chef profissional, mas o fato é que ela não era uma cozinheira tão ruim.

Cozinhar é basicamente como misturar drogas, mas com comida. Você junta os ingredientes e as guarnições para fazer algo saboroso.

"O que você está fazendo?", Nianzhen perguntou, estreitando o olho restante. "Ritual."

"Como é isso de novo?"

"Rituais são supostamente celebrações alegres, não são, senhor? E para isso, você precisa de um banquete."

"Acho que você me pegou aí..." Ele parecia desconfortável; seu olhar pousou no irmão de Lahan.

"Pare! Não use todos eles! Eu só trouxe alguns, sabia!" O que eram "eles"? As batatas-semente, é claro. Eles tinham decidido

fazer deste festival um grande evento.

“Eu sei, eu sei. Menos choramingo, mais vapor!” “Você não pode falar com as pessoas assim—Grr!”

O irmão de Lahan resmungou com raiva para si mesmo, mas colocou mais combustível no fogão. Ele estava usando dois gravetos para pegá-lo—talvez ele sentisse uma resistência instintiva em manusear esterco de ovelha com as mãos nuas, mesmo que estivesse seco.

“Você pode usar qualquer ferramenta que eu tenha em casa. Se você usar minha comida, eu

agradeceria se você pudesse me dar algumas moedas para isso. Eu vivo bem no limite," Nianzhen disse.

"Obrigado, senhor," Maomao disse.

"Vou dormir um pouco," Nianzhen disse, deitando-se na cama rústica. Ele parecia resistente, mas era um homem velho, e dias a fio de trabalho nos campos cobravam seu preço.

"Batatas-doces ficam mais doces quando cozidas lentamente, certo?" Maomao perguntou.

"Sim! Você não pode simplesmente assá-las em uma grande e quente chama!"

Então não é só em cultivo de batata que ele é tão bem versado. É em cozinhar batata também.

Parecia que Lahan estava confiando em grande medida no irmão de Lahan para inventar maneiras de usar batata-doce. O irmão de Lahan podia ser duro com seu irmão mais novo, mas ele era fundamentalmente uma pessoa decente — decente demais. A maneira como ele fazia questão de resistir a tudo sugeria uma fase rebelde comum, mas tardia.

"Eu não sou um cozinheiro muito versátil. O que você acha que podemos fazer com os ingredientes que temos aqui?" Maomao perguntou.

"Por que você está me perguntando?!"

"Porque a Srta. Chue é mais do tipo que come, e o Mestre Basen não vai ajudar em nada."

Chue parecia que poderia fazer congee, se realmente precisasse, mas quando se tratava de pratos mais elaborados, ela estava focada no consumo em vez da produção.

"Bem, eu não sei", disse o irmão de Lahan categoricamente. Ele desviou o olhar dela, mas estava obviamente mentindo.

"Entendo", disse Maomao. "Desculpe... Eu só esperava presenteá-los com algo que eles realmente gostassem."

Ela olhou para trás, em direção à porta, onde as crianças estavam espiando. A multidão de crianças que acompanhavam o irmão e a irmã havia crescido para

proporções substanciais.

"Oh, olhe para todos os seus amigos", disse ela, falando diretamente com as crianças de forma incomum. "Aposto que todos vocês estavam esperando poder comer algo especial. Algo delicioso."

"O quê?", perguntou a irmã, à beira das lágrimas. "Você quer dizer... Você quer dizer que não podemos comer batatas?"

"Oh, você vai, você vai. É que... Sinto muito. Não vou conseguir fazer com que elas fiquem muito gostosas sozinha."

"Por quê? Você é ruim em cozinhar?",

perguntou outra criança.

"Ah, eu queria que pudéssemos comer batatas. Não parece que vamos conseguir nada", disse uma terceira criança tristemente.

O irmão de Lahan parecia cada vez mais desconfortável. Ele se curvou, ficou de costas para eles — mas só por um momento. Então ele deu um longo suspiro, virou-se e levantou um dedo. "Escutem, pirralhos. Vocês querem comida, ajudem a cozinhar. Aqueles que não trabalham, não comem. Mas aqueles que trabalham — eu vou presenteá-los com a melhor comida que vocês já comeram!"

As crianças aplaudiram, e o irmão de Lahan provou que era o filho mais velho por excelência.

Que toque suave! Maomao pensou enquanto espetava uma batata no vaporizador com seus hashis.

Quando Maomao e sua equipe terminaram de cozinhar, o santuário estava totalmente decorado. Chue colocou a panela cheia de ovos de gafanhoto bem no meio, em cima de uma pilha pequena, mas bem construída, de tijolos que serviu como uma plataforma improvisada.

O modesto santuário estava estofado com faixas vermelhas, e lamparinas de banha de animais brilhavam aqui e ali. Houve um barulho de

metal; Maomao olhou na direção do som para descobrir que duas placas de metal tinham sido amarradas para criar um badalo. Quando o vento soprou, ele sacudiu os címbalos e fez as faixas tremularem.

A cadeira e as mesas, como eram, consistiam em barris cobertos de feltro. A "mesa" estava empilhada com a comida que Maomao e os outros tinham feito.

Quando tudo ficou pronto, o sol já estava roçando o horizonte ocidental.

"O que está acontecendo aqui?" alguém perguntou. Não eram mais apenas crianças — os adultos também começaram a aparecer.

Assim que todos estavam lá, Maomao despejou óleo na panela enorme. Então

eles acenderam uma fogueira, usando grama seca para acendê-la.

Havia um cheiro de um aroma que poderia ter sido agradável ou poderia ter virado o estômago; era difícil dizer. A panela começou a queimar brilhantemente, acentuada pela escuridão crescente.

"O que vocês estão, ahem, fazendo, estimados visitantes?", perguntou o chefe da aldeia, perplexo. Vários outros moradores estavam com ele.

"Permitam-me explicar", disse Basen, dando

um passo à frente. Chue chegou ao lado dele e mostrou-lhe brevemente um pedaço de papel.

Cartões de sugestão!

Felizmente, os moradores não perceberam.

"Esta aldeia foi fundada há muito tempo para realizar um ritual", disse Basen.

"Sim, ouvimos falar", disse o chefe. "Você quer dizer o 'ritual' de revirar a terra que ninguém entende. Só Nianzhen faz isso agora."

"Isso mesmo. E estou bem ciente de que você não entende. A razão pela qual viemos até vocês hoje é para trazer a vocês a forma completa e adequada do ritual, que vocês conheciam apenas em parte, mas que agora damos a vocês na íntegra."

Muito profundo.

Basen estava recitando um roteiro, e parecia que sim, mas, iluminado pelo fogo, ele ainda conseguia parecer importante, talvez até sagrado. Chue estava bem preparada; ela tinha um maço inteiro de papel, do qual selecionou as falas apropriadas com base nas reações dos moradores.

Ela realmente sabe como lidar com seu irmãozinho.

O irmão de Lahan estava segurando o pato em seus braços: tê-lo andando atrás de Basen poderia estragar a imagem reverente que eles estavam tentando criar.

O irmão de Lahan cutucou Maomao. "Isso é verdade?" ele sibilou. O momento foi tão convincentemente fabricado que ele foi levado junto com o público.

"Agora é. Tente entrar no jogo."

"Espere... Não é verdade?" Ele parecia escandalizado. Enquanto isso, Basen continuou a falar com os moradores.

"Você realmente fez? Vejo que você está preparado para conduzir o ritual agora... mas posso lhe fazer uma pergunta primeiro?" o chefe arriscou.

"O que você gostaria de saber?"

“É só Nianzhen que foi incumbida dessa tarefa, não é? O resto de nós foi convocado aqui pelo governador como colonos — não fomos

informados sobre nenhum ritual.”

Houve um grande estalo de dentro da panela.

O chefe parecia estar dizendo que os visitantes eram mais do que bem-vindos para conduzir seu rito, mas os moradores não tinham intenção de participar. Pelo olhar em seu rosto, estava claro que ele achava que Basen estava tentando empurrar algo para ele, e ele não queria isso.

Chue parou de pular por um segundo pensativo, então mostrou a Basen outro cartão de sugestão.

“Eu entendo sua objeção. Não precisa ser você

quem conduz o ritual.” Basen olhou para Maomao. Atrás dele, Chue deu uma piscadela larga. “Mas posso entender, então, que você não se importa com o que acontece como resultado?”

Basen apontou diretamente para Maomao. (Isso também foi na direção de Chue.)

Eles estão tentando passar a responsabilidade para mim! Ele parecia estar indicando que deixariam o ritual para Maomao, mas isso era mais do que ela havia planejado. O que diabos eles querem que eu faça?!

Ainda assim, ela teve que seguir em frente. Ela andou para frente, um passo lento e solene de cada vez, em direção à panela grande.

Tem que haver algo que eu possa tentar. Algum pequeno blefe, algo para enganá-los...

Maomao colocou as mãos na frente do peito, o que lhe deu a chance de vasculhar as dobras de suas vestes. Ela não guardava tanto lá quanto Chue, mas tinha algumas ervas e ferramentas de costura. Ela andou o mais devagar que pôde e tentou criar um roteiro. Finalmente, ela chegou na frente do caldeirão, onde abaixou a cabeça.

"Este fogo carrega nossas oferendas aos deuses. Houve um tempo, uma vez, em que outros humanos eram nossos sacrifícios, mas os deuses falaram conosco e revelaram que essa não era a forma de sacrifício que eles desejavam."

Ela havia copiado as palavras de um romance que era popular no palácio dos fundos. Parecia ainda mais ambicioso no original, mas ela não conseguia se lembrar de todas as palavras.

"O deus desta terra assume a forma de um pássaro; portanto, foi decretado que a divindade deveria receber uma oferenda de acordo com o sustento preferido de sua manifestação."

Ela havia avistado uma das galinhas dormindo no galpão. "Uma divindade pássaro? Mas nós adoramos um deus do pasto..."

"O quê? Você quer dizer que depois de todo esse tempo como fazendeiros, você ainda adora seu

antigo deus?" Chue perguntou, fazendo g certifique-se de exagerar. "Isso explicaria

isso! Agora entendo por que seu trigo cresce tão mal. Deixe-me adivinhar — piora a cada ano, não é? Bem, quem pode culpá-lo, quando as pessoas que vivem aqui nem adoram o deus dessas partes?"

Isso fez os moradores da vila murmurarem entre si. Era verdade, Maomao suspeitava, que a colheita piorava cada vez mais — com um cultivo tão apático, a própria terra declinaria. Ao contrário do cultivo de arroz úmido, o grão precisava de solo bem cuidado, ou a colheita murcharia.

Acho que isso está indo bem?

Parecia bastante promissor. Até que:

“Isso é muita bobagem. Acho que a terra está exausta. Toda essa conversa sobre deuses — quem sabe se eles existem mesmo?”, gritou um dos jovens da vila.

Vamos lá, tenha um pouco de fé! Maomao pensou — não importa sua própria atitude.

Outros moradores começaram a falar:

“Estamos aqui esse tempo todo. Por que falar de deuses e rituais agora?” “É, não precisamos de uma boa colheita, de qualquer forma — não com um

governador tão compassivo e generoso cuidando de nós!”

“Ele está certo! Não sabemos se os deuses existem — mas sabemos que o governador existe, e sabemos que ele cuidará de nós!”

Houve um murmúrio geral de concordância.

Acredite apenas no que você pode ver. Uh-huh. Justo. Maomao simpatizou; ela não poderia dizer que teria feito diferente no lugar deles. Mas ela tinha um trabalho a fazer.

Maomao abaixou a cabeça e riu. “Heh heh!” “O que há de tão engraçado?” um dos moradores exigiu. “Ora, nada. Só que vocês todos parecem estar sofrendo de um

mal-entendido. Permita-me reiterar: não precisa

ser você quem conduz o ritual", ela disse, repetindo as palavras de Basen. Então ela virou as costas para os moradores, aproveitando a oportunidade para vasculhar as dobras de seu manto. Ela teve o cuidado de não deixar nenhum deles vê-la.

Vamos ver. O que precisamos é...

Ela fez um grande floreio de mãos, e a chama no caldeirão sibilou e dançou.

"Olha! O fogo!" alguém exclamou. As chamas ficaram amarelas.

"O que é isso?!"

Maomao tinha mais do que apenas ervas medicinais escondidas em suas vestes — ela também carregava álcool desinfetante. Sem mencionar que ela ainda tinha uma pitada de sal de cozinhar mais cedo. Chue guardou um pouco com ela — ela explicou que era um item de luxo por aqui.

Ahh, isso me traz de volta.

A mesma coisa já esteve por trás de um mistério no palácio traseiro: o sal queimava amarelo.

"Você não consegue ver a vontade do deus?" Maomao pegou o espelho alojado no santuário. Chue o poliu um pouco, mas apenas o suficiente para tirar o pior da ferrugem.

Isso é perfeito, no entanto.

Ela pingou um pouco de álcool no espelho e transferiu um pouco do fogo da panela para sua superfície. Agora o fogo queimava azul-esverdeado.

Maomao se virou e colocou seu sorriso "profissional". "Parece que o deus está bravo e triste."

O espelho de bronze estava ficando bem quente com o fogo, então ela o colocou ao lado da panela.

Um burburinho começou entre os moradores quando eles viram as chamas mudando de cor.

"Agora, eu percebo que você não participará do ritual." Ela olhou para a refeição disposta no barril. "Mas parece que fizemos comida demais hoje à noite. Vocês não vão comer um pouco antes que esfrie?"

"Eba!", disseram as crianças, jogando as mãos para o alto. Não seria certo fazê-los ajudar o dia todo e depois não dar comida a eles.

Os adultos estavam mais hesitantes, intimidados pelo fogo colorido — mas eles estavam inegavelmente atraídos pela comida incomum, do tipo que eles nunca tinham visto antes. Quando todos estavam olhando para a mesa, Maomao cutucou Chue. "Não me coloque em apuros assim de novo", ela murmurou.

Francamente, ela começou a suar frio.

"Eu tinha fé que você conseguiria, Srta. Maomao", Chue disse inocentemente, e então com um sorriso ela pulou para se juntar à confusão geral sobre o banquete.

Espero que funcione.

Maomao estava exausta. Ela decidiu deixar Chue e os outros cuidarem das coisas dali em diante — ela voltaria para a tenda para descansar um pouco.

Capítulo 10: Resultados relatados

O ar estava rico com o cheiro de chá e doces. O anfitrião desta festa do chá tinha a pele tão lisa quanto a de um bebê, e a sala estava repleta de conversas agradáveis.

Por esta descrição, talvez você esteja imaginando uma festa do chá cheia de mulheres jovens e vibrantes — mas você estaria errado.

"Olá, mocinha! Bem-vinda ao lar!"

O anfitrião desta reunião era um homem mais velho — um eunuco, aliás. Ou seja, era o médico charlatão. Ele estava conversando com Tianyu, colocando jujubas secas na boca entre pedaços de conversa fiada. Lihaku estava perto da parede, vigiando, mas deve ter sido bem silencioso, porque ele tinha algumas nozes e estava quebrando as cascas discretamente quando tinha uma chance.

Essas são nossas nozes medicinais?, pensou Maomao, mas decidiu começar cumprimentando o médico.

"Obrigada. Acabei de voltar. Vejo que está começando a parecer um consultório médico de verdade por aqui."

O escritório, na verdade um prédio reformado no anexo de Gyokuen, tinha mais prateleiras e camas do que antes, e até telas divisórias.

Maomao estava fora do consultório médico há uns bons dez dias visitando a vila, e ela ficou feliz em descobrir que os outros pareciam estar trabalhando de verdade enquanto ela estava fora.

"Temos mais móveis para o seu quarto também, mocinha. Não se preocupe, está exatamente onde você deixou."

"Tudo bem, obrigada."

Dez dias antes, seus aposentos não continham nada além de uma cama. Ela esperava que eles tivessem pelo menos encontrado uma escrivaninha e uma estante para ela.

"Não se preocupe, não tocamos em nenhum dos seus pertences", disse o charlatão. "Eu só me endireitei um pouco. Seu quarto parecia tão triste e vazio. Acho que deve ser muito melhor estar lá agora!"

Ele parecia excepcionalmente motivado. A mensagem que Maomao recebeu foi que ele tinha tempo suficiente para redecorar.

"A maravilha com cara de bebê aqui realmente se empenhou em fazer o lugar parecer um lar", disse Tianyu, não mais reverente do que o normal. Maomao estava tendo um péssimo pressentimento sobre isso.

"Imagino que não houve problemas sérios?", ela perguntou enquanto colocava sua bagagem no chão e começava a vasculhar as gavetas do novo

armário de remédios. Alegrou seu coração sentir o cheiro de um remédio que realmente cheirava a remédio pela primeira vez em tanto tempo. Ela também obteve com sucesso o cavalo-marinho de Basen; ela teria que processá-lo mais tarde.

"Hmm, não, nem falar nisso", disse o charlatão. "Continuamos realizando os exames do Príncipe da Lua. Víamos um paciente de vez em quando..."

"Principalmente apenas resfriados comuns. As oscilações de temperatura no navio deixaram algumas pessoas fracas." Tianyu, frustrada com o jeito relaxado e indireto de falar do charlatão, interveio. Maomao estava tão feliz em obter a história o mais diretamente possível, então seu olhar voou entre Tianyu e o armário de remédios enquanto ela continuava a verificar o inventário deles. "Tivemos uma pessoa que foi picada por um escorpião, mas ele estava bem. Um cara que estava com ele o tratou logo após a picada, então parece que ele não ia morrer, mesmo que ele agisse como se fosse."

Tianyu relatou isso como uma história de segunda mão, provavelmente porque esse campo não era sua especialidade. Certamente o charlatão não tratou do homem — então quem tratou? Era alguém que sabia algo sobre veneno de escorpião?

"Temos alguém conosco que sabe sobre veneno de escorpião?" Maomao pegou um pouco de swertia de uma gaveta, arrancou um pedaço e

lambeu. Ela imediatamente se arrependeu: era amargamente arrepiante, embora o sabor certamente dissesse remédio.

“Eles lidam com veneno de escorpião o tempo todo por aqui. Uma das moças no refeitório nos disse como tratá-lo. E, devo acrescentar, perguntou em voz alta se éramos realmente médicos.”

“Você sabia que eles fritam escorpiões e os comem aqui?” disse o charlatão. "Que ideia assustadora!" Sua testa franziu.

"Temos que ter certeza de tentar isso!" disse Maomao, seu moral pulando. Ela colocou as ervas secas de volta na gaveta. Ela estava ansiosa para descobrir se a grama que havia coletado na viagem tinha alguma propriedade medicinal.

"O quê? Não, não!" disse o charlatão, tremendo.

A julgar pelos dois médicos, Maomao decidiu que tudo parecia bem. Ela queria passar um pouco mais de tempo de qualidade com o remédio, mas uma dúvida incômoda a levou a ir para seu quarto. "Vou colocar minhas coisas lá", disse ela.

Seu quarto ficava bem no topo da escada e, assim que entrou, entendeu por que Tianyu estava rindo.

"O que em nome de..."

Seu quarto, antes simples e sem adornos, agora ostentava um dossel rosa-cereja sobre a cama. Era

fofo demais para ser uma rede mosquiteira, além de ser bordado aqui e ali. Sua mesa estava coberta com uma toalha de mesa (também bordada), e sua cadeira tinha uma almofada de renda vazada no estilo ocidental. Cortinas no mesmo estilo pendiam da janela, e uma tapeçaria com estampa de flores decorava a parede.

Ela também sentiu cheiro de incenso, uma fragrância floral muito feminina para ela. Para completar, flores secas estavam espalhadas aqui e ali pela sala.

Por um segundo, ela olhou em silêncio absoluto, então começou a tremer. Ela gostaria de ter derrubado a decoração ali mesmo, mas O charlatão tinha se arrastado atrás dela e estava olhando para ela com expectativa.

"Ah! Você está gostando do bordado, não é? O comerciante me prometeu que seria perfeito para uma jovem", ele disse. E talvez fosse. Mas era de Maomao que eles estavam falando. Que, em termos de idade, a propósito, era praticamente uma solteirona. "O que você acha, senhorita? Você gostou?" O charlatão veio até ela, seus olhos brilhando de esperança.

Maomao fez um leve som de engasgo. Ela franziu a testa fortemente, e então seus ombros caíram. Atrás deles, Lihaku olhou com simpatia, enquanto Tianyu sorriu. Maomao resolveu colocar swertia em seu chá naquela noite.

Depois do jantar, Maomao voltou para seu quarto, sentindo-se um pouco melhor desde que ela conseguiu trazer Tianyu de volta bem e adequadamente. A maneira como seu rosto franziu quando ele bebeu o chá de swertia — bem, você não vê isso todo dia.

Por que ele está tão chateado? É medicinal!

No distrito do prazer, eles misturaram swertia ao preto das sobrancelhas; era conhecido por prevenir o afinamento dos cabelos. Também era eficaz contra indigestão, diarreia e dores de estômago, mas era tão amargo que raramente era usado no consultório médico da corte.

Por que eles o tinham com eles, então? Tinha menos a ver com o lado gástrico das coisas e mais com a prevenção da queda de cabelo. As pessoas gostavam dessa parte.

Recebemos pessoas que vêm aqui por questões capilares de vez em quando.

Claro, Maomao não dava informações pessoais, ao contrário do charlatão, mas ela não estava acima de aproveitar a oportunidade para pedir um favor a um paciente em troca.

Maomao só podia suspirar para o quarto predominantemente feminino. Se ela simplesmente colocasse tudo de volta do jeito que estava, o charlatão ficaria triste. Ela teria que mudar as

coisas um pouco de cada vez para que ele não percebesse.

Talvez ela começasse amanhã, no entanto. Parecia muito trabalho agora. Ela estava apenas trocando de roupa de dormir quando ouviu uma batida na porta.

"Entre?", ela disse.

"E uma ótima noite para você!"

Chue apareceu, agora vestida com uma roupa comum de dama de companhia em vez das calças que ela usou na viagem. "Nosso querido charlatão fez seu exame, e agora as damas de companhia gostariam das delas!" Em outras palavras, Jinshi estava convocando Maomao. Chue ofereceu seu pretexto sem pestanejar.

Já faz dez dias...

Maomao se perguntou como estava o ferimento de Jinshi. Deveria estar tudo bem sem ela, contanto que ele não estivesse se coçando.

"Ele está muito interessado em como as coisas foram na vila agrícola", disse Chue.

"Eu presumiria que você já o tivesse informado", disse Maomao.

Entre Chue e Basen, certamente não havia muito que ela pudesse acrescentar. “Ah, mas o Príncipe da Lua gosta de ter todos os tipos de perspectivas.

Diferentes pontos de vista trazem diferentes pontos de vista!” “Suponho que você não esteja

errado...”

Era uma boa filosofia, mas, nesse caso, Maomao pensou que seria melhor convocar o Irmão de Lahan. Por outro lado, diferente do resto deles, Maomao suspeitava que Jinshi não seria capaz de tolerá-lo.

Eles provavelmente teriam uma conversa inteira e nunca conseguiriam dizer nada.

De qualquer forma, se essa fosse uma ordem direta, então Maomao não tinha escolha a não ser ir. Parecia que ela teria que trocar de roupa novamente.

Chue saltou na frente de Maomao com uma lâmpada, a luz balançando junto com ela, iluminando o espaço ao redor deles em ângulos estranhos.

“Lugar assustador, hein! Nada como uma grande e velha mansão no meio da noite!”

“Verdade demais...” Maomao pensou em seus dias no palácio dos fundos, nas histórias assustadoras e no consorte que dançava na parede externa.

Ela se viu saindo bastante à noite, na verdade.

"Sabe, dizem que há uma aparição nesta casa", disse Chue, segurando a lanterna na frente do rosto.

"Uma aparição? Ah", foi tudo o que Maomao

disse.

Chue fez um biquinho com o lábio inferior. "Aww, você não está nem um pouco assustada, Srta. Maomao?"

"Já ouvi muitas histórias desse tipo." Não adianta ficar assustada agora. Chue, no entanto, ainda parecia que Maomao tinha estragado sua diversão. Então Maomao disse: "Só para minha referência, que tipo de aparições são essas?"

"Ooh! Você gostaria de saber? Você gostaria de saber, Srta. Maomao?" Os olhos de Chue começaram a brilhar. "Eles aparecem bem aqui, dizem!"

O que aparece?" "Uma cabeça voadora!" "Hein?"

"

Isso não fazia sentido. Uma cabeça era, você sabe, uma cabeça. Elas não voavam. "Tem um feitouman por aqui!"

Um feitouman — ok, sim, Maomao tinha ouvido falar deles. Eles eram um tipo de monstro sobrenatural que se dizia parecer uma cabeça que voava por conta própria.

"Ah, Srta. Maomao. Você não parece acreditar em mim."

"Isso é porque eu não acho que haja nenhum feitouman por aqui. Você estava meio que esperando, não é, Srta. Chue?"

Logo eles chegaram em segurança aos aposentos de Jinshi sem monstros à vista.

"Bu. Chato", disse Chue.

"Eu sei, eu sei. Vamos fazer o que viemos fazer aqui."

Eles se curvaram para o guarda da porta, cujo nome Maomao não sabia, e entraram no quarto. A essa altura, a suntuosidade das acomodações podia ser tomada como certa. Suiren e Gaoshun estavam lá dentro.

"Boa noite", disse Maomao com outra reverência. Ela olhou ao redor da sala. Meio solitário aqui, ela pensou. Não havia muitas pessoas por perto. Ela presumiu que Jinshi estava lá dentro, mas não viu Taomei ou Basen.

Baryou pode ter estado lá ou não. Chue estava cutucando uma cortina próxima, então talvez ele estivesse lá.

"Taomei está ocupada dando uma bronca em Basen", disse Suiren, respondendo à pergunta de Maomao enquanto preparava o chá.

Eu nem perguntei! A velha dama de companhia era muito esperta. Ela sabia exatamente o que Maomao estava pensando. Não acho que ele tenha estragado tudo na vila, no entanto.

No mínimo, ela achava que Basen parecia mais maduro do que antes. Ele parecia ter desenvolvido

um pouco de nervosismo, mas ela presumiu que ele tinha muito o que fazer.

"Fofo ou não, ele simplesmente não pode ter um pato no quarto", acrescentou Suiren.

O pato? É disso que se trata?

Pelo menos ela sabia o que estava acontecendo agora. Parecia que Basen não tinha conseguido deixar o pássaro com o irmão de Lahan, que tinha ficado para trás na vila agrícola para ensiná-los um pouco de agricultura de verdade.

"Agora, Xiaomao, você poderia ser gentil o suficiente para levar isso para o Príncipe da Lua?" perguntou Suiren, entregando-lhe a bandeja de chá com um sorriso brilhante.

"Se estiver tudo bem que eu faça isso", ela disse. Gaoshun assentiu, indicando que não havia problema. O assistente oprimido de Jinshi agarrou uma única pena branca em sua mão. Gaoshun sempre gostou de coisas adoráveis. O pato deve ter tido um efeito restaurador nele.

Todas as pessoas na sala naquele momento sabiam, basicamente, o que estava acontecendo com Jinshi — exceto a indiferente Chue. Ela estava se comportando da melhor forma no momento, provavelmente porque Suiren estava lá.

"Muito bem, então." Maomao se virou para a câmara interna. Quando ela abriu a porta, o ar carregava um cheiro revigorante de incenso que fez cócegas em suas narinas. Jinshi geralmente

preferia sândalo, mas hoje ele estava usando aloés.

Tenho certeza de que ele tem as melhores coisas que o dinheiro pode comprar. Aloés tinha propriedades medicinais e Maomao adoraria colocar as mãos em algumas, mas o incenso que Jinshi estava usando provavelmente era vertiginosamente caro. Ela não podia simplesmente implorar para que ele compartilhasse um pouco.

"É você, Maomao?" Jinshi estava curvado sobre sua mesa, escrevendo algo. Ele estava cercado por papéis.

"Sim, senhor." Maomao colocou a bandeja na mesa e serviu o chá. Suiren tinha usado água fervente, então quando Maomao se acomodou, estava perfeitamente infundido. Ela serviu duas xícaras igualmente cheias e pegou uma para si. "Se me permite."

Ela tomou um gole. Ela realmente não achava que Suiren teria preparado chá envenenado, mas protocolo era protocolo. Ela descobriu um chá preto ricamente fermentado que não só molhava a garganta, mas também promovia o fluxo sanguíneo.

"Aqui está."

"Obrigado." Jinshi largou a escova e se espreguiçou bastante. "Como está sua saúde, senhor?"

"Vamos direto ao ponto, não é? Ah, bem, está

tudo bem. Você pode

me contar sobre a viagem enquanto faz seu exame."

Jinshi tirou a parte de cima do roupão. Maomao sentiu que costumava ser um pouco mais lento para fazer isso, mas tendo sido submetido a tantos exames até agora, ele não hesitou mais. Ela também não podia se dar ao luxo de fazer cerimônia, então ela sumariamente removeu o curativo dele.

"Vejo que você ficou bom em trocar os curativos", ela disse. "Bem, faça algo todos os dias..."

Uma flor carmesim perfeita floresceu no flanco de Jinshi. Uma nova pele estava se formando sobre a queimadura, tornando-a um vermelho brilhante, como uma rosa ou uma peônia.

Maomao poderia até ter admirado a beleza disso, se não soubesse que era politicamente motivado.

Eu diria que é quase melhor. A cicatriz provavelmente nunca cicatrizaria completamente — passaria de vermelho para rosa, mas provavelmente não muito mais do que isso. Cara. Eu queria poder tirar um pouco de pele da bunda dele e colar nessa coisa. Ela deu uma olhada nos quadris de Jinshi.

"Sabe, não consigo deixar de pensar que você

parece olhar tanto para as minhas costas quanto para a minha frente durante nossos exames ultimamente", disse Jinshi.

"É sua imaginação, senhor."

Maomao colocou uma pomada nova no lado de Jinshi, menos para tratar a queimadura do que para evitar que a pele ressecasse. Eventualmente, ela planejou começar a adicionar algumas ervas que removeriam manchas.

"Pronto, tudo pronto."

Ela aplicou um curativo novo, e essa foi a extensão do tratamento de Jinshi. Acabou tão rápido que o chá ainda estava fumegante. Maomao se serviu de um gole.

"Ele vai muito mais rápido quando você faz isso", disse Jinshi. Ele vestiu o roupão novamente e bebeu o chá na mesa. Quando Maomao se moveu para servir uma segunda xícara, ele gesticulou para ela não se incomodar. Em vez disso, ele pegou um livro da mesa e sentou-se na cama.

"Você parece muito ocupado", ela observou.

"Principalmente porque ainda estou descobrindo o que estou fazendo aqui. Uma nova terra significa muito a aprender." Então era o estudo, e não o trabalho, que o mantinha ocupado. "Dê-me seu relatório", ele disse. Aparentemente, ele pretendia ouvir enquanto lia seu livro. Um mal necessário para quem tem pouco tempo.

"Quantos detalhes você quer, senhor?"

"Quero todas as opiniões e observações que você puder me dar. Não economize nos detalhes só porque já ouvi de Basen e Chue."

"Sim, senhor. Nesse caso, eu—”

Jinshi a interrompeu, dando um tapinha na cama ao lado dele. Maomao não disse nada.

“Seria cansativo para você ficar aí o tempo todo enquanto conversamos.

Sente-se.”

“Certamente. Vou pegar uma cadeira...”

Ela estava prestes a fazer exatamente isso, mas Jinshi agarrou seu pulso. Ele estava dando a ela seu sorriso de fazer o país ficar de joelhos. “Sente-se.” Bem quando ela pensou que ele estava se comportando hoje.

Maomao não teve outra escolha a não ser sentar-se ao lado de Jinshi. Lá, ela começou a contar a história da visita deles à vila. Contar a outra pessoa sobre isso lhe deu a chance de organizar as coisas em sua própria mente. Ela descreveu como os bandidos os atacaram na estrada. Ela falou sobre os fazendeiros que não demonstraram nenhum desejo particular de trabalhar. Explicou a tribo Windreader e os servos.

Ela até mencionou o clã Yi.

Jinshi parecia estar comparando mentalmente o que ela disse com o que ele tinha ouvido dos

outros dois. Frequentemente ele assentia; às vezes ele inclinava a cabeça, como se algo parecesse estranho para ele.

"Acho que é tudo o que posso lhe dizer, senhor. Você tem alguma pergunta?" "Mm. Acho que a coisa que mais me incomoda seria a tribo Windreader."

"Eu sei o que você quer dizer. Uma tribo de celebrantes de rituais que vagam pelas planícies, controlando pássaros e arando a terra?"

"Controlando pássaros..." Jinshi parecia fixado na mesma coisa que tinha chamado a atenção de Maomao.

"Temos certeza de que os pássaros em questão não são patos, senhor?" Maomao perguntou.

"Sim. Eu me sinto um pouco mal, fazendo isso com Basen..."

Basen estava atualmente na lista negra de sua mãe Taomei por causa daquele pato. Como foi Jinshi quem originalmente ordenou que ele criasse os animais, ele sentiu uma certa dose de culpa. Além disso, parecia que ele havia instruído Taomei a cutucar o filho de vez em quando para fazê-lo manter distância durante os exames de Jinshi. Todos estavam preocupados que se Basen, não o mais sutil dos homens, descobrisse sobre a marca, ele poderia não ser capaz de manter o segredo.

"Que tipo de pássaro você acha que eles

usaram?" perguntou Jinshi. Basen estava convencido de que deviam ser patos, mas Maomao tinha outra ideia.

"Talvez pombos", ela disse.

Maomao já tinha estado na capital ocidental antes, um ano atrás. Naquela viagem, a ex-consorte Lishu havia sido atacada, e o meio de coordenar esse ataque havia sido pombos-correio.

Foi assim que a Dama Branca fez.

Ela não pôde deixar de se perguntar se havia alguma conexão.

"Sim, pombos. Eu tive o mesmo pensamento." Jinshi se levantou da cama e desapareceu atrás de uma tela divisória, de onde saiu carregando uma gaiola com um pássaro dormindo dentro.

“Você tem um pombo aqui”, observou Maomao.

“Eu também tenho. Comecei a usá-los para comunicações simples.”

Jinshi parecia mais velho do que seus 21 anos, mas ainda era jovem o suficiente para ser adaptável em seu pensamento; ele assimilava coisas novas rapidamente.

“Já faz uns vinte dias desde que chegamos aqui, e não fiz nada além de comparecer a banquetes e fazer cumprimentos oficiais. Mas isso me deu oportunidades de reunir informações.”

Jinshi começou a contar a Maomao o que ele

tinha feito enquanto ela estava fora. O pássaro dormia profundamente, ignorando o milheto em sua tigela de comida.

Jinshi contou a ela sobre todos os seus jantares com a alta sociedade da capital ocidental, como ele tinha visto todos os lugares importantes da área e até mesmo como algum VIP ocasionalmente o abordava em nome de sua filha ou de um parente.

“Nós perdemos a filha do senhor Gyoku-ou — ela estava indo para a capital quando nosso grupo chegou”, ele disse.

“Ahh, sim.”

“Ele perguntou se eu a queria como esposa, mas fingiu estar brincando.” “Claro, senhor.”

Maomao cuidadosamente manteve qualquer emoção fora de sua voz. Jinshi respondeu puxando suas bochechas.

“Eu meab, mariposa descarada, thir.”

“Eu concordo.” Ele soltou, e Maomao esfregou suas bochechas. “O que você pretende fazer?” ela perguntou.

“Comecei enviando uma carta para a Imperatriz Gyokuyou imediatamente. Tenho a resposta dela aqui.”

“Já, senhor? Achei que a viagem de ida e volta levaria pelo menos um mês.”

Jinshi pegou uma carta e mostrou a ela. Estava em um estado bem triste para uma missiva da

Imperatriz.

“Você usou um pombo,” Maomao disse. “Só uma maneira.”

Parecia que Jinshi estava disposto a deixá-la ler a carta. etter, então Maomao deu uma olhada. "Ela disse para deixá-la lidar com as coisas com sua sobrinha."

Essa era a essência, de qualquer forma. Se Gyoku-ou fosse de fato meio-irmão da Imperatriz Gyokuyou, então sua filha seria sua sobrinha.

O que ela está planejando fazer, eu me pergunto...

A Imperatriz não parecia estar exatamente nos melhores termos com seu meio-irmão. Ela tinha seus próprios projetos, Maomao tinha certeza. Enquanto isso, Maomao e os outros tinham que enfrentar o problema que estava diante deles.

"Se os Leitores do Vento estivessem usando pombos, isso daria credibilidade à história daquele homem Nianzhen", disse Jinshi.

"Você acha que os Leitores do Vento foram capazes de compartilhar informações nas planícies?"

"Eles teriam que ser. Pragas de insetos são como incêndios — o problema é chegar até eles no momento em que começam."

Jinshi jogou para Maomao o livro que ele estava lendo — e ela descobriu que não era texto,

mas continha colunas de números. Registros de algum tipo.

“Estas são as pragas que ocorreram nas últimas décadas.

Lahan teria descoberto os números em um instante, mas tem sido mais difícil para mim.”

Os registros deram localizações, seguidas por números relacionados aos enxames. Era o suficiente para dar dor de cabeça a qualquer um que não fosse especialista.

“Você acha que há algum tipo de padrão, senhor? Algo insidioso?” “Eu não poderia ter certeza apenas pelos registros de colheita, mas graças à sua

inspeção, eu sei agora. A província de I-sei está relatando falsamente números de colheita inflacionados.”

“Inflacionados? Eu não entendo. Por que eles fariam isso?”

Normalmente, números mais altos significariam apenas impostos mais altos. Se eles estivessem subnotificando suas colheitas — isso, ela teria entendido.

“Eu ainda não sei. Mas se desastres naturais estão ocorrendo em lugares não mencionados nos registros, então todas essas páginas são inúteis.” Jinshi balançou a cabeça, sem esperança. “A única maneira de saber com certeza é ir ver por si mesmo. Não apenas a vila que você visitou; outras

também.”

Não foi fácil para o irmão mais novo Imperial, no entanto. Embora ele ainda estivesse dentro de suas próprias fronteiras, nesta terra distante ele era menos poderoso do que em casa, e havia menos pessoas à sua disposição.

“Mais alguma coisa chamou sua atenção?” ele perguntou. “Talvez uma coisa...”

“Sim? O quê?”

“Não há muitas ervas medicinais por aqui, senhor.” Ela olhou diretamente para Jinshi, até mesmo permitindo que um pouco de seu aborrecimento aparecesse em seu rosto. “Eu gostaria de uma enciclopédia de plantas locais. Haverá um limite para quantos remédios eu posso fazer usando apenas o que trouxemos de casa.”

A coisa mais fácil seria Maomao ir a uma livraria, mas não parecia que ela teria a chance. Certamente ela não teria problemas por pedir para ele cuidar de uma pequena tarefa.

"Muito bem. Alguma outra pergunta?"

"Posso perguntar algo de natureza pessoal?" "Continue."

"Quem era o clã Yi?"

Isso era pura curiosidade da parte de Maomao. Ela sabia que os Yi tinham sido aniquilados dezessete anos antes por ordem da imperatriz reinante, mas não sabia o que eles tinham feito.

"O clã Yi... Hmm", Jinshi murmurou.

"O que é, senhor? É algo sobre o qual você não pode falar?"

"Não é tanto isso. Eu mesmo não tenho certeza. Sei que eles serviram ao trono ao lado do clã Shi desde os dias da Mãe Real. E ouvi dizer que eles seguiram um sistema de descendência matrilinear."

A "Mãe Real", Wang Mu, foi a mulher que fundou Li, segundo a lenda. Às vezes, dizia-se que ela era a mãe do primeiro imperador.

“Matrilinear, senhor?”

Maomao ficou surpresa. O patriarcalismo tendia a ser a ordem do dia em Li, e ela esperava que essa tendência fosse ainda mais forte na província de I-sei, que abrigava tantas tribos nômades.

“Sim, isso mesmo. Um informante revelou a traição dos Yi, e então eles foram destruídos. Uma teoria diz que eles influenciaram indevidamente a família imperial... mas Gaoshun me disse que nem ele sabe ao certo.”

“Nem o Mestre Gaoshun sabe?”

“Não. Tentei procurar registros daquela época, mas eles são tão comprimidos e superficiais que não havia sentido.”

Isso parecia estranho. Desleixado, até. A recusa de Jinshi em ser definitiva pode ter sugerido quanto boato e boato havia no que ele

estava lhe contando.

“Entendo, senhor.” Ela limpou a pomada e juntou as bandagens usadas. “Você já vai?” Jinshi cerrou os punhos e olhou para ela como

um cachorrinho triste.

"Sim, senhor. Eu vim quase direto da minha viagem, e estou muito cansado. Gostaria que me deixasse dormir um pouco."

"Nesse caso..." Jinshi começou, mas então balançou a cabeça. "O que é, senhor?"

Maomao tinha um bom palpite do que era, mas fingiu não saber.

"Não, é melhor não. Depois de uma grande violação das regras, até mesmo uma pequena transgressão é encarada com severidade."

Uma violação das regras, hein? Maomao olhou para o lado de Jinshi. Talvez eu não esteja sendo muito justo.

Jinshi era um homem que poderia ter tudo e qualquer coisa que desejasse. E, no entanto, ele era tão direto que o fazia ficar enrolando assim. Ele não queria pegar o caminho mais curto para o que queria, mas o uma que seria melhor para a outra pessoa.

Pena que isso não existe aqui.

Então foi que Maomao fingiu não saber, mesmo sabendo.

Não foi justo da parte dela.

"Nesse caso, eu vou, senhor."

Ela tentou sorrir um pouco, para amenizar sua injustiça.

O braço de Jinshi ainda estava estendido, mas ele não saiu da cama.

Chue acompanhou Maomao de volta para seu quarto. Ela não contou nenhuma história de fantasmas dessa vez; em vez disso, ela reclamou da conversa séria que Suiren lhe dera enquanto Maomao estava ocupada com Jinshi.

"Ufa! Quem limpa no meio da noite? Ninguém, é ela!

O que você acha, Srta. Maomao?"

Chue, Maomao descobriu, foi forçada a polir o chão.

Desculpe, Srta. Chue...

Provavelmente foi uma maneira conveniente de evitar que Chue invadisse o quarto de Jinshi. Suiren era, como sempre, aliada de Jinshi.

Chue foi respeitosa o suficiente para não fazer perguntas sobre o que aconteceu enquanto Maomao e Jinshi estavam sozinhos, então aparentemente ela sabia algo sobre onde estava a fila para uma dama de companhia. Mesmo que a maneira como ela parecia e agia sugerisse exatamente o oposto.

"Assim que eu te deixar, Srta. Maomao, voltarei para o meu quarto.

As trapaças com meu marido podem esperar

por outro dia."

"Srta. Chue, não compartilhamos os detalhes íntimos de nossas vidas conjugais

com outras pessoas."

"Mas essas coisas não são nenhuma novidade para você, são?" "Não são; isso é verdade."

Maomao teve que ficar de guarda durante as "trapaças" do Imperador e da Imperatriz, sem mencionar tudo o que as damas do distrito de prazeres aprontavam com seus clientes. Francamente, ela estava mais acostumada com a travessura humana do que com a cópula de insetos.

"Então por que se preocupar com—" Chue e Maomao estavam virando a esquina do corredor quando o que parecia uma máscara branca disparou na frente deles.

"O quê?!"

O cérebro de Maomao não processou a princípio. Parecia um rosto flutuante e sorridente.

"Senhorita Maomao?" perguntou Chue, que estava virada para ela. Ela rapidamente percebeu que algo estava errado e se virou, acendendo a lâmpada. Então ela saiu correndo atrás da máscara branca, com Maomao logo atrás.

Quando Maomao alcançou Chue, ela estava pendurada nos galhos da grande árvore no pátio central. "Sinto muito! Eu perdi o controle!", ela

falou lentamente. Então ela pulou para baixo, seu cabelo cheio de folhas. "Uau! Quem sabia que eles realmente tinham fantasmas aqui?" Ela parecia completamente intrigada. "Então isso é um feitouman."

Maomao certamente nunca esperou testemunhar uma, mas com base em todas as descrições, era certamente o que eles pareciam ter em mãos. Uma cabeça voadora genuína.

Capítulo 11: O Feitouman (parte 1)

O feitouman, a cabeça voadora, apareceu pela primeira vez há cerca de dois meses. A primeira pessoa a testemunhar foi um criado. Ele havia terminado seu trabalho e estava caminhando sob o luar quando viu algo pálido flutuar à vista. Ele olhou mais de perto e descobriu que era uma máscara branca.

O homem presumiu que era alguém pregando uma peça, mas ele estava cansado demais para brincadeiras naquele momento. Ele estava prestes a simplesmente passar — quando a máscara se virou e olhou para ele. Assustado, depois aterrorizado, o homem saiu correndo.

Na manhã seguinte, quando estava se sentindo mais calmo, o homem percebeu que devia estar apenas vendo coisas. Mas quando foi até onde tinha visto a máscara na noite anterior, não encontrou nenhum vestígio de nada.

Depois disso, outras pessoas começaram a relatar a máscara misteriosa também.

Alguns disseram que se viraram em direção a um barulho estranho e encontraram a máscara sorrindo para eles; outros, que ela estava flutuando no ar.

Finalmente, mais recentemente, começaram a circular histórias sobre a cabeça desencarnada de

uma mulher voando pela mansão — o que inspirou alguns a dizer que devia ser um feitouman.

"Então você também viu, mocinha?" Lihaku perguntou com a boca cheia de mingau.

Maomao estava no consultório médico comendo com os outros e, durante o café da manhã, contou a eles o que tinha visto na noite anterior.

"Huh! O que você estava fazendo vagando pela casa no meio da noite, Niangniang?" Deixe Tianyu estragar uma conversa perfeitamente boa. Sua refeição consistia inteiramente de um pouco de suco; parecia que ele não era uma pessoa matinal.

"Sim! Quem sabe o que pode estar à espreita lá fora à noite? Se você não consegue dormir, deveria pelo menos ficar no seu quarto", disse o médico charlatão, que preparou um farto café da manhã com mingau, leite de cabra e pão frito.

"Desculpe. Foi meio... impulso do momento. A senhorita Chue me convidou."

O pedido de desculpas de Maomao não soou especialmente apologético. Ela ainda estava cansada da viagem e, além disso, voltou tarde de sua excursão noturna e então testemunhou essa "cabeça voadora". No final, ela

mal conseguiu dormir. Ela não tinha muito apetite e ficaria feliz com um café da manhã com suco,

assim como Tianyu, mas o charlatão insistiu que ela comesse pelo menos um pouco de congee, então ela estava tentando forçar um pouco para baixo. O que ele era, sua mãe?

"A propósito, Mestre Lihaku, o que você quer dizer com eu 'também'?" "Oh, alguém veio até mim perguntando sobre o feitouman."

"Eek! Ninguém mencionou isso para mim!" O charlatão tremeu. Se ele ainda tivesse seu bigode, ele estaria tremendo como os bigodes de uma botia.

"Achei que seria melhor não te contar. Fantasmas não são seu assunto favorito, certo?" Lihaku disse. Ele conhecia bem o charlatão.

"Quem foi que te perguntou sobre isso?" Agora Maomao estava curiosa. A coisa toda tinha acontecido tão tarde na noite anterior que ela resolveu se preocupar com isso no dia seguinte e rapidamente se despediu de Chue.

"Uma das crianças servas. Dei a elas alguns doces e agora somos amigas."

Ele as faz soar como um cachorro ou um gato!

As repetidas visitas de Lihaku à Casa Verdigris o ensinaram a ficar do lado bom das crianças. Se os aprendizes não gostam dele, eles nunca levarão suas mensagens para Pairin, afinal.

Por que se preocupar em demonstrar seu novo talento aqui na capital ocidental? Era isso que

Maomao queria saber. Talvez ficar com o charlatão só o deixasse com tanto tempo para matar.

"Não estou dizendo que acredito em espíritos ou algo assim", Lihaku acrescentou. "Quando perguntei se você tinha visto, não quis dizer... Bem, eu sei que você nunca leva esse tipo de coisa a sério."

“Agora que vi, estou ansioso para descobrir o que realmente é.” “Ficarei feliz em ajudar”, disse Lihaku. “Estou de folga hoje, no entanto. Se alguma coisa acontecer, me acorde.” Ele limpou sua tigela e foi para seu quarto no primeiro andar para dormir. Até homens de resistência aparentemente infinita precisavam descansar. Dormir bem depois de uma noite de vigília fazia parte do trabalho de Lihaku. Um guarda reserva estava do lado de fora do consultório médico.

Quando Lihaku estava saindo, uma criança pequena chegou ao quarto. “Onde está o senhor Soljer?”, ela perguntou, olhando ao redor, seu rosto sem sangue. Aparentemente, o militar que estava de guarda na porta não contava.

Maomao rapidamente percebeu o que ela queria dizer. “Se você está procurando pelo Mestre Lihaku, ele está de folga”, ela disse. Essa garota deve ser a serva que Lihaku mencionou. Ela parecia ter cerca de dez anos.

“O-Oh...” A garota parecia desapontada e se recusou a olhar nos olhos de Maomao.

Maomao olhou para Tianyu e o charlatão. "Você gostaria que eu o chamasse?", ela perguntou.

"Você incomodaria um soldado de folga?" Tianyu explodiu. Ele era irritante, mas certo. Não seria bonito se o guarda deles estivesse privado de sono quando algo acontecesse — mas Lihaku havia dito para acordá-lo se houvesse necessidade.

Lihaku estava acordado e deve ter ouvido a conversa barulhenta, porque ele saiu direto do quarto.

"Olá!", ele disse.

"Senhor Soljer!" A garota foi até ele. "Nós vimos de novo!" "Ah, você viu? O que você viu?"

"Uma cabeça! A cabeça de uma mulher!"

De alguma forma, tudo continuava voltando para essa história de fantasma. “Onde você viu isso?” Lihaku perguntou.

“Lá fora! O zelador, ele mal conseguia ficar de pé, ele estava com tanto medo!”

“Tudo bem, eu ouvi você. Onde está o zelador agora?” “Ele está trabalhando no jardim. Mas ele está branco como um lençol!” “Bom saber. Aqui, aqui está um doce para você.” “Eba!” A garota saiu pulando do consultório médico.

Maomao olhou para Lihaku. “Posso te perguntar uma coisa, Mestre Lihaku?”

“Sim? O que é isso?”

“Você não está fazendo isso por curiosidade pessoal, está? Esta é uma investigação oficial.”

“Eu sabia que você era esperto.”

Lihaku não fez nenhum esforço para esconder. Ele acreditava que havia uma chance de que essa “cabeça voadora” fosse realmente alguém que poderia querer mal. Se ele estava investigando, além disso, era provavelmente por ordem de outra pessoa.

"Aquele Tianyu, ele é um monte de problemas", Lihaku murmurou para Maomao. Era raro para o soldado alegre e ensolarado reclamar assim.

O charlatão estava cantarolando uma música enquanto lavava a louça. Tianyu tinha terminado seu café da manhã e estava escovando os dentes — um médico superior havia ordenado que a equipe médica não deveria ter dentes podres; não ficaria bem. Esse médico era, não por acaso, o Dr. Liu.

Parece que Lihaku e Tianyu não se dão bem. Maomao meio que

suspeitou disso.

"Vocês dois não se dão bem?", ela perguntou.

"Eu acho. Tianyu e eu... somos feitos de tecidos diferentes, talvez. Não é como se fôssemos brigar, mas não tenho certeza de como falar com ele. Você sabe o que quero dizer?"

Maomao realmente sabia o que ele queria dizer. Normalmente, alguém poderia resolver esses problemas mantendo distância da pessoa em questão, mas isso não era uma opção aqui.

"Você está dizendo que normalmente não seria um problema, mas estamos tão próximos aqui que isso torna as coisas difíceis. E pode não ser tão ruim se fosse alguém com quem você pudesse resolver as coisas com uma briga, mas Tianyu obviamente não é esse tipo de pessoa. Estou certo?"

"Eu sabia que você era esperto! Não é que eu não consiga lidar com ele, mas... não sei o que há em seu âmago. É como se eu pudesse ver os galhos, mas não o tronco."

Lihaku parecia ter Tianyu preso por puro instinto. "Enquanto você, jovem, há uma lógica em como você se comporta.

O que quer que você faça, pode apostar que há veneno ou drogas no fundo disso."

"Você poderia pelo menos dizer 'drogas ou veneno', por favor", respondeu Maomao. “No que diz respeito a Tianyu, você está certo de que sua personalidade tem algumas rugas, mas não acho que seja algo para se preocupar muito.” Ele conseguiu se tornar um médico, afinal, e com falta de pessoal ou não, eles nunca o teriam trazido para a capital ocidental se não tivessem investigado completamente seu passado.

“Claro, eu entendo. Desculpe. Eu sou um soldado

— acho que estou sempre pensando em termos de batalha.”

“Batalha? Como assim?”

“A única coisa que sei com certeza é que nunca poderia confiar nele para me apoiar.”

Puro instinto. Não havia nada que Maomao pudesse dizer sobre isso.

Ela decidiu deixar o tópico Tianyu de lado. “De qualquer forma, posso perguntar: as ordens para investigar o feitouman vieram do Príncipe da Lua?”

“Sim, isso mesmo. O Mestre Jinshi me disse para fazer.”

Havia um nome que Maomao não ouvia muito de outras pessoas ultimamente. Gostaria que ele tivesse me dito algo. Por outro lado, Maomao preferia fazer as coisas com o mínimo absoluto de conversa.

"Desculpe, eu deveria ter te contado? Eu te conheço — se algo te desperta

interesse, você trabalha tanto nisso que esquece de comer ou dormir. E minhas ordens incluem não deixar você se acabar no chão."

Maomao pensou que estava mantendo seu monólogo interno, mas aparentemente as palavras saíram de sua boca, e agora Lihaku estava se desculpando em nome de Jinshi.

Não me deixar me acabar no chão, hein?

Nesse caso, ela poderia desejar que ele não a chamasse para seu quarto.

Para alguém que nunca parava de acumular novas demandas sobre ela, Jinshi às vezes tentava ser atencioso das maneiras mais estranhas.

E agora há uma cabeça flutuante envolvida.

Ele sempre vinha até ela com problemas que pareciam saídos de uma história de fantasmas.

"É estranho, no entanto", disse Lihaku.

"O que é estranho?", perguntou Maomao. "Além da cabeça voadora, quero dizer."

“É exatamente isso. Quando ouvi a história pela primeira vez, as pessoas falavam sobre uma máscara flutuante. Mas nos últimos vinte dias, mais ou menos, muitas pessoas parecem estar relatando uma cabeça voadora.”

“Ponto interessante. O que vi parecia mais uma máscara do que uma cabeça.” Ela só tinha visto de relance, então não tinha certeza, mas essa foi sua impressão inicial.

“É aquela coisa sobre a qual estávamos falando no café da manhã? Difícil de ignorar, hein?”

Maomao se virou para a voz atrás deles. Era Tianyu, de volta após escovar os dentes. Ele estava sorrindo.

Lihaku não pareceu muito surpreso — ele parecia ter adivinhado que Tianyu estava lá. “Escutando é

falta de educação, sabia?", ele disse.

"Escutando? Eu? Não, não. Eu só estava curioso sobre quanto tempo vocês dois continuariam conversando juntos. Um homem e uma mulher solteiros!"

"Acredite em nós, não é nada disso!" Maomao e Lihaku responderam em uníssono.

"Acredite em mim, eu não acho que sim." O quanto Tianyu ouviu?

"Então, aquela cabeça voadora. Que história, hein? O que você disse? Quer me contar?"

"Absolutamente não," Maomao retrucou. O rosto de Tianyu caiu. "Ah, por que não?" "Porque você vai contar."

"Eu não vou."

"Porque você vai ficar entediado no meio disso e desistir." "Isso eu posso fazer."

Lihaku ficou quieto, deixando Maomao lidar com Tianyu. Ele realmente não

gostava de lidar com o cara.

"Eu posso ser útil!" Tianyu disse. "Se você acha que eu não posso ser, ou se acha que eu sou um risco ou algo assim, é só porque você não sabe como me usar. Você também se recusa a usar tesouras porque pode se cortar com elas?"

Maomao olhou para Lihaku. Ele olhou de volta como se dissesse que dependia dela. Depois de um

longo momento, Maomao disse, “Só não fique no nosso caminho.” “Sim!” Havia um brilho tênue nos olhos de Tianyu.

Maomao e Tianyu começaram indo para o pátio onde Maomao tinha visto o feitouman na noite anterior.

“Então! O que acontece agora?” Tianyu perguntou, embora parecesse não se importar muito.

“O que acontece agora é que você nos mostra o quão útil você pode ser, Senhor Tesoura,” Maomao disse, olhando ao redor do pátio. Ela disse a Lihaku para dormir um pouco, já que ele estava de serviço na noite anterior, mas o convenceu a deixar seu mapa da mansão com ela.

Enquanto isso, eles disseram ao charlatão que iriam apenas fazer uma pequena tarefa, então a investigação deles tinha que ser rápida.

“Você tem que dizer à tesoura qual papel você quer que ela corte. Embora você possa esfaquear qualquer coisa velha por trás com ela.”

Maomao não respondeu a isso. Parecia que Tianyu estava irritada por ela e Lihaku não confiarem nele.

Mas ele é quem é. Seu comprometimento com a ética parecia, bem, menos do que entusiasmado.

"Que tal começarmos olhando ao redor de todas as áreas em que o espírito supostamente apareceu?",

sugeriu Maomao.

"Sim, claro."

O pátio era onde a máscara misteriosa era mais frequentemente avistada. "A maioria dos relatórios a coloca perto daquela árvore ou no topo daquele prédio", disse Maomao, olhando para suas plantas. Para um "anexo", este lugar era bem grande.

"Hoh!", disse Tianyu, olhando da árvore para o prédio e de volta. Esta era a mesma árvore em que Chue estava pendurado na noite passada. Havia

ainda um monte de folhas embaixo dela, sugerindo que o zelador ainda não tinha limpado.

"Alguma coisa chamou sua atenção?", perguntou Maomao.

"Nah. E você, Niangniang?" Era assim que ele sempre a chamava. Ela desistiu de tentar corrigi-lo, mas ultimamente até os outros médicos estavam começando a fazer isso. Era muito frustrante.

“Algumas coisas.” Primeiro ela olhou para a árvore. “Esta árvore não é como as outras que vi crescendo na capital ocidental. É maior e mais alta.”

“É? E daí?”

“Não te deixa curioso? Diferentes tipos de plantas significam diferentes remédios possíveis que você pode fazer com elas! Precisamos chegar um pouco mais perto para ter certeza do que estamos lidando,

no entanto."

"Certo. E isso tem a ver com o motivo de estarmos aqui?"

Aquele Tianyu — se ele não estivesse especificamente interessado em algo, você não conseguiria fazê-lo levantar um dedo para isso. Ele não era divertido, concluiu Maomao, dando-lhe um olhar azedo.

"Qual é a outra coisa?" Tianyu perguntou.

"A outra coisa é que o feitouman relatado dentro da casa parece assumir a forma de uma máscara ou de um rosto. Lá fora, no entanto, as pessoas afirmam ver uma cabeça."

"Desculpe, qual é a diferença entre uma cabeça e um rosto? O que você viu, afinal, Niangniang?"

"Uma máscara, eu diria. Eu a vi assim que ela desapareceu na esquina daquele corredor em direção a este pátio." Ela apontou para o lugar.

"Uma máscara... Então não parecia uma cabeça para você?"

"Não, definitivamente uma máscara ou um rosto. Mas alguns dos relatos descrevem como uma cabeça." A discrepância irritou Maomao.

"Uma cabeça é basicamente a versão tridimensional de uma máscara, certo?" Tianyu disse. Ele era inteligente e imediatamente colocou o dedo em algo-chave.

"Não tenho certeza se podemos colocar dessa

forma, mas não pude deixar de me perguntar. Eu estava pensando em investigar aquela árvore."

"Vá em frente. Precisa de alguma coisa de mim?" A tesoura cega finalmente decidiu afiar.

"Se você for gentil, então." Maomao pegou um lenço das dobras de seu manto e o enrolou em uma pedra que encontrou no chão. "Jogue isso nos galhos para mim."

"Sim, claro. Você faz parecer tão fácil." Apesar de seus resmungos, Tianyu jogou a pedra lindamente, pegando o pano em um galho. Não era exatamente uma etiqueta apropriada para uma dama da corte subir em uma árvore. Um lenço que tivesse sido levado pelo vento seria uma desculpa conveniente.

Maomao trotou até o tronco da árvore. A planta era uma coisa de folhas largas com quase seis metros de altura.

"Osmanthus", ela observou. Uma árvore que produzia uma profusão de pequenas flores de cheiro forte que podiam ser usadas para fazer vinho de osmanthus ou chá floral.

Maomao agarrou o tronco e tinha acabado de sair do chão quando exclamou: "Eca!" Sua mão estava coberta de cocô de pássaro meio seco. A coisa estava por toda a árvore.

"Nojento", Tianyu ofereceu.

"Continue "Para você mesma, por favor", disse

Maomao. Ela estudou a gosma em sua mão e então deu uma cheirada vigorosa.

"Você está, uh, sentindo o cheiro disso?" Tianyu perguntou, incapaz de ignorar o que estava vendo.

Maomao, no entanto, apenas olhou para o chão e então cutucou algo que viu lá com um pedaço de pau.

"Ei, o que você está fazendo?" Tianyu perguntou, mais confusa do que nunca. Maomao pegou dois pequenos galhos e os segurou como se fossem hashis. "Huh? Você está pegando? Você está... tirando algo do cocô,

usando hashis." Ele recuou um passo, dando a ela um olhar profundamente desconfiado.

Maomao não estava exatamente animada por fazer isso, mas havia muito que se podia aprender com esterco de animal. Além dos excrementos de pássaros não muito secos, o espaço sob a árvore abrigava algo que parecia bolas de pelo. Eles vieram de tipos específicos de pássaros — alguns deles cuspiam coisas que não conseguiam digerir.

"Este pássaro parece comer principalmente insetos", disse Maomao, dissecando a bola de pelo com um pedaço de pau. Dentro, ela descobriu asas e pernas de insetos.

"Bem, sim. Pássaros geralmente comem, certo?"

"Há um pouco de pelo aqui também. Provavelmente de um rato ou algo assim." Ela

também viu alguns ossos ao lado do pelo e pedaços de insetos.

"Então ele come ratos? Provavelmente de um falcão ou alguma outra ave de rapina."

Insetos eram uma coisa, mas se este pássaro estava comendo ratos, então tinha que ser

de um certo tamanho.

“Sim. No entanto...” Maomao olhou ao redor. A abundância de água e vegetação nesta casa atraiu um bom número de pássaros, mas ela não viu nada que parecesse grande o suficiente para comer ratos, pelo menos não naquele momento. Um pássaro como aquele teria assustado seus primos menores, de qualquer forma.

Maomao pensou por mais um momento, então olhou para o prédio. “Não é possível subir naquele telhado, é?” ela disse.

“Não sei. Quer que eu jogue outro lenço lá em cima?” “Acha que consegue chegar tão longe?”

“Duvido.”

Isso não parecia levá-los a lugar nenhum. Maomao estava pensando que era hora de voltar quando algo se moveu na borda de sua visão. Ela olhou em direção a isso e viu uma decoração de treliça sob os beirais.

“Mudei de ideia. Eu quero subir até o telhado.”

“O quê? Mas não tem como subir!”

“Tem que ter alguma coisa. Vamos encontrar uma escada.”

“Fácil para você dizer. Provavelmente teremos que perguntar ao zelador...” O que Tianyu não parecia prestes a fazer. Seu interesse parecia estar diminuindo.

O zelador? Era o velho que disse ter visto a cabeça ontem, não era?

Maomao foi até onde o zelador estava limpando. “Com licença! Poderíamos pegar uma escada emprestada?”

“O quê? Você acha que pode simplesmente marchar e exigir algo assim?” O zelador parecia muito oprimido. Ele parecia todo sombrio, talvez por conta de seu estranho encontro no dia anterior. “Eles nos disseram para sermos educados com os visitantes, mas nunca disseram que tínhamos que ajudá-lo a subir e mexer nos telhados!”
“E eles estavam certos”, disse Tianyu.
De que lado ele está?!
Tianyu obviamente não seria de nenhuma ajuda. Maomao teria que persuadir esse homem sozinha.
“Acho que tem um pássaro fazendo ninho sob o telhado”, ela disse.
“Ninhos? Sabe, agora que você mencionou, tem havido muitos excrementos por aí ultimamente.”
“Sim, senhor. Ter ninhos de pássaros por aí só pode significar mais trabalho, então pensei que talvez eu pudesse limpar. Eu ficaria perfeitamente feliz se pudesse ficar com qualquer ovo que eu encontrasse — eles são um ingrediente medicinal, sabia.”

“Medicinal? Você nem sabe que tipo de pássaro é esse aí em cima.” “Verdade, senhor, mas a maioria dos ovos é muito nutritiva, independentemente da espécie.”
Maomao estava meio que inventando coisas enquanto falava. A maioria dos ovos era

comestível, pelo menos, se você os cozinhasse. Então ela deu um último empurrãozinho. “Acho que posso saber o que está por trás do fantasma que tem aterrorizado todo mundo ultimamente.”
“V-Você sabe?! Sério?!” o zelador disse.
“Sim, senhor,” ela respondeu, confiante de que conseguiria resolver pelo menos metade do enigma.

O zelador encontrou uma escada para eles rapidamente, mas ela era velha, frágil e balançava quando a colocavam no chão.
"Deixe-me adivinhar. Você quer que eu suba no telhado?" Tianyu disse. "Você diz isso quase como se não quisesse."
"Eu não quero."
Nem mesmo Maomao achava que conseguiria impor ao velho zelador que subisse até o telhado, então ela resolveu fazer isso sozinha. O único problema era o bando de servos e burocratas que começaram a se formar quando a grande escada foi colocada no pátio. (Eles não tinham nada melhor para fazer?)
Infelizmente, nenhum deles se ofereceu para subir no lugar de Maomao; eles apenas ficaram parados e encararam. Um deles, aliás, era o oficial original com muito tempo livre: Jinshi estava lá. Todos os outros deram alguns passos para trás com a chegada deste VIP.
Jinshi olhou para o que estava acontecendo,

horrorizado, então disse algo para Basen. Basen assentiu e foi até Maomao, seu pato o seguindo educadamente.
"Parece que você vai subir aquela escada. Deixe-me fazer isso. O que você precisa lá em cima?"
"Você vai subir lá para mim, Mestre Basen?" Francamente, se essa fosse a escolha, Maomao preferiria ir sozinha.
A destreza atlética de Basen não estava em questão, mas ela se preocupava que ele não... improvisasse rápido o suficiente.
Além disso, quem sabe o que ele poderia fazer com sua força absurda?
O pato bateu as asas como se para animá-lo. A inquietação de Maomao só aumentou.
"Você não precisa se incomodar. Eu posso fazer isso", ela disse com firmeza, mas Basen não se deixaria intimidar.
"Eu disse a você, eu vou lá em cima. O que você precisa que eu faça?"

Basen estava claramente aqui presumindo que ele iria lidar com essa tarefa. Maomao teria que se curvar.
“Eu acho — eu acho, agora — que um pássaro fez um ninho nas vigas do telhado. Se você encontrá-lo, acha que pode pegá-lo para mim?”
“Um pássaro? Ah, pássaros, eu sei como lidar com isso”, ele disse, olhando para seu pato. Patos domésticos, no entanto, não voam.

“Eu suspeito que esse pássaro seja noturno, então ele provavelmente está dormindo agora. Se você puder se esgueirar até lá bem silenciosamente, para que ele não acorde, por favor. Se você puder alcançá-lo, agarre-o.”
“Entendido.” Basen estava ansioso para ir. Maomao sentia-se cada vez menos seguro sobre isso.
“Mestre Basen, não se pode entrar no Paraíso se tirar uma vida desnecessariamente, lembre-se. Tente não estrangular a pobre coisa.”
“Tente não estrangulá-lo...” Basen imediatamente soou, bem, menor.
Isso é ruim, ruim, ruim.
Ela defitely sentiu uma onda sinistra de prenúncio. Ela considerou seriamente acordar Lihaku e pedir para ele cuidar disso, mas então ela olhou para as vigas novamente. Ele nunca seria capaz de caber entre elas.
"Sabe, considerando o tamanho do espaço lá em cima, eu definitivamente acho que eu deveria fazer isso", ela disse.
"N-Não, não, eu vou. Você pode contar comigo!" Basen respondeu.
Então ele começou a subir a escada, a ansiedade de Maomao aumentando a cada passo. Se houvesse um lado bom aqui, seria que Basen era tão resistente que ele não se machucaria se caísse.
Basen chegou ao topo da escada, então olhou através da treliça ao longo da linha do telhado.

Ele lançou a Maomao um gesto de tudo bem. Acho que isso significa que há um ninho lá em cima.
A treliça foi projetada para ser removível, e Basen a arrancou. Ele passou uma corda por ela e a abaixou até o chão, então se enfiou no vão do telhado.
Toda a multidão reunida, incluindo Maomao, engoliu em seco.
Todos pareciam estranhamente silenciosos — então Maomao percebeu que Chue tinha se aproximado em algum momento e estava segurando uma placa na qual ela tinha escrito Quiet Please.
Por um longo momento, nada aconteceu, e então houve um estrondo alto. "Droga! Ele escapou!" Basen exclamou.
Ah, vamos lá!
Maomao estava fora de si — mas Chue largou sua placa e

subiu a escada. O que ela estava fazendo? Ela se posicionou em frente ao vão aberto do telhado, e quando um pequeno objeto surgiu, ela o pegou em uma rede.
Todos, mais uma vez incluindo Maomao, ficaram atordoados em silêncio com a demonstração de destreza de Chue.
De onde ela tirou essa rede? Maomao se perguntou.
"Te peguei!" Chue gritou e segurou a rede no

alto. Ela parecia tão orgulhosa de si mesma que era difícil não ficar um pouco irritada.
Ela sempre amou ser o centro das atenções, e ela encontrou uma oportunidade perfeita.

Um burburinho se espalhou pelo pátio, mas quando Jinshi, a pessoa mais importante ali, disse a todos para voltarem ao trabalho, eles se dispersaram gentilmente. Assim que os curiosos se afastaram, o resto deles pôde ver exatamente o que havia na rede de Chue.
"O que diabos é isso?" Jinshi perguntou. Ele e Basen pareciam igualmente surpresos. A julgar pela reação de Basen, o pássaro havia escapado dele antes que ele visse exatamente como era.
Chue havia capturado uma coruja, com cerca de trinta centímetros de tamanho. Não parecia uma coruja normal, no entanto — a coisa mais impressionante sobre ela era seu rosto, que era assustador e estranho, redondo e branco. As penas que circundavam seu rosto eram pretas, e se estivesse em algum lugar escuro e a coruja tivesse suas asas dobradas, poderia muito bem parecer uma máscara branca.
No entanto...
"Não é meio pequeno?" Tianyu perguntou, nada impressionado. Ele não hesitou em se jogar na conversa apesar da presença de Jinshi — o próprio Príncipe da Lua. Maomao o cutucou com o cotovelo. "Opa! Príncipe da Lua, senhor. Não percebi que você estava aqui. Sinto

muito."
Maomao estava começando a pensar que Tianyu não se importava muito com etiqueta. Não que ela estivesse em posição de julgar.
A expressão de Jinshi era um tanto dura, mas superficialmente, ele usava um sorriso digno de alguém que "vivia acima das nuvens", um nobre. "Considerando a comoção, teria sido difícil não notar. Mas o que exatamente você estava fazendo?", ele perguntou.
Fingindo inocência, não é? Maomao pensou. Aqui ele até mandou Basen fazer o trabalho sujo.
Maomao, preocupado com o que Tianyu diria se deixado por conta própria, deu um passo à frente antes que ele pudesse falar. “Senhor. Há rumores de que uma

aparição foi vista dentro e ao redor desta casa ultimamente. O soldado ligado aos médicos me disse que ouviu sobre isso de um servo, e ele está investigando em suas patrulhas na mansão. O mesmo servo veio até ele novamente esta manhã, mas como nosso soldado estava de guarda ontem à noite, hesitei em fazê-lo lidar com isso sozinho.”
Maomao presumiu que Chue teria contado a Jinshi sobre suas experiências da noite anterior.
“Na verdade, eu mesmo encontrei o que considero ser aquele espírito ontem à noite, então eu queria ajudar a descobrir o que estava

acontecendo.”
“Mm. E quanto a esse médico com você? Presumivelmente ele tem deveres médicos para cuidar.” Jinshi olhou friamente para Tianyu.
Droga. Ela sabia que não tinha sido uma boa ideia deixar Tianyu se envolver. Ela olhou feio para ele. Ele, no entanto, deu um passo à frente com um olhar inocente. "Minhas humildes desculpas", ele disse o mais elaboradamente possível. "Eu implorei para ela me deixar acompanhá-la. Maomao aqui é muito mais habilidosa na mistura de remédios do que eu, e tem me ensinado graciosamente muito. Quando ela disse que queria examinar o pátio, eu simplesmente presumi que ela queria dizer que iria caçar ervas e outros ingredientes, e segui junto."
Ora, seu pequeno...
Ele estava agindo excepcionalmente educado e nem estava errando o nome dela!
Maomao pensou que os olhos de Jinshi brilharam ainda mais intensamente. "Hoh, entendi.
Acho que entendi o que está acontecendo aqui. Você acredita que esse pássaro é o suposto espírito?"
"Sim, senhor. De qualquer forma, essa é metade da resposta.” Maomao olhou para a coruja.
“Este lugar é muito público,” Jinshi disse. “Talvez eu possa lhe fazer mais algumas perguntas em outro lugar.”

“Certamente, senhor,” Maomao disse, e lá foram eles.

Capítulo 12: O Feitouman (parte 2)

Jinshi estudou o animal na gaiola. "Eu nunca vi um pássaro com um rosto como esse antes. Nunca imaginei."

Eles se mudaram para os aposentos de Jinshi, onde ele se sentou no lugar de honra, com Suiren, Taomei e Chue ao seu redor, assim como Basen como seu guarda-costas. Maomao suspeitava que o irmão mais velho de Basen, Baryou, também estava por perto, mas ela não esperava vê-lo em nenhum momento. Gaoshun estava ausente; se ele estava de folga ou em alguma outra tarefa, ela não sabia. Por algum motivo, Tianyu estava lá também, sorrindo. Finja que você tem trabalho ou algo assim e saia daqui! Maomao pensou para ele, mas se parecesse que algo interessante estava acontecendo, Tianyu faria disso seu negócio para fazer parte disso.

"O que te fez pensar que um pássaro como esse poderia ser a verdadeira identidade do nosso feitouman?" Jinshi perguntou.

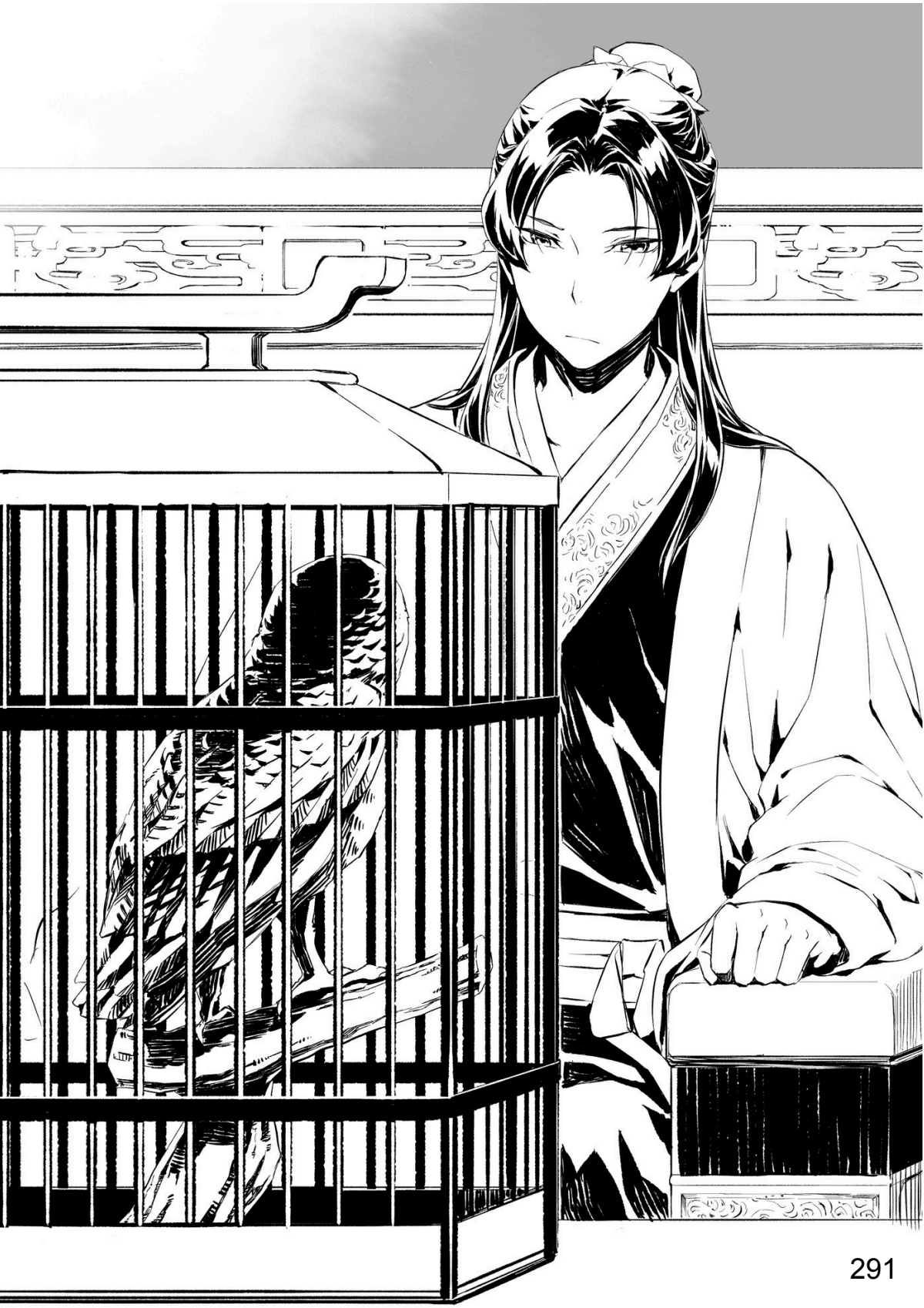
Maomao fechou os olhos. Ela teria que ter cuidado para não dar a Tianyu nenhuma informação que pudesse alertá-lo.

“Senhor. A primeira coisa que me pareceu estranha foi a palavra ‘máscara’. As pessoas disseram que a tinham visto perto da árvore ou no telhado do prédio, então meu primeiro pensamento foi olhar perto da árvore. Meu

encontro com o suposto espírito também tomou a forma de uma máscara."
Chue também notou a árvore. A investigação de Maomao revelou excrementos de pássaros — e não de um pássaro pequeno, mas sim de um pássaro bem grande e carnívoro.
"Eu vi pássaros pequenos voando pela casa durante o dia, então me ocorreu que se houvesse um predador por perto, eles poderiam ser noturnos."
"Mm. Então foi quando você percebeu que havia um pássaro por trás dessas aparições. Como você provou isso?"
"Quando eu soube sobre esse pássaro, senhor, foi um palpite bem simples. Eu nunca tinha visto um, mas tinha ouvido falar de pássaros com rostos que pareciam máscaras.
Havia uma foto de uma na enciclopédia de animais que comprei na farmácia onde eu trabalhava. Embora eu admita que não dei muita atenção na primeira vez que a vi."
Ela confiava que Jinshi saberia a qual enciclopédia ela estava se referindo

—um dos livros trazidos da fortaleza do clã Shi. Estava sob a guarda de Jinshi no momento; se ele o tivesse trazido para a capital ocidental, ele poderia dar uma olhada.
"Uma enciclopédia?" Jinshi disse com um olhar para Taomei. Ela trouxe uma braçada de livros,

Chue ajudando a carregar aqueles que ela não conseguia colocar em seus braços. Os livros incluíam a enciclopédia de ervas medicinais, junto com aqueles sobre insetos e animais. Esses eram livros do clã Shi, mas havia vários outros que Maomao nunca tinha visto.
Acho que ele não perdeu tempo desenterrando-os depois de ontem.



Ela ficou impressionada com a rapidez com que ele trabalhou.

"Isso é o que chamaríamos, apropriadamente, de coruja mascarada", disse ela. "Nenhuma coruja normal daria a impressão de uma máscara voadora — e esta tem uma coloração incomum." Esta coruja ostentava penas tão escuras que eram quase pretas. Normalmente, até pássaros com corpos de cor escura tinham penas brancas na barriga, mas, além do rosto, esta era de um marrom escuro uniforme. Seria fácil não vê-la à noite.

"Uma coruja mascarada? É isso, não é?" Jinshi perguntou, abrindo a página relevante da enciclopédia do clã Shi. Deixando de lado a coloração, o rosto inquietante e semelhante a uma máscara certamente combinava com o pássaro na gaiola.

Tianyu levantou a mão. "Posso perguntar uma coisa?"

"Vá em frente." Jinshi soou um pouco mais autoritário do que o normal. "Concordo que parece estar usando uma máscara, mas não parece um pouco

pequeno? É um pouco pequeno para ser o rosto de uma pessoa."

Tianyu olhou para dentro da gaiola para o pássaro. O animal não estava lutando; na verdade, parecia sonolento. Se colocassem algum material de nidificação com ele, talvez ele cochilasse.

"O olho humano não é confiável", respondeu Maomao. "Pode ser apenas a parte branca que você vê flutuando no ar, mas acho que pareceria maior do que é." Então Maomao pegou um pedaço de papel das dobras de seu manto. Ela estava apenas procurando por utensílios de escrita quando Chue tirou alguns e ofereceu a ela. Ela era ágil, isso era certo. Aliás, ela não poupou os olhares irritados para Basen, que quase deixou o pássaro escapar.

Maomao fez quatro pontos no papel, bem onde os olhos, a boca e o nariz de uma pessoa estariam, e o ergueu para Jinshi e Tianyu. "As pessoas perceberão qualquer coisa como um rosto humano, desde que os pontos estejam no lugar certo. É como às vezes vemos rostos nos nós de pilares de madeira."

“Então agora sabemos o que era a máscara misteriosa”, disse Tianyu. Ele enfiou a mão na gaiola e cutucou a coruja, que não reagiu particularmente.

Taomei apareceu carregando um pequeno prato de carne de frango crua. Parecia que ela era mais generosa com corujas do que com patos. Talvez dois predadores se conhecessem.

Então o pássaro ganha carne?

Taomei pegou um pedaço de frango com um par de hashis e estendeu-o; a coruja prontamente o pegou. Ela não demonstrou aversão à comida oferecida por humanos.

“E a cabeça? Você disse que havia resolvido metade do enigma.

Isso significa que você acha que a cabeça é outra coisa?” Tianyu não era idiota; ele se lembrava exatamente do que Maomao havia dito.

“Uma máscara e uma cabeça? O que isso significa?” Jinshi perguntou.

Maomao começou a explicar, aproveitando a chance para revisar tudo o que sabia. “Testemunhas começaram a relatar isso há cerca de dois meses. Na época, algumas pessoas relataram uma máscara e outras disseram ter visto uma cabeça, mas nos últimos vinte dias ou mais, a maioria das testemunhas relatou uma cabeça. Além disso, eles relataram isso do lado de fora da mansão. No meu caso, vi a máscara, mas nenhuma cabeça.”

“Então você acha que a máscara e a cabeça são coisas diferentes. Se esse pássaro é responsável pela máscara, então o que é a cabeça?” Jinshi perguntou.

“Sobre isso...” Maomao olhou para Chue.

“Sim? O que você precisa? Há algo que você quer da Srta. Chue?”

“Não é você, é, Srta. Chue?”

Maomao considerou a linha do tempo. A cabeça tinha sido testemunhada cerca de vinte dias antes, ou em outras palavras, bem na hora em que Maomao e os outros chegaram à capital

ocidental. E havia um membro do grupo que parecia especialmente propenso a fazer coisas incomuns.

“Como você pôde, Srta. Maomao? A Srta. Chue não esteve com você nos últimos dias?”

Maomao teve que admitir que era verdade. Eles estavam trabalhando juntos nos campos.

"Era apenas uma hipótese", ela disse. "Mas sinto que esta coruja me deu uma grande peça do quebra-cabeça." Enquanto a coruja comia seu frango, ela olhou para sua perna. Lá, ela viu um pequeno anel de metal bem trabalhado. "Não acho que levará muito tempo para descobrirmos a verdade sobre a cabeça. Só precisamos armar uma pequena armadilha."

Ela sorriu para a coruja com o rosto perturbador e deu-lhe um tapinha na cabeça.

No dia seguinte, Chue apareceu no consultório médico. Maomao havia limpado o café da manhã e estava ajudando o charlatão a fazer alguns remédios. Uma olhada na enciclopédia de ervas de Jinshi lhe deu uma ideia de quais espécimes que ela havia coletado poderiam ser úteis, e eles estavam experimentando.

"Você é uma profetisa, Srta. Maomao?" Chue perguntou, piscando.

"Imagino que você pegou o culpado. Você não foi muito rude com eles, foi?”

“Do que diabos vocês dois estão falando? Estou tão confuso,” disse o charlatão, que não fazia parte da conversa. Parecia muito trabalho explicar as coisas para ele, então Maomao decidiu apenas deixá-lo continuar trabalhando nos remédios. Quando ele terminou, ela suspeitou que ele faria chá para eles.

Chue não precisou de convite para se sentir em casa; ela se sentou em uma cadeira e esperou que o charlatão trouxesse alguns doces. A conversa com Maomao quase parecia auxiliar ao seu objetivo de guloseimas.

“Não se preocupe. Foi exatamente como você disse, Srta. Maomao. Nós assistimos ed a gaiola da coruja a noite toda, e quando o pássaro de repente começou a fazer barulho, nós revistamos o local. Foi a coisa mais estranha! Encontramos uma mulher vestida toda de preto e usando uma máscara bizarra.”

Chue relatou tudo isso com grande alegria, enquanto também pegava um gole do chá que o médico charlatão educadamente produziu. Os lanches que acompanhavam eram frutas secas, uma guloseima bem ocidental-capitalesca.

“Sério? Uau, quem diria?” Maomao disse, um pouco surpresa ao descobrir que sua previsão tinha sido tão precisa. “Então, era essa a pessoa que estava mantendo a coruja?”

“Bingo!” Chue formou um grande círculo com os dois braços, um gesto de confirmação.

Maomao pensou na coruja que eles pegaram. “Era bem óbvio que era um pássaro doméstico. A maneira como tinha algo na perna e não estava preocupada em ficar em uma gaiola ou comer frango que já tinha sido cortado para ela. Não acho que esse seja um animal que ela estava mantendo apenas temporariamente. Ela tem isso há muito tempo.”

“Hoh, hoh.”

“Além disso, tem algo que está me incomodando sobre o depoimento da testemunha.”

Especificamente, uma semelhança entre os relatos da máscara, que começaram dois meses antes, e os relatos da cabeça, que datavam de vinte dias atrás.

“Dois meses atrás... Não seria mais ou menos a época em que a sobrinha infame da Imperatriz Gyokuyou estava prestes a partir para a capital?”

“Oh!” Chue disse, evidentemente entendendo o que Maomao queria dizer.

“Suponha que a coruja fosse uma das oferendas a serem levadas para a cidade imperial, mas de alguma forma ela escapou”, disse Maomao.

“Hoh, hoh! Você quer dizer que talvez ela estivesse tentando pegá-la para ter outra chance de oferecê-la à família imperial agora que um membro veio até aqui? Tudo bem, mas por que a

máscara? Tentando esconder sua identidade?”

Maomao tinha uma ideia sobre isso, embora não fosse uma resposta clara ou certa — apenas um de seus palpites.

"Senhorita Maomao", disse Chue. "A senhorita Chue pode agir de forma boba, mas ela não é boba de ninguém. Ela entenderia que sua opinião era apenas uma possibilidade e nunca a aceitaria sem crítica."

Era a maneira indireta de Chue dizer Desembucha logo. Maomao não viu outra escolha a não ser obedecer.

"Suspeito que a máscara e a roupa preta são para fazer essa pessoa parecer mais com a mãe da coruja."

Chue inclinou a cabeça para isso.

"Você está familiarizada com imprinting?", perguntou Maomao.

"Ah, sim, a senhorita Chue sabe tudo sobre isso. Significa que quando um pássaro sai do ovo, ele pensa que a primeira coisa que vê é sua mãe. Da mesma forma que aquele pato se sente em relação ao meu cunhado."

"Sim, exatamente. Acho que talvez quem criou a coruja pretendia devolvê-la à natureza e queria ter certeza de que ela não marcaria um rosto humano.”

“Hoh...”

A julgar pelos excrementos da coruja, ela estava pegando sua própria comida, o que

significava que sabia caçar.

“No entanto, ela pode e aceitará carne de uma mão humana”, disse Maomao. “Domestique um pássaro de aparência interessante como esse, e uma pessoa rica pode comprá-lo como uma curiosidade, ou pode ser dado como uma oferenda à nobreza.”

“Mas seu tratador não queria que acabasse assim, então ela o deixou ir — ou talvez ele tenha escapado?”

“Isso é apenas uma hipótese, lembre-se.” Maomao se recusou a falar com certeza.

“Foi azar dela, no entanto, que a coruja fixou residência bem no anexo do Mestre Gyoku-ou! E quando um membro da família imperial chegou para ficar lá — bem, que terrível!”

“Hipótese!” Maomao repetiu.

“Ela percebeu que a coruja viria mais rápido até ela se ela se vestisse do jeito que ela se vestia enquanto a estava criando. Então, quando ela a pegasse, ela planejou soltá-la em algum lugar distante, algum lugar que as pessoas nunca encontre-o.” Hipótese...sinal.” “Não se preocupe, eu sei!”

Talvez o tratador tenha usado algum tipo de apito de pássaro. A coruja respondeu, mas não saiu.
Independentemente de o palpite de Maomao estar correto, ele os fez ganhar uma coisa.
"A pessoa de preto é o tratador da coruja, certo?" Maomao perguntou. "Sim, de fato!" Chue gorjeou.
Eles sorriram um para o outro. O charlatão, ainda fora do circuito, estava visivelmente intimidado por duas pessoas que pareciam estar tramando algo ruim.
Se Maomao estivesse certo de que essa pessoa havia criado o pássaro desde filhote, isso os deixaria perto de resolver um problema em particular. Nianzhen, o antigo servo, havia falado sobre a tribo Windreader e como o clã Yi havia garantido proteção à tribo.
Mas aposto que eles não ganharam a proteção de um clã importante apenas arranhando ritualmente a terra.
Havia também a questão de como eles realmente se livraram dos insetos que encontraram. Maomao sentiu-se sendo levada a uma conclusão: os Leitores do Vento tinham pássaros. Como ela havia sugerido a Jinshi, eles poderiam muito bem ter usado as criaturas para se comunicar. Um meio rápido e confiável de

levar mensagens teria sido muito valioso. Para começar, Maomao decidiu que queria conhecer esse estranho mascarado.

Capítulo 13: A tribo Windreader

Chue levou Maomao até onde o suspeito estava sendo mantido. Maomao podia ouvir alguém gritando: "Eu já disse! Isso tudo é um grande mal-entendido!" A voz parecia um pouco estridente demais para ser de uma mulher, mas quando Maomao viu o suspeito, ela entendeu.

"É uma criança", ela disse.

A criança tinha talvez dez anos, olhos estreitos e pele mais clara, mais característicos de um morador da província de Kaou do que de alguém da capital ocidental. E embora suas feições parecessem de menino, o cabelo longo preso atrás da cabeça sugeria que essa pessoa era de fato uma menina. Em geral, os homens da capital ocidental, mesmo os meninos, usavam lenços na cabeça ou prendiam o cabelo em longas tranças. Provavelmente foi a máscara e o cabelo longo que a fizeram ser confundida com uma mulher adulta.

"Eu não sou apenas uma criança!", ela disse, estufando as bochechas, o que não ajudou em seu caso.

Lá na sala com a criança suspeita estavam Gaoshun, Taomei, Basen e outro guarda que Maomao via com frequência, mas cujo nome ela não sabia.

"Maomao", Taomei a chamou, estreitando seus olhos de cores diferentes.

"Lady Taomei? Por que você está aqui?" Maomao perguntou. Ela não parecia o tipo de pessoa que normalmente estaria presente em um interrogatório

— o que não queria dizer que ela não parecesse ser muito boa nisso. "Primeiro eles pensaram que ela era uma mulher, depois decidiram que ela era um garotinho

, e então meu segundo filho anunciou que conduziria o interrogatório. Imagine o que aconteceu quando ele percebeu que estava lidando com uma menina."

"Ah", disse Maomao. Ela podia imaginar. "Por que o Mestre Gaoshun está aqui, então?"

Basen não era muito bom em lidar com mulheres. Quão ruim ele era? Ruim o suficiente para que houvesse medos de que ele nunca conseguiria deixar filhos para a posteridade.

"Se você não está preocupada em ficar sozinha com Taomei e Basen, Xiaomao, eu posso ir embora", disse Gaoshun, embora o sulco em sua testa estivesse mais profundo

do que o normal. Maomao decidiu seguir em frente.

"Mãe..." Basen gemeu. Aqui estava ele

realizando um interrogatório sob o olhar atento de seus pais. Fale sobre superproteção.

A garota era apenas uma criança. Isso ainda era demais para Basen lidar?

Ele parece lidar bem comigo e com a Srta. Chue. Ela conseguia entender quando se tratava de Chue; ela era uma espécie de animal raro. Talvez Basen visse Maomao como se enquadrando na mesma categoria. Isso a fez franzir um pouco a testa.

"O interrogatório não está indo bem? Quer que a Srta. Chue cuide das coisas?" Chue perguntou, aproximando-se com um sorriso brilhante.

"Não, Srta. Chue, sua ajuda não será necessária", disse Taomei. "Aww. Mas eu sou tão boa com crianças." Chue desenrolou uma série de bandeiras

da manga.

"Sinto muito, mas se me permite perguntar, até onde o questionamento chegou?" Maomao disse, interrompendo entre a nora e a sogra. Os membros do clã Ma eram todos muito característicos, e Maomao temia ficar para trás se não tomasse a iniciativa de se inserir na conversa. O pato de Basen podia ser visto enfiando o bico na sala para dar uma olhada no que estava acontecendo, mas ela não entrou de fato. Ela estava com medo de Taomei.

"Desculpe-me. No momento, esta criança — o nome dela é Kulumu." "Ku... Kulumu?"

"Está escrito assim", Taomei disse, esboçando os caracteres na mesa.

"Entendo, obrigada", disse Maomao. O nome não soava muito como algo da área da capital imperial. Se alguma coisa, tinha o toque de algo de Shaoh, ou até mesmo mais a oeste.

“Diga a ela! Diga a ela que sou apenas uma linda jovem cujo único crime foi tentar recuperar o pássaro que criei!”

Linda jovem? Todos olharam para Kulumu. Seja lá o que for, ela certamente tinha uma opinião elevada sobre si mesma. No momento, no entanto, dizer isso só parecia provável que os desviasse ainda mais do assunto.

“Ela afirma que a única coisa que quer é seu pássaro de volta e que não tem nenhuma intenção maliciosa de qualquer tipo, e nos informou em termos inequívocos que, como tal, devemos devolver o animal a ela e deixá-la ir”, explicou Taomei.

“Uma pequena e exigente fulana de tal”, disse Chue. Exatamente os pensamentos de Maomao.

“Quem se importa?! Eu criei aquele pássaro! Aqui, olhe para isso! Você pode ver que ele gosta de mim!”

“Não tenho certeza se consigo.”

O pássaro se recusou a olhar para Kulumu. Mesmo de tão perto, a criatura parecia estar usando uma máscara estranha.

“Eu disse a você, preciso disso!” Kulumu colocou uma máscara para complementar sua roupa preta. Finalmente, a coruja se virou em sua direção. “Heh, viu? Eu a criei de um ovo. E eu estava vestida assim o tempo todo.”

“O que significa que ela responderia a qualquer um vestido assim. Não apenas você,” Maomao observou.

O queixo de Kulumu praticamente caiu no chão. “Não, é verdade! Você tem que acreditar em mim! Como você pode não confiar em uma criança tão doce e inocente?!” Ela parecia que ia explodir em lágrimas. “Eu até sei qual é a comida favorita dela!” “Nossa, como você é fofa. É frango,” Taomei disse, pegando um pedaço de

carne em seus hashis e estendendo para a coruja, que pulou e avidamente o bicou.

Kulumu parecia ainda mais escandalizada.

“Acontece que você não precisa de pijama preto enquanto tiver comida.” Atrás da máscara, Kulumu soltou o que parecia um soluço sufocado.

Basen, enquanto isso, estava parado ali, sem dizer uma palavra. Sua mãe estava no controle das coisas. Na verdade, ele parecia muito com

Gaoshun, que estava ao lado dele, obviamente rezando para que nada acontecesse.

“N-Não... Eu... Eu o criei! É meu!” Kulumu insistiu. “E você pode provar isso para nós?” Maomao perguntou.

“Eu q-q-queria poder...”

“Nossa, Srta. Maomao, você é tão implacável com crianças quanto é com todo mundo”, disse Chue, pura galeria de amendoim neste momento, enquanto Taomei estendia mais frango. Chue, ao que parecia, estava sendo respeitosa com sua sogra, apesar das liberdades que ela parecia tomar com seu sogro e cunhado.

“É fácil ser crítico, mas até mesmo crianças podem começar um incêndio proverbial.

Quando você anda furtivamente pela casa de uma pessoa poderosa, você vai se meter em problemas por isso, mesmo se for criança, certo?” Maomao disse.

“Justo.” Chue pegou o frango e estava prestes a colocá-lo na boca.

“Oh, Srta. Chue, frango cru é perigoso. Cozinhe primeiro se for comê-lo.”

“Opa! Erro meu.”

Chue pode ter sido uma comilã com estômago de ferro, mas até ela provavelmente deveria ficar longe de carne de porco e frango crus.

“É sério... eu o criei! Eu mesmo choquei o ovo”, disse Kulumu. “É mesmo? E onde você conseguiu o ovo? Como você o chocou? E

como a coruja escapou? Conte-nos isso?” Maomao perguntou.

Kulumu deu outra grande cheirada e começou a falar. “O e-ovo, eu... eu ganhei de alguém. Um caçador que era amigo do meu pai. Ele disse que não precisava, mas meu pai não queria comprar.”

“Um caçador?”

“Sim. Ele estava caçando e encontrou o ovo neste ninho, então o trouxe de volta com ele. Ele pensou que meu pai poderia chocá-lo e criá-lo para vender a algum cara rico.”

“Ah...”

E esse pássaro foi o que surgiu. “Como você chocou o ovo, então?”

“O pai sempre mantém o quarto agradável e aquecido. Ele usa bastante combustível e, se ficar muito quente, abrimos a janela e, cerca de cinco vezes por dia, ele vira os ovos. Eu não podia usar combustível, então o mantive perto de mim. Você sabe, como uma mãe pássaro faria. Ele chocou depois de cerca de cinco dias.”

“Hmm...”

“Tenho certeza de que ela está certa. Ovos de pato chocam da mesma forma”, Basen se ofereceu. Ele deveria saber; ele cuidou daqueles patos por

tempo suficiente. Maomao estava apenas vagamente familiarizado com métodos de chocar ovos, mas parecia certo.

Desta vez Basen se virou para Maomao. "Bem? O que você acha?"

"Eu acho que parece plausível. Muito detalhado para ser uma história que ela inventou na hora."

"Concordo. Interessante descobrir que patos e corujas são chocados da mesma forma."

Interessante, mas, infelizmente para Basen, irrelevante. Por que ele estava tão apaixonado por patos ultimamente, afinal?

Sim, é tudo basicamente plausível...

Mas algo ainda a incomodava. "Então você criou esta coruja com a intenção de vendê-la?"

"N-Não, eu não fiz!"

"Achei que não." Maomao arrancou um punhado da roupa preta de Kulumu. "Você esperava devolvê-la à natureza, não é?"

Depois de um segundo, Kulumu respondeu: "É... Eu até o ensinei a pegar ratos e insetos para que ele pudesse caçar por si mesmo."

"Mas então ele foi vendido por você."

"É! Pelo meu pai idiota!" Ela cerrou os punhos. "Quando ele viu seu rosto incomum e sua cor engraçada, ele esperou até que eu estivesse em algum lugar e o vendeu. Ele nem me perguntou!

Eu não tinha uma companheira para ele, então eu o deixaria voltar para a floresta. Esse era o objetivo dessa fantasia sufocante!"

Kulumu estava obviamente furioso, mas dificilmente era uma história incomum. Em Li, o chefe da família geralmente tinha o direito de fazer o que quisesse com os bens das mulheres e crianças.

Acho que talvez fosse mais surpreendente se você vivesse em algum lugar onde as mulheres estivessem em uma posição mais forte, pensou Maomao. As filhas eram comumente tratadas como ferramentas para serem usadas em casamentos políticos ou como uma forma de ganhar um dote. Vender uma garota para o bairro do prazer era, em essência, a mesma coisa.

“Entendo. Talvez eu possa lhe fazer algumas perguntas enquanto coloco meus pensamentos em ordem? Essas perguntas são baseadas inteiramente em minhas suposições, então, por favor, corrija-me se eu estiver errado.”

“Certo.” Kulumu fungou e assentiu.

“Seu pai não é um falcoeiro, mas ganha dinheiro domesticando falcões e outras aves incomuns e vendendo-as para pessoas ricas, certo?”

Kulumu assentiu. “Ele também caça. Mas animais de estimação são vendidos por mais.”

“E para quem ele vendeu a coruja? Foi para a filha do Mestre Gyoku-ou, o dono desta casa?”

“Não! Ela é sua filha adotiva. O Rei Rouxinol não tem uma filha de verdade dessa idade.” Kulumu parou de fungar; ela soou surpreendentemente clara e enérgica.

“O Rei Rouxinol?” Maomao perguntou. Ela nunca tinha ouvido essa expressão antes. Filhas adotivas dificilmente eram incomuns, de qualquer forma. Ela não esperava que esse fosse o ponto que faria Kulumu se arrepiar.

“É o nome do personagem principal desta peça. Ele resolve os problemas mais difíceis com rapidez e d graça! A história é modelada em um velho duque. Alguém deu esse apelido a Gyoku-ou porque seu nome significa Rouxinol de Jade.”

Kulumu pode ter parecido jovem, mas Maomao estava começando a apreciar que ela era uma criança bem esperta, com um vocabulário

altamente desenvolvido para alguém de sua idade.

“O Mestre Gyoku-ou certamente parece popular na capital ocidental.” “Eu acho. Ajuda que ele seja o filho mais velho do Mestre Gyokuen, que

fez desta cidade o que ela é, mas ele é muito amigável. Ele até fala com plebeus.”

“É isso mesmo?” Maomao descobriu que esse homem, Gyoku-ou, não fazia muito sentido para ela. Agora, porém, havia perguntas mais importantes a serem feitas. “Então sua coruja foi vendida para a filha do Mestre Gyoku-ou, mas então ela escapou e começou a viver aqui nesta casa, certo?”

“Mais ou menos.”

“Como você descobriu que a coruja tinha escapado?”

“Ah, bem, o culpado veio até mim e se desculpou.”

“O culpado?” Maomao olhou para Chue. Taomei e Basen pareciam igualmente surpresos.

“Posso não parecer grande coisa, mas tenho conexões com a família Gyoku. Eles até me ensinaram a escrever.”

“Uau! E aqui você parece uma criança imunda,” Chue murmurou. “Quem você está chamando de imunda?! Eu sou uma mulher linda, como eu disse!”

Kulumu retrucou. Aparentemente ela havia superado seu ataque de choro.

“Eu ficaria muito interessada se você pudesse explicar. Se me permite dizer, você não parece alguém cuja posição normalmente permitiria acesso a esta mansão.” Taomei havia dito de uma forma diferente, mas ela estava essencialmente

dizendo a mesma coisa que Chue. Gaoshun só conseguia olhar suplicante para sua esposa e nora, silenciosamente implorando para que não fossem tão rudes.

"Eu era muito próxima da mãe de Gyoku-ou, esposa do Mestre Gyokuen. Ela é parente do meu pai. Foi assim que começamos a vender pássaros para pessoas ricas. Na verdade, vi a filha de Gyoku-ou ou quem quer que seja quando entregamos o pássaro. Tentei pedir para ela devolver, mas era como se ela não soubesse o que fazer. Acho que ela não pode simplesmente dar algo que ganhou do meu pai."

"Então foi a filha que deixou o pássaro ir", sugeriu Maomao. Ela teve que admitir que não tinha os sentimentos mais favoráveis em relação à jovem, que havia sido enviada para a capital imperial como parte de uma manobra política, mas não era culpa da garota. Na verdade, ela não parecia uma pessoa má como tal.

"Não poderia te dizer. Tudo o que recebi foi uma mensagem: Ele escapou. Desculpe. Eu sabia que o que eles queriam dizer era que queriam que eu o pegasse. Como eu disse. Inocente."

"Não sei sobre isso. Você deu um susto terrível nos moradores desta casa", disse Maomao.

"Grr", Kulumu rosnou, soando como um cachorro selvagem.

“Acho que agora entendemos a ideia, Srta. Maomao”, disse Chue. “Sim. Até onde vai...”

“Mas isso não é o suficiente para você, não é, Srta. Maomao? Há outra coisa que você quer perguntar.”

Chue estava certa. Maomao não estava interessada principalmente no motivo pelo qual Kulumu estava espreitando pela mansão.

“Tudo bem. Talvez você possa nos compensar pelo problema que causou respondendo a algumas perguntas.”

“Sim, acho que é uma boa ideia”, disse não Kulumu, mas Taomei.

Maomao manteve um olho em Taomei enquanto dizia: “Sua família cria pássaros. Você os usa como meio de comunicação?”

“Não hoje em dia. Acho que costumávamos, antigamente, e conhecemos essas pessoas que criam pombos.”

Maomao cruzou os braços pensativamente. “Você já praticou falcoaria, então?”

“Sim, nós praticamos. Papai simplesmente desistiu porque ele pensou que ganharia mais vendendo coisas para pessoas ricas. Costumávamos caçar coelhos, até raposas às vezes. Essa é a razão pela qual ele não queria este ovo — você precisa de falcões ou gaviões para caçar caça grande o suficiente para valer a pena. O que é

melhor ter por perto, certo? Um animal de estimação ou algo que possa caçar? Mas animais de estimação são mais fáceis de criar."

Ela estava certa; uma coruja só seria capaz de caçar ratos ou coelhos pequenos, na melhor das hipóteses.

"Nesse caso, você poderia treinar os pássaros que você criou para caçar apenas animais específicos?"

Kulumu franziu a testa para isso. "Nós nunca fizemos isso, mas acho que não é impossível. Às vezes as pessoas alimentam os pássaros com uma coisa específica desde o dia em que eles nascem, para influenciar suas dietas dessa forma. Ou você pode dar a eles recompensas específicas com base no que eles caçam para você. Veja, na falcoaria, quando o pássaro traz uma caçada de volta, você a troca por comida. Eles podem aprender o que lhes dá suas guloseimas favoritas, e então eles podem começar a procurar mais por essas coisas."

Sim, Kulumu era esperta, tudo bem. Apesar de sua voz estridente, ela era muito mais adulta do que sua contemporânea Chou-u.

"Isso significa que talvez você possa ensinar os pássaros a mirar em gafanhotos," Maomao refletiu.

"Gafanhotos?" Basen disse imediatamente. O que quer que ele pensasse que estava acontecendo, o fez se virar para o pato, cujo bico ainda estava espiando

pela fresta da porta.

“Gafanhotos?” Kulumu ecoou. “Você precisaria de um pássaro que não fosse muito grande, como esse cara. E eles gostam mais de carne, então seria mais prático ensiná-los a trocar gafanhotos por comida.”

“Entendo. Mais uma pergunta, então,” Maomao disse. Ela respirou fundo e então deixou as palavras saírem todas de uma vez. “Você é um membro da tribo Windreader?”

Isso fez Kulumu recuar por um momento. “Como você sabe esse nome?”

Maomao cerrou o punho. “Então você sabe sobre eles!”

Kulumu, a autoproclamada mulher bonita, cruzou os braços e disse, “Hrm...” Então ela disse, “Não tenho certeza se eu iria tão longe. Ouvi dizer que meu bisavô costumava usar esse nome quando todos ainda viviam nas planícies. Minha avó mencionou isso para mim algumas vezes, mas eu não diria que sei muito sobre eles.”

“Você poderia nos dizer o que sabe?”

“Hmm. Não sei...” Kulumu ficou muito satisfeita em descobrir que tinha algo que Maomao queria. “Não posso te dizer de graça...” Ela sorriu. Ela queria dinheiro!

Um par de olhos predadores brilhou atrás dela.

“Falando em de graça, talvez você prefira ser entregue às autoridades?” Taomei estava sorrindo.

Por algum motivo, Basen, que nem estava envolvido aqui, se encolheu, e até a coruja bateu as asas e estremeceu. Gaoshun tinha a expressão impassível de um monge contemplando o Vazio, enquanto Chue parecia estar fingindo ser uma árvore.

Kulumu fez uma careta. Não é de se admirar que até Gaoshun vivesse admirado por sua esposa.

Maomao tossiu intencionalmente. “A negociação já acabou. Você responde às nossas perguntas, e não o entregamos à lei. Há também a questão de certo tratamento futuro...”

“Sim, por exemplo, ainda estamos considerando o que acontecerá com esta coruja”, disse Taomei, retomando o tema.

“Tudo bem, entendi... Minha avó me disse que antigamente, uma das tribos nômades foi atacada, e a maioria deles foi morta. Ela disse que as mulheres foram tomadas como noivas e as crianças foram vendidas como escravas.”

Isso estava de acordo com o que Maomao havia aprendido. Mas algo a incomodava.

"Ouvi dizer que os Leitores do Vento usavam pássaros. Isso significaria que seu método de chocar e criar esses animais não morreu com eles?"

"Desculpe, acho que não coloquei da maneira certa. Os Leitores do Vento foram exterminados. Pelo menos metade deles."

"A-Aquela metade?" Maomao e os outros olharam para Kulumu, boquiabertos.

"Sim, claro. Os Leitores do Vento estavam sempre vagando pelas planícies, fazendo algum tipo de ritual ou algo assim. Então por que eles iriam todos juntos para todos os lugares, em um grande grupo? É melhor se separar, certo? Especialmente porque eles podiam usar pássaros para falar uns com os outros e essas coisas. Ok, então não sei ao certo se foi exatamente a metade. Talvez tenha sido um terço, até mesmo um quarto. Meu bisavô estava com um deles."

"O que aconteceu com o resto deles?" Maomao perguntou. "Todo mundo trata os Leitores do Vento como se eles tivessem morrido. E o ritual não pôde continuar, não é?"

"Hrm... Tenho que dizer, eu realmente não sei. Meu bisavô era da parte da tribo que sobreviveu, eu acho, mas ele morreu quando minha avó tinha uns dez anos. Ela disse que ele lhe ensinou um monte de coisas sobre pássaros, mas que naquela época eles não eram mais nômades. Ele já estava morando na cidade.

Ela disse que eles nunca precisaram se preocupar com comida, porque ele tinha um cliente

regular que comprava os pombos que ele criava."

"Um cliente regular?"

"Eu acho. Provavelmente algum VIP de algum lugar, ela disse, mas foi tudo o que ela me disse. Eu não acho que ela mesma soubesse muito sobre isso."

Todos ficaram em silêncio absoluto.

"Huh? Ei, uh... Eu disse algo errado?"

"Não," Maomao disse lentamente. "Não, na verdade, muito obrigada." Pela primeira vez, ela realmente apreciou o que significava "um raio do nada". Não, isso não era bem verdade — ela pensou que Kulumu poderia estar de alguma forma tangencialmente conectado à tribo Windreader, mas ela nunca esperou chegar tão perto do cerne da questão.

"Então, posso levar meu amigo aqui para casa ou o quê? Eu encontrei o lugar perfeito para deixá-lo ir."

"Você finalmente o recuperou e vai libertá-lo?" Maomao perguntou.

"Esse sempre foi o plano. Foi o que minha avó me ensinou."

Maomao chamou a atenção de Taomei. Ela deu um único aceno, e Maomao entregou o pássaro engaiolado para Kulumu, que abriu um grande sorriso.

"Talvez você possa responder uma última

pergunta para mim?"

"Sim? O quê?" Kulumu estava animada agora que tinha sua coruja

de volta; Maomao podia ver seus dentes da frente enquanto falava.

"Você disse que seu pai era parente da mãe do Mestre Gyoku-ou. Posso presumir que a mãe dele também era membro da tribo Windreader?"

"Não posso dizer com certeza sobre isso. Ela parecia gostar muito de pássaros, no entanto, e definitivamente sabia como lidar com eles."

Se a mãe de Gyoku-ou fosse uma Windreader, muitas peças desse quebra-cabeça começariam a se encaixar.

Esta é uma informação valiosa... Mas se Maomao acreditasse no que Kulumu lhe dissera, isso também produziria várias contradições. Por exemplo, se a tribo Windreader não foi completamente aniquilada, por que eles não continuaram o ritual após o ataque?

Isso colocaria em questão o ponto do que Nianzhen, o servo, estava fazendo.

Então havia a questão de por que os Windreaders sobreviventes haviam desaparecido.

Sim, muitas perguntas.

Posso pensar em uma possibilidade.

Suponha que alguém deixasse as pessoas

pensarem que os Windreaders haviam sido destruídos e, em seguida, colocasse seus talentos para outras usos.

Pessoas que pudessem comunicar informações rapidamente teriam uma vantagem tática.

Se você pudesse encurralar um povo que foi "exterminado" e mantê-lo em um só lugar, haveria uma série de usos para ele. Isso fazia sentido quando Maomao pensava no bisavô de Kulumu, que já estava morando na cidade. Isso também explicaria sua morte prematura.

Uma vez que o conhecimento necessário fosse passado adiante, pessoas que se lembrassem do passado seriam apenas um obstáculo.

"Ei! Ei! Senhorita? Posso ir para casa agora?"

Maomao saiu de seu devaneio quando Kulumu a cutucou. Ela deve ter se perdido em pensamentos. "Desculpe por isso. Você poderia nos dizer como entrar em contato com você? Talvez eu possa apresentá-la a um cliente que estaria muito interessado em seus pássaros."

"Caramba... Por que você parece tão assustador?"

Aparentemente Kulumu não estava sendo enganada pela tentativa de Maomao de sorrir. Ela estava tentando parecer amigável, mas em vez disso seu rosto transmitia: Eu serei amaldiçoado se deixar essa preciosa fonte de informação escapar

por entre meus dedos.

"Ho ho. Não se preocupe, nós nunca maltrataríamos uma criança. Vamos, agora, você não vai nos apresentar ao seu pai?" Taomei perguntou, os olhos brilhando.

Kulumu se contraiu, então assentiu.

Taomei é muito forte, pensou Maomao. Ela era uma obra-prima de mulher, de uma forma distinta de Suiren ou da madame.

Ficou terrivelmente quieto.

Chue estava se contendo, e Basen havia adotado a expressão contemplativa estudiosa de seu pai. Maomao se perguntou se foi assim que Gaoshun foi moldado no homem que ele era hoje. No momento, ele estava lá, fazendo o que parecia ser sua melhor imitação de uma parede.

Eles mandaram Kulumu para casa com um dos criados, então Taomei convocou Maomao.

“Acontece que há algo que você ainda não nos contou?” ela perguntou. Seu tom era educado, mas a mensagem era inconfundível: Se você sabe de algo, diga.

“Tenho minhas suspeitas, senhora, mas elas não são nada mais do que isso.

Palpites, cheios de conjecturas absurdas. Hesito até mesmo em dar voz a elas.”

Luomen havia ensinado Maomao que ela tinha que assumir a responsabilidade por suas palavras. Ela não estava prestes a tirar conclusões concretas com base apenas na força de suposições não comprovadas.

"Talvez, mas meu — nosso — mestre não está procurando conclusões cristalinas. Está na natureza dele absorver tudo o que pode. Talvez você possa compartilhar seus pensamentos conosco para ajudá-lo a considerar como se preparar para o que vai acontecer." Ela virou aqueles olhos de predador para Maomao. Fala logo!, eles disseram.

"Muito bem, senhora." Ela sabia que Taomei levaria tudo o que ela dissesse para "seu mestre", Jinshi.

"Não me diga. Acho que você deveria falar com ele diretamente."

"Eu realmente não acho que seria um problema para nós simplesmente conversarmos aqui." Ela estava confiante de que Taomei não distorceria suas palavras ao contar a Jinshi sobre elas.

"De jeito nenhum. Meu marido estava apenas dizendo que o Príncipe da Lua poderia usar uma chance para relaxar um pouco."

"Como?"

O sorriso de Taomei era quase travesso. Maomao olhou feio para ela, mas ela não podia fazer mais do que isso.

Capítulo 14: O passado e o possível

A bela sala estava impregnada com o rico aroma de chá. O chá, que foi servido (ploop-ploop-ploop) em um bule de chá de estilo estrangeiro, era vermelho como uma rosa. Este era um chá escuro no sentido mais literal, observou Maomao enquanto saboreava o cheiro. Às vezes, as pessoas tomavam esse tipo de chá com açúcar ou leite de vaca, mas Maomao os recusava — ela não suportava chá adoçado.

"Então, qual é sua opinião sobre o assunto?", perguntou Jinshi, que conseguiu parecer elegante apenas mexendo um pouco de leite em sua bebida com uma colher. Essa era a maneira certa de fazer isso para evitar enjoar. Suiren havia aquecido o leite para facilitar seu sistema digestivo.

Maomao sentou-se à mesa em frente a ele e tomou seu próprio chá. Temos certeza sobre isso? Este é o cenário certo para esta conversa?

Taomei levou Maomao diretamente para os aposentos de Jinshi, mas não importa como você o cortasse, ela se viu em uma festa do chá. Suiren não pareceu se opor, o que significava que tinham sua aprovação tácita, mas Maomao não conseguia deixar de se perguntar.

"Aqui, para você", a velha senhora disse com

um sorriso enquanto empurrava o chá para Maomao. Ela sentiu que não podia recusar, então decidiu aproveitar apenas um gole enquanto falava com Jinshi.

"Devo avisá-lo, senhor, minha opinião—"

"—é mera especulação e pode não concordar totalmente com os fatos verdadeiros. Sim, sim. Garanto a você que terei uma visão objetiva das coisas e não aceitarei tudo o que você disser sem crítica. Isso faz você se sentir melhor?"

"Sim, senhor", disse Maomao. Foi tudo o que ela conseguiu dizer. Jinshi olhou para Taomei. Seu tom diligentemente oficial era em deferência à presença dela? "Por onde você gostaria que eu começasse?"

"Com a tribo Windreader. Junte tudo para mim, até mesmo as coisas que já ouvi antes."

"Muito bem, senhor." Isso pelo menos tornou as coisas mais fáceis — ela seria poupada do esforço de tentar não se repetir. “Ouvimos falar dos Leitores do Vento pela primeira vez por Nianzhen, o antigo servo da vila agrícola que visitamos. Ele disse que a tribo havia sido destruída em um ataque que visava ganhar esposas e escravos para seu povo. A tribo Leitores do Vento era responsável por um ritual

de algum tipo e, de acordo com Nianzhen,

estava sob a proteção do clã Yi."

Isso ela já havia dito a Jinshi, então ele continuou a beber seu chá e mastigar um lanche enquanto ouvia. O lanche, aliás, era um biscoito de estilo estrangeiro que combinava bem com o chá exótico.

"Podemos especular que, qualquer que fosse o ritual, ele de alguma forma ajudou a impedir pragas de insetos antes que acontecessem. Pode ter sido uma prática chamada aração de outono, que envolve revirar a terra para não apenas melhorar a qualidade do solo, mas destruir os ovos de insetos nocivos. Acho que o irmão mais velho de Lahan saberia os detalhes."

"Você quer dizer o irmão de Lahan. O clã La é cheio de indivíduos altamente talentosos, não é? Pensar que eles têm dois fazendeiros praticamente profissionais."

Então chegou a isso: até Jinshi o chamou de Irmão de Lahan.

Tenho a impressão de que o Irmão de Lahan aprendeu a cultivar sob coação, no entanto.

Com sua característica diligência, ela sabia que ele devia ter se dedicado a aprender os caminhos do solo. Se ele tivesse nascido em uma família comum, ele poderia ter se tornado um superdotado mais comum.

"Onde está o Irmão de Lahan?" Jinshi

perguntou.

“Recebemos uma mensagem de que ele deveria retornar à capital ocidental amanhã. Ele quase terminou de ensinar os aldeões a cultivar”, Basen relatou.

Ah, sim. Nós o deixamos lá, não foi? Maomao pensou. Ela se perguntou se ele teve sucesso em ensiná-los a cultivar batatas.

“Quando ele voltar, diga a ele para vir falar comigo.” “Sim, senhor.”

Basen se retirou. Havia uma pena de pato perdida em suas costas. Maomao olhou para Jinshi para ver se estava tudo bem continuar. "Vá em frente", ele disse.

"Sim, senhor. A tribo Windreader usava pássaros de alguma forma, mas o antigo servo não sabia exatamente como. O personagem suspeito que pegamos hoje — Kulumu — no entanto, afirma que os Windreaders não foram exterminados e que eles passaram o segredo de seus pássaros, que é como seus descendentes agora ganham a vida. Como você suspeitou, eles parecem criar pombos-correio. Eles também podem ter criado outros tipos de pássaros."

Kulumu parecia acreditar que o talento para criar pássaros era

principalmente sobre cultivar animais de

estimação para vender para pessoas ricas, mas isso não era verdade. "Dependendo de como os pássaros são criados, acredito que eles podem ser usados para

ajudar a encontrar insetos. Mas eu acho que os pássaros-mensageiros são o estoque do clã."

Essa era simplesmente a resposta que Jinshi já havia chegado.

"Acho que a maior força dos Windreaders era sua habilidade de usar pássaros para se comunicar. Embora eu deva enfatizar que isso é apenas meu palpite, eu não ficaria surpreso se eles estivessem servindo como uma rede de informações."

Jinshi nem sequer vacilou. "E os sobreviventes da tribo, então?" "Novamente, isso é apenas especulação — mas acho que eles podem ter sido

protegidos por aqueles que viam valor em suas habilidades." Maomao falou lentamente, escolhendo suas palavras cuidadosamente.

"E quem você acha que os protegeu?"

Depois de um momento ela disse, "Não tenho certeza. O clã Yi, talvez, ou talvez algum outro poder."

"Por que os Yi fariam isso?"

Maomao sabia tão bem quanto Jinshi que sua resposta criou algumas inconsistências. Se os Yi estivessem protegendo seriamente os Windreaders, a tragédia de cinquenta anos antes nunca teria

ocorrido.

"Eu ouso me referir à mãe do antigo imperador, a imperatriz reinante, senhor."

"Você tem minha permissão."

"É porque ela destruiu o clã Yi." "Hmm."

Maomao podia ver que fazia sentido para Jinshi. A imperatriz reinante havia governado o país por procuração, controlando seu filho como uma marionete. Ela parecia ter sido uma pessoa pensativa e lógica; havia razões óbvias para ela expandir o palácio traseiro e proibir a extração de madeira nas florestas. Mas quando se tratava da aniquilação do clã Yi, havia muita coisa que permanecia obscura.

“Você está sugerindo que o clã Yi tentou manter os Leitores do Vento para si, não deixando a família Imperial saber sobre eles, e quando descobriu-se que eles eram, na verdade, uma rede de espionagem privada, o clã foi punido por isso.”

“Eu acho que é uma possibilidade, senhor.”

Era apenas a hipótese de Maomao. Ela ofereceu a Jinshi meramente como algo a ser considerado ao fazer seus julgamentos.

“Entendido. E quanto à possibilidade de que alguém além do clã

Yi estivesse abrigando esta tribo, então?”

“Eu me lembrei que a Dama Branca usava

pombos para se comunicar. Ela pode ter aprendido a fazer isso em Shaoh — e não é impossível que tenha chegado até ela, ou Shaoh, dos Leitores do Vento."

"Então a arte dos Leitores do Vento encontrou um lar em Shaoh. O que nos deixa com a pergunta: ela chegou lá antes da tribo ser destruída, ou depois?"

Agora, essa não foi uma pergunta muito legal.

"Na minha opinião, teria que ter sido antes da destruição deles", disse Maomao.

"Então foi traição?"

"Sim, senhor. Eles cometeram subterfúgios."

Maomao pensou mais uma vez sobre o motivo pelo qual os Leitores do Vento foram destruídos. A tribo tinha sido de algum tipo de sacerdotes, sim, mas suponha que eles também fossem espiões servindo ao clã Yi. Se os Leitores do Vento tivessem traído seus mestres, então faria sentido que os Yi escolhessem simplesmente ficar parados enquanto outra tribo os massacrava.

Então eles reuniram os últimos Leitores do Vento nas cidades, onde poderiam ficar de olho neles, e garantiram que suas artes fossem passadas para a próxima geração — e então os eliminaram.

As respostas de Kulumu colocaram a ideia na cabeça de Maomao e ela não conseguiu tirá-la de lá. Seria fácil justificar a mudança dos Leitores do

Vento para a cidade: os Yi simplesmente queriam protegê-los. Quando, na verdade, eles queriam mantê-los por perto.

Jinshi pareceu concordar com ela; ele estava concordando e tomando seu chá. Maomao tomou um gole; sua garganta estava seca.

"Então os Yi estão envolvidos, e Shaoh. É só isso?" Jinshi perguntou. "Não, tem mais um grupo." Kulumu disse outra coisa que

chamou a atenção de Maomao. "Kulumu disse algo que implicava que a esposa do Mestre Gyokuen, a mãe do Mestre Gyoku-ou, era de origem Leitora do Vento."

Jinshi não mediu palavras. "Está certo."

Então ele já investigou.

Por que se incomodar em perguntar sobre a especulação dela, então? Atrás de Jinshi, Chue levantou dois dedos e sorriu. Ela deve ter sido a única a obter a informação.

"Parece que a esposa do Senhor Gyokuen desempenhou um papel substancial em ajudar seu negócio a prosperar. Informação é tão boa quanto ouro em negócios, afinal. Para ele ter acumulado tantos recursos quanto ele ao longo

dessas várias décadas, ele deve possuir um poder que outros não possuem."

E agora seu neto era o próximo na linha de

sucessão ao trono Imperial. Se Gyokuen fosse um homem que se fez sozinho, ele se tornaria melhor do que qualquer outro homem na nação.

"Ninguém tem uma palavra ruim a dizer sobre sua esposa. Todos dizem que ela era inteligente e calorosa." Isso fazia sentido; Kulumu disse que ela também era gentil. Engraçado, considerando que ela tinha um filho meio suspeito.

Isso era o máximo que Maomao precisava se aprofundar nisso, em sua própria opinião — mas havia outra coisa que ela precisava perguntar. "Posso trazer algo um pouco fora do assunto da tribo Windreader?"

"O que é?"

"É sobre a vila agrícola que visitamos. Mestre Rikuson estava lá um pouco antes de nós."

"Ah, isso." Jinshi desviou o olhar dela por um momento, aparentemente pensando. "Eu também investiguei Rikuson. Sei que ele foi inspecionar a agricultura local. Mesmo que pareça ter sido bem difícil para ele — ele tem estado muito ocupado aqui na capital ocidental. A visita, no entanto, era para confirmar algo que suspeitávamos desde seus dias na região central."

"Desde então, senhor?"

"Sim. Os relatórios da província de I-sei não mostraram nenhum dano maior à colheita do ano passado, mas era difícil ter certeza sem ver por nós

mesmos. Então Rikuson encontrou o problema em sua mesa. Ou melhor, eu o coloquei lá.” Você fez, senhor?” “Você duvida de mim?”

“

““Não exatamente. Só curiosidade.”
Rikuson não estava com sua melhor aparência quando chegaram à capital ocidental. Era difícil para Maomao não se perguntar o que ele estava fazendo. Talvez ela estivesse apenas paranoica?
“Deixe a Srta. Chue explicar por que ele não estava com sua melhor aparência!” Chue disse, dando um passo à frente com um bufo entusiasmado. Aparentemente, “Srta. Chue” serviu como seu pronome de primeira pessoa, mesmo na presença de Jinshi.
“Chue,” disse Taomei, uma ave de rapina olhando para um pardal presunçoso.
Nossa, Taomei é assustadora...
“Está tudo bem. Deixe-a falar,” disse Jinshi.
Com sua permissão obtida com segurança, Chue soltou um grande suspiro. “A Srta. Chue já investigou. No caminho para casa da aldeia, o Sr.

Rikuson foi atacado por bandidos! Você sabe quais são, Srta. Maomao. Aqueles pobres coitados que tiveram os braços quebrados pelo Sr. Basen.”
“Sim, eu lembro, obrigado.”

Eu lembro que a “Senhorita Chue” me usou como isca!
“Claro que sim. Bem, você também se lembra que os bandidos que atacaram a Senhorita Chue e suas amigas foram presos e levados para a prisão. Mais tarde, os líderes dos bandidos também foram presos — um de nossos informantes gentilmente nos contou o que queríamos saber. Também descobrimos que um de nossos guias havia levado o Senhor Rikuson para a vila agrícola alguns dias antes.”
Então, em suma, o guia passou informações sobre seus clientes para os bandidos, que atacaram pessoas desacostumadas a viajar pelas planícies. O mesmo guia foi responsável pelos ataques a Maomao e Rikuson. Chue, antecipando a conexão dos bandidos, fez um pequeno show para ele.
“Realmente foi uma coincidência completa que a Senhorita Chue e suas amigas tenham sido atacadas—”
Ei, não minta para nós!
Maomao teve que apertar os lábios com força para garantir que essa réplica não saísse de sua boca.
“—mas no caso do Senhor Rikuson, parece que havia alguém além do guia puxando as cordas.”
“Alguém que queria interferir em sua visita à vila?” Jinshi perguntou.
“É possível. Ou pode ter sido apenas uma

intimidação comum. A outra possibilidade que a Senhorita Chue consegue pensar é que acontece o contrário, e o Senhor Rikuson queria parecer uma vítima. Mas, claro, talvez tenha sido apenas um ataque de bandidos comum. Se preferir."
Chue tinha um talento surpreendente para traçar linhas por implicação. Ela falava apenas de fatos, sem misturar sua própria opinião.
Mesmo que ela me use como isca.
Maomao guardava rancor dela por isso? Talvez um pouco. "Entendido", Jinshi disse, e gesticulou para Chue recuar. Ela
se endireitou e fez uma reverência perfeita.
Pelo que acabei de ver, quase parece...
Quase parecia que o próprio Jinshi não tinha certeza de quem Rikuson realmente era. Tudo o que Maomao tinha ouvido, no entanto, a fez pensar que ele era pelo menos um homem leal ao seu trabalho.
Jinshi tomou um gole de chá, contemplando tudo o que tinha acabado de ouvir. Maomao também tomou um gole, embora seu chá já estivesse frio.

O sabor deste chá deveria me fazer querer algo doce, mas... O que ela realmente queria era algo salgado. Assim que o pensamento passou pela sua cabeça, uma bandeja de salgadinhos apareceu na sua frente, entregue por Suiren, que

chamou a atenção de Maomao quando ela a colocou na mesa. Ela continha uma pilha de biscoitos de arroz simples.
"Junte-se a mim", disse Jinshi, pegando um dos biscoitos. "Não seria apropriado eu comer tudo isso sozinha."
"Se você não se importa, então", disse Maomao, um dos biscoitos praticamente já em sua boca. Houve um barulho crocante quando ela o mordeu. Não parecia uma etiqueta particularmente fina, mas o biscoito salgado era tão bom.
Eu vou poder levar alguns desses comigo, certo? ela pensou. Alguns biscoitos para levar de lembrança para o médico charlatão também seriam legais. Ahh, mas aí tem Tianyu para se preocupar.
Ela poderia despistar o charlatão facilmente, mas enganar Tianyu seria mais difícil. Melhor ter certeza primeiro.
"Príncipe da Lua. Posso te fazer uma pergunta?"
"Sim? O que é?" Jinshi levantou uma sobrancelha. Ela tinha usado o nome "Príncipe da Lua" porque Taomei e os outros estavam lá, mas ele não pareceu gostar muito.
"O que devo fazer sobre minha posição quando se trata de um dos novos médicos, Tianyu? Ao contrário do qu-quero dizer, o médico mestre, se eu vier aqui com muita frequência, será

difícil impedi-lo de conectar os pontos."
"Esse é um bom ponto. Vamos ver", Jinshi disse, mas então ele fez uma pausa.
Foi Suiren quem continuou, com um sorriso. “Ele foi informado de que você conhece o Príncipe da Lua há algum tempo, desde que você estava treinando etiqueta em seus aposentos. Fique tranquilo.”
“Treinando etiqueta?”
“Sim. Não é mentira.” “Suponho que não...”
A descrição, francamente, fez Maomao se sentir um pouco doente. “Treinar etiqueta” servindo um homem elegante normalmente significava se preparar para ser sua esposa.
“Não é mentira,” Suiren reiterou, ainda sorrindo.
Maomao deu outra mordida no biscoito de arroz, não se sentindo nem um pouco tranquilo com a explicação de Suiren.
Jinshi parecia estar pensando em algo enquanto comia. “Talvez devêssemos prosseguir mais rápido,” ele refletiu.

Indagando sobre O que ele sentia que deveria ser apressado parecia suscetível a uma conversa muito longa, então Maomao decidiu não perguntar.

Capítulo 15: A palha curta

O irmão de Lahan logo retornou ao anexo, assim como Basen havia relatado que faria.

"Hoo! Não foi uma viagem fácil!", ele disse enquanto colocava suas ferramentas do lado de fora do consultório médico. Ele tinha um monte de coisas — batatas e implementos agrícolas e quem sabe o que mais — então ele estava usando um depósito atrás do consultório médico. Ele tinha chegado ontem, mas imediatamente caiu na cama e só agora estava limpando suas ferramentas.

"Sinto muito por ouvir isso", disse Maomao. Como não havia pacientes para falar, ela estava lá para recebê-lo. Por algum motivo, o charlatão também estava — talvez ele tivesse tempo livre. Tianyu estava supostamente vigiando o consultório, mas era apenas uma desculpa para um cochilo à tarde. O irmão de Lahan provavelmente era comum demais para atrair a atenção de Tianyu.

"Sim, deve ter sido muito difícil para você. Olha, você está positivamente bronzeado!", disse o charlatão, soando como um tio solícito ou algo assim. Parecia que a qualquer momento ele poderia

decidir convidar o irmão de Lahan para um lanche.

"Você está me dizendo. Não tem quase nenhuma chuva, só está batendo o sol o tempo todo. Pelo menos não está úmido." O irmão de Lahan encostou uma enxada na parede.

"Ah, sim, claro. Você gostaria de um suco bem gelado? Usamos água especialmente armazenada no subsolo. Oh, é maravilhoso!"

Essa água não é, uh, valiosa? Maomao não tinha certeza se o charlatão deveria estar se servindo. Só assim, o irmão de Lahan foi convidado para um chá.

"Eu adoraria—" O irmão de Lahan disse, mas então ele parou. Ou mais apropriadamente, congelou.

Maomao deu uma cutucada nele, imaginando o que estava errado. De perto, ela podia ver o irmão de Lahan tremendo. Ela seguiu seu olhar para descobrir um nobre lindo e muito nobre.

"Eep! Lua P-P-P—" o charlatão gritou.

Jinshi estava ali, sorrindo como se pétalas de rosas estivessem se espalhando atrás dele. "Você, bom senhor, seria o irmão de Lahan?"

Até mesmo o jade com cicatrizes ainda era jade. Jinshi se aproximou do irmão de Lahan, seu cabelo lustroso ondulando como seda.

"Er, hum, sim. Sim, eu sou," o irmão de Lahan

disse, obviamente lutando para responder. Ele não parecia que responderia a nenhuma pergunta mais complicada do que essa.

Ah sim. Acho que essa é a reação normal.

Maomao tinha se esquecido de quão desumanamente lindo Jinshi era. Ele possuía uma beleza como a de uma imortal feminina, o tipo de coisa que poderia capturar os corações das servas no palácio dos fundos e fazer seus eunucos ficarem fracos de joelhos. Sua própria presença naturalmente provaria ser inebriante para uma pessoa comum como o irmão de Lahan.

"Devo me desculpar com você," Jinshi disse. "Aqui eu obriguei você a nos acompanhar nesta jornada, mas não me apresentei direito. Talvez você me reconheça como o irmão mais novo Imperial? As pessoas me chamam de Príncipe da Lua ou Príncipe da Noite."

Apenas algumas pessoas, principalmente o Imperador, podiam chamar Jinshi pelo seu nome pessoal. Como tal, Maomao descobriu, ele não o usava nem mesmo quando se apresentava. Isso era uma gentileza em si: se ele desse seu nome a alguém e essa pessoa inadvertidamente o usasse, ela poderia muito bem ser punida por desrespeito.

Acho que não é fácil estar na família Imperial, ela pensou, e ela realmente quis dizer isso.

"O-O-Claro. É uma h-honra acompanhá-lo nesta... nesta viagem, senhor..."

Engraçado. Outro dia ele estava reclamando que tinha sido enganado.

O irmão de Lahan, Pessoa Comum certificada, estava tão nervoso quanto qualquer outro cara na presença de Jinshi. Aliás, o charlatão não tirou os olhos de Jinshi. Os olhos brilharam intensamente. Pétalas de rosas flutuavam atrás dele.

Jinshi disse: "Lahan me contou muito sobre você. Ele disse que seu pai biológico, sendo um membro do clã La, não tem pouco talento para a agricultura, e que como assistente de seu pai, seu irmão mais velho possui um conhecimento de agricultura inigualável por qualquer fazendeiro médio."

Em outras palavras, ele é um profissional.

O irmão de Lahan parecia muito, muito em conflito, distintamente infeliz, apesar dos montes de elogios de Jinshi. Nenhuma pessoa comum, no entanto, poderia resistir à aura cintilante de Jinshi.

Em outras palavras, o irmão de Lahan foi levado. Jinshi o tinha na palma da mão.

Ah, agora vale a pena ver, pensou Maomao enquanto observava o espetáculo de Jinshi brandindo seu brilho como um espadachim especialista contra uma pessoa que, por pura normalidade, simplesmente não conseguia resistir.

“Você tem feito algo chamado aração de outono

para reduzir o número de insetos nocivos, não é mesmo? Eu nunca tinha ouvido falar disso antes. Pedi a um dos meus subordinados que investigasse e descobri que em algum momento no passado, os governantes desta área garantiram que os fazendeiros realizassem essa tarefa.

Infelizmente, as pessoas agora veem a engorda do gado como mais importante do que revirar a terra no outono, e a prática desapareceu. A política é realmente um negócio difícil."

"S-Sim, senhor."

"Também me disseram que você é tão versado no cultivo de trigo quanto no cultivo de batatas. Quem imaginaria ed que pisar no trigo o torna mais forte? Outro fato que era novo para mim. De fato, todos os dias me lembro do quanto não sei. Espero sinceramente que você continue a me ajudar a corrigir minha ignorância."

"S-Só com sua graciosa licença, senhor," disse o Irmão de Lahan, que estava ficando vermelho e pálido alternadamente. O charlatão, enquanto isso, ainda parecia agitado e olhava para o Irmão de Lahan, com quem Jinshi havia conversado exclusivamente até então, com alguma inveja. Na verdade, ele parecia ter superado a inveja e ido diretamente para o ciúme.

"Por mais que me doa, há algo que desejo lhe perguntar imediatamente. Se me permite?" Jinshi disse, habilmente misturando o menor toque de

tristeza em sua expressão.

As bochechas do Irmão de Lahan ficaram vermelhas brilhantes, e até o charlatão ficou chocado — danos colaterais. Na verdade, ele literalmente desmaiou, e Maomao o pegou, colocando-o gentilmente no chão.

Caramba! Percebendo que Jinshi estava tão brutal como sempre, Maomao ainda assim manteve os olhos fixos na cena. Ela pegou o resto dos implementos agrícolas que o irmão de Lahan não tinha terminado de guardar e os encostou na parede para ele.

"Se... quero dizer, se eu puder, senhor. Se houver algo que eu possa fazer por você, é só pedir."

"Maravilhoso!" Jinshi sorriu completamente com isso, e até mesmo o médico charlatão, supostamente não envolvido nessa discussão, ficou sentado ali com a boca aberta e fechada como uma carpa em uma tábua de corte. "Talvez possamos entrar, então. Vou explicar tudo", disse Jinshi. Ele estalou os dedos, e imediatamente Basen e Chue apareceram, o primeiro carregando um grande

rolo de papel.

Esses dois realmente se dão muito bem, não é? Atrás da dupla estava Gaoshun, que obviamente sabia o que iria acontecer. Suas mãos estavam

pressionadas e ele tinha uma expressão como a de um bodhisattva.

Jinshi entrou no consultório médico como se fosse o dono do lugar. Ao entrar, Tianyu sentou-se grogue de onde estava cochilando no sofá. Lihaku, de guarda, lançou a Maomao um olhar de O que é isso?

"O que está acontecendo?" Tianyu perguntou.

"Ah, você sabe. Coisas", disse Maomao, que pensou que seria muito trabalhoso explicar.

"Huh", foi tudo o que Tianyu disse, embora parecesse interessado.

O rolo de papel que Basen carregava era um mapa, que ele desenrolou na mesa do escritório. "Este é um mapa da província de I-sei", disse ele. Continha planícies, montanhas e deserto. Parecia bastante vazio em comparação com a província de Kaou, mas havia uma estrada que cortava bem no meio dela, uma rota comercial conectando leste e oeste.

"Tem um monte de círculos", observou Tianyu, inserindo-se na conversa como se fosse a coisa mais natural do mundo. O charlatão conseguiu se levantar e estava preparando chá. Basen, enquanto isso, parecia nitidamente descontente. Se Jinshi não o tivesse impedido, ele poderia ter expulsado Tianyu da sala.

Estamos muito perto. Muito perto de um

membro da família imperial. Isso era permitido? Talvez durante seu tempo como "eunuco", mas e agora? Maomao estava preocupada. Ela suspeitava, no entanto, que tudo isso fazia parte dos cálculos de Jinshi.

"Irmão de Lahan", disse Jinshi.

O outro homem ficou em posição de sentido. "Sim, senhor!"

Nenhuma objeção sobre seu nome desta vez?

"Os círculos marcam áreas com vilas agrícolas. Espero sinceramente que você possa ajudá-los a instruí-los sobre as maneiras de arar o outono e cultivar batatas." Jinshi tinha um sorriso que poderia matar um homem.

"Eu... O quê?"

O irmão de Lahan tinha acabado de voltar de uma vila agrícola. Ele nem tinha guardado suas ferramentas!

“Sim, o mais rápido possível. Talvez você possa ir embora amanhã.”

O irmão de Lahan fechou os olhos, como se o sorriso de Jinshi fosse ofuscante demais para olhar. Não havia nada que ele pudesse dizer em resposta.

Agora entendi.

“Talvez devêssemos prosseguir mais rápido”, Jinshi disse. Agora ela sabia o que ele queria dizer. Foi ela quem disse para ele usar aqueles que ele

podia usar, mas ela não conseguia deixar de sentir uma pontada de pena por aqueles que se tornaram ferramentas nas mãos de Jinshi. Era um mapa muito grande e retratava uma quantidade substancial de território.

"Quão longe fica a vila mais distante da capital ocidental neste mapa?" ela perguntou a Chue, que parecia não ter nada de especial para fazer.

Talvez ela só tivesse vindo para se divertir hoje. Ela não parecia ser necessária aqui, mas provavelmente estava procurando uma desculpa para fugir de sua predadora sogra.

"Oh, cerca de quatrocentos quilômetros, eu diria", ela respondeu. "Quatrocentos..." O irmão de Lahan estava branco como um lençol.

"Gostaria que você começasse pela vila mais próxima e depois fosse para a próxima mais próxima. Se você não se sentir confortável viajando tão longe, posso preparar uma carruagem boa e confortável para você." Jinshi tomou a aquiescência do irmão de Lahan como certa. "Se possível, gostaria que você terminasse de ensinar todas as vilas sobre a aração de outono nos próximos dois meses. Quanto mais cedo, melhor. As batatas podem vir depois disso, em boa hora."

Na verdade, isso era menos sobre práticas agrícolas e mais sobre prevenção de pragas de insetos. Já que eles podiam Não sabia o que seria mais eficaz, eles tinham que fazer tudo o que

pudessem — e Jinshi pretendia usar tudo e todos que pudesse. Maomao se sentiu mal pelo irmão de Lahan, mas ele teria que aceitar isso pelo time. Quanto ao que ela poderia fazer...

Maomao foi até o armário de remédios e pegou algumas ervas, que misturou com mel. Ela cortou a mistura com água e colocou em um recipiente de vidro, que ofereceu ao irmão de Lahan junto com o chá do charlatão. "Para você", ela disse.

"O que é isso?"

"Uma bebida de resistência. Vou preparar uma solução que deve durar bastante, então tome um pouco sempre que se sentir muito cansado na estrada."

"Por que você está supondo que eu vou fazer isso?!" "Você pode dizer não?" Maomao perguntou.

"Você acredita que pode dizer não?" Jinshi perguntou quase no mesmo momento.

Maomao certamente não acreditava que ele pudesse — foi por isso que ela fez a bebida. Ela também prepararia alguns cataplasmas para aliviar dores musculares.

O irmão de Lahan, uma pessoa comum extraordinária, se viu

confrontado à queima-roupa com um pedido de um homem cuja beleza poderia ter deixado um

país de joelhos. Ele não poderia ter a coragem de recusar. Jinshi estava contando com isso.

Nojento, pensou Maomao.

O irmão de Lahan pode ter sido comum, mas, no que diz respeito a pessoas comuns, ele era muito bom nisso.

"Você não vai, por favor? Para mim?" Jinshi sorriu como se dissesse o quanto isso seria de ajuda para ele. O irmão de Lahan só conseguiu se curvar, derrotado.

Tianyu, que não tinha nada a perder ali, descobriu que tinha a liberdade de rir sozinho da infelicidade dessa outra pessoa, então Maomao deu-lhe um chute no calcanhar. O irmão de Lahan era tão lamentável que até ela teve que simpatizar com ele. Na política, no entanto, perder a iniciativa era perder tudo. Um líder tinha que ficar à frente do que estava acontecendo em seu país e eliminar todas as possíveis fontes de problemas. Se ele falhasse em fazer isso, a culpa recairia sobre ele — e se ele tivesse sucesso, a indiferença também, pois as pessoas simplesmente presumiriam que era seu trabalho.

Não é fácil, hein?

Por mais que ela sentisse pelo Irmão de Lahan, Maomao sabia que Jinshi não estava errado em fazer o que fez.

Capítulo 16: Um momento de paz

Por um tempo depois disso, os dias de Maomao foram pacíficos.

Isso não quer dizer que não havia trabalho. Os remédios no consultório médico tiveram que ser reabastecidos usando ingredientes que podiam ser encontrados na capital ocidental, e ela teve que garantir que funcionassem como pretendido. Ela também tentou reunir alguns instrumentos médicos para compensar a escassez do que eles tinham.

O estrategista esquisito apareceu no anexo mais de uma vez também.

Maomao estava tentando evitá-lo e os problemas que ele causaria, mas antes que ela soubesse o que estava acontecendo, o charlatão o estava fazendo entrar e o convidando para um chá. Ela só conseguia colocar a cabeça nas mãos.

O único outro evento notável foi que o pato de Basen começou a botar ovos. Ele ficou muito chateado com Maomao quando ela tentou comer um — ele insistiu que criaria o filhote, mas como era um ovo não fertilizado, nenhum filhote apareceria. Quando Maomao lhe disse isso (tons de suas palestras no palácio dos fundos), ele ficou vermelho brilhante. E este era um macho adulto? Oof.

Ela levou um pequeno susto quando viu Gaoshun e Taomei caminhando de braços

dados no pátio. Ela deixou seu olhar demorar um momento a mais, surpresa e se perguntando se eles se davam melhor do que ela havia percebido, quando os olhos do predador brilharam. Gaoshun foi abruptamente empurrado para longe por sua esposa, que continuou a andar como se nada tivesse acontecido. Ser tímido era uma coisa, mas o marido mais jovem acabou sendo jogado em uma piscina. Uma tragédia.

Os dias se transformaram em semanas, e logo já fazia um mês inteiro desde que o irmão de Lahan havia partido em sua jornada. Maomao continuou a inspecionar a queimadura de Jinshi, mas ela achou cada vez mais difícil ignorar o desejo de tirar um pouco de pele de seu traseiro.

"Parece que as coisas estão indo bem o suficiente", Jinshi disse um dia. Ele segurava uma carta amassada que, quando mostrou a ela, continha um relatório detalhado sobre o estado de algumas terras agrícolas.

"Com o irmão de Lahan, você quer dizer?" Maomao perguntou, inspecionando a caligrafia, que era limpa e cuidadosa, embora tendesse a se inclinar um pouco para a direita. A carta tinha que ser capaz de viajar de pombo, então, infelizmente,

relatar a situação atual consumia todo o escasso

espaço disponível. O irmão de Lahan nem tinha espaço para assinar seu nome. A carta concluía com o nome da aldeia em que ele estava quando a escreveu, e isso era tudo.
É uma pena, ele não ter espaço para assinar, pensou Maomao. Ela conseguia imaginá-lo em alguma planície distante, os dentes cerrados em torno de um lenço enquanto tentava suportar a agonia. Chegaria o dia em que eles descobririam como ele realmente era chamado? Ninguém sabia. Ninguém sabia.
"Sim, isso mesmo. Eu sabia que isso seria útil." Jinshi olhou para a gaiola e sorriu. O pombo arrulhou. "Eles podem funcionar apenas em uma direção, mas ser capaz de comunicar informações tão rapidamente é uma bênção." Ele os usou em suas comunicações com a Imperatriz Gyokuyou também.
Considerando que ele não havia levantado o assunto de sua sobrinha ultimamente, Maomao presumiu que a Imperatriz tinha o assunto em mãos.
Ela olhou para o pombo, que bicou um pouco de painço e borbulhou novamente. "Então você enviou alguns desses pássaros com o irmão de Lahan?"
"Sim. Consegui pegar vários emprestados por meio daquela garota — Kulumu, era esse o nome dela?"
"Quantos você enviou com ele?" Maomao

perguntou despreocupadamente. "Três. Ele parecia capaz o suficiente para cuidar deles. Podemos
fornecer mais a ele enviando um cavaleiro rápido para sua última localização."
Jinshi abriu um mapa da província de I-sei. Suiren apareceu e desenhou círculos ao redor das aldeias das quais as cartas haviam sido recebidas.
O irmão de Lahan realmente tem trabalhado duro, pensou Maomao. Jinshi lhe dera a tarefa aparentemente impossível de alcançar todas as aldeias em dois meses, mas o irmão de Lahan estava quase voltando da viagem. Esse cara com certeza sabe como fazer um trabalho.
Ele também, ela suspeitava, não percebeu que era precisamente sua habilidade de fazer um trabalho que fazia as pessoas lhe impingirem tantos. Se ele fosse inteligente, teria diminuído em vinte por cento ou mais, em vez de ir com tudo todas as vezes.
"Maomao."
"Sim, senhor?"
Jinshi parecia ter se acostumado a usar seu nome. Ela se lembrava de como por muito tempo ele a chamava apenas de "você".
"Eu... Hrm. Parece que sua carga de trabalho caiu recentemente."

"Sim, eu diria que sim." As tarefas mais

urgentes foram resolvidas. Eles fizeram remédios suficientes para segurá-los por um tempo e até conseguiram as ferramentas de que precisavam.
“Talvez você possa se dedicar a outras coisas.”
“Oh!” Maomao bateu palmas, lembrando. “A colheita do trigo está chegando. Você acha que eu poderia ajudar com isso, senhor?”
Isso não parecia ser o que Jinshi esperava. “A colheita do trigo? Por quê?”
“Senhor! Estou muito curioso para saber se algum ergot cresceu.” “Ergot?” Parecia que ele não reconhecia a palavra.
“É um tipo de doença em que o trigo fica preto. Em termos simples, é tóxico para comer.”
“Sim, isso parece bem simples.”
“Quando o trigo for moído, será tarde demais para dizer, então eu gostaria de dar uma olhada agora.”
O ergot podia ser usado para induzir abortos, e geralmente havia uma boa quantidade dele em farinha de baixa qualidade, então era melhor ter certeza. Ela podia ver exatamente o tamanho da colheita ao mesmo tempo.
“Entendo. Muito bem. Vou preparar uma carruagem para você.”
“Isso não será necessário, senhor. Um passarinho me disse que o Mestre Rikuson fará uma inspeção em breve, e pensei que poderia viajar com ele.”

A espécie específica do passarinho? O médico charlatão, que por acaso ouviu de algum lugar. Maomao confirmou a validade do boato com Chue.
“Rikuson...”
“Sim, senhor. Há muita coisa que eu gostaria de falar com ele. Achei que poderia ser uma boa oportunidade.”
Ela acabou não vendo Rikuson novamente depois daquele primeiro dia na capital ocidental. Ela precisava falar com ele pessoalmente.
Jinshi pareceu brevemente em conflito, mas então disse: "Tudo bem. Vou informar Rikuson que você virá."
"Muito obrigada, senhor."
Havia outra coisa que ela queria fazer nessa viagem: coletar ervas medicinais das planícies no caminho. Alguns de seus espécimes da viagem anterior tinham produzido resultados promissores. Era melhor ela se apressar e ir pegar uma cesta para colocá-los.
"Se você não se importa, então, Mestre Jinshi, eu tenho que ir!"

"Ei!"
Jinshi parecia ter algo mais que queria dizer, mas Maomao o ignorou. Ela saiu trotando, praticamente pulando para deixar tudo pronto.

Poucos dias depois, Maomao partiu para a vila agrícola.
"Nossa, que clima maravilhoso estamos tendo", disse Chue com um grande alongamento. Ultimamente, parecia que Chue acompanhava onde quer que Maomao fosse. "Acho que não precisei me preocupar com chuva, afinal!" Ela se inclinou para fora da carruagem para dar uma boa olhada: o tempo estava realmente adorável.
Maomao sentiu o cheiro de grama na brisa enquanto deixava a carruagem barulhenta levá-la.
“O tempo deve ficar limpo por um tempo ainda. Fora da estação chuvosa, a província de I-sei não recebe nenhuma precipitação digna de menção”, disse Rikuson, que estava sentado no assento em frente a eles. Ele usava uma roupa que seria fácil de se mover, apropriada para visitar uma vila agrícola.
“Parece perfeito para uma colheita de trigo”, disse Chue. Se chovesse durante a colheita, o trigo poderia começar a brotar, o que o tornaria de qualidade inferior. E se não pudesse ser devidamente seco, poderia simplesmente apodrecer.
“É. O tempo pode ser inconstante, no entanto. Já ouvi falar de tempestades de granizo ocorrendo perto da época da colheita.”
“O granizo pode ser terrivelmente difícil de

prever, não é?", disse Maomao. Ela não era especialista em agricultura; tais interjeições simpáticas, mas inócuas, eram o máximo que ela poderia esperar oferecer. Se o irmão de Lahan estivesse aqui, ele provavelmente estaria cerrando o punho e expondo os múltiplos trabalhos da temporada de colheita.
Maomao olhou para o banco do motorista: Basen estava segurando as rédeas. Lihaku teria sido tão bom para um guarda, mas como Basen os acompanhou da última vez, ele o fez novamente agora. Seu pato também estava lá. Ela era praticamente o mascote deles neste momento.
Maomao olhou para Rikuson. "O que fez você querer inspecionar as aldeias agrícolas, Rikuson?" ela perguntou. Esta era a pergunta que ela queria dirigir a ele pessoalmente. Ela suspeitava que Jinshi já havia lhe dado a resposta indiretamente, mas ela queria ouvir da própria boca de Rikuson.
Rikuson olhou ao redor, com o que pareceu a Maomao um olhar particularmente longo para seus subordinados seguindo atrás da carruagem. Então ele disse: "Há várias razões. Qual você gostaria de ouvir, Maomao?"

Como ela havia pedido, ele se dirigiu a ela sem nenhum título honorífico ou título — no passado, ele tinha sido muito respeitoso com

ela. Chue parecia intrigado, no entanto, que eles falassem em termos tão familiares.
"Todos eles", ela disse firmemente.
"Muito bem. O primeiro tem a ver com pragas de insetos. Acontece que estou em contato com Sir Lahan, e frequentemente confio em seu conhecimento e experiência. Ele me avisou que se houvesse uma praga em Li, provavelmente viria do norte ou do celeiro a oeste."
De fato, uma praga de gafanhotos em pequena escala havia surgido nas regiões férteis a noroeste no ano anterior. O mais assustador sobre esses insetos era que, deixados sozinhos, eles causariam ainda mais destruição.
"Por razões que não vou fingir saber, recebi a honra de ser destacado aqui para a capital ocidental, onde sou tratado essencialmente como um burocrata. O termo educado para o que eu faço pode ser trabalho de secretária, mas de forma menos favorável, eu poderia ser chamado de garoto de recados. Algumas das papeladas com as quais eu lido são sobre colheitas, então eu me interessei incidentalmente pela disponibilidade de estoques e provisões."
"Você realmente precisa ir visitar pessoalmente?" "Essa é a segunda razão." Rikuson levantou dois dedos.
Os olhos de Maomao se arregalaram. Ela não tinha certeza do que ele queria dizer.

Rikuson sorriu, quase se desculpando. “Eu acho que você já deve estar ciente disso — que os números nos relatórios regularmente não correspondem às contas. quantificações reais?” Ele estava falando sobre as tentativas de falsificar as quantidades de produção?
Essas coisas realmente pareciam estar acontecendo nas aldeias agrícolas. “Qual é a terceira razão, então?” Rikuson disse que tinha várias
razões, e Maomao não achava que apenas duas seriam qualificadas como várias. “A terceira razão?” Sua boca ficou aberta por um momento. Então ele disse,
“Há muito tempo, ouvi dizer que havia uma forma especial de cultivo. Algo que diminuiria o número de insetos nocivos.”
“Você quer dizer aração de outono. Então é por isso que você falou com Nianzhen.” “Isso mesmo. Você vê agora?” O sorriso de Rikuson era gentil. Maomao
achou que ele parecia mais magro do que da última vez que o viu. “Quem lhe contou sobre aração de outono?” Maomao perguntou.
“Minha mãe e minha irmã mais velha. Minha mãe era uma comerciante que se dedicava ao comércio em todo lugar, e minha irmã a ajudou. Aprendi bastante com elas quando era mais jovem.” Rikuson olhou pela janela da carruagem, mas não parecia estar apreciando a

paisagem.

"Isso faz sentido", disse Maomao.
O que mais preciso perguntar?
Ela pensou o suficiente sobre isso para que eles chegassem à aldeia, a carruagem chacoalhando enquanto diminuía a velocidade. Maomao colocou a cabeça para fora da janela. O trigo brilhava dourado nos campos — parecia uma colheita rica. Ela viu folhas verdes também, sugerindo que os moradores tinham plantado batatas.
Tudo bem. Vamos nos dedicar ao trabalho na fazenda por um tempo? A coleta de ervas pode vir no caminho para casa. Maomao tinha acabado de pular da carruagem, ágil e pronta para ir, quando viu um cavaleiro rápido vindo atrás. Isso não era tão notável em si — mas pelo olhar do homem, algo estava claramente errado.
Talvez ele tenha sido atacado por bandidos?
Não, não era isso.
O cavalo parou na frente de Maomao e seu grupo, com a língua pendurada para fora da boca enquanto se inclinava para um lado. Seu cavaleiro usava o uniforme de um soldado.
Acho que o reconheço. Ele era um dos guardas que frequentemente atendiam Jinshi. Isso sugeriria que ele tinha uma patente justa — então o que ele estava fazendo correndo para

alcançá-los?
"O que está acontecendo?", perguntou Maomao. Ela estendeu água, mas o homem balançou a cabeça. Sua boca se abriu e fechou; ele não disse uma palavra, mas deu a ela um pedaço de papel.
O que diabos?
O papel, dobrado o menor possível, parecia ser uma carta do irmão de Lahan.
"A Lua... Príncipe... Ele disse que se você visse isso... você entenderia..."
Entender o quê? Maomao se perguntou.
Perplexa, ela abriu a carta.
Uma única linha corria pela página. Não foi nem desenhada com um pincel; parecia bagunçada, como se o irmão de Lahan tivesse usado um pedaço de carvão como um instrumento de escrita improvisado. Mas isso não era tudo — a linha havia sido violentamente riscada novamente. A carta nem dizia de onde era, mas não havia dúvidas sobre quem a havia enviado.
O irmão de Lahan precisava tanto contar algo a eles que encontrou tempo no meio de algum tipo de caos para enviar um pombo com esta mensagem.
Eu sei o que é isso, pensou Maomao. Ela percebeu que reconhecia os

rabiscos escuros. Eles lembravam a imagem

que a garota Jazgul lhe dera no ano anterior, após a visita da sacerdotisa Shaohnese.
Maomao não tinha entendido o que significava naquela época.
Mas agora entendo.
A linha era o horizonte que se estendia diante dela. E a mancha era uma nuvem escura.
Ela olhou para o céu, ainda claro e azul, e disse: "Eles estão chegando."

Capítulo 17: Desastre (Parte 1)

“O quê? Uma praga de insetos?”, disse um aldeão, parecendo exasperado. Maomao imediatamente pediu ao chefe para reunir os fazendeiros.
Havia tantas pessoas aglomeradas no local onde estavam se reunindo que era quase difícil respirar.
“Sim! Chegará em breve — em poucos dias!”, disse Maomao, desesperado.
Os aldeões apenas riram. “É, ok, havia alguns insetos no ano passado, mas olhe a sorte inesperada deste ano! Está tudo bem!”
“Ele está certo. O clima ainda estará bom por um tempo. Não precisamos tropeçar em nós mesmos para colher”, disse outra pessoa.
Então, no entanto, alguém no grupo rosnou: “Seus preguiçosos!
Nunca chegaremos a tempo com essa atitude!”
“Nianzhen...”, disse Maomao.
Era o velho caolho que havia sobrevivido a uma praga de insetos tão terrível que as pessoas tinham recorrido ao canibalismo. Ele não fez nenhuma tentativa de esconder sua raiva dos aldeões e sua atitude blasé. Ele bateu na mesa com a mão direita, a que não tinha um dedo indicador.
"Vocês não saberiam, porque não vão ouvir! Nada

pode salvá-los agora. Eu, vou lá e vou começar a colher agora mesmo."
"Não é realmente tão importante assim, Nianzhen?", perguntou o chefe. Em uma vila cheia de fazendeiros recém-formados, o antigo servo era o mais velho e experiente de todos. Nem mesmo o chefe poderia dispensá-lo de imediato.
"Ainda não almocei, chefe. Acha que posso ir comer alguma coisa?", perguntou um dos aldeões, parecendo totalmente despreocupado.
Graças a Deus Basen não está aqui. Eles o fizeram esperar do lado de fora, sabendo que onde quer que Basen fosse, seu pato certamente o seguiria. Uma rápida olhada confirmou que o pato estava lá, brincando com as crianças locais.
Maomao estava convencido de que falar era inútil. Eles deveriam estar gastando esse tempo começando a colher.
Assim que ela estava realmente começando a se preocupar sobre o que fazer, Rikuson deu um passo à frente. "Talvez você ajudasse se sentisse que havia algo para

você?" Ele deu a eles aquele sorriso de menino bonito. "Nós compraremos seus grãos. Pelo dobro do preço de mercado."
Houve um baque forte e estridente quando Rikuson deixou cair uma sacola na mesa. Estava

obviamente cheia de dinheiro, facilmente mais do que um fazendeiro ganharia em um ano.
Os moradores ficaram imediatamente fascinados.
"Você... Você fala sério?"
"Nós vamos cobrar isso de você, sabia?" Seus olhos estavam selvagens.
"Sim, mas apenas o que exceder seus impostos. Além disso, só se aplica ao que você puder coletar nos próximos três dias." O tom gentil de Rikuson nunca vacilou, mas o que ele estava pedindo era impossível. E ainda assim, o fogo que acendeu nos olhos dos moradores nunca se apagou.
Esse é o poder do dinheiro vivo e frio, pensou Maomao.
Os moradores saíram do local da reunião e começaram a trabalhar. Eles voltaram para casa e deram foices para suas esposas, seus filhos, seus familiares idosos.
Assim que ficaram sozinhos no salão, Maomao se virou para Rikuson. "Você tem certeza disso? Você tem liberdade para fazer uma promessa dessas?"
"Se houver uma praga de gafanhotos, os grãos renderão muito mais do que o dobro do preço médio, e sairemos na frente. Se não houver praga, bem, não terei nenhuma reclamação sobre isso. Há algum problema aqui?"
"Não, nenhum."
Ela deveria ter esperado que ele fosse rápido

quando se tratava de cálculos como esse. Ele disse que sua mãe era uma comerciante e, ainda mais revelador, ele estava em bons termos com Lahan.
Chue, aparentemente inspirado pelo que Rikuson havia feito, parecia altamente motivado. "Vamos trabalhar também? Acho que vou ajudar no campo do senhor Nianzhen. E você, senhorita Maomao?"
“Eu... Acho que vou me preparar para ajudar a fazer comida. E vou fazer pesticida também.”
Ela folheou a enciclopédia de ervas que Jinshi lhe dera, procurando por qualquer coisa que pudesse ajudar a matar insetos. Ela tinha algumas dúvidas sobre produzir pesticidas bem ao lado da comida que eles iriam distribuir para as pessoas comerem, mas tempos desesperados exigiam medidas desesperadas.
Maomao tinha praticamente certeza de que a praga ocorreria. A única questão era quando.
Onde o irmão de Lahan esteve pela última vez?

Ele estava prestes a começar a volta para a capital ocidental, mas ainda estava bem no oeste da província de I-sei. Ele encontrou um enxame de gafanhotos lá e conseguiu enviar sua mensagem e fazer o pombo voar antes que os insetos os atacassem.
Mas ele não teve tempo de encontrar utensílios de escrita adequados. A situação obviamente estava

desesperadora. Os gafanhotos já estavam começando a abrir caminho para a destruição. Com toda a probabilidade, eles começariam a se mover para o leste, em direção à capital ocidental, comendo tudo em seu caminho.

Começou agora. Não há mais como adiar. As únicas questões eram como eles poderiam acabar com isso e o que isso implicaria.

Primeiro, eles tinham que salvar o máximo de grãos dos insetos vorazes que pudessem — colhê-los, colocá-los para dentro e garantir que os armazéns estivessem tão bem fechados que nenhum gafanhoto pudesse entrar. Agora o desafio ge começou. Ela não precisava encontrar a melhor solução, ela só precisava continuar procurando por uma melhor.

Os moradores estavam nos campos, colhendo grãos o mais rápido que podiam.

Eu me preocupo se eles vão apodrecer.

Normalmente, os grãos ficariam do lado de fora por vários dias para secar — mas o que eles deveriam fazer aqui? Mais do que tudo, eles precisavam de lugares para armazenar a colheita.

Tudo bem, chega. Se eu vou pensar, preciso trabalhar enquanto estou
fazendo isso.

Maomao pegou emprestado um fogão e começou a fazer uma panela enorme de sopa. Ela

queria poder fazer com um pouco de pasta de soja boa e adstringente — sua preferência pessoal — mas ela suspeitava que poderia não ser do gosto dos moradores. Em vez disso, ela fritou alguns vegetais em óleo, colocou bastante sal neles para dar um pouco de sabor e depois os adicionou a um ensopado de leite e carne seca.
O irônico é que as pessoas da região central torciam o nariz para muito leite.
Ela adicionou algumas ervas aromáticas para torná-lo menos picante. Um pouco de farinha para engrossar, e ela começou a pensar que poderia ter um vencedor em suas mãos.
Gostaria de poder fazer alguns bolinhos, mas acho melhor não. Em vez disso, ela pegaria pão frito para o prato principal.
Maomao despejou a sopa em tigelas e colocou as tigelas em uma bandeja, então correu e as distribuiu aos trabalhadores.
"Senhorita Maomao, Senhorita Maomao! Uma para a Senhorita Chue, por favor!" Chue correu até ela. Ela praticamente se transformou em uma das

aldeãs, carregando uma faca na mão direita e um saco na esquerda. O saco estava cheio de espigas de grãos.
Maomao deu um pouco de ensopado para Chue.
"Você está pegando apenas as espigas de grãos?",

ela perguntou.
"Foi ideia do Senhor Nianzhen! Ele disse que se a colheita fosse a única coisa importante, seria mais rápido coletar apenas as espigas."
Sim, isso certamente seria mais rápido do que ter que se abaixar e cortar cada talo.
Maomao e Chue sentaram-se em uma cerca próxima para aproveitar sua refeição. Maomao já tinha comido seu ensopado, então ela mastigou um pouco de pão.
“Não haverá tempo para secar tudo, e não caberá dentro se os talos ainda estiverem lá”, disse Chue.
“Bom ponto.”
A palha de trigo era usada como ração para o gado e para necessidades diárias como esteiras de junco. Era um produto secundário importante, mas agora havia coisas mais importantes para focar.
“Oh meu, oh meu, mas o dinheiro é uma coisa poderosa, não é? Tudo o que tivemos que fazer foi sussurrar em seus ouvidos ‘A palha pode vir depois’, e olhe!”
Os moradores imediatamente trocaram suas foices por pequenas facas. As crianças foram do campo para a casa arrastando sacos cheios de espigas de grãos.
“Agora eles estão secando-as dentro porque as espigas voariam com o vento aqui fora.”
“Você é muito boa em fazer o que quer, não é, Srta.

Chue?" "Ah, sim. Você deveria ver como eu motivo meu marido nas noites em que ele não está a fim!"
Maomao teve uma ideia: talvez seu humor de bordel, que frequentemente não dava certo, caísse em Chue. Infelizmente, nenhuma piada realmente boa lhe veio à mente naquele momento.
Ela terminou sua modesta refeição, prometendo criar uma rotina que pudesse compartilhar.

Rikuson estava absolutamente certo em dizer às pessoas que elas tinham três dias para coletar os grãos: com um prazo firme, todos se ocuparam pensando em maneiras de colher com mais eficiência. No segundo dia, mais da metade dos grãos havia sido colhida.
Basen, com sua imensa força, provou seu valor agora. Ele podia carregar um saco cheio de grãos em cada mão, fazendo o que de outra forma exigiria vários adultos crescidos.

No entanto, trabalhos mais delicados, como sempre, o iludiam.
"Ah, não! O que você está fazendo? Você não tem jeito, cunhadinho!" Chue chorou. Basen, tentando consertar uma casa, só acabou causando mais danos, tornando-se alvo de mais provocações de Chue.

Não podemos ter os armazéns cheios de buracos, pensou Maomao. Ela estava remendando uma casa com lama e argila — madeira era preciosa nesta parte do país, então terra teria que servir.
"Acho que chegamos bem na hora", disse Rikuson, olhando para o céu.
Maomao olhou também e viu uma pequena nuvem negra além das colinas. "Não é um pouco cedo para a estação chuvosa?", ela perguntou.
"Sim... Sim, é." Rikuson parecia aflito. "Uma nuvem nesta época do ano é bastante preocupante."
Isso soou muito ameaçador e tudo, mas Maomao não tinha certeza do que ele queria dizer.
"O que é isso sobre as nuvens?" Basen perguntou enquanto passava, carregando alguns sacos de grãos abaulados como se não pesassem nada.
“Eu apenas quis dizer que não é uma coisa boa ver uma nuvem de chuva nesta época do ano”, disse Rikuson, apontando para o céu a leste.
“Eu ouvi você. Há outra nuvem ali. Isso também é um mau sinal?” “Ali?” Rikuson olhou. Basen estava apontando na direção
oposta. “Receio não ver nada.”
“Hee hee! Os olhos do meu irmãozinho são irremediavelmente bons”, Chue interrompeu.
“Pessoas comuns podem gostar de ter um telescópio à mão, no entanto.” Até mesmo Chue

não parecia carregar um desses, porque ela se inclinou para frente e apertou os olhos.
Maomao se juntou a ela, estreitando os olhos e olhando para o céu ocidental. “Nuvens, nuvens...”
Ela pensou ter ouvido um zumbido fraco. Então ela viu algumas manchas pretas que tremulavam no ar. Elas não pareciam nenhuma nuvem de chuva que ela já tinha visto.
“Senhorita Maomao, Senhorita Maomao!”
“Senhorita Chue, Senhorita Chue!”
As duas se entreolharam e assentiram.
Maomao pegou a panela de sopa e um pilão que estavam por perto e os bateu. Ela correu pela vila, gritando: “Gafanhotos! Os insetos estão a caminho!”
Chue encontrou alguns homens sentados ao redor tomando chá e deu um tapa em cada um deles.
“Vocês ouviram! Gafanhotos, chegando!”

Eles tinham que fazer qualquer coisa que pudessem para acender uma fogueira sob esses moradores.
O pânico não resolveria nada, mas naquele momento, eles precisavam que todos dessem tudo o que tinham.

Capítulo 18: Desastre (Parte 2)

O primeiro veio quando cerca de setenta por cento da colheita já tinha sido trazida. Mais escuro que um gafanhoto comum, com pernas mais longas.

Alguém o esmagou e matou. Alguém gritou para não incomodar — que eles tinham que continuar colhendo.

Tochas foram acesas. Seria apenas uma gota neste oceano, mas era alguma coisa.

As mulheres e crianças entraram nas casas e tentaram cobrir quaisquer rachaduras com lama ou pano. As casas estavam escuras por dentro, mas foram severamente avisadas para não acender fogueiras e também para ter comida pronta que pudesse ser comida como está. Eles receberam ordens de matar quaisquer insetos que passassem pelas rachaduras.

Na casa de Nianzhen, havia muito para caber, então eles começaram a armazenar grãos no santuário. Lá, as rachaduras estavam tão cheias de terra que quase não entrava ar.

Cada casa digna desse nome foi borrifada com pesticida, não que eles soubessem se isso faria algum bem. As tendas tinham muitas aberturas para servir como áreas de armazenamento. Em

vez disso, seriam pontos de evacuação temporários para os moradores.
Basen carregava uma rede enorme. Poderia ter sido usada para pegar peixes, mas ele a girou sobre a cabeça com tremenda velocidade, juntando gafanhotos dentro dela. Então ele os jogou em um enorme balde de água, matando-os.
Chue distribuiu bolsas de couro. Em vez de comida, elas continham leite de cabra adoçado. Ela estava se preparando para uma longa batalha.
Nianzhen usava várias camisas, e os outros moradores o imitavam.
Rikuson estava indo de casa em casa, tranquilizando os moradores cujas vozes ansiosas ele podia ouvir através dos buracos de ar. Sempre que ele encontrava insetos entrando por uma abertura, ele esmagava os insetos e preenchia a abertura.
O pato bicou os gafanhotos e depois os cuspiu novamente. Incomestíveis, talvez.
Então os moradores começaram a gritar.

Tudo pareceu ficar mais escuro, passando de brilhante e claro para

cinza, e então um cinza que lembrou Maomao de um rato, até que tudo ficou praticamente

preto.
Era impossível abrir os olhos, muito menos andar. Insetos esbarravam nas pessoas, mordiam e rasgavam. As pessoas não conseguiam abrir a boca; tudo o que podiam fazer era cobri-las com trapos. Suas camisas em camadas estavam rasgadas e rasgadas, e o bater de asas abafava todos os outros sons. Um zumbido abafava tudo, de modo que era impossível dizer o que outra pessoa estava dizendo. Logo, nem mesmo os gritos podiam ser ouvidos.
Maomao cobriu o rosto com as mãos, então abriu os olhos um pouquinho. Ela podia ver Basen, ainda balançando a rede sobre a cabeça. Ela encheu quase instantaneamente, e então ele a jogou no chão. O balde havia transbordado de gafanhotos há muito tempo.
Um homem enlouqueceu com as picadas de insetos. Ele uivou a plenos pulmões e balançou uma tocha em uma mão e uma foice na outra. Não adiantou nada; os gafanhotos sobreviveram ao seu contra-ataque e continuaram a atacar os moradores.
Chue se arrastou até o homem enlouquecido e varreu seus pés para longe dele.
No momento em que ele estava no chão, ela o amarrou com uma corda.
Rikuson ainda estava correndo de casa em casa, gritando. Algumas pessoas foram levadas à

loucura pelo desaparecimento da luz. Outros estavam sãos, mas simplesmente não conseguiam ouvi-lo.
O fogo irrompeu de uma das casas, e uma mulher idosa e algumas crianças saíram correndo da estrutura selada. Uma das crianças segurava uma pederneira.
O trigo recém-colhido na casa era o combustível perfeito, e o fogo queimava prontamente. O ar seco da estação seca tornou as condições ainda melhores para as chamas.
Basen reagiu imediatamente, dando um chute em um dos postes da casa.
O lugar era pouco mais que um barraco para começar, e ele desabou imediatamente.
Maomao podia ouvir Basen gritando, embora não conseguisse entender as palavras. Talvez ele estivesse dizendo que a fonte de água estava muito longe para combater as chamas e que eles precisavam destruir a casa. Ele estava em seu elemento em momentos de crise.
Ele já tinha praticamente derrubado o lugar sozinho; agora ele correu com o balde cheio de gafanhotos flutuantes e o esvaziou sobre a casa.
Chue levou as crianças ranhosas e a velha senhora para

a tenda. Estava cheia de gafanhotos, assim como em todos os outros lugares, mas era

melhor do que ficar do lado de fora.

Quanto tempo havia se passado? Maomao não sabia. Podem ter sido trinta minutos. Podem ter sido horas.
Todos na aldeia tremeram com os insetos, como nunca tinham visto; eles insultaram as criaturas e...

"Maomao!"
Ela pensou ter sentido alguém dando um tapinha em seu ombro. Ela se virou e encontrou Rikuson. Gafanhotos estavam mastigando seu cabelo, suas roupas. Ela estendeu a mão, pensando em afastá-los.
"Por favor, pare de fazer pesticidas. Sua mão será inútil!" Ela olhou para a mão que havia levantado; estava vermelha e inchada. Oh...
Sua mistura não conseguia aliviar esse enxame. Ela estava misturando pesticida e espalhando-o o mais rápido que podia, colocando-o em todos os lugares que conseguia pensar, mas nunca era o suficiente; o gafanhoto Os insetos continuaram chegando.
Por quê? Por que não funcionou?
Funcionou. Havia simplesmente muitos deles. Os insetos famintos até comiam as ervas venenosas. Eles mordiam as pessoas, mastigavam roupas e até tentavam consumir

postes de casas. Como se isso não bastasse, os insetos que caíram no chão começaram a comer uns aos outros. Havia muitos deles, e isso os deixou em frenesi.
Maomao estava bem longe, agarrando desesperadamente todas as ervas que pudessem ajudar a combater os insetos e cozinhando-os. Gafanhotos flutuavam no enorme pote.
Maomao arrancou as raízes das plantas e tudo e jogou dentro. Sua mão estava inchada de arrancar plantas do chão com as mãos nuas ou das qualidades tóxicas do pesticida?
Rikuson olhou para o céu, ainda escuro com o enxame. Os insetos estavam por toda parte, mas ele parecia estar olhando para algum lugar além deles, acima deles.
"Dizem que o desastre expulsa o desastre... Deveríamos ter tanta sorte."
Maomao não sabia o que ele queria dizer, mas ela mesma olhou para a escuridão.
"Ai!" ela exclamou. Algo duro tinha batido nela. Ela olhou para o chão, imaginando o que poderia ter sido, e encontrou um

pedaço de gelo.
A dor veio de novo, nas costas dessa vez, depois no ombro.
Thock, thock, thock.
O ar tinha ficado muito frio.

““Granizo?”, ela disse.

Entre os grandes pedaços de gelo e o ar congelante, os gafanhotos começaram a se mover visivelmente mais devagar.

“Desastre expulsa desastre, hein?”, Maomao disse. Não, isso não era um desastre. Era um presente do céu — não uma conclusão que Maomao normalmente chegaria. “Sim! Caia! Que granizo caia sobre nós!”

Agora sua loucura estava acelerando em outra direção. Ela se inclinou para frente, enquanto o granizo caía entre o enxame. Não uma dança da chuva, por assim dizer, mas uma dança do granizo.

Ela não sentia a dor dos insetos mordendo-a, nem do granizo atingindo-a. Ela estava muito cheia de desejo, de esperança, de que algo, qualquer coisa, pudesse acontecer para ajudá-los com esse enxame inumerável de insetos.

Thock! Ela sentiu um golpe especialmente forte, bem na cabeça dessa vez. “Maomao!”

Ela se lembrou de Rikuson correndo até ela, mas então tudo ficou escuro.

Sua visão voltou, mas estava turva.

Huh? O que eu estava fazendo, de novo?

Maomao sentou-se lentamente; seu corpo parecia pesado.

“Olá! Você acordou?” disse uma voz otimista. Ela estava acompanhada por um rosto familiar.

“M-Mestre Lihaku?”

Era o grande e amigável vira-lata de um soldado.

Maomao olhou ao redor, tentando fazer seu cérebro funcionar. Ela não estava em um quarto, mas em uma tenda. De um lado, ela podia ver Chue cozinhando algo em uma panela.

Isso era muito bom, mas então ela viu um inseto no canto de sua visão. Ela pulou de pé.

“Gafanhoto!” ela gritou, imediatamente esmagando-o sob os pés. Tendo acabado de acordar, no entanto, o movimento quase a fez cair.

“Uau! Ei, mocinha. Matar um gafanhoto não fará diferença alguma, ok? E você tem que ir devagar”, disse Lihaku.

“Ele está muito certo, Srta. Maomao. Aqui, coma isso.” Chue sentou-a de volta na cama e ofereceu-lhe uma tigela de alguma coisa. Ela pegou e comeu um pedaço. Era um pudim de arroz, levemente salgado.

Assim que Maomao comeu um pouco de comida quente, as memórias começaram a voltar. Houve um enxame de gafanhotos, depois uma tempestade

de granizo e então...
“Quanto tempo fiquei fora?” ela perguntou.
“Um dia inteiro,” Chue respondeu. “Você levou uma boa pancada na cabeça de um grande pedaço de granizo. Fiquei com medo de que fosse perigoso movê-la, então a colocamos aqui nesta barraca.”
Maomao pensou que tinha feito a escolha certa. Ela também se sentiu completamente patética, caindo inconsciente bem quando eles mais precisavam dela.
Parece que eu estava em péssimo estado.
Maomao era apenas humana. Ninguém a culparia se a situação sem precedentes a tivesse levado ao limite. Mas ainda era verdade que ao sucumbir ela tornou a vida mais difícil para os outros.
E pensar que o taibon não me incomodou. A sala trancada cheia de cobras e insetos venenosos na fortaleza do clã Shi não tinha sido problema

nenhum.
“Não precisa se sentir mal, Srta. Maomao. Você só ficou um pouco confusa e levou a matança de insetos um pouco longe demais. Seu pesticida da marca Cat é forte. Pode envenenar a terra, você sabe. Mas funcionou!
Nós o diluímos e agora eles estão usando para matar o resto dos insetos.”
“O resto deles?”
“A versão curta é que estamos do outro lado disso.

Ajudou muito que o granizo tenha vindo e baixado a temperatura. Mas alguns desses gafanhotos são pequenos fedorentos resistentes, então eles estão lá fora lidando com eles."
"Estou ajudando com isso", Lihaku entrou na conversa, levantando a mão. Por que ele estava aqui? "Um enxame de gafanhotos apareceu na capital ocidental também. Não tantos quanto aqui, mas tem sido feio. Nosso bom amigo Jinshi está fora de si — ele me ordenou que fosse para a vila onde você estava imediatamente, mocinha. Cheguei aqui há cerca de meio dia."
"Enquanto isso, meu irmãozinho bobo voltou para atender o Príncipe da Lua. Este foi seu relatório sobre a situação!"
Isso foi provavelmente o máximo que Jinshi conseguiu fazer. Basen, enquanto isso, provavelmente ainda estaria cheio de energia e vigor, mesmo depois de uma rápida viagem de volta.
"Cara, foi algo!" Lihaku disse. "Aqueles caras na capital ocidental, parecia que nunca tinham visto uma praga de insetos antes. Quero dizer, eu também não, certo? Mas eles nos avisaram que algo estava chegando. Eles nos avisaram várias vezes!"
Lihaku era, como sua aparência sugeria, corajoso de coração. Ele tinha sido uma excelente escolha para esta expedição.
"Ah, certo!" ele acrescentou. "O velhote também

estava lá — ele estava todo, 'Maomaoooo! Onde está meu Maomaaaaoooo?!' Rapaz, ele ficou louco! O pobre velho médico estava encolhido no consultório médico!"
"Ugh..." Maomao conseguia imaginar muito bem a reação do estrategista esquisito.
"Nosso amigo Jinshi, ele realmente pensou rápido, eu acho, porque ele disse para não se preocupar, porque ele te mandou para um lugar onde não há peste. A maior mentira que já ouvi!"
"Quando eu estava literalmente na linha de frente..." Certo, Maomao se ofereceu para isso, mas a mentira era conveniente, sem dúvida.
"O velhote organizou um esquadrão de extermínio de gafanhotos. Ele ajudou a controlar o caos na cidade também."

Maomao não respondeu imediatamente. Na verdade, parecia que as coisas estavam mais ou menos sob controle na capital ocidental. Eram as outras vilas agrícolas que a preocupavam.
Falando nisso...
"O irmão de Lahan — ele está bem?" ela se perguntou em voz alta. "Ohh, você quer dizer o Cara da Batata?"
"Se ele não enviou nenhuma carta, provavelmente são boas notícias, certo?", disse Chue.
"Não sei. A última coisa que ele enviou parecia bem ruim, e agora estamos aqui com gafanhotos por todo lugar..."

Como fazendeiros comuns, ele era bem distinto, mas foi pressionado a servir nessa expedição e depois enviado para os dentes do enxame que se aproximava.
Obrigado, Irmão de Lahan... Maomao olhou para o teto da tenda. Ela tentou imaginar o rosto sorridente do Irmão de Lahan, mas então percebeu que não tinha certeza se já o tinha visto sorrir. Ele geralmente estava bravo, ou no limite, ou zombando de alguém.
Eu me pergunto se ele ainda está vivo. Ela sabia que ele tinha sido enviado com guarda-costas confiáveis, então ela queria acreditar que ele tinha sobrevivido a tudo isso.
“Você não saberia a extensão do "E os danos, você faria?", ela perguntou. O enxame tinha vindo e ido embora; isso não podia ser mudado agora. A questão era como eles reagiriam.
"Cerca de oitenta por cento da colheita de trigo estava pronta", Chue informou a ela. "O trigo não colhido foi destruído, mas foi uma safra abundante este ano, maior do que a média. Subtraia o trigo da única casa que queimou, e a colheita chega a cerca de setenta por cento de um ano normal."
"Setenta por cento?" Considerando a escala da destruição, isso soou quase milagroso para Maomao. Talvez o irmão de Lahan realmente fosse um bom professor e guia. Eles não podiam pensar exclusivamente em termos de trigo, no entanto. "E quanto aos outros danos?", ela perguntou.

"A maior parte da palha foi comida, assim como a maior parte da grama do pasto para os animais. Os campos de batata foram praticamente reduzidos a caules, mas achamos que eles podem crescer novamente."
Chue fez parecer tão simples, mas ela deve ter ficado desconfortável com a gravidade da situação, porque flores e bandeiras continuavam entrando e saindo de suas mãos. Lihaku a observou extasiada, nunca parecendo se cansar da exibição.

"Vamos ser honestos — as outras vilas agrícolas provavelmente estão praticamente aniquiladas", disse Chue.
"O bom e velho Jinshi continua enviando cavalos de correio para a vila mais próxima toda vez que recebe uma carta do irmão de Lahan, mas aposto que a maioria dos lugares não estava tão bem preparada quanto esta", acrescentou Lihaku.
"Boa observação. As coisas não ficaram muito caóticas por aqui", disse Chue.
Então isso "não foi muito caótico", hein? Maomao pensou que estava acostumada a uma certa quantidade de pandemônio, mas parecia que Chue estava ainda mais composta do que ela.
E ainda havia a questão da pessoa que havia feito mais do que qualquer outra pessoa nesta ocasião...
"Onde está Rikuson?"
"Lá fora, eu acho. Quer vê-lo?" Chue perguntou.
No meio da confusão, Rikuson permaneceu

completamente calmo. Na verdade, ele parecia completamente acostumado a isso. Ele fez mais do que simplesmente manter o juízo e matar gafanhotos — ele parecia entender profundamente como as pessoas em pânico agiriam. O que ele fez, correndo de uma casa para outra e falando com os moradores, pode não ter parecido grande coisa, mas sem isso, era possível que muito mais grãos tivessem queimado.

Mesmo depois dos severos avisos de Maomao para não usar fogo, os moradores ainda o fizeram. Presos em casas sufocantes e sem luz, com vozes frenéticas gritando do lado de fora, qualquer um teria sido empurrado para o limite.

Maomao viu agora o quão importante era ter uma voz nivelada vinda de fora.

Qual é a história dele?, ela se perguntou enquanto saía da tenda. Chue a seguiu, talvez para ficar de olho nela.

Estava frio lá fora, um efeito persistente da tempestade de granizo. Gafanhotos ainda rastejavam pelo chão, e algumas pessoas tentavam pegar aqueles que ainda estavam no ar. No centro da vila havia uma pilha preta horrível do que Maomao supôs serem insetos coletados. Parecia estar se contorcendo levemente, e ela não queria chegar muito perto.

Os moradores que estavam trancados em suas casas estavam saindo para as ruas, atordoados. Quando deixaram os campos de trigo, levando as espigas para suas casas, elas estavam cheias de talos — mas agora estavam devastadas e sem valor. Embora tivesse ouvido o relato de Chue sobre os danos, Maomao lutou para compreender a realidade diante de seus olhos. Ela passou pelos campos de batata, reduzidos a talos, e viu por si mesma os pastos carecas.

Os campos de grama foram menos completamente destruídos do que o trigo, mas era uma questão de grau. Os animais tinham sido soltos nos campos, mas pareciam inquietos e inquietos. Galinhas bicavam os gafanhotos aqui e ali no chão.

Será que eles têm um gosto bom? Maomao de fato tinha experimentado alguns uma vez, mas ela não conseguia superar a aparência deles — eles

simplesmente não pareciam saborosos.

O pato estava olhando para um lado e para o outro, examinando a área. Procurando por Basen, talvez.

"Você não está curiosa sobre o gosto dos gafanhotos, Srta. Maomao?" "Desculpe, Srta. Chue?"

Maomao teve um mau pressentimento sobre isso.

"Eu preparei isso — só para ver se era comestível!" Ela produziu algum tipo de refogado. Era muito Chue-esco, tirá-lo do nada assim, e ela parecia ter lido a mente de Maomao.

Maomao não disse nada.

“Eu me livrei das cabeças, carapaças e pernas — não pareceu bom para a digestão. Eu joguei fora as entranhas também — nunca se sabe o que eles estavam comendo.”

Não precisamos explicar o que era esse alimento — embora Chue tenha conseguido disfarçar completamente.

“Você fez a escolha certa, tirando as entranhas. Eles comiam gramíneas venenosas e até uns aos outros. Mas depois que você tira tudo isso, não tenho certeza do que sobrou.”

“Você está certíssimo — há tão pouco deles que você pode comer! De qualquer forma, coma!”

Maomao deu uma mordida sem entusiasmo. “O que você acha?”

“Hmm... Bem, não é fisicamente intragável...”

“Mas, dada a quantidade de trabalho que dá para prepará-lo, você sugeriria outra coisa.”

“Sim, eu diria que sim.”

Essa era a comida de Chue, então era provável que tivesse alguns temperos bem bons. O fato de que, apesar disso, ele ainda só chegou ao nível de "não intragável" não falava bem dos méritos deste prato. Nem as pessoas paradas olhando vagamente para os campos devastados pelos gafanhotos provavelmente iriam querer se virar e comê-los. A nutrição que eles forneciam seria uma pequena compensação pelos danos que eles tinham causado.

O resto do prato de Chue desapareceu no ar, então ela puxou a manga de Maomao como se tivesse notado algo. "Por aqui, por favor!" ela disse.

Maomao a seguiu até que pararam em frente a uma das casas devastadas. Ela podia ouvir vozes lá dentro. Quando ela olhou para dentro, encontrou Rikuson conversando com alguns moradores.

"Eu entendo", ele estava dizendo. "Vamos fingir que isso nunca aconteceu." "Sinto muito. Eu odeio voltar atrás em uma promessa, mesmo que seja informal."

Vários moradores, junto com o próprio chefe, curvaram suas cabeças para Rikuson.

"Não, eu entendo. Considerando a escala da

destruição, não posso culpá-lo. Na verdade, considero-nos sortudos que o dano não foi pior."

Uma olhada na sacola sobre a mesa entre as partes foi o suficiente para explicar o que estavam falando. Era a mesma que Rikuson havia usado para motivar os aldeões complacentes antes da chegada do enxame — a sacola cheia de dinheiro. Ele havia prometido comprar o trigo deles pelo dobro do preço de mercado.

Esta não pode ser a única vila que sofreu esse tipo de destruição.

E acho que eles não podem vender o excedente.

"Bom dia, senhor." Rikuson colocou a sacola nas dobras de seu manto e saiu de casa. Ao sair, viu Maomao. "Maomao, você está acordada? Você está bem?"

Ela mostrou a ele a cabeça e as palmas das mãos. Sua cabeça estava bem, mas sua mão

ainda latejava. Chue cuidou dela enquanto estava inconsciente, aplicando uma pomada e enfaixando, então estava melhor do que poderia estar.

Chue deu uma cutucada em Rikuson. "Você tem coragem de carregar essa coisa por aí, Senhor Sacos de Dinheiro! Você sabe que pode haver bandidos por aqui, certo?"

"Oh, céus. Eu sou apenas um burocrata mediano. Não tenho dinheiro para comprar o suprimento de trigo de uma vila inteira." Ele

mostrou a língua de brincadeira e então tirou a bolsa. Estava cheia de pedras de Go.

"Bem, bem!" Chue disse.

"Eu as carrego comigo para todo lugar. Um hábito da minha última posição." Isso, é claro, teria sido como ajuda para o estrategista esquisito.

Rikuson, pensou Maomao, provou ser um vigarista de primeira classe. "Sinto muito. Você precisava de algo comigo?" ele perguntou.

Precisa de algo? Hmm.

*Ela...*d principalmente seguiu Chue. Chue e Lihaku entre eles lhe deram uma boa ideia de onde as coisas estavam, então não havia necessidade real de perguntar a Rikuson sobre isso. Ela pensou, no entanto, que Rikuson foi provavelmente o que ficou mais chocado quando ela foi nocauteada. Ela sentiu que deveria se desculpar.

"Sinto muito por ter sido nocauteada daquele jeito. Eu era mais um problema quando você já tinha o suficiente para lidar." Ela se curvou para Chue também, só para garantir.

"De jeito nenhum. Estou feliz que você não esteja seriamente ferido." "Tudo bem, então. Até mais."

"O quê? É só isso?"

"É só isso?" Bem, havia outras coisas que ela queria perguntar a Rikuson, mas não havia necessidade de pressa. Ainda havia muitos gafanhotos por perto, e ela pensou que deveria

ficar fora do caminho. Talvez Rikuson estivesse cansado de pensar em gafanhotos e quisesse mudar de assunto. Infelizmente, Maomao não estava em melhor posição do que ele para inventar algo que o distraísse.

Em vez disso, ela disse: "Você parece ter uma ideia muito boa do que está fazendo aqui, Rikuson. Você tem algum tipo de experiência com esse tipo de coisa?" A maneira como ele manteve a cabeça o tempo todo — mesmo sendo o ex-assistente do estrategista esquisito não lhe daria esse tipo de compostura.

Rikuson deu a ela um sorriso gentil. "Aprendi com minha mãe. Você nunca deve perder de vista a si mesmo, não importa qual seja a situação, ela disse."

Então, por um segundo, sua expressão vacilou. "As últimas palavras dela para mim foram 'Quando você mais quer desmoronar, é quando você deve estar mais calmo.'"

"As últimas palavras dela?"

"Sim... Nossa casa foi atacada por bandidos. Minha mãe e minha irmã mais velha me esconderam onde eu não seria encontrado... e então elas foram mortas diante dos meus olhos."

Essa conversa abruptamente se tornou muito mais sombria do que Maomao esperava.

“Se eu fizesse um som, eu também teria morrido. Mas eu não podia — não podia gritar, não

podia berrar. Minha mãe, sabendo muito bem que eu teria gritado minha raiva e tentado pular nos assassinos, enfiou uma mordaça na minha boca e amarrou minhas mãos e pés. Então foi que, incapaz de fazer qualquer coisa, eu vi minha mãe e minha irmã morrerem — mas por causa disso, eu sobrevivi."

Essa não foi uma história fácil de responder. Maomao respondeu da única maneira que ela conseguiu pensar. "Porque você sobreviveu, esta vila também sobreviveu."

O que quer que tenha acontecido no passado não era problema dela — mas se, como resultado de suas experiências, Rikuson foi capaz de salvar esta vila, então ela tinha que ser grata por essas experiências. E, também, ela tinha que reconhecer sua coragem incomum.

"Eu aprecio isso, Maomao — essa maneira de ver as coisas." "Oh?"

Ela não era Rikuson. Ela não tinha como saber como ele teria reagido se ela tivesse respondido com um excesso de emoção. Ele era um homem adulto, não uma adolescente mal-humorada, então ela imaginou que não havia necessidade de enchê-lo de simpatia generosa.

Rikuson sorriu novamente. "Sinto que você e eu nos damos muito bem, Maomao. Você acha que eu poderia pedir sua mão em casamento?"

"Claro que você está brincando", ela disse. Ela não estava prestes a levar a brincadeira educada

dele a sério.

"Sim, claro. Claro", Rikuson disse, e riu.

Não tenho certeza se percebi que ele era do tipo que faz esse tipo de piada, Maomao pensou, surpresa. Por outro lado, ele disse algo parecido no ano passado, a última vez que estiveram na capital ocidental. Talvez esse fosse apenas outro lado dele.

Chue enfiou a cabeça na conversa. "Uau! Você vai deixar a Srta. Chue de fora? Tem espaço para mais uma no seu

pequeno drama de relacionamento?"

"A Srta. Chue é uma mulher casada", Rikuson disse suavemente.

"Sim! Casada e grávida! Mas todo mundo diz que não pareço. Como você sabia?" Chue deu um sinal de cabeça confuso.

Ela realmente não parece. Chue estava muito, muito distante da ideia de Maomao de uma dona de casa comum.

"Bem, veja, o filho mais velho do clã Ma é famoso em certos círculos."

"Ah, sim! Meu marido passou no concurso público quando era adolescente — isso é o suficiente para tornar qualquer um famoso. Infelizmente, ele desistiu bem rápido. Graças a ele, a Srta. Chue teve que voltar a trabalhar logo depois do parto!" Ela juntou as mãos.

"E o que aconteceu com seu filho? Ele não deve estar muito velho ainda, pode?" Rikuson

perguntou.

“Minha cunhada está cuidando muito bem dele!”

Maomao sabia da existência dessa criança, em termos gerais, mas agora ela descobriu que Chue não parecia nem um pouco preocupada com sua prole. Maomao percebeu que não só nunca tinha ouvido o nome da criança, como nem sabia se era menino ou menina. Mesmo sabendo que a cunhada de Chue, Maamei, sem dúvida faria um excelente trabalho criando a criança, sua abordagem parecia laissez-faire ao extremo.

"Tudo bem, tenho que voltar a ajudar com os gafanhotos", disse Rikuson com uma reverência educada de cabeça.

"Ok. Eu vou-"

Assim que Maomao estava se perguntando o que, de fato, ela faria, uma voz veio de trás dela.

"Heeey!" Ela se virou para encontrar Nianzhen acenando para ela. O que o velho de um olho queria? "Você tem mais desse veneno?"

“Veneno?” Maomao lançou-lhe um olhar questionador.

“Aquele que mata insetos! Aquele que você ferveu naquela panela grande. Não estou chegando a lugar nenhum esmagando insetos um de cada vez. Quero espalhar essa coisa em tudo e acabar com eles.”

“Ah! Você quer dizer o pesticida.” Maomao tinha uma vaga lembrança de sua busca

desesperada para fazer a coisa.
Certo! O veneno!” “Veneno…”

Maomao queria ressaltar que não era exatamente isso, mas

Rikuson parou quando estava saindo para dizer:
"Sim, esse veneno foi incrivelmente eficaz."
"Tudo bem, espere..."
"Oh! É a Mulher Venenosa!" disse um dos moradores que avistou Maomao. "Você acha que pode preparar mais veneno para nós?"
"Sim, preciso de um pouco de veneno, por favor. Do tipo que você tem que diluir para evitar que mate alguém!" disse outro morador.
"Esse veneno funcionou como nada que eu já tenha visto. O que diabos tinha nele?"
Os moradores se aglomeraram ao redor dela.
Não é p-p-p...
Antes que Maomao pudesse dizer as palavras, Chue deu um tapinha em seu ombro. Ela lhe lançou um olhar cúmplice e balançou a cabeça.
Maomao engoliu em seco.
"Por favor, use apenas conforme as instruções", ela disse.
E então Maomao se viu reunindo ervas tóxicas mais uma vez.

Na hora em que Maomao fez uma quantidade

generosa de pesticida, Lihaku chamou: "Ei, mocinha!"
"Sim? Qual é o problema?"
"Parece que você está pronta para fazer seu veneno. Pensei que, em vez de ficar por aqui, talvez devêssemos voltar para a capital ocidental para nos reportar. Posso deixar os soldados que vieram aqui comigo para ajudar a limpar o resto dos insetos. Parece bom?"
"Sim, pode ser uma boa ideia... E, a propósito, isso não é veneno, é pesticida."
Maomao olhou para a aldeia. Ela mostrou aos fazendeiros como fazer o pesticida e até escreveu instruções simples para eles.
"Se não voltarmos logo, aquele velhote vai descobrir que foi enganado", disse Lihaku.
"Ah, certo. Disseram a ele que eu estava em algum lugar onde não havia peste, não foi? Estou impressionada que ele tenha acreditado."
Por mais louco que ele pudesse estar, o sexto sentido inexplicável do estrategista esquisito sempre parecia estar ativo e funcionando. Estranho pensar que alguém havia mentido para ele com sucesso.
"Nosso amigo Jinshi não é um estrategista mau. Ele usou o velho doutor."
O velho doutor. Em outras palavras, o charlatão. Maomao sabia que Jinshi tinha

se comportado bem com o médico recentemente. Ela se perguntou como ele o

havia usado.
"Ele explicou ao velho doutor o que estava acontecendo com você e deixou
ele contar ao velhote. Sabe, ele contou indiretamente!"
Maomao ficou quieto: essa realmente foi uma boa ideia. Além disso, o velho doutor
isso e o velhote aquilo pareciam que poderiam ficar confusos.
O charlatão era um homem atarracado de meia-idade, mas em termos zoológicos ele estava meio que na mesma categoria que ratos ou esquilos. Ele ocupava aproximadamente o mesmo lugar na hierarquia que o pato de Basen.
“Assim que as coisas se acalmarem, precisamos aparecer rápido ou o velhote vai começar a sentir cheiro de peixe.”
Maomao olhou para a palma da mão. Ela ainda estava visivelmente manchada por fazer o pesticida. “O que fazemos sobre isso?”, ela perguntou.
“Eu tenho uma pequena muda de roupa para você!” Chue disse, prontamente as produzindo.
“Só diga a todos que algo deu um pouco errado, sabe? Você já tem tudo isso no seu braço esquerdo,” Lihaku disse, gesticulando para o apêndice ofensivo, que estava coberto de cicatrizes de Maomao usando a si mesma como cobaia para seus remédios. Ela nunca mencionou isso especificamente, mas aparentemente ele tinha descoberto.

Pensando bem...
Por mais superprotetora que a estrategista esquisita pudesse parecer, ele nunca se opôs a ela ser uma provadora de comida, verificando se havia veneno. Ele imediatamente colocaria os parafusos em qualquer um que ameaçasse prejudicar Maomao da menor forma — mas talvez ele tenha escolhido não interferir quando se tratava de ameaças que Maomao escolhia para si mesma.
Ela se perguntou se Lihaku tinha uma de suas leituras instintivas sobre esse aspecto do estrategista.
"Bom ponto", ela disse. Ela imaginou que ele estava certo: ninguém questionaria um pequeno ferimento em suas mãos neste momento. "Tudo bem. Vamos para casa?"
Então ela deixou a aldeia devastada para trás.

Capítulo 20: Confirmação

Quando ela voltou para a capital ocidental, ela a encontrou em um estado ruim.

As coisas realmente estavam piores aqui, ela pensou. Ela examinou a cidade com uma sensação de distanciamento. Ainda havia gafanhotos nas estradas e rastejando ao longo das paredes dos edifícios. Às vezes ela via aglomerados pretos se contorcendo, mas ela escolheu não olhar muito de perto.

Ela suspeitava que o número real de gafanhotos fosse menor do que na vila, mas ela podia ver barracas de rua mastigadas e frutas roídas no chão em todos os lugares.

O povo da cidade não lida bem com insetos. As pessoas aqui provavelmente reagiram ao enxame de forma muito diferente dos moradores. Ela quase não viu ninguém do lado de fora. Os fazendeiros tinham suas plantações para pensar, então eles tentaram exterminar os insetos para manter as plantas seguras, mas o medo simples governou os habitantes da capital ocidental.

"Quão ruim foi o caos?" ela perguntou a Lihaku, que estava sentado no banco do motorista. Rikuson disse que ficaria na vila por mais alguns dias. Isso foi muito bom para os moradores, mas Maomao ficou surpreso por não sentir que deveria retornar à capital ocidental para lidar com essa emergência.

"Foi um caos. Chuva e granizo!"
"Ninguém os avisou que o enxame estava chegando?" Se Jinshi conseguiu mandar uma mensagem até para ela, ele deve ter algum plano em andamento na capital.
Lihaku, no entanto, disse: "Esta é a capital ocidental. Há uma ordem nas coisas, sabe?"
"Entendo..."
Jinshi mal conseguia correr pelas ruas gritando a plenos pulmões. Ao contrário de Maomao, ele tinha sua posição para pensar. Ele não podia fazer nada a menos que o fizesse por meio dos oficiais aqui na cidade.
"Parece que ele fez melhor do que nada", disse Lihaku.
Em uma grande praça da cidade, havia o que parecia ser uma distribuição de alimentos acontecendo. Maomao ficou surpreso — os insetos realmente causaram tanto dano e exaustão? Já fazia vários dias, no entanto. Nem todas as famílias teriam provisões extensas

à mão.
Muitas famílias pobres estão vivendo de mão em boca para começar. Muitas vezes, o melhor que podiam fazer era ganhar o salário de um dia e depois gastá-lo em uma barraca para jantar naquela noite. Alguns lugares para comer ainda estavam abertos, mas no caos, as redes de distribuição secaram e eles não tinham muito o

que servir.
Maomao conseguia sentir o cheiro do congee sendo distribuído mesmo de onde estava. O cheiro a fez pensar: Irmão de Lahan.
Era o cheiro de batata-doce, talvez do enorme suprimento que veio com ela e os outros nos navios. As batatas estavam sendo cozidas e servidas para encher as barrigas dos famintos moradores da cidade.
"Então eles estão usando as batatas nessa distribuição", observou Maomao.
"Oh, Irmão de Lahan, mal o conhecemos... Dói tanto perdê-lo..." Os olhos de Chue se encheram de lágrimas. Ela o estava tratando como se ele estivesse morto?
“Eu diria que se eles estão sendo úteis, tudo bem, não é? Tenho certeza de que o Cara Batata está lá fora em algum lugar, sorrindo”, disse Lihaku.
Lá fora? Onde seria? Pelo jeito que Lihaku falou, era difícil dizer se ele achava que o Irmão de Lahan estava vivo ou morto.
A carruagem chegou ao anexo. As pessoas se reuniram no portão quando ouviram o relincho dos cavalos. Especificamente, as pessoas eram o charlatão e Tianyu.
“Jovem! Você voltou!” Um homem exausto e abatido correu até Maomao. Lihaku o agarrou pelo pescoço antes que ele pudesse colidir com ela. O rapazinho lutou e se debateu — era o

médico charlatão.
“Mestre Médico, você está bem?” Maomao disse com uma reverência.
Lihaku colocou o charlatão de volta no chão.
“E você, jovem? Você está bem, não está? Eu sei que você estava em um lugar seguro, mas você deve ter ficado com muito medo! Eu certamente fiquei! Eu teria jurado que o mundo estava chegando ao fim!”
“Sim, senhor. Eu sei que você desmaia ao ver uma barata.”
Ele tinha ido até ela branco como um lençol mais de uma vez depois de encontrar um inseto particularmente cruel enquanto limpava. Um enxame de gafanhotos deve ter sido um inferno para ele.
“Não é justo, Niangniang. Por que você conseguiu evacuar? Cara, deve ser ótimo ter conexões reais!” Tianyu estava tão cheio de sarcasmo como sempre,

embora Maomao não tivesse certeza de até que ponto ele realmente acreditava no que Jinshi havia dito.
“Você tem certeza de que não há problema em deixar o consultório médico vazio?” Maomao perguntou. Essa foi, verdadeira e sinceramente, a primeira coisa em sua mente quando os viu.
“Ahh, não estamos tão ocupados”, disse Tianyu. “Talvez porque devamos cuidar

principalmente do Príncipe da Lua. Dr. Você e os outros, agora, eles têm muito o que fazer!”
Os dois têm tempo livre porque estão no comando de Jinshi? Algo sobre isso parecia estranho.
“Isso me lembra, mocinha! O Mestre Lakan estava muito preocupado com você!”
“Ah.”
Essa não foi uma informação especialmente útil.
“Ele parece ter um dente doce. Você deveria pegar alguns doces de batata-doce e ir cumprimentá-lo. Ele estava faminto por eles outro dia!”
Ela desejou poder ignorar a sugestão do bom doutor, mas se o fizesse, suspeitava que o o outro grupo só viria visitá-la.
De qualquer forma, ela tinha um problema maior: o charlatão estava aproveitando a ausência do irmão de Lahan para cozinhar suas batatas-semente.
“Graciosa, mocinha, você está machucada! O que aconteceu com sua mão?”
“Ah, não é nada para se preocupar. Eu estava fazendo pesticida. É de experimentos com isso.”
“Experimentos? Você não é um inseto, mocinha!” O charlatão parecia genuinamente perplexo.
“Se pode matar um gato, com certeza

funcionará em um inseto," Tianyu interrompeu.
"Tudo bem, vocês dois, chega de conversa," Chue disse ao entrar
na sala. "Temos muitas coisas que queremos contar a vocês!" "Conte para nós?", o charlatão disse.
"Sobre essa mistura para matar insetos."
"Ahh, sim, claro. Desculpe, desculpe." O charlatão educadamente abriu caminho.

Tianyu não parecia que seria um problema — ele só apareceu para fazer comentários inteligentes.
Muitas pessoas importantes, não apenas Gyokuen, viviam em casas excessivamente grandes, mas os aposentos de Jinshi ficavam no santuário mais interno desta. Tudo isso era muito respeitoso para ele como convidado, mas, francamente, era

uma verdadeira caminhada.
"Tudo bem, as roupas de ninguém estão amassadas? Excelente", disse Chue, inspecionando as roupas de Maomao e Lihaku.
Maomao viu um ou dois fios de cabelo soltos na cabeça de Chue, então ela os ajeitou.
"Com licença, nós estamos ele-" Maomao disse, mas foi interrompida por um tremendo estrondo no momento em que entraram.
Jinshi estava sentado em uma postura um pouco

menos que formal. Suiren e Taomei o atenderam como de costume, enquanto Gaoshun e Basen também estavam lá, ambos parecendo um pouco desconfortáveis. "Quack!" grasnou o pato ao lado deles. Seria melhor dizer algo espirituoso sobre o pássaro, ou não?
Basen havia deixado o pato para trás, e ela havia retornado com Maomao e os outros. A maneira como ela havia voltado direto para Basen no momento em que chegaram ao anexo — ela parecia mais um cachorro do que um pato.
Parece o tipo de coisa de Gaoshun, pensou Maomao. Ao contrário das aparências, ele tinha uma queda por doces e pequenos animais. Ele provavelmente achava a presença do pato curadora.
Ok, não posso passar o tempo todo olhando para o pato.
Ela olhou para Lihaku para perguntar como eles lidariam com o relatório. Ele deu meio passo para trás — aparentemente ele queria que ela falasse. Chue também recuou.
"Acabamos de retornar, senhor", disse Maomao, ficando um pouco mais ereto e falando um pouco mais corretamente porque Taomei estava lá. Se fosse apenas Gaoshun ou Suiren, seria uma coisa...
"Muito bom", disse Jinshi com um ar de autoridade imparcial. Ele parecia se sentir da

mesma forma que Maomao, porque seu rosto usava sua proverbial máscara de "Príncipe da Lua". Taomei tinha sido uma das babás de Jinshi, Maomao concluiu, mas sua... abordagem à criação dos filhos tinha sido bem diferente da de Suiren.
"E como foi?", ele perguntou.
Uma pergunta justa, mas tudo o que Maomao pôde fazer foi repetir o que ouvira de Chue. "A colheita foi severamente impactada, mas não aniquilada. Quanto ao trigo, achamos que sobrou cerca de setenta por cento da colheita normal de um ano."
"Então a mensagem do Irmão de Lahan chegou a você a tempo."
Ele até o chama assim em reuniões oficiais? Talvez nem Jinshi soubesse o nome do homem. Se ele nunca mais voltasse, Maomao se perguntou o que colocariam em sua lápide.
“Nós enviamos mensageiros para as outras aldeias, mas, pelo que tudo indica,

nós salvamos menos da metade da colheita. E há alguns lugares de onde os mensageiros ainda não voltaram — só posso supor que as coisas estejam piores lá.”
Por mais que ele tenha trabalhado, o Irmão de Lahan simplesmente não conseguiu alcançar todos a tempo. Pior, não importa o quanto ele tenha suportado pelo bem das aldeias que ele

alcançou, o resto simplesmente presumiria que os superiores os ignoraram e os abandonaram. Por mais que ele lutasse, o Irmão de Lahan nunca alcançaria a linha de chegada.
“Lihaku. Quantas pessoas você acha que precisamos enviar para cada aldeia?” Jinshi perguntou.
“Eu diria pelo menos dez, senhor. Precisaremos de alguns para cuidar dos insetos e alguns para ajudar a reconstruir as casas, mas o que mais me preocupa é...”
“Violência? Ou banditismo?” “Ambos, na verdade.”
Desastres naturais como esse viravam a vida das pessoas de cabeça para baixo — e isso tendia a fazer o mesmo com o coração humano. Um coração devastado logo poderia se voltar para o roubo ou a violência. Jinshi já estava pensando no que viria depois dos gafanhotos.
Poink! fez o cabelo rebelde de Chue — ela parecia pensar que Jinshi poderia pedir sua opinião, mas ela nunca teve tempo para falar.
“Muito bem. Você fez um bom trabalho, Lihaku. Você pode retornar ao seu posto”, disse Jinshi.
“Senhor”, Lihaku respondeu espertamente e saiu da sala. O pato, por razões desconhecidas, o seguiu. Seu traseiro tremia enquanto ela andava — talvez ela precisasse fazer cocô.
Patos podem ser domesticados?

Maomao teria presumido que isso era impossível, mas, novamente, se o animal profanasse os aposentos de Jinshi, Taomei provavelmente a assaria na hora. Talvez o pato, sentindo perigo mortal, tivesse decidido ir para fora. Se sim, foi um truque impressionante. Maomao se virou para segui-los, mas imediatamente encontrou Suiren bloqueando sua saída.
"Posso ajudar?" Maomao perguntou d.
“Ho ho ho. Talvez você nos poupe um pouco mais do seu tempo.” Quando ela colocou dessa forma, Maomao não teve escolha a não ser dar uma reviravolta.

Jinshi não estava mais usando sua expressão de Príncipe da Lua. “Sua cabeça está bem?” ele perguntou. Basen deve ter contado a ele sobre o pedaço de granizo rebelde

e o subsequente ataque de inconsciência de Maomao. Quando ela olhou de perto, ela podia ver bolsas escuras sob os olhos de Jinshi, e seus lábios estavam secos.

“Não tenho certeza, senhor. Às vezes, uma pessoa cai morta do nada alguns dias depois de ser atingida na cabeça.” Mesmo que não houvesse ferimentos externos, sangrar dentro da cabeça poderia, aparentemente, ainda causar

a morte.

“Então você precisa estar deitado!”

“Não, senhor. Minha hora chegará quando chegar, e a única pessoa que poderia fazer algo a respeito seria meu pai.” Ele, ou talvez o Dr. Liu, mas nenhum dos dois estava aqui na capital ocidental. “Então eu prefiro fazer o que posso, enquanto posso.”
“Explique a mão direita, então.” Ele pareceu ter notado as bandagens de Maomao.
“Cicatrizes de um experimento,” ela disse lentamente.
“Eu pensei que você não usava sua mão dominante para isso.” Ele deu a ela um olhar longo e duro — o inverso de suas posições habituais. Por fim, ele disse, “Hrm. Bem, tudo bem. Mais importante... você está bem. É isso que importa.”
Oh...
Ela viu como a mão dele se fechava e se abria, e percebeu que o “Príncipe da Lua” havia se transformado inteiramente em Jinshi. Era quase infantil — e, de fato, angustiantemente humano.
“Você deve estar cansada. Você deveria voltar para seu quarto e descansar um pouco.”
Agora isso, Maomao estava grata por ouvir. Chue jogou as mãos para o alto em

comemoração, até que viu a expressão no rosto de sua sogra e as abaixou novamente.
Maomao estava ansiosa para voltar para seu quarto, mas havia uma coisa que ela precisava saber. "Mestre Jinshi, você não está fazendo nada sobre o enxame?"
Pode não soar como uma pergunta muito respeitosa — e não ajudaria que ela tivesse voltado a chamá-lo de Jinshi em vez de "Príncipe da Lua". Mas depois de todo o seu planejamento e preparação para lidar com a praga de insetos, certamente ele não deveria estar descansando em sua suíte de hóspedes agora.
Maomao insistiu: "Nestes tempos sem precedentes, certamente há muito que você ainda poderia estar fazendo, senhor?"
Seu ponto pareceu ser compreendido.
"Como você sabe, sou uma convidada aqui", disse Jinshi, retornando ao seu tom oficial

. "O que eu posso fazer pessoalmente no solo é limitado. Então preparei um presente para aqueles que podem fazer o que quiserem."
Maomao lembrou do mingau de batata-doce sendo distribuído no mercado.
"Eu vi mingau de batata-doce sendo distribuído", ela disse. “É bom saber que eles estão usando como pretendido.”
“Usando?”

Jinshi já havia dado as provisões para a capital ocidental. Seria o governante da capital que receberia a boa vontade por distribuí-las. A gratidão dos habitantes da cidade seria direcionada a quem quer que tivesse dado a comida a eles.
Ele arrancou esse momento das mãos de Jinshi! Jinshi fez todo o trabalho, mas Gyoku-ou receberia todo o crédito.
“Também está claro o suficiente por que eles me permitiram enviar mensageiros para as aldeias à minha vontade. Se nada acontecesse, eles culpariam o irmão mais novo imperial por tentar agitar o povo. E se algo acontecesse, a capital ocidental ainda seria vista como tendo enviado uma mensagem.”
Jinshi era uma pessoa muito mais direta do que parecia à primeira vista, e colocava a nação em primeiro lugar, sem levar em conta facção ou aliança. Ele poderia ser um peão terrivelmente útil se alguém soubesse como manipulá-lo.
Então, essa catástrofe conveniente chegou.
“Esses ocidentais parecem ter planejado o tempo todo nos usar, visitantes centrais, como seus garotos e garotas de recados. Pelo menos fomos salvos do pior, pois o honrado estrategista assumiu a liderança.”
“M-Mas...”
Havia pessoas que achavam isso mais doloroso do que Maomao. Basen permaneceu

resolutamente inexpressivo, enquanto Suiren e Taomei pareciam menos do que alegres. Gaoshun, enquanto isso, estava cuidando de um sulco muito profundo na testa.
“Esta parece ser a verdadeira razão pela qual fui convocado aqui — para servir como um conveniente contraste”, disse Jinshi.
Surpreendentemente, o governante interino da capital ocidental, Gyoku-ou, estava tentando usar o irmão mais novo imperial como seu próprio ator coadjuvante. Ele está tentando se tornar o herói desta história? Maomao cerrou o punho ao perceber o que estava acontecendo. Eles ficariam na capital ocidental por um tempo. Gyoku-ou pode ter sido irmão da Imperatriz Gyokuyou, mas mesmo assim, Maomao tinha a sensação de que ela nunca aprenderia a gostar muito dele.

Enquanto isso, Jinshi, que parecia continuar tirando a sorte mais curta, não conseguia esconder sua crescente exaustão daqueles mais próximos a ele.
Ele precisa dormir um pouco, e logo.
Maomao estava prestes a tentar encerrar a conversa quando Suiren gritou: "Basen, seu pato está fazendo barulho lá fora!"
"Jofu? Há algo errado?"
"Aquela coruja mascarada está de volta. Talvez devolvê-la à natureza não tenha sido tão fácil..."

"Ela está acostumada com humanos agora", disse Taomei, abrindo um sorriso para o mção da coruja. Maomao tinha certeza agora: Taomei apreciava o pássaro como um predador companheiro.
"Você acha que poderia dar uma olhada? Você sabe como lidar com essa coisa, não sabe?" Suiren disse.
"Quando você coloca dessa forma, eu suponho..." Por mais que ela fosse uma obra-prima de mulher, até Taomei teve que ceder diante de uma dama de companhia veterana como Suiren. Basen, preocupado com seu pato, correu para fora também. Já estava escuro, então Chue acendeu uma lanterna. O doce cheiro de mel flutuava no ar.
"Senhorita Chue, talvez você possa me ajudar com os preparativos do jantar?" Suiren disse.
"Oh, sim, certamente!" Chue respondeu, de alguma forma teatral. Suiren deu uma piscadela para Maomao.
Entendi. Muito legal.
Sem avisar, Gaoshun saiu atrás deles. Ele estaria por perto, para vir rapidamente se fosse necessário.
Assim que os dois ficaram sozinhos na sala, Maomao respirou fundo e suspirou. "Mestre Jinshi."
"Sim?"
"Você não acha que está se esforçando

demais?"
Os últimos vestígios do Príncipe da Lua desapareceram. "Há algum momento em que eu não estou?"
Desde o momento em que ele nasceu como membro da família Imperial, liberdade não era uma palavra em seu vocabulário. Maomao percebeu que ela simplesmente perguntou o óbvio.
"Quanto mais 'muito' você pode se esforçar, então?" Tinha que haver um limite para o quanto Jinshi poderia aguentar.
"Você faz perguntas difíceis. Não sabemos onde está o limite até encontrá-lo, não é?"

"A maioria das pessoas que se arruínam além do reparo fazem isso no trabalho, enquanto juram continuamente que podem continuar."
Isso deixou Jinshi quieto por um momento, mas seu rosto escureceu. "Não é para isso que serve um boticário? Para torná-los melhores?"
“Sim, senhor. Mais ou menos. Devo preparar um banho de ervas para você?” “Não...” Jinshi estendeu a mão.
Huh?
Maomao olhou para ela, tentando decidir se tinha algum significado. Sua mão era grande, os dedos longos. As unhas estavam bem aparadas e lixadas.
A mão grande se esticou um pouco mais e se

colocou na cabeça de Maomao.
Caramba!
Ele bagunçou o cabelo dela como se estivesse acariciando um cachorro. Ela tentou dar um tapa nele, mas ele se esquivou dela agilmente.
“Que diabos, senhor?” ela perguntou, ajeitando o cabelo desgrenhado de volta no lugar. Ela não tinha tido a chance de tomar banho por vários dias, então ele parecia grosso e oleoso.
“Eu simplesmente me tornei melhor. Então eu não atingiria meu limite tão cedo.” Jinshi levantou a cabeça, como se dissesse que não tinha feito nada de errado.
“Deve haver maneiras melhores de fazer isso, senhor.” “Isso é um convite para utilizar essas...maneiras?” Nenhum deles disse nada. Maomao recuou meio passo e cruzou os braços em um X. “Conte-me sobre essas ‘melhores’—”
“Ok, eu relatei tudo o que tinha para relatar! Se me der licença!” E então, com uma esquiva habilidosa, Maomao saiu da sala.
Lá fora, ela soltou um longo suspiro. Ele tem sido tão indireto ultimamente que eu tinha esquecido.
A verdadeira personalidade de Jinshi era seguir em frente. Seus métodos podiam ser brutais. Se ele estava mostrando contenção com Maomao, foi apenas por causa da maneira ridícula como ele decidiu fazer isso.

Andando por aí na esperança de clarear a cabeça, Maomao encontrou uma coruja, um pato, Basen e, por algum motivo, até mesmo uma cabra correndo do lado de fora.
Essa cabra pertence à Srta. Chue.
Eles estavam transformando este anexo em uma fazenda.
Eles têm a liberdade de fazer isso.
A cena era ridícula e divertida ao mesmo tempo. Maomao sentiu os cantos da boca se erguerem, e ela cerrou o punho, jurando

fazer mais pesticida amanhã.
Ela ficaria na capital ocidental por um tempo ainda. Se ela ia dizer a Jinshi para não se esforçar tanto, então ela deveria seguir seu próprio conselho.
Mas ainda assim, ela faria tudo o que pudesse.
Ela tinha que fazer.

Epílogo

Chá aromático e salgadinhos assados com bastante manteiga. Um incenso moderadamente estimulante que extraiu as notas mais ricas do cheiro doce.

A Imperatriz Gyokuyou foi a anfitriã, e seus convidados vieram para se divertir.

Ela havia dado muitas festas do chá durante seus dias no palácio traseiro, mas menos desde que ela passou de consorte para Imperatriz. Ela estava confiante, no entanto, que sua habilidade de mimar um visitante não havia diminuído.

"Muito obrigada por nos convidar", disse uma das mulheres. Elas eram esposas de algumas das pessoas mais importantes de Li. Todas eram mais velhas que Gyokuyou, com uma exceção — sua sobrinha, Yaqin.

"E quem pode ser essa?", perguntou um convidado de olhos afiados ao avistá-la.

"Minha sobrinha", Gyokuyou respondeu com um sorriso. "Ela se juntou a nós desde a capital ocidental."

Yaqin ainda não havia entrado no palácio traseiro, pois não apenas Gyokuyou, mas Gyokuen se opuseram a ela. O pai de Gyokuyou e seu irmão queriam coisas diferentes: essa percepção a deixou ainda menos hesitante em agir.

Ela apresentou a garota não como filha de Gyoku-ou, mas como sua sobrinha. Ninguém conheceria Gyoku-ou como o governador dos confins ocidentais distantes. Ele era conhecido na capital como filho de Gyokuen, e pouco mais.

De qualquer forma, Yaqin se parecia mais com Gyokuyou do que com Gyoku-ou. Sem dúvida, as pessoas concluiriam que ela era sobrinha de Gyokuyou por parte de mãe.

Elas conversaram sobre os perfumes mais populares, veludo importado, a maquiagem mais nova — assuntos que eram um pouco juvenis considerando a faixa etária dos participantes. Em parte, Gyokuyou deliberadamente trouxe esses assuntos à tona para que Yaqin, que ainda não estava acostumada a esse tipo de função, se sentisse confortável, mas também serviu para permitir que ela evitasse discussões políticas.

O principal objetivo hoje não era fortalecer seus laços com essas mulheres. Na verdade, ela tinha se esforçado para convidar esposas abastadas que não demonstrassem muita ambição.

Nos últimos meses, Yaqin começou a se abrir para Gyokuyou. Como Gyokuyou suspeitava, ela era adotada, não filha de sangue de seu meio-irmão. Ele deve ter decidido que a escolha de Gyokuyou pelo Imperador como sua imperatriz mostrava que o governante tinha

uma queda por mulheres de aparência "exótica".
Gyokuyou só conseguia rir.
O Imperador não era um homem que escolheria sua imperatriz apenas por sua aparência. Elas podem ter sido um fator, é claro, mas não o suficiente para que ele se apaixonasse perdidamente. Gyokuyou pode ter a afeição Imperial, mas ela não era do tipo que poderia colocar um país de joelhos.
Seu pai Gyokuen entendia bem Sua Majestade. Foi por isso que ele não ofereceu uma jovem Gyokuyou ao imperador anterior. Ele esperou, usando o tempo até que o trono mudasse de mãos para dar a Gyokuyou a educação que ela precisaria para ser Imperatriz.
Ele era um comerciante, Gyokuen. Ele escolheria o caminho do maior lucro. Ele não seria distraído pela avareza, no entanto — ele olharia dez, vinte, cinquenta anos para o futuro. Mesmo além de sua própria morte. Ele buscaria mais do que a modesta glória de um clã, Gyokuyou sabia.
Gyokuyou tinha fé que Gyokuen a amava. Mas seu amor não era incondicional. Se ela se tornasse um obstáculo para sua busca por ganho, ele a deixaria livre. O que Gyokuyou poderia fazer era aumentar seu próprio valor, fazer com que ela pesasse mais na balança de Gyokuen.

Esta festa do chá era uma maneira de fazer isso.
A festa terminou em meio a uma atmosfera agradável. As esposas mostraram grande interesse nos curiosos produtos comerciais do oeste. Gyokuyou teria que presenteá-los em breve.
Ela ordenou que suas damas de companhia limpassem, então voltou para seu quarto, acompanhada por Yaqin.
"Você parece estar aprendendo a se comportar em uma festa do chá", observou Gyokuyou.
"Sim, senhora. Só graças a você."
"No começo, você não conseguiu dizer uma palavra!" Ela riu. "Por favor, eu imploro, não me lembre."
Yaqin era adorável, verdade, mas ela ainda era uma filha "improvisada". Ela conseguia soar aristocrática por alguns minutos de conversa breve, mas muito mais do que isso e seu sotaque I-sei começou a aparecer. Gyokuyou provavelmente ainda teria o mesmo problema se Hongniang não a tivesse corrigido toda vez que seu próprio sotaque aparecia desde que ela era jovem.
O sotaque tornava Yaqin menos adequada para festas do chá. No final, ela

foi oferecida para um propósito: ganhar o interesse romântico da nobreza.
“Lady Gyokuyou, posso lhe perguntar uma

coisa?" Yaqin disse. "Vá em frente."
"Como está a província de I-sei agora?" A jovem não conseguia esconder sua ansiedade.
"Por que você pergunta? Algo lá a preocupa?" Gyokuyou perguntou sem rodeios.
Depois de um segundo, Yaqin respondeu: "Os insetos devem chegar em breve. Tenho medo pela colheita." Ela era uma jovem muito direta — gentil de coração e aprendia rápido. Gyokuyou simpatizava com ela.
Fazia uns dez dias ou mais antes que Yaqin se abrisse com Gyokuyou sobre seus pais verdadeiros — um assunto que ela sem dúvida pretendia manter estritamente para si mesma. Essa garota, muito parecida com Gyokuyou, tinha um profundo respeito por Gyoku-ou. Em sua vida anterior, sua família tinha sido nômades, mas quando seu pai adoeceu, eles se estabeleceram em uma vila agrícola. Claro, isso não os tornou imediatamente fazendeiros proficientes. Eles deixaram o gado pastar em um campo próximo e, aos poucos, aprenderam a cultivar. Ela descreveu com evidente gratidão como o governador os havia apoiado monetariamente.
O governador — Gyoku-ou.
Gyoku-ou não era mau aos olhos de Gyokuyou. Ele simplesmente acreditava que estava sempre certo. Sempre justo. Era por isso que eles não se davam bem. Ela, favorecida por Gyokuen,

contrariava sua justiça. Disso ela estava bem ciente.
Ele era o filho mais velho, da esposa oficial de Gyokuen. Se ele menosprezava uma garota nascida mais tarde de uma concubina, bem, isso dificilmente era exclusivo da província de I-Sei. A maioria dos homens em Li teria feito o mesmo.
Não, o que incomodava Gyokuyou era como Gyoku-ou denegriu sua aparência. Não o rosto dela como tal — não se tratava de se ela era bonita ou feia. Em vez disso, ele menosprezou seu cabelo ruivo, seus olhos verdes. Ele era filho de um comerciante, aquele que deveria ajudar a capital ocidental a florescer como um nexo de comércio no futuro. Não era a melhor vocação para um xenófobo.
A política de Gyokuen era, em geral, ser um bom vizinho para estrangeiros. Gyokuyou não entendia como Gyoku-ou podia respeitar tanto seu pai enquanto virava as costas para um de seus ensinamentos mais importantes.
Este era o homem que Yaqin admirava tanto.
Alguns anos antes, ela foi forçada a se vender por conta de uma colheita ruim. Vender uma filha

não era algo inédito — as mulheres eram apenas mais uma mercadoria em lares pobres. Ela começou a trabalhar como prostituta.

Esta foi a situação da qual Gyoku-ou arrancou Yaqin, adotando-a como sua filha. Uma bela história, Gyokuyou pensou. Ela escolheu não dizer o que estava por trás disso; ela não contaria a Yaqin a verdade sobre o assunto. Ela acreditava que era parte de sua força não minar a garota.

"Eu certamente acho que podemos esperar ouvir algo da capital ocidental em breve. Eu te conto assim que eu souber de alguma coisa", disse Gyokuyou. Então ela puxou um grampo de cabelo do cabelo de Yaqin. Sentindo sua cabeça ficar mais leve, Yaqin soltou um suspiro. "Agora se troque e vamos começar nossos estudos. Aprender — essa é a coisa mais importante que você pode fazer para ajudar meu honrado irmão."

"Sim, senhora."

Yaqin era obediente, uma boa menina. Ela respeitava Gyoku-ou e se preocupava até com a família que a havia vendido. Embora eles sem dúvida tivessem recebido mais do que prata suficiente para viver de Gyoku-ou — para manterem suas bocas fechadas.

Quando Yaqin saiu do quarto para se trocar, Haku-u entrou segurando um pedaço de papel amassado. "Lady Gyokuyou", ela disse.

Ela deu a Gyokuyou o papel, que havia sido dobrado e torcido para poder viajar de pombo. Esta missiva em particular parecia ter sido

tratada ainda mais rudemente do que o normal. Gyokuyou olhou para o pássaro, imaginando se era o que o Príncipe da Lua normalmente usava, mas não. Esta mensagem tinha vindo de alguém que não o irmão mais novo de Sua Majestade.
"Isto é—?"
"Sim, senhora."
Haku-u já tinha lido, ao que parecia. A mensagem continha a informação de que a capital ocidental — na verdade, toda a Província de I-Sei — estava assolada por uma praga de insetos. A caligrafia confusa revelava a urgência com que havia sido escrita.
Gyokuyou cerrou o maxilar. "Haku-u."
"Tenho uma mensagem preparada para ir por terra e outra por mar. Temos um pássaro mensageiro restante, se você quiser usá-lo. A capital ocidental ainda está confusa, no entanto, e eu questiono se ele chegaria em segurança."
Mesmo assim, seria muito mais rápido do que enviar uma mensagem por mãos humanas. “O pássaro, por favor”, disse Gyokuyou. Então ela pegou um pedaço de

papel particularmente resistente. Nele, ela escreveu apenas uma única frase:
Como quiser.
Então ela colocou a carta em um papel oleado, prendeu-a na perna do pombo que Haku-u

havia trazido e soltou o pássaro. A criatura branca parecia perfeita contra o céu azul brilhante.
O céu estava tão azul aqui na região central, na verdade, que era quase difícil imaginar que, tão a oeste, ele estava sendo apagado por insetos, os insetos devastando a colheita e os suprimentos. Aqueles que não conseguiam imaginar isso poderiam zombar de si mesmos: Que bando de chorões, esses ocidentais. “Ooh! Os insetos vão me pegar! Buuuuu!”
Gyokuyou soltou um grande suspiro. Por que ela entrou no palácio dos fundos? Para quê? Por que seu pai achou adequado mandá-la para cá, para a região central do país?
O pai de Gyokuyou continuaria a amá-la por muito tempo no futuro? “Tudo bem!”
Gyokuyou quase deu um tapa na bochecha para energia, mas Haku-u a impediu.
"Sua moleca interior está aparecendo, senhora. Não no rosto, por favor." "Sim, sim."
"E tente soar como se você quisesse dizer isso quando responder." Haku-u, sua amiga de infância, olhou para ela severamente.
Gyokuyou pegou uma nova folha de papel e começou a escrever o que ela poderia fazer pela região oeste.
Sua luta estava apenas começando.

Editor’s Notes

The the Apothecary Diaries Diaries Vol. 10

TAs Mil Diversões de Sasha McGlynn
Olá a todos! O que acharam do volume 10? Parecia que tinha
tudo, não é? Política. Romance. Ação. Intriga.
Patos.
Ah, mas esqueci de me apresentar! Sou Sasha McGlynn, editora do The Apothecary Diaries. Tenho o prazer de trabalhar com o tradutor, Kevin Steinbach, há mais de sete anos! Nesse tempo, nos transformamos em uma máquina bem ajustada: ele transforma texto japonês em inglês, e eu dou a ele o velho cuspe e brilho! Eu sou o yin para o yang dele. O X para o Y dele. O... Gaoshun para o Jinshi dele? Você entendeu a ideia.
Kevin fez um ótimo trabalho no último volume discutindo o processo geral de

edição, então eu gostaria de reservar um tempo para entrar um pouco mais nos detalhes do que eu faço. Contar a vocês algo que vocês não veem no produto final. Então acompanhe, ok? E tome cuidado; há buracos de coelho por todo lugar...

Como Kevin disse no último volume, quando ele termina de traduzir uma parte de um romance, ele me passa o arquivo. Ele já fez anotações que ajudarão na minha edição e sinalizou quaisquer passagens que precisem de discussão.

Ao editar, há várias minitarefas que estou lidando conforme vou. Elas incluem verificar:

Ortografia. Todas as palavras estão escritas corretamente seguindo nosso dicionário da casa, o guia de estilo do J-Novel Club e o glossário da série?

Gramática e pontuação. As palavras estão na ordem correta? Há concordância sujeito-verbo? O tempo verbal está correto em todo o texto?

Voz. Cada personagem tende a falar de

uma certa maneira e usar (ou não usar) certo vocabulário. Por exemplo, quando Nianzhen está contando a história sobre seu passado, Kevin escreveu: As pessoas começaram a concordar que era como ela disse: nós fomos a causa deste desastre, por termos viciado a

observância ritual. Eu sinalizei viciado e comentei que Nianzhen, com sua origem humilde, provavelmente não usaria esse tipo de escolha de palavras. Mudamos para interrompido na versão final: as pessoas começaram a concordar que era como ela disse: nós fomos a causa desse desastre, por termos interrompido a observância ritual.

A maioria dessas tarefas é bastante superficial; estou fazendo alterações em frases e parágrafos para que o texto siga regras específicas e o leitor não seja tirado da história por erros gramaticais ou escolhas de vocabulário fora do personagem. Verificar a

ortografia e a gramática é o mínimo absoluto que um editor faz para fazer o trabalho; ajustar a voz do texto é um passo a mais que permite que os leitores mergulhem mais profundamente em uma história. Conforme eu percorro o manuscrito fazendo as edições gerais que mencionei acima, ocasionalmente me deparo com uma das minhas partes favoritas da edição.

Verificação de fatos!
The Apothecary Diaries é baseado no mundo real e, portanto, segue a ciência e a lógica do mundo real. Quando a história apresenta uma ideia na qual não estou confiante, aventuro-me e pesquiso o tópico para garantir que estamos usando as palavras certas para descrevê-la e que as informações que estamos fornecendo na tradução são precisas. Natsu Hyuuga, o autor, se destaca em adicionar sabor ao mundo de The Apothecary Diaries, então minha pesquisa pode ser tão fácil

quanto procurar terminologia de maquiagem em sites de beleza ou tão aprofundada quanto aprender sobre tratamentos para complicações durante a gravidez.
Para mim, juntar as peças para entender a linguagem ou abordagem correta é um pouco como resolver um mistério meu — por alguns minutos, eu consigo estar no lugar de Maomao! Embora o que eu descubra possa não ir diretamente para a página final, aprender mais sobre o que o autor escreveu nos permite descrevê-lo mais facilmente para leitores de língua inglesa.

Eu caí em uma toca de coelho e não consigo sair
Ocasionalmente, porém, ao fazer minha pesquisa, eu cavo fundo. Talvez fundo demais. E às vezes, o que eu olho não é nada além de um rápido aparte no texto que, no final das contas, não terá impacto na história em geral. Essas são as

viagens pelas tocas de coelho. Pesquisar o significado de um termo estranho pode levar a aprender um pouco de trivialidade estranha, o que leva a outra, o que me lembra daquela coisa ligeiramente relacionada em que eu estava pensando algumas semanas atrás. Por exemplo, uma vez eu procurei fotos de cozinhas e utensílios de cozinha da dinastia Tang e acabei selecionando paletas de cores para minhas paredes antes de me forçar a voltar ao manuscrito.

Em homenagem a todas essas tocas de coelho, gostaria de compartilhar alguns fatos divertidos e termos de pesquisa em que me perdi enquanto trabalhava em The Apothecary Diaries. Talvez você reconheça onde na série eu devo ter me perdido; outros só podem ser explicados pelo meu senso distorcido de curiosidade. De qualquer forma, eles rendem ótimas histórias, e quem sabe? Talvez possamos usar o que aprendi em volumes posteriores.

Curiosidades:
Datura stramonium, conhecida como thornapple em The Apothecary Diaries, também é chamada de pepino zumbi.
Mover o braço esquerdo e a perna esquerda ao mesmo tempo (ou o braço direito e a perna direita) é chamado de movimento ipsilateral.
A maioria dos gatos calico são fêmeas, com apenas uma pequena porcentagem sendo machos.
Calicos são vistos como sortudos em várias culturas, tanto orientais quanto ocidentais.
Autópsia e necropsia são termos usados para descrever o corte de um corpo para encontrar a causa da morte.
Autópsia é o termo para humanos; necropsia é usada para outros animais.
Dissecção é o ato de abrir um corpo (humano ou não) para estudar sua anatomia.
Piolhos morrem em temperaturas acima de 130 graus Fahrenheit.
Buracos de coelho do mecanismo de

busca incluíram: Polpa de papel e fabricação de papel
Alternativas à erva-dos-gatos
Culturas onde as mulheres têm tatuagens no rosto
Fixadores de corantes naturais para fibras vegetais vs. fibras à base de proteínas Tipos de fungos parasitas
Arte conceitual de The Last of Us
Sintomas de choque
Como o pH afeta as hortênsias Roupa íntima de cabelo humano

Padrões de roupa íntima de crochê
Vocabulário para diferentes tipos de fezes Tipos de algas marinhas venenosas
Cogumelos que brilham no escuro
História dos saltos altos
Quando os barbeiros começaram a ser cirurgiões? Técnicas preguiçosas de passar roupa
Armários de boticário chinês
Armários de boticário chinês à venda perto de mim
Armários de boticário chinês acessíveis

à venda perto de mim Instruções de armário de boticário chinês faça você mesmo
Armários de boticário chinês de casa de bonecas à venda perto de mim Técnicas de selagem de cartas
Anatomia do trigo
Anatomia da batata-doce
Processo de decomposição de membros decepados Como preparar um gafanhoto para comer Receitas de gafanhotos
Fotografias de dissecações de gafanhotos
Sangramento em cadáveres em vários estágios de morte Sinais de envenenamento por arsênico
A história da renda
A maneira "correta" de beber chá com leite Experimentos científicos divertidos para crianças
Armários
Coisas que bebês não devem comer
Metalurgia da dinastia Tang
Comportamentos de postura de ovos do pato

Alimentos que aumentam o tamanho do peito de uma mulher Alimentos que previnem ereções
Eu poderia continuar... mas esse pode ser um bom lugar para parar por enquanto. Espero que este tour muito incompleto tenha lhe dado uma espiada em quão abrangente o trabalho de um editor pode realmente ser. É parte do que o torna uma profissão tão gratificante. Até a próxima, divirta-se, leia bastante e não tenha medo dessas tocas de coelho! Você nunca sabe aonde elas podem levar.

Novel gratuita no telegram ou no site